

A ESCALADA

DE EVA

AS DUAS FACES DE UMA HISTÓRIA



Elaine Elesbão

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Elaine Elesbão

KADEBA

AS DUAS FACES DE UMA HISTÓRIA

Supervisão geral:
Gustavo L. Caballero

Revisão de textos:
Tania Hernandez e Ligia Nakayama

Capa:

Décio Lopes

Diagramação para o formato E-book:

Elaine Elesbão

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais são meras coincidências.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização expressa da autora que possui os direitos exclusivos sobre a versão digital da obra.

Para Marcela e Victor.
Obrigada por serem os meus maiores incentivadores
e os melhores motivos para que eu nunca desista.
Amo vocês.

Sumário

Introdução	A dor
Capítulo I	A surpresa
Capítulo II	A audácia
Capítulo III	A entrega
Capítulo IV	A dúvida
Capítulo V	A a finidade
Capítulo VI	A gargantilha
Capítulo VII	A viagem
Capítulo VIII	A ousadia
Capítulo IX	A posse
Capítulo X	A família
Capítulo XI	A proposta
Capítulo XII	A música
Capítulo XIII	A confusão
Capítulo XIV	A promessa
Capítulo XV	A fazenda
Capítulo XVI	A conversa
Capítulo XVII	A teoria
Epílogo	O começo de tudo

Introdução

Abro os olhos ainda embaçados e me sinto um pouco atordoada, perdida, sem saber muito bem onde estou. Olho em volta, e aos poucos vou reconhecendo o meu quarto completamente desorganizado, as minhas calças de pijama amassadas, as minhas mãos. Estou sentada no chão com a cabeça apoiada sobre a cama, e a dormência no corpo parece indicar que dormi nesta posição.

Finalmente dormi depois de três dias inteiros sem conseguir pregar o olho. O cansaço, o estresse e o desespero venceram, e devo ter apagado. Dormi um sono curto, pesado, sem sonhos e tenho a sensação de que acordei pior do que antes, com mais dor e mais revolta.

Os meus braços estão arranhados, mordidas vermelhas e fundas marcam a minha pele e a minha boca tem aquele amargo característico do jejum prolongado. O choro mais uma vez toma conta de mim, mas agora é baixinho e os meus olhos ficam inundados de lágrimas, ainda mais embaçados e ardidos do que quando acordei.

Literalmente quero desaparecer, sumir. Nada na vida me preparou para o que aconteceu. Nada!

Levanto lentamente sentindo a câimbra castigar as minhas pernas e as solas dos meus pés. Mais dor, esta pelo menos é suportável. Dirijo-me ao banheiro, olho no espelho e não reconheço este rosto esverdeado, estes olhos encovados circundados por profundas olheiras negras, estes lábios ressequidos e estes cabelos grudados no crânio. Esta não pode ser eu, ou pelo menos não deveria ser.

Quando desconfio que não tenho forças para piorar, uma tontura me indica que ainda posso, e muito. De repente tudo começa a rodar, sinto fortemente a perda do equilíbrio, e a escuridão se faz.

E pensar que uma pessoa forte como eu pudesse um dia sucumbir à dor dessa maneira, quase indo às raízes da loucura, flagelando-se, gritando até perder a voz, chorando até não poder mais, delirando de dor e de desespero. Sem fome, sem ânimo, sem vontade de respirar e com tanta raiva misturada a tudo isso. Tantas coisas juntas que me fizeram perder os sentidos e o sentido da minha existência.

Desperto novamente, acho que desmaiei não sei quando. Os lençóis brancos, a cama com grades nas laterais e o soro na veia me fazem ter a certeza de que estou em um quarto de hospital.

Percebo que a minha mãe cochila na poltrona ao meu lado. Fecho os olhos rapidamente, nem sei por quanto tempo fiquei fora do ar, só sei que ainda não quero falar com ninguém.

O fato é que a minha mãe, obviamente, já deve estar pronta para me encher de conselhos, então é melhor fingir que durmo. Ainda assim, sinto a sua presença, ouço a sua respiração e o farfalhar da sua roupa na poltrona. Imagino o quanto ela deve estar preocupada comigo e o quanto ela gostaria de me livrar do sofrimento.

Não posso fingir que estou dormindo a vida toda, e essa é uma das inúmeras razões do pânico que sinto. Por que não? Por que não posso simplesmente manter os olhos fechados e dormir para sempre? Por que não posso desaparecer, sumir, desintegrar?

Não quero conceber a minha vida sem você, não posso, desde a primeira vez soube que nunca iria deixá-lo, mas então você me deixou.

Consgo me lembrar da primeira vez em que você me pediu em namoro, porque já rimos muito lembrando isso.

– Oi, Eva. Você está muito bonita hoje e acho que quero que seja minha namorada. – Os olhos dele brilham de satisfação.

Eu estava vestindo o meu vestido amarelo de florezinhas e fiquei agradecida porque a minha mãe tinha me feito usar um vestido novo.

– É uma boa ideia, Nicolas, mas o meu pai não vai deixar, tenho certeza. Ele já disse que meninas de cinco anos não namoram, não mesmo.

– Acho que tenho que esperar o seu aniversário de seis anos. Certo?

– Combinado, porque hoje você está fazendo seis anos, e quero namorar quando tiver seis anos também e for grande igual a você.

Acredito que foi a partir daquele dia, na sua festa de aniversário, que nos tornamos inseparáveis, melhores amigos, fazendo tudo absolutamente juntos, brincando, inventando travessuras, estudando para as provas, sempre juntos desde que me entendi por gente.

Não sei se você se esqueceu de me pedir de novo em namoro quando completei seis anos, ou se estava muito satisfeito em ser apenas meu amigo, mas

o fato é que só fui ouvir a sua proposta novamente quando tinha quinze anos. Até então nem imaginava que seríamos algo mais que os melhores amigos do mundo.

Quando começamos a namorar percebi que éramos tudo um para o outro. Eu era o ar que você respirava e sabia disso, porque você sempre deixou bem claro para todo mundo, nunca teve vergonha de estar ao meu lado, solícito, amoroso, paciente, sem reservas ou medos. Nunca fizemos joguinhos, fomos sempre sinceros, leais e carinhosos um com o outro.

E, se eu era tudo para você, você era mais do que isso para mim, o Universo girava ao seu redor.

Nossa cumplicidade deixou muita gente frustrada, nós nos bastávamos. Como filha única que sou, tinha em você o irmão, o amigo, o namorado e mais tarde o noivo, o amante. Sempre você! E, apesar dos seus quatro irmãos mais velhos e barulhentos, tudo na sua vida foi comigo: as brincadeiras, os cinemas, as festas, as viagens, os desabafos, as reclamações, as conversas sobre a vida, sobre a carreira e sobre o futuro.

Quando você, querido e amado Nicolas, com muito esforço e dedicação, ingressou na Universidade Estadual de Campinas para estudar Medicina, foi muito simples ir junto para a mesma cidade e cursar Direito na Pontifícia Universidade Católica, afinal queria estar ao seu lado e esforcei-me tanto quanto você para passar no vestibular.

Quando decidimos morar juntos em Campinas, só nós dois, ninguém estranhou, nem o meu pai, sempre tão conservador, se importou, desde que ficassemos noivos antes da mudança e, até me presenteou com um apartamento próximo à universidade. Só exigiu que retornássemos para casa em Ribeirão Preto todo final de semana. Então ficamos noivos, felizes e maravilhados com o dormir e o acordar juntos.

Cheguei a pensar que mais proximidade poderia nos afastar, engano meu, ainda bem, pois nos unimos mais. A nossa rotina diária era boa, você sempre estudou muito, se esforçava demais, o melhor aluno, generoso e gentil.

As minhas colegas de curso me invejavam, porque ainda tão jovem já era noiva de um rapaz responsável, bonito e fiel.

Nunca brigávamos e nos amávamos com uma ternura incrível. Eu me sentia sua para sempre, e imaginava o nosso futuro no mais perfeito tom de cor-

de-rosa.

Todas essas lembranças são fortes demais, dolorosas demais, e sem querer deixo escapar um soluço agudo.

– Filha, pare de fingir que está dormindo. O efeito do calmante já deve ter passado, sinto muito, você não pode continuar assim. Eva, as suas reações estão acabando comigo e com o seu pai. Estão fazendo com que a minha garotinha se perca dentro de toda essa dor e só lhe peço que não se entregue, que lute ou que pelo menos tente. Sei que sente que tudo está desmoronando a sua volta e que não quer estar aqui, não mais. Tenho certeza de que queria estar com o Nicolas, só que você sabe que não pode, não é assim que funciona.

– CHEGA, MÃE! CHEGA! Mãe, por favor, não sei o que fazer, dói demais, quero estar com ele sim, deveria estar com ele agora, ter partido com ele. Não sou capaz de suportar a saudade, a dor da ausência e seguir com a minha vida, estou desesperada, aflita e muito triste.

– Eva, você sabe que nunca fui religiosa, mas sempre acreditei que, quando se cumpre a missão que se tem aqui e acaba o tempo, a pessoa vai, e quem fica tem que se desapegar, senão acho que quem foi também sofre muito.

– Mãe, eu não pude nem me despedir. Como é que você se despede de uma pessoa que só vai comprar um pote de sorvete no mercadinho no fim da rua e não volta mais? Como é que eu poderia imaginar que aquele maldito carro iria subir na calçada e atingir o Nicolas? Como poderia saber que em um intervalo de meia hora a minha vida iria perder todo o sentido? Como um rapaz tão novo, quase médico, tão bom, sai desta vida assim, de uma maneira tão sem nexo?

– Filha, desculpa, mas não tenho as respostas. Só que não aguento vê-la assim. Peça qualquer coisa, diga o que você precisa, por favor.

– Preciso da minha vida do jeito que era antes, preciso ouvir a voz do Nicolas, escutar a gargalhada dele, sentir o cheiro dele, sentir a mão dele segurando a minha e quero que ele volte, mas sei que é impossível, então quero ir também, perdão, mas quero ir para onde ele foi.

– Vai passar, filha. Um dia vai parar de doer. Não estou pedindo que você o esqueça ou que deixe de amá-lo, só estou pedindo que retome a sua vida, devagarzinho, sem pressa. Só quero que tente com vontade e que não se entregue.

Começo a chorar outra vez, só que mais forte, com mais dor, com mais

raiva, com mais desespero e sinto um esgotamento, uma espécie de torpor, uma estranha sonolência e vejo a agulha no soro para mais uma dose de ausência, esquecimento, letargia, e apago.

Os dias seguintes parecem um borrão na minha memória. O retorno para casa, a ausência na outrora tão esperada festa de formatura, as minhas coisas no meu quarto e as coisas do Nicolas na casa da família dele. A venda do nosso apartamento e dos nossos móveis, as nossas fotografias e lembranças mais íntimas encerradas em uma caixa de papelão. Passo por tudo isso como um zumbi, só um rascunho da pessoa que um dia eu fui.

Caí em um abismo negro e profundo e não tenho forças sequer para olhar para cima.

O pior de tudo são os pesadelos, diários, reais e dolorosos. Dormir se tornou um tormento, e o despertar um inferno.

Capítulo I

Nem sei como consegui seguir em frente e retomar a minha vida. Acredito que superar, jamais superei, e sinto-me estranhamente entorpecida nessa jornada, indo de acordo com o fluxo, agindo como esperam que eu aja, vivendo uma vida tão superficial quanto posso suportar.

Ainda aguardo o dia em que a vida, ou a morte, providencie o meu reencontro com o Nicolas, porque pressinto que irei revê-lo, talvez tê-lo outra vez comigo. Mas, se isso não for possível, desejo pelo menos o consolo de encontrar alguém que me faça sentir viva novamente.

Não me casei e nunca mais assumi um namoro. Tenho apenas alguns divertimentos ocasionais, com homens que não são nem a sombra daquele que um dia tive, que não podem me dar nem um milésimo do que o Nicolas me deu e que até agora foram incapazes de despertar em mim qualquer sentimento. Sinto uma saudade que ninguém conseguiu abrandar.

Às vezes ainda sonho com o Nicolas. São sonhos lindos onde posso contemplar o seu rosto bem-feito, perder-me em seus profundos olhos verdes e ouvir a sua voz tão doce, calma e sempre serena.

Infelizmente, os pesadelos também acontecem e me atormentam. São quase sempre do mesmo jeito, tento alcançar o Nicolas e não consigo, grito o nome dele e ele não me escuta; acordo suada e desesperada, mais uma vez sentindo a dor da saudade.

Sinto como se tivesse vivido dos cinco aos vinte e dois anos admirando um lindo lago sob o sol, e de repente sou transferida para o Alasca. Não estou afirmando que viver no Alasca é ruim, para algumas pessoas deve ser bem agradável, só não para mim. O sol da minha vida se foi e só restou o frio que congela o meu coração.

O meu pai, que sofreu junto comigo e que ajudou no meu processo de recuperação, um dia teve a desfaçatez de afirmar que talvez o meu relacionamento com o Nicolas, se não tivesse tido o fim que teve, teria acabado de qualquer jeito. Disse que o nosso compromisso era baseado na extrema capacidade de mandar de um, no caso eu, e na absoluta competência em

obedecer do outro, no caso o Nicolas, e que nenhum relacionamento saudável sobrevive a essa falta de equilíbrio. Claro que, imediatamente depois de falar tudo isso, ele se arrependeu.

Ninguém pode imaginar como a nossa vida juntos seria. Só eu, porque só eu conhecia o Nicolas de frente e verso; só eu podia responder às perguntas antes que ele as fizesse; só eu podia adivinhar que ele estava aborrecido quando franzia a testa; só eu sabia que aquele homem era tão altruísta que só poderia ter escolhido ser médico.

Não tenho como avaliar se a dor teria sido tão grande se alguma vez tivéssemos terminado o nosso relacionamento. O fato é que nunca houve qualquer desentendimento, briga, discussão, despedida, nada; porque, de um jeito que nem sei explicar, vivíamos em perfeita harmonia.

Naquele dia acordamos cedo como de costume e decidimos ficar em casa, na cama até tarde, namorando e conversando sobre a minha colação de grau e a festa de formatura que estavam próximas.

Estava calor, queríamos sorvete, não tinha. O Nicolas saiu para comprar e nunca mais voltou.

Nunca mais tomei sorvete, não suporto nem observar alguém tomando e nunca mais amei outro homem.

Na verdade, nem sei por que não fui comprar o sorvete com ele. Deveria ter ido, talvez tivesse conseguido ver o carro e nos salvado ou quem sabe poderíamos ter partido juntos. Esse questionamento sempre me atormenta, sempre.

O que dói mais é o tal do inesperado, do curto espaço de tempo em que uma vida se vai e outras se perdem na dor da saudade. Senti-me trapaceada por sequer suspeitar que o meu mundo estivesse entrando em colapso, que o meu futuro marido, que acordou ao meu lado, não terminaria aquele dia comigo.

Às vezes me pego observando as pessoas e imagino se elas percebem o quanto é importante o momento presente, se elas são capazes de entender que o agora é a hora mais valiosa e é por isso que mesmo tendo tantas lembranças maravilhosas do passado, tento viver dignamente cada dia do meu hoje.

O meu único consolo foi que amei demais e, tirando o adeus que não pude dar, falei todos os “eu te amo”, dei todos os beijos e abraços, fiz todos os carinhos e afagos e emocionei-me com cada gesto de ternura, com cada pequena demonstração de afeto, com cada segundo que durou o relacionamento que tive.

Acho que toda a quota de amor a que tinha direito na vida foi utilizada com o Nicolas, e creio que não restou mais nada.

Muitos podem se emocionar com uma história de amor assim, linda e trágica. Outros podem considerá-la piegas, e na tentativa de evitar que me julguem de alguma forma, evito falar sobre o meu passado.

Reinventei-me no dia em que decidi enfrentar a dor e escalar o abismo em que caí, e essa é a Eva que a maioria das pessoas conhece.

Hoje sou a profissional que é admirada por ter assumido com muita competência o escritório de advocacia da família e por ser a responsável pela ampliação dos negócios que ajudou a nos enriquecer ainda mais.

Acontece que trabalho duro inúmeras horas todos os dias; mergulhar no trabalho me salvou de mim mesma, tornei-me esta mulher letrada, bem vestida, astuta e eficaz, que sempre volta para casa sozinha carregando incoerentemente a sua dor trancada lá no fundo do peito.

– Eva! Eva Maria!

Desperto dos meus pensamentos, dessa espécie de transe e quase despenco com a cabeça na mesa. Aturdida, percebo que a minha secretária me chama sei lá há quanto tempo.

– Diga, Patrícia. O que posso fazer por você? – Tento disfarçar que estava em outra dimensão.

– Desculpa, Eva. Não queria assustá-la, mas é que você me pediu para avisá-la da reunião das dezessete horas, então chamei pelo interfone e, como não atendeu, bati na porta e nada, entrei e a vi olhando para o vazio, e me preocupei. Tudo bem? – Pergunta visivelmente preocupada.

– Tudo. Só estava pensando em um contrato importante que tenho que analisar, só isso. Já vou descer para a reunião, mas antes você poderia me trazer um remédio para dor de cabeça?

– Claro, em um minuto.

Levanto, e vou até ao banheiro do meu amplo escritório, me olho no espelho e constato que até que estou bem; o meu corpo magro e curvilíneo está elegante dentro desta saia lápis grafite, combinando com a blusa de seda branca de mangas compridas e os *scarpins* pretos de saltos muito altos. O meu cabelo nunca foi um problema, é liso e volumoso e, estando limpo como agora, fica sempre ajeitado.

Posso dizer que sou uma mulher de trinta e dois anos que aparenta ser mais jovem, bonita, muitos dizem, mas quando me olho no espelho, enxergo tanta dor dentro de mim que não sei se consigo encontrar beleza além da máscara de indiferença que me obrigo a usar todos os dias.

O meu remédio chega e o engulo, bebo toda a água e me preparo para mais uma reunião, a terceira do dia. Acho que hoje tentarei ir para casa mais cedo, lembrar me deixou exausta, tornar a esquecer me exaure ainda mais. Preciso me despir da profissional eficiente e deixar, na solidão do meu apartamento, a menina carente, frustrada e saudosa chorar.

Hoje faz dez anos que o Nicolas se foi, e isso me abala profundamente, não posso deixar de me lembrar dele, nunca pude.

Entro no elevador, aperto o andar da sala de reuniões, e me posiciono ao fundo. Observo a porta abrir e fechar, olho além da porta e de repente sinto o meu coração acelerar, a minha respiração quase para, as minhas pernas começam a tremer, o pouco tempo entre o abrir e o fechar da porta parece uma eternidade e só não caio porque estou encostada à parede. Acho que o dia será extremamente longo; se já não bastasse a tristeza da data, parece que hoje comecei a ter alucinações também.

Chego ao andar da sala de reuniões, contudo não saio do elevador. Aperto para subir, sei que é devaneio, mas não consigo me deter, é mais forte do que eu e tenho que retornar. A porta do elevador abre, e vejo que ele continua ali, sentado com as mãos no queixo e a cabeça baixa. Fico olhando o seu perfil e estaco bem ao lado da poltrona em que está sentado.

Arregalo os olhos, pisco inúmeras vezes e a imagem não desaparece, é bem real para mim. Ele está tão absorto em seus pensamentos que nem me nota, se é que existe de verdade.

Pensei que fosse enlouquecer quando tudo aconteceu, mas não mais agora. Hoje sei lidar com a dor, com a saudade, até com a perda, com os sonhos, com os pesadelos, mas jamais pensei que começaria a delirar. Só pode ser a data, dez anos de perda, céus!

De repente, ele dá conta da minha presença, vira em minha direção, “me olha” nos olhos, e eu tremo. Não é possível que outra pessoa tenha os mesmos magníficos olhos verdes, o mesmo nariz perfeito e os cabelos dessa tonalidade castanho-dourada tão especial. O mesmo rosto que tanto amei me olha, encara.

É o Nicolas como deveria estar agora, dez anos mais velho, estou quase certa de que não pode ser outra pessoa.

Ele continua me olhando e, apesar de perceber o brilho em seu olhar, noto que não demonstra me reconhecer. Será que mudei tanto assim?

Arrumo coragem não sei de onde, encho o peito e falo com a voz embargada:

– Sou eu, a Eva. Você não está me reconhecendo?

– Oi, Eva, desculpe. Nos conhecemos de onde? Tenho certeza de que me lembraria de você.

Não reparo quando a porta da sala da Sara abre, só noto quando ela pigarreja e fala:

– Boa tarde, doutora Eva. Por gentileza, doutor Thomas, pode entrar.

Thomas? Jura? Não acredito nisso, esse é o Nicolas, porque não podem existir duas pessoas tão iguais assim, nem os irmãos do Nicolas parecem tanto com ele.

Mesmo sabendo que o Nicolas estaria diferente hoje aos trinta e três anos, tenho certeza de que a sua aparência física seria exatamente essa. Caramba!

Tento e não consigo sair do lugar, o tal doutor Thomas caminha lentamente até chegar à sala da Sara. Antes de entrar, para, me olha e sorri timidamente. Quase perco os sentidos, conheço esse sorriso, essa boca. Passei dezessete anos da minha vida contemplando esse rosto, cada vez mais de perto, e, se não é um devaneio, que piração é essa?

Demoro uns dez minutos para sair do modo perplexo. O meu celular não para de vibrar, estou atrasada para a reunião, sei que me esperam. Que se dane! Subo de escada para o meu escritório, passo pela minha secretária voando, e me jogo na cadeira.

– Eva, aconteceu alguma coisa? Você hoje parece que não está bem. Ainda continua com dor de cabeça? Eva? Estão aguardando-a na reunião. Fala alguma coisa.

– Tudo bem, Patrícia, avise que não poderei comparecer à reunião. Desculpe-se por mim, diga que tive um súbito mal-estar quando me dirigia para lá. Providencie um café forte, quente, sem açúcar, ligue para a doutora Sara e peça a ela que venha me ver assim que puder, é urgente.

– O que você está sentindo? Você está branca, parece que viu um fantasma. Posso ajudá-la? – Patrícia pergunta solícita como sempre.

– Não se preocupe, Patrícia. Tenha certeza de que trazer bem rápido o café forte já me será de grande ajuda.

– Bem, se você está dizendo... Já trago o seu café.

Perdida nos meus pensamentos e sentimentos, quase não percebo a xícara de café fumegando ao meu lado; estendo a mão e bebo, sinto a língua queimar, nem ligo, bebo tudo e a garganta arde. O café estava bem quente e amargo, ajudou, e aos poucos volto à realidade.

Não pode ser! Se tivesse olhado melhor ou mais de perto poderia ter notado que a semelhança não deve ser tanta.

Foi a minha saudade que me iludiu. Acredito que a impressão que tive não deve resistir a um olhar mais demorado. Pode ter sido a emoção, já aconteceu antes, já pensei ter visto o Nicolas em outros rostos, mas, quando olhei bem, a diferença era enorme.

Pronto, só preciso olhar para o tal doutor Thomas mais uma vez e o encanto se quebrará. Resolvido.

Céus, que dia! Só quero ir para casa. Amanhã quem sabe não volto a ser a profissional do ano, a advogada de nervos de aço que resiste a inúmeras horas de trabalho diariamente?

– Eva, a doutora Sara está aqui. Ela pode entrar?

– Por favor, Patrícia.

A Sara entra, me olha intrigada e muito desconfiada aperta a minha mão, beija-me no rosto e senta-se na cadeira a minha frente.

– Sou toda ouvidos.

– Sara, acho que você não vai entender, mas gostaria que respondesse a algumas perguntas. Pode ser?

– Sim, chefe, claro que pode.

– Quem exatamente é o doutor Thomas? Advogado, amigo seu? Cliente? Tem que idade?

– Calma. – Ela me interrompe. – O doutor Thomas é médico, pediatra, tem trinta e três anos e, se a conversa que tivemos hoje foi boa, serei a advogada dele.

– Por que ele procurou o nosso escritório? Você?

– Porque bebeu e acabou arranjando briga. Bateu em um cara em um bar, o sujeito deu queixa, ele ficou preocupado porque tem uma reputação a zelar e

nos procurou para resolver essa história sem constrangimentos; quer contratar um advogado, no caso eu, minha área.

Fico pasmada, engulo em seco. Puxa vida! O doutor Thomas parecia tão tranquilo, é claro que penso isso baseada na minha longa análise de apenas cinco minutos.

– O caso é sério? Ele está encrencado?

– Ainda não sei. O doutor não é muito aberto e parece que não se orgulha muito do temperamento dele, então, preciso me informar mais. – Sara conclui ainda intrigada.

– Obrigada. – Digo esperando que se exima de fazer perguntas difíceis.

– Eva, por que você estava na minha antessala encarando o doutor Thomas com tanta admiração?

– Essa é uma história longa, um dia eu conto. Resumindo, ele se parece muito com alguém que conheci, muito mesmo.

– Ah, então por isso as perguntas e o interesse! Achou que era a mesma pessoa?

– Mais ou menos.

– Eva, o seu olhar cintilava, não sei com quem o doutor Thomas parece, mas acho que, além de lindo, esse cara deve ter sido importante para você. Trabalho aqui no seu escritório há seis anos, saímos juntas diversas vezes, e nunca a vi olhar ninguém daquele jeito. Sério, nunca vi a destruidora de corações tão interessada assim.

– Detesto esse apelido pejorativo, então pode parar de me chamar assim. – Advirto e ela sorri sem dar importância a minha reclamação. – Agora, voltando ao assunto, não se anime, bela Sara, não se anime. Foi só a surpresa de encontrar uma pessoa tão parecida com outra, nada mais do que isso.

– Está parecendo carência, acho que um namorado a deixaria nova em folha.

– Talvez, se encontrasse algum homem que valesse a pena, um que conseguisse mexer comigo de verdade, que me fizesse sentir alguma coisa além de tédio, não me importasse nadinha em namorá-lo. Só que esse homem não existe, pelo menos não mais, então prefiro ficar sozinha. – Digo divertidamente.

– Ainda viverei para vê-la apaixonada. O meu conselho para você é que pare de ser tão exigente, que deixe de ter tantos parâmetros e se envolva, porque

só assim alguém poderá ter a chance de despertar o seu real interesse.

– Amiga, acho que não lerei mais romances porque somente neles e em meus próprios sonhos consigo encontrar homens que seriam capazes de me fazer sentir paixão e prazer. – O meu tom de brincadeira a agrada.

– Não sei o que anda lendo, mas, por favor, me empresta! – Ela ri alto.

Nossa brincadeirinha ameniza o clima de tensão e, recusando um convite para jantar, conduz a minha pequena e elegante amiga para fora da sala.

Junto as minhas coisas, solicito à Patrícia que cancele o resto da minha agenda, e vou finalmente para casa.

Vivo em um elegante edifício localizado no Jardim Paulista, um bairro bastante agradável da cidade de São Paulo.

Apesar de morar sozinha, o meu apartamento é muito espaçoso, são duzentos e sessenta metros quadrados decorados no estilo contemporâneo por um renomado design de interiores, e é este o lugar onde me sinto protegida e em paz.

Quando chego, tomo um banho quente e demorado, visto o meu pijama de seda e bebo uma xícara de chá morno, a minha língua ainda arde. Coloco música instrumental para tocar, deito no sofá e tento relaxar, respiro devagar e ritmadamente, fecho os olhos, entrego-me à música e, que desagradável, o doutor Thomas não me sai da cabeça!

E daí se o doutor é igualzinho ao Nicolas? O que é que eu ganho com isso? O sujeito deve ser casado. Esqueci de perguntar isso para a Sara. Talvez ele seja um pai de família perturbado qualquer.

O homem deve ter a vida dele da mesma forma que tenho a minha; só porque ele é alto, tem ombros largos, lindos olhos verdes, cabelos castanho-dourados, aquela boca carnuda e o nariz perfeito... Só por causa disso vou ficar abalada?

Ele pode ser a cópia fiel do Nicolas, pode ter a profissão que ele tinha escolhido, pode ter aquele sorriso de derreter iceberg dele, porém não é o Nicolas. É isso, fim de conversa, ponto final.

Sempre que conheço alguém que me desperta o interesse, apenas me deixo levar, satisfação as minhas necessidades. Até gosto do jogo da conquista, da arte da caça e, na tentativa de conseguir despertar os meus sentidos, já machuquei

muita gente que não merecia, inclusive eu mesma, e é por isso que ganhei a fama de destruidora de corações.

No terreno das conquistas faço um sucesso incrível, acho que isso se deve ao fato de não estar disponível, de nunca telefonar de volta, de não esperar por um segundo encontro e de jamais me entusiasmar. Sei que não tem um príncipe me esperando, já teve, agora não tem mais. É pura matemática, simples conta de subtração.

Se pensar no Nicolas me fere, imagina outra obsessão; estou fora, vou deixar o doutor bater em mais alguém, ser feliz e seguir o rumo dele bem longe do meu caminho.

Só não consigo evitar o pensamento de que a Sara me contou algo totalmente incongruente a respeito do doutor Thomas porque se o sujeito é um pediatra, lida com criancinhas, deveria ser uma pessoa tranquila. Então, como é que nas horas vagas enche a cara e sai socando os outros? Talvez esse doutor seja bipolar. Vai dormir, Eva! O meu subconsciente clama.

Quem me dera dormir, como não tenho sono resolvo fazer algo a respeito. Tomo um sonífero, deito na cama e tento dormir, dopada sempre fica mais fácil.

De repente me vejo sentada à grama, estou observando um lago, existe uma paz incrível no lugar, estou bem e estranhamente calma, percebo que alguém se aproxima de mim pelas costas.

Penso em me virar e desisto, sorrio, já sei quem é, sinto a sua presença absurdamente familiar. Espero pelo seu toque, a espera se torna mais prolongada, começo a me incomodar. Lentamente me viro, observo as suas pernas longas e fortes, levanto o rosto, encaro os seus magníficos olhos e percebo um olhar intrigantemente lascivo e um meio sorriso irônico emoldurando os seus lábios, o meu coração dispara e começo a suar frio.

– Pensei que fosse outra pessoa. O que você faz aqui?

Dou um pulo da cama, estou empapada de suor e mais que depressa percebo que estou no meu quarto, despertando de um sonho ou de um pesadelo, ainda não avaliei direito a situação.

É a primeira vez que sonho com um homem que não seja o Nicolas. Bem, tecnicamente era ele, o mesmo corpo, o mesmo rosto, contudo, aquele olhar, aquele sorriso, aquela postura, definitivamente, não eram dele. Acho que se

conhecesse o doutor Thomas melhor, diria que aquele era ele. Agora sim, tenho certeza de que estou confusa, muito confusa e seriamente encrencada.

Depois disso, o voltar a dormir não acontece. Perambulo pela casa, tento assistir a algum programa na TV e não consigo prestar atenção em nada. Ouvir música me deixa irritada, ler está fora de questão porque o livro que estou lendo pela terceira vez, na tentativa de entender por que o ganhei, é *A Mulher de Trinta Anos*, de Honoré de Balzac, uma leitura densa e totalmente imprópria para quem deseja relaxar.

Só sei que não quero pensar, que não devo pensar.

Tento me distrair me aprontando para ir trabalhar, e não importa que não sejam nem cinco horas da manhã. Hoje vou me arrumar calmamente, lentamente, utilizarei todos os produtos de beleza que tenho, lavarei o cabelo, farei depilação e esfoliação, tudo bem devagar, muito devagar.

Termino o meu tratamento de beleza caseiro e me sinto muito melhor, bonita e cheirosa, precisava mesmo cuidar de mim. Visto-me e posso dizer que estou muito elegante dentro do vestido envelope preto e dos sapatos pretos Chanel de salto alto. Olho no relógio de ouro que acabo de colocar no pulso e, maravilha, são seis e meia da manhã, o horário em que deveria estar acordando e, magicamente, o alarme do despertador dispara.

Às sete horas já estou no escritório, devidamente instalada atrás da minha mesa, e começo a trabalhar. Um tempo depois ouço barulho do lado de fora, telefone para a minha secretária e aguardo que ela atenda.

– Bom dia, Patrícia. Você poderia providenciar um café bem forte, com pouco açúcar e um bolinho para mim?

– Bom dia, Eva. Madrugou? Tudo bem hoje, ou estamos como ontem? – A minha empática secretária e amiga pergunta curiosa.

– O café e o bolinho? – *Uma pergunta que responde a outra pergunta sempre funciona como tática evasiva* .

– Ah, sim, agora mesmo.

Não demora muito, a Patrícia entra na sala carregando uma bandeja. O café e o bolinho reconheço prontamente, mas o envelope eu estranho.

– Agora você traz o meu café com agradecimento impresso? – Pergunto tentando ser engraçada .

– Nada disso, lindinha, o café e o bolinho fui eu quem providenciei, o

envelope foi entregue aqui ontem assim que você saiu. O mensageiro que o trouxe disse que alguém deixou na recepção lá da portaria.

– Muito obrigada, Patrícia.

– Chefe, a sua agenda está um pouco cheia hoje, os seus compromissos começam às nove horas e terminam às vinte e uma horas, lembrando que só tem quarenta e cinco minutos para o almoço. – Ela fala e suspiro. – E, Eva, não me olhe assim, foi você quem me autorizou a organizar este atribulado dia.

– Ok Sei disso. – *Na verdade me agrada muito estar ocupada.*

Tomo o meu café e me delicio com o bolinho. Trabalho melhor com o estômago cheio, se bem que nunca consigo me alimentar devidamente pela manhã.

Abro o envelope e não posso acreditar no que vejo. Um bilhete escrito à mão e a caligrafia é muito boa. Quem foi que disse que médico tem a letra esquisita?

“Eva...

fiquei muito desconfortável por não tê-la reconhecido, perdão. Acho estranho não me lembrar de você, tenho certeza de que não me esqueceria. O seu olhar, entretanto, denotava a certeza de ter me reconhecido, o que me faz pensar que devemos realmente nos conhecer. Como posso me redimir de tamanha grosseria? Seria conveniente convidá-la para tomar um café comigo? Aguardo ansiosamente a oportunidade de reparar o meu erro. Meu telefone: 98855-x31z.

Thomas Valente.

P.S.: Caso eu não atenda, por favor, deixe recado que retornarei a ligação.”

Quase paro de respirar, as palavras gentis do bilhete não condizem com a descrição do autor que a Sara me fez, parece que foram escritas por uma pessoa muito educada.

Claro, o homem é pediatra, tem que ser educado, isso deve ser condição importante porque duvido que qualquer mãe entregue o seu filho aos cuidados de um médico bronco e estúpido.

Então por que o doutor está envolvido em um caso de agressão? Válvula de escape? Dúvida, dúvida. De qualquer forma o meu instinto me diz que não devo tentar descobrir.

Evito telefonar porque nem saberia o que dizer e a minha agenda caótica me impede de ficar tentada a encontrá-lo para um café. Sério, melhor deixar esse assunto para lá!

O dia passa voando, muita coisa para fazer, reuniões e mais reuniões, assuntos pendentes que exigem a minha habilidade de negociação, orientações a dar, muita coisa para ler, este é o tipo de dia que me faz bem, porque não tenho tempo para pensar em nada que não seja trabalho. Magnífico!

Começo a ler um processo bastante interessante e o meu cérebro se põe completamente desperto. Adoro vasculhar as páginas repletas de jargões jurídicos, o meu sangue ferve, desafio à vista, puro prazer.

O telefone toca, atendo.

– Doutora Eva, o doutor Thomas Valente está aqui fora, não tem hora marcada, afirma que é seu conhecido e que você o aguarda para tomar um café. E?

O meu coração quase para de bater. Que ousadia! Meu conhecido? O cara é louco mesmo, agora estou convencida. O que eu faço? Ignoro? Alego que não posso recebê-lo? Devo realmente tê-lo confundido.

Acho que tenho uma satisfação a dar e resolvo acabar logo com o equívoco.

– Patrícia, peça para que ele entre, por favor.

A porta abre e uma Patrícia com o rosto corado conduz o visitante.

Minha nossa! O ar da sala parece desaparecer, acho que vou sufocar. O sujeito é ainda mais bonito visto assim, vindo em minha direção, um charme só. Olho para ele fixamente e percebo que dou bandeira quando ele sorri levemente.

Capítulo II

Esse homem é a cópia fiel do Nicolas, sim, agora posso confirmar que a semelhança é brutal, contudo, para piorar a situação, ele parece ser ainda mais alto, forte e ousado.

O doutor veste um jeans escuro que lhe cai muito bem, uma camisa branca de botões com as mangas dobradas e calça mocassim de camurça marrom. Os cabelos lisos estão um tanto desalinhados, o que faz com que ele pareça muito sexy. Vejo um Nicolas mais maduro e cheio de estilo bem diante de mim, e travo.

– Como vai, doutora Eva? Desculpa se chego em uma hora inoportuna, não quero aborrecê-la e, se desejar, posso ir embora. – Ele fala e, agora mais calma, percebo que a voz dele é ligeiramente rouca e sensual.

Tento esboçar as palavras, mas elas simplesmente não saem, estou parecendo uma completa idiota.

O doutor me encara e posso notar que o seu olhar se torna divertido, acho que por dentro deve estar rindo de mim, e o sorriso discreto que me dá parece desafiador. Como adoro um desafio, recupero a voz.

– Doutor Thomas, é um prazer revê-lo. Gostaria de se sentar? – Tento parecer totalmente indiferente.

– Adoraria, mas acho que prefiro levá-la para tomar aquele café.

– Eu não liguei para o senhor. – *Sou dura* .

– É verdade, contudo, para mim quem cala consente, então aqui estou, mas, como já disse antes, se está em uma má hora posso ir embora e aguardar a sua ligação. – *Ele também sabe ser duro*.

– Na verdade estou apenas surpresa, hoje o meu dia está muito cheio, pensei em ligar para o senhor... Amanhã. – *Sou evasiva*.

– Oh, posso perceber pelo seu tom de voz que com toda certeza receberia a sua ligação amanhã. – Ele fala com ironia . – Doutora Eva, apenas fiquei muito curioso. Gostaria de saber quando nos conhecemos. – Sorri e espera.

Eu não falo absolutamente nada e, então, ele continua.

– A senhora olha para mim e tenho certeza de que me conhece, porque posso notar o reconhecimento em seus olhos. Por mais que me esforce, e

desculpe se isso parecer grosseiro da minha parte, não consigo me lembrar de conhecê-la, embora já tenha afirmado que a senhora não é digna de ser esquecida. Ilumine-me, por favor. – Ele argumenta, e muito bem, para ser considerado um homem qualquer.

– Doutor Thomas, nas poucas oportunidades que tivemos de nos comunicar, o senhor está sempre se desculpando, pare de fazê-lo. – Disfarço o meu interesse sendo cruel.

– Motive-me. – Ele provoca.

O telefone toca. Atendo.

– Eva, o seu cliente chegará daqui aproximadamente vinte minutos, mais cedo confirmei, e ele vem. – A Patrícia informa.

– Sei que não costumo agir assim, pode parecer uma enorme desconsideração da minha parte avisar em cima da hora, porém, por favor, entre em contato com o meu cliente e informe que tive um contratempo, peça mil desculpas e o reagende. Cancele também os meus outros compromissos, estou saindo agora e não retornarei mais hoje.

– Como assim, chefe? – A curiosidade a atíça.

– Boa noite e obrigada. – Digo tentando parecer formal.

O totalmente lindo doutor Thomas olha para mim de um jeito malicioso, os seus lábios se contorcem em um meio sorriso irônico e o chão some debaixo dos meus pés.

– Vejo que realmente me meti em apuros. Posso não estar certo de conhecê-la, mas tenho certeza absoluta de que atrapalho. Fui muito egoísta em aparecer de repente, só queria matar a minha curiosidade e não pensei que poderia ser inconveniente. – *O doutor educado reaparece.*

– Tudo bem. Sou capaz de fazer as minhas escolhas. Vamos?

– Aonde posso levá-la? – Indaga pensativo.

– Sugira um local, irei seguindo-o no meu carro.

– Tem um café muito bom perto daqui. O seu carro está na garagem do prédio? – Pergunta e me observa.

– Está. – Respondo tentando não encará-lo.

– Esperarei na saída da garagem, o meu carro é um SUV preto. – Ele fala e abre um sorriso perfeito .

– Doutor Thomas, descerei em um minuto.

– Sim. Aguardarei no local em que falei. Até breve.

Ele sai, e recupero as forças. O que será que acho que estou fazendo aceitando me encontrar com esse homem ousado? Como poderia imaginar que ele apareceria bem na minha frente?

De qualquer forma, o que me intriga é que nunca tinha visto duas pessoas tão parecidas e, mesmo com o peso de dez anos a mais, o doutor é o clone do Nicolas.

Dirijo-me ao banheiro, retoco a pouca maquiagem que uso, observo-me atentamente no espelho e constato que estou bem, elegante e discreta como pede a ocasião. Tento me preparar para uma conversa rápida, é só falar que me enganei, que é um prazer conhecê-lo, depois dizer tchau e pronto, assunto resolvido.

Saio da minha sala e me deparo com uma Patrícia boquiaberta, evito o seu olhar inquisitivo, despeço-me e vou para a garagem. Quando avisto o doutor, aceno, ele entra no carro e o sigo, o meu coração está acelerado e tento me controlar.

Rapidamente chegamos, o local é um típico café, agradável e bem decorado.

O doutor Thomas gentilmente puxa a cadeira e me sento, ele se senta em frente a mim. O garçom chega e fazemos os nossos pedidos. Gostamos do café do mesmo jeito, forte e com pouco açúcar, só peço café, tenho certeza de que nada mais passará pela minha garganta. Ele, além do café, pede croissants e bolinhos.

O doutor me olha, sorri e fico desconcertada.

– Doutor Thomas... Eu...

– Thomas, apenas Thomas, e dispense o “senhor”, por favor.

– Muito bem, Thomas. Peço que me desculpe pelo mal-entendido, acho que lhe causei um enorme contratempo. Lamento dizer que me confundi, você é muito parecido com um amigo de longa data, fui uma tonta. Desculpa.

– Pode até ser que seja assim, doutora Eva.

– Eva, apenas Eva, e também dispense o uso do “senhora”. – Interrompo-o.

– Muito bem. Pode até ser que seja assim, Eva. Mas me diga por que os seus olhos contradizem as suas palavras. Você continua me olhando como se me conhecesse há décadas, e de uma maneira tão comoventemente íntima que

chego a me perder no seu olhar. Confesse, nos encontramos antes. Foi tão desagradável assim me reencontrar?

– Desculpe-me, Thomas, mas... – Paro de falar porque o nosso pedido chega.

Ele se serve e recomeço.

– Você é muito parecido com o meu amigo de infância. Foi apenas um engano, perdão. – Digo muito acanhada, porque a leitura que ele fez de mim me assusta.

– Eva, nas poucas oportunidades que tivemos de nos comunicar você está sempre se desculpendo, pare de fazê-lo. – *Usa as minhas próprias palavras contra mim, muito inteligente, detesto e adoro isso.*

Observo como ele come os bolinhos, a sua boca é quase indecente. Acho que o doutor é um homem quente, e encrenca na certa, não tem a candura do Nicolas. O homem parece que é nitroglicerina pura.

Começo a suar. Uma espécie de calor desce pela minha barriga e desvio o olhar. Acho que ele está tentando me afetar, estou visivelmente constrangida. Ouço uma gargalhada baixa. Viro o meu rosto e o encaro perplexa.

– Eva, você me tirou um enorme peso das costas, nunca me perdoaria por não me lembrar de você. Os seus olhos são muito marcantes, posso dizer que são inesquecíveis.

Ele me estende a mão e a sustento.

– Muito prazer, sou Thomas Henrique Lins Valente.

– O prazer é todo meu, sou Eva Maria Fiore.

Não gosto, porém não deixo de observar outra coincidência, além de ser extremamente parecido com o Nicolas e de ser médico, tem o mesmo segundo nome, Henrique. Nicolas Henrique Chapman, esse era o nome do meu noivo.

– Thomas, você é cliente da doutora Sara? – Tento mudar de assunto.

– Possivelmente serei. – Ele parece não gostar da pergunta.

O seu olhar cristalino de repente escurece, acho que me meti em um assunto particular e fico sem graça.

– Eva, você se importaria se mudássemos de assunto? – Pergunta e fico calada.

O doutor espera que me manifeste, mas logo desiste.

– Sei que agora que a situação está esclarecida não temos muito sobre o que

conversar. Só que apesar da sua afirmação continuo me sentindo extremamente à vontade na sua presença, e isso quase nunca acontece, sou um homem muito reservado, não costumo invadir escritórios. – Sorri, e o meu estômago contrai, fico tensa, os olhos dele são estranhamente familiares para mim.

– Sugira um tema. – Apelo.

– Você poderia começar me dizendo onde se escondeu todo esse tempo e como nunca nos encontramos antes. – Joga a isca e não gosto da cantada barata, esperava mais.

– Está tentando me cantar, doutor? – Pergunto indignada.

– Provavelmente.

– Provavelmente? – A indignação continua.

– Primeiro preciso saber se não estou perturbando a esposa ou a namorada de alguém. – Fala e acho que está dando uma de espertinho.

Não consigo me manter séria e sorrio. Reparo que ele está receoso esperando pela minha resposta.

– Não sou casada e não tenho namorado. Trabalho muito, e não posso me dar ao luxo de gastar o meu tempo com amenidades.

– Puxa! Uma workaholic? – Pergunta admirado.

– Quase isso. – Respondo e sorrio.

– E filhos?

– Não tenho filhos.

– Mesmo que você não tenha me perguntado, satisfarei a sua curiosidade. Não sou casado, na verdade nunca fui, não namoro e, como acho que já pôde perceber, não sou gay. – Ele sorri maliciosamente. – Também trabalho muito, sou médico, pediatra e não posso me dar ao luxo de perder o meu tempo com amenidades. – Termina de falar e me olha com o semblante irônico, porque mais uma vez atirou as minhas palavras contra mim.

– Bom saber. Muito obrigada. – *Sou irônica* .

– Completando a informação... Também não tenho filhos.

– Veja só, que interessante! – *Continuo com a ironia*.

– Eva, não sei a razão pela qual vou dizer isso, mas mesmo assim direi, você me encanta. – Diz com a voz rouca e suave e me pega de surpresa.

– Não estou entendendo. – *Agora sou pura confusão* .

– Você é uma mulher linda, me persegue com os olhos, observa a minha

boca como se fosse me dar um beijo, afirma que não me conhece, contudo, me analisa como se me conhecesse no sentido bíblico. Posso me oferecer de bom grado para que mate a saudade do seu amigo de infância, olho para você e não consigo ficar imune aos seus encantos. – *A percepção dele, ou a melhor cantada que já recebi na vida, me abala* .

Não sei se ele percebe que o sangue sobe pelas minhas faces, a minha pele formiga e fico na dúvida se me ofendo ou se me interessa pela sua proposta.

– Desde que a vi ontem estou me sentindo atemorizado, e agora, quando a observo, percebo que você me seduz. Não sei como explicar, como definir isso, mas pressinto que você é a única mulher na face da Terra capaz de partir o meu coração, e olha que ele é duro. – Declara e acho que o doutor é realmente muito bom com as palavras, estou abalada de verdade.

Fico extremamente surpresa com a interpretação que faz de mim, não erra nada, percebe que adoraria me perder nessa boca, que olho para ele sentindo saudade de outro e que sou capaz de usá-lo e de magoá-lo sem dó. Genial.

Quando o ataque é violento o melhor é recuar. Levanto e vou embora, só a conversa que tivemos bastou para me inflamar, estou inconvenientemente úmida e um tanto temerosa.

Tenho que evitar esse Thomas de qualquer jeito porque, sem dúvida alguma, mesmo que por fora ele e o Nicolas sejam tal e qual, por dentro são bem diferentes. O doutor é ousado, atrevido, inconveniente, sensual e consciente do seu charme, é capaz de mexer com os meus instintos mais animalescos, o que é perigo na certa.

O resto da semana passa freneticamente, eu me entupo de trabalho, tento não pensar em nada e é claro que não consigo.

Conhecer o Thomas me fez pensar ainda mais no Nicolas, me fez resgatar sentimentos adormecidos e não gosto nada disso, porque me sinto como uma alcólatra tendo uma recaída.

Enfim sexta-feira. Recuso o convite dos colegas do escritório para sair. Happy hour? Nem pensar! Eu só quero ir para casa, estou exausta por diversas razões, emocionais e físicas, claro. Tive tantos sonhos e pesadelos que mal pude dormir nos últimos dias.

Saio da garagem e me deparo com o doutor Thomas encostado no carro dele. Ele olha fixamente para o meu carro e não sei se pode me enxergar através dos vidros escuros.

O homem está perfeito. Lindo, vestido em umas calças pretas de alfaiataria e na camisa tipo arqueiro de cor branca. Os cabelos em calculado desalinho realmente o deixam com uma aparência casual e sexy.

Antes que o meu cérebro possa raciocinar, paro o carro atrás do dele, junto do meio-fio, abaixo o vidro e espero.

Ele caminha até o meu carro e para ao lado da minha janela.

– Que bom revê-la, Eva, não acredito nessa enorme coincidência. – Sorri, mas percebo que está um pouco tenso.

– Está me seguindo, doutor? – Pergunto apreensiva.

– Na verdade não. Estou aguardando-a.

Óbvio. Os meus pensamentos realmente estão desordenados, o meu cérebro pensa e a minha boca desobedece. Sou uma advogada e as palavras deveriam ser uma arma para mim, contudo, constato que essa arma no momento está sem munição.

– Por que me aguarda, doutor?

– Porque desde que me deixou plantado naquele café estou me sentindo um idiota. Acho que fui profundamente deselegante com você. Não sei o que me levou a dizer exatamente o que estava pensando, sem filtro algum. Acho que é porque me senti muito à vontade com o seu olhar, como se eu pudesse falar qualquer coisa que me entenderia, como se você fosse capaz de me ler e interpretar. – Ele diz e percebo que adoro ouvi-lo falar por dois motivos, o primeiro porque argumenta bem e é inteligente, o segundo porque a sua voz rouca me assanha.

Permaneço calada porque não sei o que dizer.

– Agi como um imbecil durante esses dias. Os meus pequenos pacientes devem ter sofrido muito com a minha distração e inoperância, e as suas boas mães, com certeza, devem estar reavaliando a opção de me confiarem os seus filhos. – Sorri timidamente e me encanto.

Engulo em seco e continuo olhando-o admirada.

– Fiz de tudo para não pensar em você e fracassei. Não consigo entender a razão de estar me sentindo assim, nunca passei por isso. E agora, olhando nos

seus olhos, vejo que mais uma vez cai na armadilha de falar-lhe tudo o que estou pensando. O discurso que preparei era outro, mais reservado e educado. Sério, estou tremendo. O que você faz comigo quando me olha? – O doutor conclui o raciocínio e acho que isso é que é um discurso bem-feito.

As minhas pernas ficam bambas e a minha garganta seca, fico sem ação e não posso dizer que não gostei do que ouvi, o meu ego infla, só que não pretendia isso, não previ esse tipo de reação desse homem divino.

– Doutor, entre no carro. – Quase ordeno.

– Em qual deles? – Pergunta e sorri.

Também não posso evitar sorrir. Novamente estou tropeçando nas palavras. Destravo a porta do carro.

– Neste aqui. – Respondo tentando parecer calma.

Ele faz a volta, entra e senta-se silenciosamente ao meu lado. Percebo que traz um sorriso discreto nos lábios. Ligo o carro e acelero. Não falamos nada, sinto a tensão no ar, ele está rígido e posso dizer que também estou.

Vinte minutos depois, estaciono na garagem do meu prédio. Desço do carro, ele me acompanha, não diz nada, nem eu. Entramos no elevador, nos olhamos e ainda nada dizemos. Tenho a pura convicção de que enlouqueci, nem conheço o sujeito e já estou levando-o para casa, o meu templo.

Tomara que eu não esteja correndo riscos, é muita coragem minha sabendo que ele pode ser agressivo ou violento, embora, não tenha me sentido fisicamente ameaçada ainda por ele. Mesmo assim, acredito que estou andando na corda bamba, o perigo iminente me excita e atemoriza. Enlouqueci! Veredito final.

Abro a porta e faço sinal para que entre, reparo que ele vacila, que está intrigado. Tenho certeza de que jamais esperou que o trouxesse aqui e desejo que não esteja tendo pensamentos equivocados.

– Por favor, Thomas, sente-se e fique à vontade.

– Obrigado. Gostaria apenas de saber por que viemos para cá. Sua casa? – O olhar curioso dele me acaricia .

– Não, doutor, meu apartamento. – Respondo satisfeita, ele entende a piada e sorri lindamente.

– *Touché* ! Seu apartamento. Então, me diga o que fazemos aqui. – Ele está muito curioso, quase animado.

– Estava disposta a vir diretamente para cá, tirar os saltos, descansar, ouvir

uma boa música instrumental e comer alguma coisa. Então você apareceu e não achei justo desistir dos meus planos, também não achei justo sair e abandoná-lo outra vez, não depois de tudo o que me disse. – Observo os olhos dele me examinarem.

– E onde me encaixo nos seus planos de final de sexta-feira, doutora? – Pergunta, coçando a nuca .

– Bem, doutor, se quiser beber algo gelado, pedir uma pizza e jogar conversa fora, pode se considerar meu convidado.

– Convite aceito. Só uma dúvida, você costuma trazer estranhos para o seu apartamento, doutora? – *Pessoa perspicaz.*

– Primeira vez. Não se lisonjeie. – Pisco para ele.

O doutor dá uma gargalhada baixa e gostosa, ele também me faz sentir à vontade e me lembro do por quê.

– Fique quietinho aí enquanto troco de roupa. Não se anime. Já volto. – Falo e ele me olha desconcertado.

Retorno e vejo que ele está exatamente onde o deixei, mexendo no seu celular. Paro bem em frente à poltrona e aguardo, ele percebe e me olha, e reparo que gosta bastante do que vê.

– Doutora, se existe uma pessoa no mundo que pode ficar linda tanto usando um vestido clássico quanto uma calça jeans, essa pessoa é você.

– Obrigada. – Agradeço o elogio.

Coloco para tocar um CD de música instrumental que contém uma das minhas favoritas, *Prelude from Cello Suiten^o 1* , de Bach, e desligo as luzes, acendo uma arandela apenas e ficamos na penumbra.

– A doutora está tentando criar um clima ou é impressão minha? – Pergunta e constato mais uma vez que é bem direto.

– Impressão sua. Eu já lhe disse quais eram os meus planos ao vir para casa e não me desviarei deles por sua causa. Como aceitou ser meu convidado, minha casa, minhas regras. – *Continuo achando que o ataque é a melhor defesa.*

– Ok Não vamos brigar. Gosto de pizza de calabresa, e aceito qualquer refrigerante diet desde que esteja gelado.

– O quê?

– Você disse que teríamos música, você sem salto alto, algo gelado para beber, pizza e conversa.

– Certo, mente sagaz, vou providenciar. – Sorrio .

Peço a pizza e, enquanto aguardamos, arrumamos a mesa, ele me ajuda com muita desenvoltura e parecemos velhos conhecidos.

Comemos e bebemos quase em silêncio, parece que cada um de nós está se esforçando para engolir a comida.

Levo os pratos para a cozinha e quando volto para a sala ele está sentado na poltrona e me encara com um olhar profundo e sensual.

– Conversa agora? – Pergunta.

– Sim. Falaremos sobre o quê? – *Estou interessada* .

– Poderíamos começar com o efeito que você tem sobre mim. – *Lá vem ele com essa história de novo.*

– Tenho? – *Sou a inocência em pessoa* .

– Já lhe disse isso, tem. – Responde com muita sensualidade e acho melhor me manter afastada.

– Quer dizer que sou o seu soro da verdade? – Provoco.

– Não brinque, é sério. Estou me sentindo perdido. Pensei em você todos os dias e todas as horas desde o primeiro instante em que a vi.

– Jura? – *Sou irônica.*

Reparo que os seus lindos olhos verdes ficam turvos e acho que está irritado.

– Você decidiu que vai brincar comigo, certo? – Coça a nuca e acho que é assim que revela a sua tensão.

– Não. Perdão. Quando olho para você, acredita que estou desvendando-o, mas a verdade é que a minha profissão facilita que eu interprete bem a atitude das pessoas, só isso. – Disfarço.

– Não sei o motivo pelo qual não acredito que você tenha facilidade em interpretar todas as pessoas, pelo jeito que me olha penso que tem facilidade em ler especificamente a mim. – Os deslumbrantes olhos verdes dele me analisam.

Sinto que fico meio atrapalhada com a afirmação, mas não posso entregar os pontos.

– Uau! Quantas conclusões em tão pouco tempo.

– Quando conversamos pela primeira vez, você não me pareceu uma pessoa tão irônica. Está sendo evasiva, doutora? – Ele sabe ser duro quando quer e gosto disso.

– Estou. – *Sou sincera* .

– A verdade, doutora. – Provoca.

– Thomas, como falei antes, você é muito parecido com um amigo meu de infância, idêntico, posso assim dizer. Ele era o meu melhor amigo, nos relacionamos durante dezessete anos e ele se foi, então quando olho para você é essa a familiaridade que enxerga no meu olhar. Fique tranquilo que eu sei que você não é ele, é só que parece fácil estar ao seu lado. – *A verdade quase vem à tona* .

– Boa explicação, doutora. Ocorre que no meu caso, infelizmente, nunca conheci alguém que se parecesse com você, nunca tive sequer uma melhor amiga. Então por que me sinto tão bem quando estamos juntos?

Ele realmente faz bom uso das palavras, tenho que reconhecer.

– Não tenho a resposta, mas posso indicar-lhe um bom psiquiatra. – Brinco com a situação.

– Muito engraçado, doutora, mas não gosto de médicos. – Devolve a piada.

Disfarço a vontade de sorrir, mas ele sorri lindamente, e quase me derreto.

– Cadê esse seu amigo, doutora?

Aponto para cima e percebo que fica intrigado.

– Ele mora no andar de cima? – *E a dívida se manifesta* .

– Não, Thomas. Já disse que ele se foi, não está mais entre nós. – *Evito dizer que faleceu, não gosto de tocar nesse assunto*.

– Ah, perdoe-me, não queria ser indiscreto, agora entendi. – O coitado diz bem embaraçado. – Quer dizer que talvez a minha presença a incomode? – Questiona, e imediatamente sei que não incomoda, mas afeta muito.

– Não, muito pelo contrário. Gosto de olhá-lo mais pelas diferenças do que pelas semelhanças. É como se ele fosse água e você o fogo, se é que me entende. – *Nem eu me entendo* .

– Provavelmente não. – Diz e sorri .

Ficamos nos olhando por alguns segundos, o olhar dele me esquadrinha, e ao mesmo tempo em que me sinto constrangida também me sinto excitada, jamais o incentivaria, porém não tenho certeza de que gostaria de detê-lo.

Ele desvia o olhar, rompe o silêncio e pergunta:

– Poderia me dar o número do seu telefone? Gostaria de levá-la para jantar qualquer dia desses. Poderia inclusive ser amanhã se não tiver outro compromisso.

Concordo e dou o número do meu telefone.

Percebo que estou exausta, olho para o Thomas e quase vejo o Nicolas, contudo, sinto o magnetismo da personalidade do Thomas me seduzir.

Reajo como se estivesse traindo o Nicolas, e por outro lado sei que não estou sendo necessariamente sincera com o Thomas. Acho que quem deve procurar um psiquiatra sou eu. Levanto e mergulho dentro dos olhos verdes cheios de promessa do doutorzinho.

– Boa noite, doutor. Pretendo ir dormir, agradeço a sua visita, gostei muito, de verdade, amanhã talvez possa aceitar o seu convite para jantar.

Thomas não mexe um músculo sequer, permanece exatamente como está e canso de esperar que me acompanhe até a saída.

– Doutor, quando sair feche a porta, ela tranca automaticamente. A porta do meu quarto estará trancada também, estarei segura, não se preocupe.

Digo isso e saio rumo ao quarto e posso ouvir ao longe um tímido boa noite.

Durmo um pouco melhor e acordo sentindo que tive um sonho bom do qual não consigo me lembrar. Vou ao banheiro, escovo os dentes, ando languidamente até a sala e estaco.

Capítulo III

O Thomas está esparramado no sofá, dormindo tranquilamente, todo vestido e calçado e não entendo o que ele ainda faz aqui.

– Thomas, bom dia. Acorda. O que você está fazendo aqui? – *A dívida me assola* .

Ele se senta no sofá e um tanto envergonhado me olha, e decido que é irremediavelmente lindo até quando acorda.

– Bom dia, Eva. Desculpe, não pude ir embora, o meu carro ficou na saída da garagem do seu escritório. Lembra?

– Já ouviu falar em táxi? – Provoco sem piedade e não assumo que esqueci que ele estava sem carro.

– Certamente, mas quando cheguei aqui ontem percebi que tinha deixado a carteira no porta-luvas do meu carro. Pensei em chamar um táxi e pagar quando chegasse lá, só que quem poderia me garantir que o meu carro não foi rebocado ou roubado? – *Boa argumentação, doutor, realmente muito boa.*

– Por que não pediu que eu o levasse até lá ontem? – Pergunto desconfiada .

– E atrapalhar os seus planos tão metodicamente elaborados de casa, sem saltos, música, pizza, bebida gelada, conversa e boa noite? Jamais! – Responde e percebo que gosto que tenha sempre a resposta na ponta da língua.

– Então, agora café! Venha. – Sorrio sem me importar muito com essa presença indesejada.

– Gostaria de ressaltar que todas as roupas que já a vi usar ficam muito bem em você. Nunca imaginei que um pijama de ursinhos pudesse ficar tão bem em alguém. – Ele ri.

Eu me encanto com a risada dele e não consigo conter o riso também, esse sujeito é realmente muito astuto.

– Se não for pedir demais, poderia usar o seu banheiro? – Ele parece sem graça e acho isso divertido.

– Pode, mas espere aí, deixe que eu lhe traga uma escova de dente, não se preocupe, é nova, viajo bastante e sempre tenho várias, também vou dar-lhe uma toalha limpa, se quiser pode tomar um banho, não me importo. – *Estar*

perto dele me afeta e ao mesmo tempo é quase natural para mim .

– Obrigado. – Ele agradece e até um simples obrigado fica perfeito quando ele fala, preciso correr desse homem o mais rápido que puder.

Enquanto faço o café, fico pensando no inusitado da situação. Posso até dizer que sem querer o obriguei a passar a noite aqui, claro que não tive a intenção, engraçado, ninguém acreditaria se eu contasse.

Thomas retorna cheirando a sabonete e me espanta o quanto a beleza se sente confortável na pele dele, que mesmo com a roupa amassada continua elegante.

Não consigo manter-me tranquila sob o olhar desse doutor que me investiga enquanto coloco a mesa do café, tenho vontade de gritar e sair correndo, preciso fugir da emboscada que estou armando para mim.

– Almas gêmeas. Já ouviu falar? – Ele pergunta .

– Já. – Respondo sem muito interesse.

– Acredita? – Insiste.

– Não mais. – *Continuo tentando manter o meu desinteresse intacto.*

– Nunca acreditei até aquele dia em que você resolveu me despir com os olhos lá na antessala da doutora Sara. Até então, sempre pensei que iria morrer sem ter sabido o que é afinidade. – Ele fala e acredito que, se esse homem se dedicar, é capaz de escrever um best-seller.

– Oh. E o que o faz pensar que vai saber agora? – *Não me canso de provocá-lo.*

– Você. – O olhar sedutor dele me alcança.

– Eu? Não acha que está indo muito rápido, doutor?

– Minha linda doutora Eva, ainda não tenho sequer noção do que pensa ao meu respeito, não sei o que esperar de você, contudo sei exatamente o que estou sentindo e que tudo isso é novidade para mim e o mais importante é que nunca me senti tão bem com alguém como quando estou com você. – *Ele é muito proficiente no assunto cantada, incrível.*

– Doutor, os seus pacientes não estarão impacientes esperando-o ainda uma hora dessas? – Por segurança, mudo de assunto.

– Mudando de assunto, Eva? Não precisa se preocupar, porque não irei atacá-la, fique tranquila. Agradeço o seu interesse pelos meus pacientes, só que o meu consultório funciona de segunda a sexta-feira e há alguns anos não faço plantão. Atendo nos finais de semana apenas em caso de emergência. – Faz o seu

discurso e noto que está me informando a sua rotina.

– Sabe, doutor, ninguém diria só de olhar para você que é um sujeito tão espontâneo, que fala o que pensa e que é tão galante com as palavras. Acho que é um sedutor irremediável e que desde que me conheceu não para de me cantar. – Digo querendo que saiba que não vou me deixar ganhar tão facilmente.

Ele começa a rir cada vez mais alto, parece que está se divertindo muito, embora eu não tenha entendido a piada.

– Sou um homem discreto e reservado, tenho o péssimo hábito de me irritar com facilidade, não costumo investir demasiadamente nas minhas conquistas e é a primeira vez em toda a minha vida que alguém me descreve completamente ao contrário do que realmente sou. – Abre um sorriso cinematográfico e disfarço a minha vontade de contemplá-lo.

– Viu? E você que me dizia que o traduzo. – *Agora as contradições começam a aparecer.*

– Sim, é verdade, porque esse homem que descreveu sou eu apenas quando estou com você, mas tem razão em uma coisa, desde que a conheci não paro de cantá-la. Pode me fazer um favor? – Pergunta carinhosamente.

– Se for possível, claro. – Tento ser solícita.

– Pare de me observar como se eu fosse a sua presa, porque tenho vontade de me render. – O olhar malicioso que me dá é como um soco na boca do estômago e quase vou a nocaute.

– Pode deixar, doutor, tomarei cuidado com a maneira que o observo. – *Só penso em fugir desse Nicolas com superpoderes que me confunde e atíça .*

– Também não me encare dessa maneira desafiadora, porque adoro a sua petulância. – Ele não desiste e tem um vasto repertório.

– Prometo que evitarei encará-lo. – *Acho que estou prometendo o que não poderei cumprir.*

– Será que isso não é um dom, será que conseguirá ser menos intensa do que é? – Pergunta de maneira sedutora e deliberadamente o ignoro porque tenho que salvar a minha pele.

Após o café, deixo o Thomas exatamente diante do carro dele, que, por muita sorte, não foi nem rebocado nem roubado.

Noto que ele se despede de mim com relutância e, apesar da minha

tentativa de manter distância, não posso evitar o terno beijo que me aplica na bochecha.

Esse cara é o violento, o agressivo? Não me parece. Será que estou lidando com doutor Jekyll e senhor Hyde?

Quando falei com os meus pais dias atrás, prometi que iria visitá-los neste final de semana em Ribeirão Preto, na casa onde cresci brincando. Disse a eles que chegaria sábado pela manhã e que só retornaria para casa domingo à tarde, e como os meus pais agora passam quase o mês inteiro lá, para vê-los, geralmente, preciso dirigir alguns quilômetros.

Sempre que vou a Ribeirão visitar os meus pais, aproveito para visitar também o William, pai do Nicolas, que ainda reside na mesma casa ao lado da dos meus pais. Ele mora com um filho, a nora e três netos, já que a sua esposa faleceu quando o Nicolas ainda era adolescente. Os outros três filhos dele se casaram e saíram de casa, contudo continuam vivendo na mesma cidade.

Apesar de tantos anos terem se passado, ainda sinto um aperto no peito toda vez que volto para a casa da minha infância. A tristeza melhorou com o passar dos anos, só que tudo por lá me lembra a minha amada avó e o meu amado Nicolas.

Os meus pais não percebem o meu desconforto quando os visito porque os fiz acreditar que superei muito bem as minhas perdas. Eles acham que sou uma advogada dedicada e talentosa que não tem muito tempo para romance. É fácil para o meu pai, apesar de não aprovar, pensar que sigo os seus passos porque com ele foi assim, casou-se aos trinta e cinco anos e só depois de ter namorado inúmeras mulheres.

Resolvo ir para Ribeirão Preto imediatamente, preciso pensar. Os meus pais me esperam e não é justo ligar desmarcando agora que eu já deveria, inclusive, estar lá.

Tenho necessidade de me afastar porque estou me perdendo naqueles deliciosos olhos verdes e sei que não é justo para o Thomas estar tão interessado em alguém que pode estar vendo-o como o reflexo de outra pessoa.

Na verdade me confundo com que o doutor me faz sentir, não sei se me sinto confortável perto dele porque é igualzinho ao Nicolas ou porque é

incrivelmente sexy, inteligente e me desafia constantemente. Também não sei se devo acreditar no interesse descomunal que diz sentir por mim, pode ser apenas uma cantada super bem dada, ele pode ser um homem muito eficiente na arte de seduzir e tenho medo de me machucar feio.

Volto para casa e arrumo a minha valise, ligo e aviso para os meus pais que chegarei em breve, desligo o celular e sigo viagem.

O final de semana é de lembranças. Visito o túmulo do Nicolas e levo flores, também visito o pai dele, que por sinal me faz lembrar tanto dele quanto do Thomas, e conversamos sobre os dez anos de ausência e saudade. Ajudo a minha mãe na cozinha como constantemente fazia com a minha avó, discuto alguns assuntos de trabalho com o meu pai, e só retorno para São Paulo na segunda-feira pela manhã.

Durante o tempo em que estive fora pensei no Thomas. Na verdade, penso o tempo todo nele e na minha incapacidade de saber se enxergo o Thomas no Thomas ou o Nicolas no Thomas e isso é injusto com ele e injusto comigo.

É estranho voltar para o meu apartamento e me sentir tão sozinha. Fico o mínimo de tempo possível, o suficiente apenas para tomar banho, trocar de roupa e ir trabalhar.

– Boa tarde, Patrícia. Como está a minha agenda hoje?

– Boa tarde, Eva. A sua agenda está tranquila, conforme havia me pedido. Você terá muito tempo para as suas leituras de processo. – Diz e acho graça do tanto que ela conhece a minha rotina. – Vejo que você descansou bastante na casa dos seus pais. A sua mãe já ligou para saber se você chegou bem, disse que o seu celular está desligado.

– Verdade. Por favor, ligue para a minha mãe e diga que cheguei linda e radiante.

– Eva, a doutora Sara disse que precisa vê-la.

– Está bem, logo pedirei que a chame, pretendo me organizar primeiro. – E me arrasto para a minha mesa.

Ligo o celular, tenho duas mensagens, na primeira ninguém diz nada e a apago; a segunda me choca, é uma mensagem do Thomas.

“... Eva, juro que pensei que jantariamos hoje. Você está fugindo de mim?”

Estou muito aborrecido porque você me deu a entender que aceitaria quando a convidei. Tinha planos...”

A voz dele parece zangada, acho que esse é o verdadeiro doutor Thomas, o que perde a paciência, irrita-se e briga. Apesar disso, não me sinto intimidada por ele me cobrar algo que não prometi. Só fico triste pela aparente frustração dele e acho que é melhor assim, ele se decepciona e se afasta, e sigo a minha vida sem magoar mais ninguém por enquanto.

– Patrícia, peça para a Sara vir.

– Ela já está aqui fora, vou fazê-la entrar.

– Boa tarde, Eva. – Diz e reparo que ela está muito séria.

– Boa tarde, Sara. Que cara de poucos amigos é essa?

– Gostaria de informá-la que sou oficialmente a advogada do doutor Thomas Valente, e que tive uma experiência incrível de final de semana.

– O que foi que aconteceu? – Pergunto curiosa.

– O homem maravilhoso bebeu, me telefonou e foi terrivelmente insistente e inconveniente perguntando como encontrá-la. O desespero dele me convenceu a ir até onde ele estava para uma conversa e acabei levando-o para casa. – Ela me observa contidamente chateada.

– Acabou levando-o para casa? – *Uma pontinha de ciúme me arranha.*

– A dele, claro, ele não tinha a menor condição de dirigir até lá. – Responde desconfiada.

– Ah, sim. – *Sinto um estranho alívio.*

– Você andou brincando com os sentimentos dele também, não foi, destruidora de corações? – Ela tenta me colocar contra a parede.

– Não fiz absolutamente nada com ele, sou inocente, conversamos algumas vezes, só isso, garanto. – Tento me defender. – E por que você veio me contar isso?

– Porque quero pedir-lhe que não se envolva se não quiser encrenca. O doutor Thomas parece que não é alguém com quem se pode se divertir e sair ileso. Cuidado, amiga, ele é perigo na certa. – Ela me adverte.

– Pode ficar tranquila, porque pretendo fugir desse homem o mais rápido que conseguir. – Declaro.

– Hoje pela manhã recebi flores dele com um cartão se desculpando, agradecendo e solicitando o envio da conta dos meus honorários de final de

semana. Mandou-me, também, o contrato e a procuração assinados para que eu possa passar a representá-lo. – A Sara diz com ares de profissional do ano.

– Bem, isso é bom, você é uma ótima advogada, a melhor criminalista que conheço depois do meu pai.

– Eva, não se faça de boba, amiga. O que foi tudo isso?

– Sara, ele me procurou, cismou comigo e, como parece com alguém que foi muito importante para mim, acabei demonstrando interesse e provocando nele algum sentimento que não posso e não devo corresponder. – Confesso.

– Esse negócio de destruir corações é sério mesmo, garota. O cara pode ser complicado, mas é lindo, um galã, até bêbado ele é um gato. Não acredito que você não se abalou com aquela carinha de artista de Hollywood, contudo concordo que, se não quer viver perigosamente, é melhor correr dele, e rápido. – Sara me alerta.

– Acho que o confundi e que estou me confundindo. Tudo isso é tão estranho, não sei nem o que pensar. O Thomas parece já ter os próprios problemas sem que eu arranje mais alguns. – *As palavras andam me esbofeteando, com certeza.*

– Ok Só me diga uma coisa, você conheceu outro cara tão lindo quanto ele?

Confirmo a pergunta dela balançando a cabeça.

– Garota, você nasceu virada para a Lua. – Gargalha e sai da minha sala sem se despedir.

Fico totalmente chateada com que a Sara me contou. Não posso ser babá de ninguém, não quero me sentir responsável pela instabilidade do Thomas, ele já era assim antes de me conhecer e provavelmente me livre de um péssimo jantar regado à confusão. Apesar de tudo que penso, tenho quase certeza de que ele irá me telefonar.

Entre almoço de negócios, saída para lanchar com a Patrícia, a Sara e a minha mãe, que está na cidade, jantar com os amigos do antigo curso de MBA, ida ao cabeleireiro e encontros com clientes, não recebo nem um telefonema do Thomas.

Confesso que no início achei melhor assim, depois fiquei um pouco chateada, porque soube que tinha magoado de verdade aquele encrenqueiro, e

agora estou aborrecida porque começo a achar que signifiquei para ele apenas mais uma conquista que não deu em nada.

Também não telefono, quero o Nicolas de volta e o Thomas não é ele. Pensando bem, a personalidade de ambos é tão distinta que quase me esqueço da enorme semelhança física, de qualquer forma, para o meu bem, acho melhor tentar esquecer-los.

Na sexta-feira me dou folga e passeio o dia todo, vou ao shopping com a minha mãe, fazemos algumas compras, almoçamos, fazemos mais compras e no fim do dia lanchamos com o meu pai. Antes de voltar para casa, ainda dou uma passadinha no supermercado. Os meus pés latejam, não deveria ter saído de salto alto, que mania essa minha, e nem sou muito baixa.

Saio do banho e assim que me visto o interfone toca, atendo e o porteiro avisa que o doutor Thomas está me aguardando.

Fico pasmada, por essa eu não esperava! Peço que o porteiro o deixe subir e espero na porta, não sei se devo permitir que o Thomas entre novamente no meu apartamento.

Ele sai do elevador muito sério e visivelmente tenso, me olha timidamente, e está tão arrumadinho que reavalio a questão do permitir entrar.

– Boa noite, doutora Eva. – Diz educadamente.

– Boa noite, doutor Thomas. O que o traz aqui por essas bandas? – Examinoo meu visitante detidamente.

– Você disse que aceitaria jantar comigo, então vim buscá-la para jantar.

– O que o faz crer que não tenho outro compromisso? – Provoco.

– Nada. Apenas sou um homem que acredita na palavra das pessoas, e se você disse que jantaria comigo, aqui estou.

– E o fato de eu ter dito isso há exatamente uma semana?

– Bem, acredito que você ainda não pôde me contatar. Correto? – Diz com sarcasmo.

– Quase isso. – Sorrio. – Acontece que passei o dia todo no shopping e os meus pés estão latejando. Você não me ligou durante a semana, e pensei que não jantaríamos mais, pelo menos não hoje.

O doutor sorri e chega mais perto de mim, e só consigo pensar que adoro o seu perfume, o seu cheiro de roupa limpa, de limão, sei lá.

– Fiquei chateado com você, poderia ter telefonado e não telefonei. Falar

com você era menos importante do que vê-la e, como percebi que poderia dar a sorte de conseguir levá-la para jantar, resolvi tentar. Estou aqui parado na sua porta, me sentindo novamente um grande idiota e achando que você vai me dispensar.

Thomas para de falar e toma fôlego.

– Sei que a sua amiga Sara deve ter lhe contado que não me comportei bem no final de semana passado. Acho que depois disso você deve ter resolvido me evitar a todo custo. Eu só queria que soubesse que sou um cara sem paciência, que quando bebe é um asno, e bebo quase sempre que me aborreço. O meu pai era um alcoólatra e tenho medo de me tornar um também. Só que perto de você me sinto capaz de ser um homem melhor, de não beber nunca mais e eu só queria entender o porquê disso. Por favor, me ajuda. – Ele fala tudo isso de um jeito tão bonitinho que fico comovida, e tenho medo de estar avaliando esse homem sob a perspectiva de outro.

– Entre, por favor, Thomas. – Peço gentilmente.

– Obrigado. – Agradece, entra e me observa.

– Teremos que ir a algum lugar bem informal, não posso calçar saltos novamente, falo sério, estou um caco, andei o dia todo de salto alto.

– Faz assim, deite no sofá e coloque os seus pés no meu colo.

– Por que eu faria isso? – Pergunto sorrindo.

– Porque você pode gostar do que farei com os seus pés. – O doutor une as mãos e estrala os dedos.

Faço o que me pede e ele massageia os meus pés cuidadosamente. A sensação é fenomenal e relaxo completamente, sentindo-me muito bem.

As mãos dele são divinas, me arrepio cada vez que ele aperta os meus pés e, para complicar ainda mais, tenho a sensação de que uma corrente elétrica percorre as minhas pernas.

– Está melhor agora? Acha que ainda podemos sair para jantar? – *Eis um homem tão obstinado que acaba de romper a magia do momento* .

Concordo em sair para jantar. Troco de roupa. Coloco um vestido preto, justo e decotado nas costas, calço sapatilhas pretas de verniz, passo um batom clarinho, um pouco de rímel e anuncio que estou pronta.

Reparo que ele segura o ar quando entro, me olha dos pés à cabeça, sorri, e acho que o meu figurino foi aprovado.

Thomas se comporta como um perfeito cavalheiro, abre a porta do carro para mim, coloca um concerto de violinos para tocar em volume baixo, e dirige devagar.

Eu o observo pelo canto do olho e noto que ele parece satisfeito. Desde a primeira vez que o vi nunca se pareceu tanto com o Nicolas como agora, tão sereno. Não consigo evitar o pensamento, mas tento com todas as minhas forças concentrar-me nesse outro homem que começa a me agradar tanto.

O lindo doutor me leva ao restaurante Terraço Itália, que de informal não tem nada, mas desisto de reclamar porque o lugar é um dos meus preferidos, e também porque fico tocada com a vontade dele de me impressionar. Jantaremos na Sala Nobre, que possui um ambiente sofisticado e romântico e está localizada no quadragésimo primeiro andar do Edifício Itália. Pelo jeito ele havia feito reserva, e quando o garçom nos conduz até a nossa mesa constato que o jantar será a luz de velas. Thomas é muito gentil e faz questão de puxar a cadeira para que eu me sente.

Olhamos o cardápio, faço o meu pedido e ele faz o dele.

– Eva, você tomaria uma taça de vinho comigo?

– Doutor, acredito que disse nesta mesma noite que quando está comigo não sente vontade de beber. Mentiu?

– De maneira nenhuma. Não tenho vontade de me embriagar, era isso a que me referia. Contudo não me importaria de tomar uma única taça de vinho com você.

– Caro doutor, não perca o seu tempo, não bebo absolutamente nada.

– Nada? Vejo que cuida bem da sua saúde. – Afirmo me olhando fixamente.

– Na verdade, cresci ouvindo o quanto a bebida é nociva para a boa reputação. O meu pai sempre fez questão de dizer que “a bebida nos faz perder a cabeça e o bom nome”, então, como a minha família tem um nome a zelar, sempre me mantive distante dela.

– Não posso imaginar como os nossos pais poderiam ser mais diferentes. Para o meu pai, a razão de viver se encontrava no fundo de um copo ou de uma garrafa, não importava de quê.

– Acho que deve ter sido muito duro lidar com esse tipo de vício, lidar com o seu pai.

– Doutora, lidar com o meu pai era extremamente fácil, era só me manter

longe do caminho dele, que, geralmente, era de casa até o bar mais próximo.

– E a sua mãe, como suportava? – Reparo que o olhar do Thomas fica frio e distante, e posso ver o seu corpo ficar tenso.

– Ela não suportou. – Responde em um tom gélido.

– Desculpa ter tocado no assunto. – Fico penalizada por ele.

Thomas se cala, perde-se nos seus pensamentos, um silêncio incômodo paira no ar e começo a me sentir estranhamente mais interessada por esse homem sofrido.

– Então, Thomas, por que decidi ser médico?

Ele me olha com ternura, a mudança de rumo da conversa parece que é bem recebida. O olhar dele magicamente volta a se tornar sedutor.

– Vocação. Desde que soube o que um médico faz desejei me tornar um, embora não tenha sido tão fácil.

– Por quê? – Indago curiosa.

– Parte por causa do meu temperamento, parte pelas dificuldades durante toda a trajetória. E você, por que se tornou advogada? – Rapidamente devolve a pergunta, sinto que falar do passado o deixa desconfortável e menos falante.

– Está no sangue. Os homens da minha família por parte de pai abraçaram essa profissão. Como sou filha única, o meu pai resolveu inovar e me incentivou a exercê-la também. Sou a primeira e única advogada da família e acabei descobrindo que advogar é uma espécie de paixão para mim.

– Qual a sua área?

– Sou advogada tributarista. Atualmente cuido de poucos casos, só os mais importantes. Desde que o meu pai se aposentou sou eu quem cuida de toda a administração do escritório e quem dirige todo o pessoal; nosso quadro profissional é composto por muitos advogados de diversos ramos do direito.

– Quer dizer que você é realmente uma moça muito ocupada?

– Sim, senhor! – Confirmo sorridente.

– O seu sobrenome é italiano, não é? – Pergunta demonstrando interesse.

– Sou neta de italianos, os meus avós paternos vieram da Itália para o Brasil quando ainda eram crianças, conheceram-se na adolescência e acabaram se casando.

Os pedidos chegam e, enquanto comemos, conversamos sobre assuntos diversos. Os nossos olhos não se apartam, chego a me sentir sem ar observando-o

comer. Ele tem uma boca muito bem-feita e dentes muito branquinhos, poderia ser estrela de comercial de pasta de dente sem problema algum.

Fico imaginando qual a razão da minha sorte com homens bonitos, me acho uma mulher comum, pele clara, cabelos lisos e castanhos, olhos castanhos bem claros, quase amarelos diria, magra com algumas curvas e só isso. Devo ter lá os meus encantos e resolvo saber.

– Thomas, me diga o que viu em mim.

– Você está perguntando o que me atrai em você?

Balanço a cabeça assentindo, mas, imediatamente, me arrependo de ter perguntado quando noto o olhar divertido que ele me lança.

– A doutora tem lindos olhos expressivos e de uma cor âmbar tão incomum, uma presença marcante, uma boca bonita, é elegante, sensual, espirituosa, tem um corpo escultural e faz com que me sinta muito bem na sua presença. Na verdade, o conjunto todo me agrada a ponto de me fazer considerá-la nada menos que linda.

Eu rio alto. Não esperava ouvir isso.

– O que é tão engraçado? – Pergunta curioso.

– Nada, só que não me acho linda. – Rio novamente.

– Você é muito linda, tudo em você me encanta e atrai, e é difícil olhá-la e me contentar apenas com isso, tenho gana de tocá-la.

Estendo a mão e ele a segura. Gosto quando a mão dele toca a minha, me arrepio, um calor esquenta o meu corpo e tenho novamente a impressão de que uma corrente elétrica atravessa a minha pele, acho que ele também sente. Muito estranho.

– Está com frio? – A pergunta me faz ter certeza de que percebe o efeito que está causando em mim.

– Não. – Respondo baixinho.

Thomas sorri e fica ainda mais encantador. Os meus sinais de alerta começam a soar, não sei direito quem é esse homem, me sinto bem ao lado dele, só que não consigo esquecer que os meus sentimentos são uma incógnita. Creio que ele percebe a dúvida em meus olhos, me encara ternamente e intensifica o aperto na minha mão.

– Eva, não tente entender o que não tem explicação. – Fala e me analisa.

– Por que está dizendo isso, Thomas?

– Porque sei que você tem receio de mim ou do que pode vir a sentir por mim. Está considerando o fato de que pareço um homem espontâneo e verdadeiro, mas que posso ter alguns problemas com a bebida e com a agressividade.

O olhar dele encontra o meu e a tonalidade verde dos seus olhos parece mais escura, o seu rosto está sério e ele procura falar pausadamente.

– Sou um médico, Eva, um pediatra. Passo o dia todo sendo um homem bom, e adoro o que faço. Acontece que tenho alguns buracos negros na alma, sei que é difícil entender. A verdade é que tenho tanto medo de ser como o meu pai, que esse medo de alguma forma acaba me empurrando a ser como ele. Luto contra isso todos os dias e tenho obtido êxito, porém nas poucas ocasiões em que fracasso, me arrependo profundamente.

– Buracos negros na alma? – *Estou interessada no tema* .

– Sim, tive uma infância complicada. Sugiro que me faça uma pergunta mais fácil. – Coça a nuca.

– Você já se apaixonou, doutor?

– Neste exato momento quase posso dizer que sim.

Rio admirando a persistência dele, e a capacidade que tem de me seduzir com as palavras.

– Gostaria de saber se os seus relacionamentos foram estáveis. – *Eva, a curiosa, se apresenta* .

– Relacionamentos? Serei bem franco com você, nunca tive relacionamentos. Confesso que me envolvi com muitas mulheres, só que jamais houve qualquer tipo de laço, nada que tenha me feito querer dar continuidade, sempre foi apenas divertimento. – A sinceridade dele me afeta.

– E como me enquadro nos seus planos? – Pergunto achando que a nossa conversa vai longe.

– De verdade? Eu não saberia dizer. O que sei é que me sinto muito bem com você, que ao seu lado quero ser o melhor que posso, quero estar arrumado, ser cortês, educado, quero ouvi-la falar e quero bebê-la com os meus olhos. Tocá-la mexe bastante comigo, mesmo que tenha sido apenas nos seus pés e mãos. – Diz, e o seu olhar quase felino me observa atentamente.

– Thomas, você é um conquistador, está me caçando, acho que deseja que eu seja mais um nome na sua lista, mais um divertimento. – Afirmo e sorrio.

– Se assim fosse, já teria desistido. Você não facilita muito para mim.

Agora, pelo que andei sabendo, quem tem uma lista de conquistas é você. Estou arriscando muito cortejando uma destruidora de corações. – *O sorriso disfarça a dívida em seus olhos.*

– Esse apelido é uma brincadeira do pessoal do escritório, a Saranão deveria ter lhe contado isso. – *Acredito que ela andou prevenindo-o também .*

– Soube também que tem a fama de possuir um coração de gelo. – Diz e sorri. – Preciso entender com quem estou lidando, Eva. Você, apesar de me dissecar com os olhos, nunca demonstrou real interesse por mim, vive fugindo e acho que a minha semelhança com o seu amigo é que desperta a sua curiosidade. Estou me esforçando para que você me perceba além do que vê. Quero ter uma chance. Acontece que eu sei que não se envolve, você mesma me falou que não tem tempo para amenidades, leia-se relacionamentos. – Ele demonstra toda a sua frustração em lidar comigo.

– E se lhe disser que estou escalando um abismo e que não é tão fácil assim chegar até mim? – Pergunto sem saber se ele entenderá a metáfora.

– Se eu fosse uma pessoa descomplicada, se não tivesse os tais buracos negros na alma, talvez achasse que estar com uma mulher que me diz metaforicamente que está tentando se recuperar de alguma dor profunda fosse uma grande roubada. Mas como esse não é o caso, sou até capaz de descer de rapel e ajudá-la a sair desse tal abismo. – Esse homem inteligente interpreta o que digo e logo depois sorri lindamente.

– Você se arriscaria se eu dissesse que posso dar-lhe uma chance no caso de você prometer não me questionar demais? – *Acho que estou mesmo enlouquecendo. Só um pouquinho ao lado dele, e já me esqueço do que havia decidido.*

– Acredite, estou disposto a me arriscar e prometo que não questionarei você. – Olha bem dentro dos meus olhos e acho que quase posso confiar nele.

– Represento tanto assim para você? – Pergunto com certa dose de ironia.

– Acho que existe a enorme possibilidade de vir a representar. – Responde muito sério.

– Posso me dispor a tapar alguns buracos negros, o que acha? – *O meu senso de justiça me faz mostrar boa vontade também.*

– Acho que você é bem capaz de conseguir. – Olha interessado e atentamente.

– Poderia pedir a conta? Estou cansada.

– Claro. – Responde desapontado.

Acredito que o doutor queria prosseguir com a conversa, mas eu não, temo ser obrigada a revelar mais do que estou preparada para fazer, a minha bagagem emocional é muito pesada e ainda me sinto mais à vontade carregando-a sozinha.

Saímos do restaurante de mãos dadas e me sinto leve. Gosto de estar com ele e começo sutilmente a me soltar. Acho que vou arriscar, entrar no jogo, ver onde começam e terminam as semelhanças, tentar estar com ele apesar de todas as minhas dúvidas, e entender como me comporto a respeito disso.

Chegamos ao meu prédio, ele insiste em subir e me deixar na porta do meu apartamento. Concordo, mas para mim é aí onde se encontra o perigo.

– Aqui estamos, obrigada, adorei o jantar. – Tento manter uma distância segura.

Thomas não fala nada, apenas se aproxima determinado. Perco o ar, o meu coração dispara e fico gelada, ele coloca uma de suas mãos atrás da minha cabeça, a outra na minha cintura, me puxa e me beija.

De repente me encontro perdida neste beijo, um turbilhão de emoções me invade, ele treme, eu tremo e escoro na porta. Thomas é mais alto do que eu, bem mais, elevo-me nas pontas dos pés para beijá-lo melhor e ele me suspende.

A experiência é insuportavelmente deliciosa, não conseguimos parar de nos beijar, é como se as nossas bocas e os nossos corpos se fundissem em um só.

O beijo cessa, ele me olha cheio de desejo e súplica, eu me viro roçando nele, destranco a porta, entro e o meu olhar é um convite para que me acompanhe.

Novamente nos beijamos, a sua língua macia dança dentro da minha boca e a minha língua imita os mesmos movimentos. Estamos nos perdendo um no outro. Quero virá-lo do avesso, mergulhar no verde dos seus olhos e sentir o seu toque em minha pele, em toda ela.

O meu desejo grita, estou quente, inundada e tudo que sei agora é que o quero urgente e dolorosamente.

Esqueço-me das minhas próprias advertências e o conduzo até o quarto, onde nos despimos com rapidez. Thomas tem o corpo esguio e musculoso, é um banquete para os meus olhos.

– Eva, você é ainda mais linda assim nua. – Fala, e acredito que ele diz a

verdade pela maneira que me contempla e pela sua enorme ereção.

– Também estou gostando muito do que vejo. – Falo cheia de expectativa. – Preservativo, doutor? – Pergunto, e reparo a dúvida em seus olhos.

– Não pensei que precisaria. Você tem? – A voz rouca dele me faz arrepiar.

– Céus, não! – Digo e ele se aproxima e fica tão colado em mim que sinto quando estremece.

– Acabo de fazer o meu check-up anual, doutora, e por sorte os exames estão no carro, posso ir buscá-los. – Afasta-se um pouco e o puxo de volta.

– Acho que tenho um, vou procurar. – Digo e percebo que os seus olhos faíscam e relutantemente me descolo dele.

Rapidamente vasculho as gavetas e encontro o preservativo. Que sorte!

Encosto novamente o meu corpo no dele, a pausa que fizemos não nos desmotivou, ele reage e me beija freneticamente e o ar deixa os meus pulmões. Uma energia pungente me transpassa e quero que ele me possua imediatamente.

Observar o quanto o Thomas está completamente teso quando coloca o preservativo me instiga ainda mais, deitado na cama e o espero. O doutor me encara com luxúria, deita sobre mim, se apoia nos cotovelos e beija o meu pescoço, depois o meu ombro, o meu seio e me contorço quando ele lambe e suga o meu mamilo.

– Thomas, quero você e quero agora! – A vontade de senti-lo dentro de mim é brutal.

– Estou adorando o seu cheiro e o seu gosto! – Diz, forçando o pênis na entrada da minha vagina. Elevo os quadris para facilitar a penetração, sinto uma dor gostosa quando ele consegue me invadir e deságua.

– Assim, como é bom sentir você todo. – Quando falo, ele geme alto e isso me excita muito.

– Como você é quentinha e macia. – A voz rouca dele massageia os meus ouvidos, e me arrepio.

Com desespero nos entregamos, os nossos corpos se correspondem como se estivéssemos saudosos um do outro. Ele é doce e másculo, suave e forte, definitivamente sabe o que está fazendo.

– Faça-me gozar, doutor! – Suplico enquanto ele arremete com força e profundamente.

Thomas é sensual, habilidoso e experiente, faz com que eu me sinta plena,

entro em êxtase e o gozo vem das profundezas do meu corpo e dos labirintos da minha alma. Estou enlevada, maravilhada e muito surpresa porque esse homem ressuscitou o meu prazer e conseguiu saciar a minha fome.

Pela primeira vez, sou capaz de sentir as sensações que busquei durante muito tempo e que pensei que nunca encontraria, não posso acreditar que estou flutuando, que o arrebatamento do meu corpo, que pulsa e vibra, é tão grande quanto o do meu coração, que bate esperançoso.

O doutor se aparta e me vira de bruços, coloca um travesseiro debaixo da minha pele, me penetra por trás escorregando o pênis com força para dentro da minha vagina extremamente molhada, que o recebe faminta, e me perco e me encontro diversas vezes enquanto ele arremete impetuosamente.

De maneira inusitada deixo-me conduzir, e neste momento sou inteiramente dele. Estou em brasa, sei que nunca fui tomada assim com tanta paixão, com tanta urgência e com tanta força. Confesso que estou adorando esse modo de ser possuída e de me entregar a esse homem sedutor.

– Vou agora, vai comigo?

Gemo em resposta, e ele acelera as suas investidas.

– Agora! – Grito e quando ele urra sei que gozamos juntos.

A Eva satisfeita, confusa e feliz dorme despreocupadamente abraçada ao homem mais sexy e ardente que já conheceu na vida.

Capítulo IV

Acordo de uma noite sem sonhos e sem pesadelos e percebo que estou descansada e relaxada. Há anos que não durmo tão bem, há dez anos não desperto com um homem ao meu lado. Na verdade, da última vez que passei a noite toda com um, ele tinha exatamente o mesmo rosto perfeito.

Thomas está enroscado em mim, dorme tranquilo, parece um menino. Deslizo a mão pelo seu rosto, ele acorda devagar, me olha, sorri, fecha os olhos e torna a abri-los.

– Pensei que estava sonhando, mas você está realmente aqui comigo. – Diz com a voz rouca, baixa e muito sexy.

– Pelo jeito que me segura eu não conseguiria sair. – Falo, e sorrio.

– Eva... Não quero deixá-la sair, você é deliciosa. Há muito tempo não durmo tão bem. Quero você outra vez e agora, por favor. – O olhar sensual dele me provoca.

– Não temos mais preservativo. – Digo aborrecida.

– Tenho aqueles exames, além disso, sempre fiz sexo seguro. – O tom de voz sincero dele me atinge .

– Então, por que abrir uma exceção agora? – Pergunto muito curiosa.

– Porque sinto que com você é diferente. – A franqueza dele me deixa confiante.

– Também sempre fiz sexo seguro e tomo pílula anticoncepcional de uso contínuo. Fique tranquilo. – O meu coração bate acelerado e o desejo me invade, mesmo com essa conversa balde de água fria.

– Nunca disse que não estava tranquilo. Percebi de cara a mulher independente e metódica que você é, mesmo antes de me dizer que se previne e se cuida. – O olhar intenso dele me chama e não quero resistir.

– Então estamos falando de confiança, doutor. Ambos estamos abrindo exceções aqui e se conseguirmos acreditar um no outro, posso dizer que começamos bem. – Digo encarando-o e ele sorri.

E eu, que há tempos não me sinto tão íntima de alguém, beijo aquela boca bem-feita sentindo o cheiro da libido no ar e me entrego outra vez a esse amante divino com muito boa vontade.

Thomas se inclina sobre mim, envolvo as pernas em seus quadris e ele me penetra com tanta suavidade que me sinto acariciada. Os seus movimentos lentos e o seu toque profundo me excitam, e me seguro nos lençóis. Quero mais e mais desse homem.

– Deixe-se levar sem dó, e me leve com você! – Exijo.

Ele atende ao meu pedido e me penetra de maneira tão brusca que me faz gritar, arranho as suas costas e sigo o seu ritmo, gemo enquanto ele entra e sai de mim cada vez mais rápido e mais forte, o seu olhar se perde no meu e eu pego fogo.

– Você me enlouquece! Estou completamente perdido! Eva... – Os olhos verdes dele brilham intensamente e a sua boca pronuncia o meu nome com volúpia.

– Então somos dois! – Urro de prazer sentindo o seu toque profundo e a fantástica fricção do seu pênis no meu clitóris, estremeço e arqueio o meu corpo.

Não posso mais me conter e grito, ele geme e grunhe enquanto o meu líquido escorre por entre as minhas pernas. Sinto o seu jorro quente se derramar dentro de mim, ele urra e o seu corpo se agita, uma sensação de prazer totalmente inexplicável chicoteia as minhas entranhas e o meu orgasmo é tão intenso que me fragmento em milhões de pedaços.

O lindo e maravilhoso doutor deita ao meu lado e me abraça, estremece e suspira inúmeras vezes, ficamos embevecidos, me deleito com cada segundo deste arroubo, e só desperto do meu transe quando ouço a respiração do Thomas no meu ouvido.

– Eva. – Sussurra o meu nome com a sua voz rouca e me faz sorrir.

– Meu Deus! – Exclamo baixinho demonstrando a minha satisfação.

– Pode me chamar de Thomas, você eu deixo. – Ele fala e ri, eu rio também porque gostei da piadinha.

Tomamos banho, e depois preparo o café, estou surpreendentemente faminta.

– O que você fez comigo, Eva? – Thomas pergunta e me sinto o máximo.

– Eu não acredito que você não saiba. – Falo ironicamente e sorrio.

– Agora não sei mais de nada, só sei que queria e quero agradá-la, e muito.

– O seu ar confuso e perdido me faz pensar que mexi com a cabeça dele.

– Para mim a sua atuação foi brilhante, acho que anatomia deve ter sido uma das suas matérias preferidas na universidade. – Falo a verdade em tom de brincadeira, tentando descontraí-lo. Ele ri e se aproxima de mim.

– Fui só instinto e desejo. Poderei mostrar as minhas habilidades em um encontro mais premeditado.

– Uau! Promessas? Se eu puder ajudar. – Falo dengosamente.

– Se você continuar se insinuando, doutora, esse encontro poderá ser agora mesmo.

– E por que não? – *Acho que é melhor não deixar qualquer oportunidade com esse homem incrível e disposto a passar.*

Ficamos perdidos o dia inteiro um nos braços do outro. Quebrei todas as minhas regras e não consigo me importar com isso. No meio da madrugada o celular do Thomas toca, ele atende e o seu semblante muda. Fica sério, compenetrado e ouve com atenção.

– Pode deixar, estarei aí em vinte minutos.

Ele desliga o celular e me olha contrariado.

– Minha linda, emergência. Infelizmente terei que substituir um colega que não está bem, precisarei acompanhar um parto.

– Um parto? – Pergunto curiosa.

– Sim, pediatras sempre acompanham partos. Somos nós que avaliamos o estado do bebê assim que ele nasce. Gosto muito desse momento, quando vejo uma nova vida ser trazida ao mundo, gosto mais ainda quando o bebê é saudável e amado.

– Então você está indo? – Pergunto quase aborrecida.

– Eu não queria ir, mas tenho que.

Nós nos beijamos intensamente, depois o observo se vestir e o acompanho até a porta. Quando ele sai, o apartamento parece estranhamente silencioso e volto a me deitar.

Que raios está acontecendo comigo? Como posso me sentir tão íntima de alguém que mal conheço? Por que este sorrisinho besta não me sai dos lábios?

O meu telefone vibra, recebo uma mensagem do Thomas.

“Deixá-la sozinha nessa cama foi difícil. O seu cheiro está na minha pele. O seu gosto na minha boca. Já estou com saudade.”

Respondo.

“Também já estou com saudade.”

Ele é tão intenso e corajoso, não tem medo de se declarar e de se expor. A sensação de intimidade entre nós é incrível, da minha parte acho que sei o porquê, mas da dele não consigo compreender.

O que eu sei é que ele superou as minhas expectativas, é um amante excepcional, um homem ardente e gostoso que me despertou de uma espécie de entorpecimento profundo.

Estico-me na cama, espreguiço, levanto e tomo um banho demorado. Visto a camisola, tento dormir, e não consigo, me falta algo.

Levanto novamente, bebo um copo de leite morno, leio um pouco do meu Balzac, sinto-me sonolenta, cochilo e sonho com o Nicolas. Ou será que é com o Thomas? Não consigo distinguir e desperto sobressaltada. O que será que significa isso?

Começo a relembrar dos meus momentos com o Thomas e relaxo, a tensão me abandona e durmo outra vez.

Acordo com a luz da manhã iluminando o meu rosto, o sol filtra os seus raios através da cortina porque me esqueci de fechar o *blackout* .

Penso em telefonar para alguma amiga e combinar de irmos ao clube ou quem sabe ao cinema mais tarde. Não quero ficar em casa pensando, sei que as pessoas podem ficar perturbadas assim, tenho vasta experiência nesse assunto.

O que mais me confunde é que no fundo do meu coração sempre achei que o Nicolas e eu iríamos nos reencontrar não sei como, só sei que esse reencontro não pode se dar por intermédio do Thomas. Ele é uma pessoa e o Nicolas era outra, são muitas diferenças, os dois são como a antítese um do outro.

O que será que acontece quando uma pessoa ama muito outra e ela se vai? Será que quem foi esquece, ou espera o reencontro? Será que quem fica e refaz a vida, desiste de quem foi?

Estou começando a achar que os meus pais deveriam ter me dado alguma orientação religiosa. Tenho fé, acredito na força divina e superior que nos move e apenas nisso. Não tenho muitos parâmetros, e as minhas crenças não me consolam muito.

Não sei se acredito nessa história de céu, de além, ou qualquer coisa nessa

linha, mas acho que deve ser em algum lugar assim que reencontrarei o Nicolas, só pode. Em que outro lugar seria? Em outra vida como muitos acreditam? Será que existe esse negócio de reencarnação? Melhor parar de pensar, perguntas sem respostas não são saudáveis e não é justo dispensar um lindo dia de domingo com elucubrações.

O meu celular toca. Atendo.

– Alô.

– Bom dia, minha linda Eva. – A voz suavemente rouca do Thomas é inconfundível.

– Bom dia, doutor.

– Dormiu bem?

– Muito bem. E o parto?

– Foi tranquilo, mais uma menininha linda veio ao mundo.

– Muito bom. – Digo.

– Estava ansioso para o dia de hoje realmente começar. – Diz em tom de confissão.

– O que tem de tão importante hoje, doutor?

– Depende da sua resposta.

– Como assim? – Pergunto interessada.

– Se você disser sim, o dia poderá ser incrível.

– E se eu disser não? – *Não consigo deixar de provocá-lo.*

Percebo que ele se cala e pensa antes de responder a minha pergunta.

– O dia perderá a graça. – Responde baixinho.

– E como poderei saber que resposta dar, se não sei a pergunta?

– Você é muito malvada comigo, doutora.

– Tento não ser. Qual é a pergunta?

– Gostaria de passar o domingo comigo?

– Fazendo o quê? – Provoco novamente, não consigo me controlar.

– O que você quiser. – Responde gentilmente.

Agora sou eu que me calo antes de responder. Tento pesar os prós e os contras, só que a minha resposta sai mais rápido do que gostaria.

– Sim.

– Você quer conhecer o meu apartamento? Posso preparar o seu café.

– Combinado. Mande-me o endereço por mensagem.

- Você demora quanto tempo para chegar?
- Depende de onde você mora. – Falo e gargalho.
- Espertinha. Então vai ser rápido, moramos razoavelmente perto.
- Até já.
- Esperarei ansiosamente. – Ele diz e desligo.

Sem saber que roupa vestir porque desconheço a programação do dia, decido colocar jeans, camiseta, sapatilhas e arremato o visual com um rabo de cavalo.

Thomas reside no bairro Jardim Europa em um prédio *vintage* de três andares e sem elevador. Aperto o interfone, ele atende com a voz alegre e me pede para subir. Segundo andar, dois lances de escada, ainda bem que estou de sapatilhas. Ele me espera sorrindo em pé diante da porta e acho que isso é que é recepção.

Ele conseguiu estar ainda mais bonito vestido de maneira despojada, parece mais jovem usando camiseta e um jeans desbotado. O melhor de tudo é que a camiseta é justa, o jeans também, e não consigo tirar os olhos do corpo dele, só posso mesmo ter muita sorte.

Ficamos frente a frente, e ele me puxa e me beija sem cerimônia, o beijo é molhado, quente, longo e terno, sinto o gosto da pasta de dente e o cheiro de banho tomado. Passo a mão por seus cabelos úmidos e me sinto feliz por ter vindo.

– Entre e fique à vontade, estou terminando de preparar o nosso café da manhã. – Diz assim que conseguimos parar de nos beijar.

Observo que o apartamento dele é bem menor do que o meu e não possui quase mobília. Na sala apenas um sofá, uma mesinha, uma TV de LCD e uma estante que ocupa toda uma parede do chão ao teto e está repleta de livros. Fico boquiaberta.

Enquanto ele está na cozinha examino os seus livros, diversos títulos e autores, a maioria de Medicina, mas também vejo Stendhal, Dostoiévski, Alexandre Dumas, Oscar Wilde, Victor Hugo, Mark Twain, Machado de Assis, Lyá Luft, Jorge Amado, entre outros. Estou impressionada.

Agora sei por que esse homem sabe usar tão bem as palavras, ele deve ler

muito e admiro profundamente as pessoas que gostam de ler.

– O nosso café está pronto. – A voz rouca dele me arrepiou e reparo que está bem ao meu lado.

– O doutor tem um belo acervo.

– Você gosta de ler? – Pergunta interessado .

– Adoro. – Respondo francamente.

– Também gosto muito. Sempre que posso, leio.

– Eu percebi. – Olho para ele e rio. – O seu gosto é bem eclético. – Volto a admirar o seu acervo.

– Sou um homem de fases. Cada fase uma leitura diferente, um autor diferente. – Ele ri.

– Em que fase está agora, doutor? – *O meu interesse é legítimo* .

– Romance. – Ele diz e eu poderia enfartar com o olhar que me dá.

– Bem, não estou vendo muitos romances aqui na sua estante. – Minto.

– É que esta fase é nova. – Sorri e pisca para mim.

– Doutor, você se importaria de tomar café mais tarde?

– Já está na mesa. O que foi?

– É que eu preferia conhecer o seu quarto primeiro. – Sorrio e me insinuo .

Ele se aproxima e me pega no colo, me leva para o quarto e, quando entramos, reparo que a mobília se resume a uma cama *king size* e um armário embutido.

Thomas me coloca sobre a cama e se deita ao meu lado e acho que não existe programa melhor para um domingo ensolarado do que contemplar esse homem bonito. Nós nos despimos lentamente e os nossos olhares se encontram a todo momento. Entrego-me e o recebo com muita urgência, e não sei como cada vez é melhor do que a anterior. O sexo com ele é maravilhoso e, depois de satisfeita, aconchego-me em seu peito e fico sentindo o seu perfume.

Percebo temerosa que gosto de tudo nele, do jeito que me toca, da segurança com que me conduz, da intensidade com que me possui, do seu cheiro, do seu sabor, da sua voz rouca e sensual, do seu corpo rígido, esguio e musculoso e de tantas outras coisas que nem sei como descrever.

– Não sei por que quando estou com você não quero fazer mais nada além de estar com você, doutora.

– Então temos que evitar nos encontrarmos durante a semana, porque nós

dois trabalhamos muito. – Digo com seriedade.

– Só trabalho de segunda a sexta-feira e até às dezenove horas no máximo, depois desse horário sou um homem livre e muito útil. – Expõe a sua rotina e percebe uma tentativa de me encaixar nela.

– E a que horas você se exercita, cuida das suas coisas, lê? – Pergunto curiosa.

– Antes de conhecê-la fazia tudo no final do dia quando saía do consultório. Agora estou pensando em reorganizar a minha agenda.

– Hum, cuidado, doutor. Eu trabalho em excesso, não refaça a sua agenda antes de conhecer a loucura da minha rotina diária. – Alerto.

– O médico aqui sou eu, nunca ouvi falar que rotina de advogado é mais atribulada que a de médico. – Insiste na conversa.

Fico na dúvida se devo dizer o que me vem à mente, se dou algumas pistas de quem sou, em todo caso, acho melhor dizer.

– Atribulo a minha agenda, doutor, me encho de compromissos, viagens, almoços, reuniões, sou uma chefe muito tirana para mim mesma. – Confesso.

Thomas se senta, e escorrego do seu peito, ele me olha preocupado, levanta e veste a cueca *boxer* .

– Vou esquentar aquele café. Você está com fome?

– Sim. – Respondo intrigada.

O doutor emblemático simplesmente vira as costas e sai. Espero um pouco, me visto e vou atrás dele. É a primeira vez que ele age assim comigo.

– Quer que eu sirva você? – Pergunta desviando os olhos dos meus.

– Thomas, você poderia me dizer o que foi que eu disse que o aborreci?

– Nada, minha linda, tudo bem. – Responde sem me convencer.

– Então olha para mim e diz que não foi nada. – Exijo.

– Eva, muitas expectativas, muita frustração.

– Você está frustrado comigo ou acha que me frustrarei com você?

– Pelo amor de Deus, Eva! Eu é que tenho grandes expectativas, mal a conheço e já quero mudar a minha agenda para estar com você. Percebi que não caíbo na sua rotina, você acabou de dizer. Devo ser um sujeito de uso esporádico, não é mesmo?

Sento-me e coloco a minha cabeça entre as mãos, não era essa a mensagem que tentei passar. Ou era? Não me relaciono com ninguém há tanto

tempo que não sei como reagir. O Nicolas e eu não costumávamos brigar, ele me entendia e eu o entendia tão bem que as palavras muitas vezes eram desnecessárias. Estou desnorçada.

Thomas pega as minhas mãos, beija-as e as coloca entre as suas. Levanto o meu rosto e olho para ele, vejo que ainda está chateado, só que mais calmo.

– Thomas, desculpa, não considero você de uso esporádico, tampouco tentei excluí-lo da minha agenda. Quando falei da minha rotina, estava tentando que você entendesse melhor a pessoa que sou.

– Cheirosa, quentinha, macia e inteligente? – Ele tenta descontraír a conversa.

– Obrigada. – Sorrio. – Eu queria demonstrar que tenho a rotina de uma mulher solteira, sem filhos, empreendedora, que não se relaciona com ninguém há tanto tempo que preencheu todas as lacunas da sua vida com o trabalho. O trabalho para mim, ao contrário do que parece, não é um vício, é um remédio.

– Acho que temos muita coisa em comum, Eva.

O meu coração se enche de esperança e a minha cabeça de dúvidas. Será que esse homem conseguirá me trazer realmente de volta à vida? Será que vou parar de fingir que fui adiante e vou seguir adiante de verdade? Será que terei forças para esquecer o que lembro toda vez que olho para ele? Ou será que ele me fará sofrer e, em vez de uma dor, terei que carregar duas com o mesmo rosto?

– Eva, não, por favor.

– Não o quê? – *Será que ele também lê pensamento?*

– Não precisa mudar nada na sua vida por minha causa, não se sacrifique, saberei esperar, se acharmos que vale a pena, encontraremos espaço na vida um do outro, tenho certeza disso.

– Thomas, sabe de uma coisa?

– Nem sonho.

– Podemos começar com este domingo, sou absolutamente sua o dia inteiro e a noite também.

Ele ri e fica descontraído, passa a mão pelo pescoço e desconfio que o consultório dele seja lotado. Levar o filho ao pediatra quando o pediatra é assim, deve ser um prazer. Fico até imaginando uma mãe recomendando-o a outra e ressaltando o quanto ele é absurdamente bonito e fico com uma pontinha de

ciúme.

O nosso domingo é esplendoroso. Tomamos café, ele lê para mim alguns trechos do livro que está lendo no momento e fico encantada, saímos para almoçar, rimos bastante, vamos ao cinema e no fim do dia ele vai comigo para casa e fica.

Acordo com o despertador tocando, olho para o lado e o Thomas não está na cama, espreguiço e o vejo sair do banheiro pronto para ir embora.

– Já vai, doutor?

– Sim, vou passar em casa e trocar de roupa, depois irei para o consultório.

– Tenha um bom dia.

– Você também, minha linda doutora.

Ele me beija ternamente e passa os braços ao redor de mim e o puxo para a cama, não encontro a menor resistência, a disposição dele é admirável e a minha vontade de tê-lo é feroz. Nesta segunda-feira nós dois chegaremos atrasados ao trabalho.

– Bom dia, Eva. Você está linda hoje. Tratamento de beleza de final de semana?

– Não, Patrícia, sexo selvagem. – Digo sorrindo e piscando o olho.

– Se não a conhecesse, até poderia acreditar que isso a afeta. Como você chegou atrasada, coisa rara, devo dizer, terá que correr mais que o habitual hoje.

– Ok – Digo cantarolando.

– Café e bolinho?

– Não, leite com café e pão de queijo.

– Devolva a minha chefe, sua extraterrestre. A Eva foi abduzida. – A Patrícia ri e sai correndo da sala .

Nem bem sai, Patrícia retorna entregando-me uma única rosa e um envelope que previamente já sei de quem são.

– Agora acho que vou acreditar naquela conversa de sexo selvagem. – Diz insolentemente e sai .

A rosa é vermelha, colombiana, e o cartão escrito à mão diz:

“Eva

Você despertou uma parte de mim que pensei não existir e isso me faz ter

esperança.

Nem essa rosa que lhe envio consegue ser tão bela quanto você. Que a sua semana seja tão maravilhosa quanto foram as horas que passei ao seu lado.

Thomas.”

O que eu faço com um homem desses? Esse ser que se revela e se derrete com o meu toque? Como corresponder? Devo corresponder? O que me impede de tentar?

Sei que sou fiel a um sentimento antigo, e não sei como me entregar à expectativa de felicidade sem sentir que traio quem sempre me amou e quem sempre amei. Quem não viveu o que vivi pode me julgar, achando que me escondo da vida e que invento desculpas para não superar. Quem não foi amada como fui, não pode saber o que perdi. Maior que o medo de não ter nunca mais nada parecido ao que tive é tentar e me arrepender.

Vivi até agora de lembranças doces e de momentos únicos de quando eu era especial, de quando eu era o presente e o futuro. Não posso me desfazer dessas lembranças em troca de outras que não sei se valerão a pena.

Acabo me lembrando de um trecho, que me tocou tanto que até decorei, do livro *A Mulher de Trinta Anos*, do autor Honoré de Balzac:

A luta é difícil contra um morto, que não se acha presente para fazer tolices, que nunca desagrada e de quem apenas se veem as boas qualidades. Não será querer destronar a perfeição tentar matar os encantos da memória e as esperanças que sobrevivem a um amante perdido, precisamente porque só despertou desejos, tudo o que o amor tem de mais belo, de mais sedutor? [...]

Eu pego o telefone e resolvo ligar para a minha mãe.

– Alô.

– Mãe?

– Filha?

– Sim. Bom dia.

– Bom dia. Tudo bem?

– Mãe, você ainda se lembra do Nicolas?

– Claro. Por que você está me perguntando isso?

– Como parecia o meu relacionamento com ele?

– Lindo e perfeito. – Ela diz mecanicamente. – Por que isso agora? –

Pergunta ligeiramente desconfiada.

– Porque às vezes acho que só ele poderia amar alguém do jeito que me amou.

– Filha, o Nicolas era maravilhoso, gentil, bonito, educado e tratava você como uma princesa, só que cada pessoa ama do seu jeito. O jeito dele era aquele, suave, terno, doce, e você se acostumou àquela mansidão, àquela certeza de que o amanhã seria igual ao hoje.

– E o que isso significa? – Pergunto sentindo a irritação surgir.

– Que talvez aquilo tudo pudesse perder a graça um dia, que talvez no futuro o mar passasse a ser mais atrativo do que a lagoa. Vocês não tiveram um futuro, vida de adulto, essas coisas que testam a paciência da gente.

– Você está querendo dizer o quê?

– Exatamente o que disse. Que talvez você se cansasse de tanta monotonia e mais para frente desejasse alguém que a arrebatasse, que a fizesse perder o juízo, essas coisas de gente cheia de personalidade igual a você.

– Isso fere, sabia? – Pergunto perplexa.

– Não. Já passou, e jamais saberemos como seria. Sei apenas que foi bom para você, que a perda quase a matou, que deve doer ainda de vez em quando, contudo, tenho certeza de que você tenta superar e que um dia irá conhecer aquele mar do qual lhe falei.

– Obrigada, mãe.

– De nada, filha. Beijo. – Despede-se desconfiada.

Pego o telefone novamente e digito o número da minha secretária.

– Patrícia, descubra, por favor, o endereço do consultório do doutor Thomas Valente, pediatra. Obrigada.

– Depois que descobrir, marco uma consulta para você, neném?

– Muito engraçadinha. Faça o que peço e não me questione. – Dou uma risadinha e desligo .

Reprogramo o meu dia para que as minhas tarefas terminem às dezessete horas.

Passo um dia tenso, sem saber se me joga no mar, conselho da minha mãe, ou se volto a admirar o meu conhecido lago.

Capítulo V

Exatamente às dezenove horas me encontro sentada na sala de espera do consultório do doutor Thomas Valente e tento imaginar quem foi a pessoa que decorou as paredes desse lugar com carneirinhos, grama, árvores e um arco-íris.

A recepcionista me olha desconfiada, pergunta diversas vezes se pode ajudar e só digo que estou esperando por alguém, e estou.

A porta do consultório se abre e o doutor Thomas sai com uma menininha no colo acompanhado de uma jovem mulher, as duas são só sorrisos.

Como ele nem imagina que estou aqui, não nota a minha presença e dá as últimas orientações à compenetrada mãe.

A despedida acontece e ele entrega a garotinha para a mãe. Ela reluta e agarra-se ao pescoço do doutor, e acho que a menininha é bem esperta, tem bom gosto. Rio baixinho, a cena é muito engraçada.

Thomas olha em volta para verificar quem mais o aguarda e se depara com o meu sorriso aberto e o meu olhar lascivo.

Ele não se faz de rogado, caminha diretamente ao meu encontro, levanta-me da poltrona e me dá um beijo escandaloso.

A recepcionista começa a tossir, quase morre engasgada, ainda bem que só ela está aqui, senão eu é que morreria, e de vergonha, mas acredito que o doutor não me daria este beijo de telenovela se os seus pacientes mirins estivessem por aqui.

Saio dos seus braços e percebo que o seu semblante é de surpresa e contentamento.

– Nem em meus melhores sonhos imaginei que a veria aqui.

– Aqui não é o consultório do oftalmologista? Desculpe, estou de saída. – Brinco com ele.

– Espertinha. Deixe-me examiná-la, não posso permitir que venha até aqui à toa. – Brinca comigo também.

Ele me arrasta para o consultório enquanto dispensa a recepcionista perplexa.

– Bem, mocinha, o que a trouxe até aqui?

– O carro. – Respondo com ironia .

– Hoje você está muito bem-humorada, senhorita. – Ele ri e aperta a minha bochecha.

– Na verdade, vim agradecer uma linda rosa e um cartão encantador que recebi hoje.

Thomas me dá um sorriso tão amplo, que posso contemplar os seus maravilhosos dentes.

– Como não recebi qualquer mensagem ou ligação sua, pensei que a rosa tivesse se extraviado.

– Preferi agradecer pessoalmente.

– E como encontrou o meu consultório?

– Segredo profissional.

– Já que foi tão gentil em vir aqui, vou conceder-lhe uma consulta inteiramente grátis.

– Não acha que já sou crescidinha, doutor? – A malícia impregna a minha voz.

– Acho que está do tamanho certo. Agora vou perguntar novamente. Responda direitinho, sem gracinhas, mocinha. O que a trouxe aqui?

– Saudade.

– Então vou examiná-la e você me diz em qual lugar dói mais essa saudade.

– Sim, doutor.

Thomas começa a me examinar, entro na brincadeira e ele escuta o meu coração com o estetoscópio.

– Eva, com quantos homens altos você conversou hoje?

– Não sei. Por quê?

– Porque sou alto e, olhando para você aqui de cima, posso enxergar dentro do seu decote profundo.

– É mesmo? – Tento parecer sedutora.

– É mesmo, e a visão é maravilhosa.

– Devo confessar que antes de vir para cá passei em casa e troquei de roupa.

– Então o seu propósito é me impressionar?

– Claro que não! O meu propósito é seduzi-lo.

Dito isso me levanta, e envolvo a sua cintura com as minhas pernas. Ele me beija, me coloca contra a parede, e sinto o seu membro rijo me pressionar.

Thomas me sustenta com uma mão, a outra enfia debaixo da minha saia. Com um puxão rasga a minha minúscula e delicada calcinha de renda e ofego agarrada a ele, que com desenvoltura abre o zíper da sua calça e se ajusta.

– Não consigo mais ficar perto de você sem sentir vontade de possuí-la. – O olhar dele me hipnotiza.

– A nossa química é perfeita. – Mergulho nos olhos sedutores dele e quase me afogo.

– Quando me encara com esses olhos amarelos de felina perco completamente o juízo. – Ele diz e não acredito que um homem com os olhos deslumbrantes como os dele consiga reparar nos meus.

– Perca o juízo, doutor. – Encaro-o, atijando-o.

Estou absurdamente molhada e excitada, gemo quando ele me penetra e intensifico o aperto das minhas pernas em torno da sua cintura.

Thomas entra e sai de mim me deixando louca. Remexo o quadril seguindo o movimento do seu, a minha vagina lateja e não consigo resistir por muito tempo, as suas estocadas me fazem ir ao delírio e gozo deliciosamente. O meu corpo todo vibra, ele urra e se desmancha, me deixando ainda mais satisfeita.

Demoro a parar de tremer e me contendo no seu abraço enquanto a nossa respiração e os nossos batimentos cardíacos voltam ao normal.

– Eva, eu sabia que por trás da aparência de advogada bem-comportada existia uma mulher devassa. – E passa as pontas dos dedos pelos meus seios.

– Só quando tenho uma boa motivação, doutor. – Sorrio me arrepiando.

– Acho que gosto muito mais do meu consultório agora. – Ele me desce do seu colo, e arrumo a minha roupa .

– Estou feliz em colaborar, doutor.

– Ficarei contente em substituir a calcinha que destrocei e mais contente ainda quando vesti-la para que eu possa tirá-la.

– Tenho inúmeras calcinhas e essa não me fará falta, não precisa me comprar outra, quanto a me despir, saiba que será sempre bem-vindo. – Falo, e algo no seu olhar me indica que não está prestando atenção.

– Estou me sentindo tão cansado. Será que você não quer ir comigo para casa e me colocar para dormir?

– Adoraria, mas tenho uma reunião logo cedo e não acho conveniente aparecer com este decote. Já sei o que ele pode causar. – Observo que ele fica

sério quando falo.

Avisto o banheiro e entro para tentar me recompor e para evitar o desconforto que percebo que causei sem intenção. Demoro-me alguns poucos minutos.

Thomas começa a arrumar a mesa, a guardar objetos nas gavetas e a organizar os seus papéis apenas para disfarçar o seu desapontamento.

Vê-lo flexionar as longas pernas, os braços musculosos e perceber a maneira inconsciente com que coça a nuca quando está nervoso me enche a alma de ternura e agora, neste momento, acho que ele parece um menino que perdeu um gol.

O adorável doutor tem todo o potencial para ser um conquistador. Reparei diversas vezes que as mulheres viram para olhá-lo na rua, ninguém consegue ficar imune a sua presença. Por isso não entendo como um homem assim pode estar se apegando tão rapidamente a mim e como pode parecer às vezes tão carente.

– Esse seu decote deveria ser classificado como armamento pesado. – Diz e quase não ouço a voz dele .

Ele organiza as suas coisas e mantém o olhar baixo. Todos os seus gestos assumem uma irritação indelével.

– Então, como eu dizia, tenho que acordar muito cedo, ler uns apontamentos e me vestir apropriadamente para a reunião de que lhe falei, para isso precisarei estar na minha casa. Se não se importar em ir comigo, colocarei você para dormir na minha cama.

Ao contrário do que imagino, a minha proposta não causa o efeito desejado. Thomas levanta a vista e me observa um tanto aborrecido.

– Não acho que você deva se sentir obrigada a mudar os seus planos por minha causa. Se você tem que ir para casa estudar os seus apontamentos, e se tem um compromisso importante amanhã, a minha presença poderá atrapalhar.

– Doutor, eu faço as minhas escolhas, quero que venha se ainda quiser. Saiba que não costumo dizer o que não quero, se o convidado é porque quero convidá-lo.

Ele caminha até mim, me olha sério, sorri, me abraça e beija o topo da minha cabeça.

– Nunca quero deixá-la, só que tenho medo de, com esse tipo de atitude, afastá-la. É inexplicável o bem que me faz estar com você. – Confessa o que eu pressentia.

– Também me sinto muito bem tendo você na minha vida e não me peça para explicar, porque não conseguirei. – Termino de falar e reparo que ele parece mais feliz.

Saimos do consultório de mãos dadas e nos encaminhamos para o estacionamento. Não sei se ele irá ou não comigo para casa, e essa dúvida me deixa ansiosa. Estou quase certa de que quero muito que ele me acompanhe.

Chegamos ao estacionamento e constato que sou pura tensão. Se ele for comigo, adorarei; porém, se tiver desistido, perderei algum tempo tentando descobrir que espécie de dano me foi causado. Estou tensa de verdade, acho que é por causa daquela mania de gente controladora que detesta perder o comando da situação.

– Irei seguindo você, esta noite serei o seu segurança, doutora.

– Muito bem, doutor, não poderia me sentir mais protegida.

Relaxo, e essa constatação me faz temer os meus sentimentos, porque não gosto de estar tão suscetível com tão pouco tempo de convívio. O que esse doutor está fazendo com o meu equilíbrio?

Dirijo para casa acompanhando o carro do Thomas pelo retrovisor. A distância entre o consultório dele e o meu apartamento não é tão grande, e o trânsito a esta hora está mais calmo. Parece que levamos uma eternidade até o momento em que avisto o meu edifício, acho que essa sensação se deve ao fato de que estou ansiosa, quero logo o Thomas em meus braços, desejo vê-lo sorrir porque, estranhamente, não me sinto bem quando o deixo chateado.

Entro na garagem enquanto ele procura uma vaga no estacionamento, subo e o espero deixando a porta aberta.

– Você não deveria ter deixado a porta aberta. E se chega primeiro do que eu aqui um bandido? – Thomas reclama quando entra.

– Sabia que estava chegando, assim não tenho como temer bandido algum e, não querendo desmerecer o seu poder de super-herói, gostaria de ressaltar que o prédio tem circuito interno de segurança, vigia, e para conseguir entrar na portaria é preciso que o porteiro interfone e o morador autorize a visita.

– Então, o procedimento de segurança necessita de ser reavaliado, porque o porteiro me deixou subir sem pedir a sua autorização.

– Devo informá-lo, doutor, que já deixei o seu nome autorizado na portaria, você é muito bem-vindo aqui no meu apartamento.

Ele fica surpreso, caminha até mim e me abraça apertado. Nós nos beijamos calorosamente, e sei que assim está expressando o quanto gostou de saber que aprecio a sua presença. E eu continuo sem compreender como esse homem pode, em certos momentos, parecer tão seguro de si e, em outros, tão carente.

A noite é muito agradável, pedimos o jantar, jantamos, lavamos a louça, assistimos um pouco de TV abraçadinhos no sofá, leio as minhas anotações para a reunião de amanhã enquanto ele retorna as ligações de algumas mães desesperadas e depois o convido para um banho.

A experiência de tomar banho com o Thomas é indescritível, acho que nunca fui tão bem ensaboada, lavada e massageada assim na vida. O cara é um deus no quesito paparico e, se, em vez de médico, tivesse escolhido cobrar para fazer sexo, a essa altura estaria milionário.

– Ei, doutor, agora sou eu quem mima você. – Sorrio.

Thomas está com a toalha enrolada na cintura e não sei se o envolvo em um gesto de ternura ou se encho de beijos o seu corpo bem definido. Só que olhando para ele, vejo que o nosso banho o deixou sonolento; também pudera, demoramos uma hora debaixo da água morna.

– Ei, doutora. Por que você está sorrindo com cara de sem-vergonha? – Só que fala isso com a cara de mais sem-vergonha ainda.

– Sente-se na cama, falo sério, vou mimá-lo. – Thomas faz o que peço e me olha curioso.

Pego uma toalha de rosto e seco os cabelos dele com muita paciência, depois os penteio com os meus dedos. Passo a mesma toalha por seus ombros, costas e peito, beijo o seu pescoço, a sua orelha, mordisco a sua nuca e sinto-o estremecer e arrepiar. Inclino-me, abro a toalha que envolve a sua cintura, seguro o seu pênis suavemente e movimento a mão para cima e para baixo. Ele se contorce e intensifico o movimento, os seus gemidos me motivam, continuo, ele urra, e o seu sêmen jorra quente e espesso.

Ele cai para trás na cama, pego a toalhinha de rosto e o limpo com muito cuidado, tiro a minha toalha, entro embaixo do lençol e me escoro no travesseiro. Ele se arrasta até mim, deita no meu peito e adormece enquanto mexo em seus cabelos úmidos e sedosos.

Observo atentamente o seu rosto enquanto ele dorme sereno e tranquilo,

esse rosto tão familiar para mim. Por que será que não tenho uns cílios enormes assim? Quanta injustiça há no mundo!

Examino cada vez mais de perto o seu rosto e percebo que ele tem um pequeno sinal preto no cantinho do olho esquerdo, embaixo dos cílios inferiores e essa nova coincidência me abala. O Nicolas tinha o mesmo sinal, no mesmo olho, igualzinho. Deve existir alguma explicação plausível, não tem como duas pessoas serem assim tão parecidas e terem o mesmo sinal no mesmo lugar incomum.

Quando tudo aconteceu não soube ser forte, não tive condições de fazer o reconhecimento do corpo do Nicolas e não consegui olhá-lo inerte dentro de um caixão, não pude. Queria me lembrar dele como era antes, e não como ficou depois do atropelamento. Permaneci dopada o tempo todo, sofrendo e me martirizando.

Olhando para o rosto perfeito do Thomas, devaneio imaginando que o Nicolas não se foi, que tudo não passou de um engano, que ele perdeu a memória e acha que é outra pessoa. Tudo isso é incompreensível para mim.

Dormimos abraçados e acordo sentindo muito calor, os meus cabelos estão grudados às minhas costas, estou suada. Thomas está quente e com o rosto avermelhado. Coloco a mão em sua testa, está fervendo e a sua respiração está irregular. Levanto-me e procuro por um termômetro, encontro e com muita delicadeza meço a sua temperatura, 39°C, está com febre.

Verifico as horas, são cinco e meia da manhã, desligo o alarme do despertador, vasculho a caixa de primeiros socorros e encontro um antitérmico, vou até a cozinha e esquento um pouco de leite.

Faço com que o Thomas beba o leite e o antitérmico, ele quase não percebe, a febre está muito alta.

Envio uma mensagem de texto para a Patrícia informando que estou gripada, mentirinha branca, que a reunião deverá ser realizada por videoconferência e solicito que toda a minha agenda do dia seja cancelada.

Pego o celular do Thomas, não tenho intenção de bisbilhotar, mas acabo bisbilhotando e encontro o telefone da Jane, a sua recepcionista. Ligo e ela atende sobressaltada, informo que o doutor Thomas está com febre e peço que remarque toda a agenda dele.

A minha empregada chega, digo a ela que estará dispensada assim que fizer

uma sopa de legumes, e indico como quero que a prepare.

Dou um jeito no cabelo, coloco um vestidinho básico, tomo café e vou para a frente do computador. Ainda bem que tenho um excelente escritório em casa, fecho a porta para não incomodar o Thomas, entro em contato com a Patrícia, que já organizou tudo que pedi e fazemos a videoconferência. Tento ser breve, termino de conduzir a reunião, me despeço e desligo o computador.

São exatamente onze horas da manhã. Entro no meu quarto nas pontas dos pés, Thomas ainda dorme, está suando, a febre cedeu. Pego uma toalhinha de rosto úmida e passo no seu rosto, ele abre os olhos e pisca, ainda não consegue acordar. Deito-me ao seu lado, durmo também e sonho.

Ando descalça na relva, uso um vestido azul bonito, os meus cabelos estão soltos e balançam ao vento, estou sorrindo feliz, a paisagem é linda e a paz é incrível. Uma suave melodia me envolve e começo a dançar, fecho os olhos e, quando abro, ele está parado bem na minha frente, sorrindo feliz também. Estendo a mão e ele a segura, dançamos juntos, a serenidade nos envolve e só paramos quando a música também para. Os olhos dele encontram os meus e ele fala comigo sem articular palavras, ouço a sua voz na minha cabeça:

– Estou feliz porque você está feliz.

– Nicolas, eu te amo tanto.

– Também te amo muito, Eva. Aprendi aqui que existem muitas maneiras de amar e muitas formas de amor.

– Nicolas, eu quero estar com você.

– Você estará sempre comigo, minha querida.

– Eu não quero esquecer-lo, Nicolas.

– E não precisa, saiba apenas que existem momentos certos para lembrar.

– Não entendo. – Estou confusa.

– Você entenderá. Eu já entendi.

– Me explica, por favor. – Rogo.

– O seu coração fará com que você entenda, confie.

Ele começa a se afastar e imploro:

– Não me deixe, não vá.

– Estou orgulhoso de você, minha doce Eva, e lhe deixo uma parte do que fui.

Ele entra no lago e vai embora, me deixando aturdida.

Desperto sobressaltada, novamente me detenho olhando o rosto sereno do Thomas, o mesmo rosto do Nicolas, só que mais maduro, e sinto vontade de chorar. Ele está tão indefeso ao meu lado, que fica ainda mais parecido com o menino que vi crescer.

Vou até a cozinha e preparo uma bandeja com o prato de sopa, guardanapos, uma colher e um copo de água. Entro no quarto, Thomas está deitado, porém já acordado, e quando me vê senta-se meio confuso e esfrega os olhos.

Coloco a bandeja no colo dele e o vejo sorrir angustiado.

– Boa tarde, Thomas. Está sentindo-se melhor?

– Boa tarde? Perdemos a hora? Atrapalhei a sua reunião importante? – Questiona, e noto que ele está constrangido .

– Meu querido, você teve uma febre alta, dei-lhe um antitérmico e um copo de leite e o deixei descansar bastante. Pedi para a Jane, encontrei o número dela na agenda do seu celular, remarcar os seus pacientes de hoje. Quanto a mim não se preocupe, porque participei da reunião daqui, videoconferência, e já desmarquei os meus compromissos. Tome essa deliciosa sopinha, porque agora a médica aqui sou eu.

– Você não pode imaginar o quanto estou grato e envergonhado. Não queria de maneira alguma ter causado todo esse aborrecimento. Senti que estava cansado, não sabia que teria febre. Obrigado, e desculpa.

– Thomas, será que você não pode simplesmente parar de se desculpar ou de sentir-se constrangido? Tudo o que fiz foi porque quis. Poderia tê-lo medicado e ido trabalhar, mas não fui, quero cuidar de você. É tão difícil assim aceitar um carinho? Um pouco de atenção? Não vou exigir que me retribua, acalme-se.

– Minha linda, ouvir o que você está dizendo é maravilhoso, faria o mesmo por você sem sequer pestanejar, e não me importarei jamais em retribuir qualquer coisa que faça por mim, apenas não sei se sou digno de tanta atenção.

– Thomas, pare de se achar menos do que realmente é, deixe de se autodepreciar. – Digo irritada. – Você é gentil, atencioso, carinhoso e bom, pelo menos comigo. Então nem quero saber desses buracos negros que você diz que tem na alma. Agora coma.

Ele obedece e toma toda a sopa, depois levanta e se banha. Continua um pouco febril, faço com que se deite novamente e nos esbaldamos fazendo

palavras cruzadas.

– Você sabia que nunca, com exceção da minha avó, ninguém cuidou de mim com tanto carinho e boa vontade? – Diz comovido.

– Não sei quanto a sua avó, mas o meu interesse é que esteja recuperado logo, tenho ótimas intenções para com a sua pessoa.

– Doutora, você é insaciável! – Dá uma piscadinha para mim.

– Eu não era, doutor. É o seu tempero que é muito bom. – Pisco de volta.

– Você existe de verdade, ou será que estou sonhando?

– Existo sim, caro doutor, e gostaria de informar que muita gente me acha bem difícil. Na verdade, escolho bem as pessoas a quem quero agradar. São poucas, você tem sorte.

– Estou achando que sou mesmo muito sortudo.

– Dorme aqui comigo hoje de novo? – Pergunto e me surpreendo com o meu tom totalmente carinhoso.

– Só se a doutora não me der alta. – O rosto dele se ilumina com um sorriso aberto.

– Nada de alta para o senhor.

Já não me lembrava mais do quanto é agradável estar com alguém dessa maneira tão leve, do quanto é bom cuidar de alguém. E cuidar desse paciente é fácil, vê-lo melhorar me anima.

– Você está bem melhor e acho que não tem nada sério. É comum que tenha febre? Posso me candidatar a ser sua médica particular.

Thomas se remexe na cama, estica-se, e tenho quase certeza de que deseja mudar de assunto, mas desiste.

– Desde pequeno costume ter febre emocional, a minha avó dizia que sou muito sensível. Só tenho esse tipo de febre quando acontece alguma coisa que me deixa muito abalado.

– Febre emocional? Quem diria? E o que o abalou tanto?

Quase acredito que ele vai levantar da cama e sair correndo por causa do tanto que fica constrangido.

– Prefiro não comentar a respeito.

– Prefiro que comente. Você agora é o meu paciente e preciso anotar essa informação no seu prontuário. – Assumo um tom de brincadeira tentando descontrair o ambiente.

– Não. – E emburra.

– Então está bem, seu direito. Quando quiser saber alguma coisa sobre mim, também irei exercer o mesmo direito e me calar. Ótimo!

– Chantagem, doutora? – Pergunta muito sério.

– Chame de barganha, doutor. – E dou de ombros.

– Tenho receio de contar, e você se sentir responsável. – Ele continua ainda bem sério.

– E daí? Mesmo que a responsabilidade não seja minha, no final quem está cuidando de você sou eu.

– Está bem. – Diz relutante. – Acredito que o que me abalou foi o fato de eu ter mandado uma rosa e um cartão me declarando para você depois dos maravilhosos momentos que passamos juntos, e não receber qualquer agradecimento durante o dia todo.

– Ficou com febre por causa disso? Jura?

– Interpretei o seu silêncio como sinal de desprezo, nunca imaginei que o agradecimento seria feito pessoalmente. Pode parecer bobagem, mas a minha mente passou o dia em ebulição, tive até vontade de tomar um porre, e acho que teria feito isso se não tivesse ido me ver.

– Terminou? – Faço a minha cara mais brava.

– Acho que sim. – Ele me lança um olhar reservado, quase tímido.

– Fico admirada por você ser tão sensível, agora entendo o bilhete, o cartão, as mensagens, os seus livros, as suas palavras e a forma com que me trata. Você é um ser precioso.

– Queria ser realmente isso. – Diz me interrompendo.

– Você é. Sempre que me tratar com carinho, quero que saiba que corresponderei de alguma maneira. Se não gostasse de estar com você, não estaria. Adorei cuidar de você, se alguém me dissesse que um dia eu faria isso por um homem que mal conheço, iria rir. Você me emociona, doutor, me comove, me seduz, me conquista e está me motivando a acelerar a minha escalada rumo à superfície.

– Acho que você me vê da maneira que eu gostaria de ser.

– Não, Thomas. Vejo você da maneira que se mostra para mim.

– Adorei saber que a emociono, comovo, seduzo e que estou motivando-a a sair daquele tal abismo. Entendi bem?

– Super bem. Agora, como sou sua médica de plantão, receito que me beije para curar-se.

O nosso beijo é suave, doce e carinhoso. Uma pergunta surge em minha mente e não me contendo.

– Você foi criado pela sua avó?

– Mais ou menos. – Responde sem muito ânimo.

– Explicação urgente! – *Sou muito curiosa* .

– Ah, não, Eva. Pare de vasculhar as minhas gavetas.

– Sim, doutor. Deixe-me conhecê-lo melhor.

– Doutora, você já me conhece melhor que muita gente.

– Por favor, estou curiosa. – Bato as minhas pestanas sedutoramente.

– A minha avó passou a me criar quando completei dez anos. – Fala dando a impressão de que cospe as palavras.

– Resumiu demais, doutor, por favor, faça um relato mais interessante. – Sorrio carinhosamente.

– Eu não conheci a minha mãe biológica, ela me abandonou quando nasci e o meu pai tentou me criar.

– Continue. – Peço, boquiaberta.

– O meu pai arrumou uma namorada assim que a minha mãe me abandonou, e foi ela quem me registrou e cuidou de mim por quase dois anos. Um dia ela foi embora e esqueceu-se de mim. Depois disso, cada namorada do meu pai foi um pouco a minha mãe, às vezes por um dia, por uma semana, um mês, um ano. – O rosto dele se transforma e percebo a tristeza refletida nele.

– Você tem certeza de que a mulher que o registrou não era realmente a sua mãe? Que o seu pai não inventou que não era só para que você não fosse procurá-la?

– A mulher que me registrou se chamava Laura. Nunca mais a vi na vida, mas tenho certeza de que não era a minha mãe biológica. Tenho fotos dela, a Laura era negra.

– E o seu pai, como é fisicamente?

– Ele é moreno e tem olhos castanhos. A minha aparência só pode ser herança da minha mãe, ela deve ser muito branca e ter os olhos claros. Além de mim, todo mundo na minha família é mais moreno e de olhos escuros. A minha avó paterna era uma nordestina típica.

– Caramba! Então a sua mãe biológica deve ser alemã. – Falo sem pensar.

– Não tenho a menor ideia. – Desconversa, visivelmente aborrecido.

– Doutor, nem adianta se irritar porque quero saber um pouco mais sobre você.

– Que bom, porque também sou um homem curioso, você será a próxima. – Posso perceber o tom de desafio na voz dele.

– E onde entra a sua avó na história?

– O meu pai ficou doente de tanto beber, ferrou com o fígado dele. Algum anjo avisou a minha avó, que morava em outro Estado, e ela foi me buscar, mas o meu pai não deixou que eu fosse com ela. Eu tinha dez anos na época, então ela se mudou para a minha cidade, cuidou do meu pai e de mim e com toda certeza me salvou.

– Meu querido, não disse que você me comove? – Começo a chorar.

– Eva, não faz assim, não quero que tenha pena de mim, por favor. – Lamenta.

– Não estou chorando por pena, seu bobo. Estou chorando porque o admiro ainda mais. A sua história é de superação, a sua avó deve ter tido muito orgulho de você, meu querido.

– Tinha sim. – A voz dele embarga. – Quer dizer que sou o seu querido? – Pergunta mudando de assunto.

– Muito querido. – Respondo carinhosamente.

E nos envolvemos um no abraço do outro. O valor desse homem aumenta diante dos meus olhos, ele superou as adversidades e acho que é uma pessoa ainda melhor do que deixa transparecer. Agora começo a entender a razão da sua carência e do seu aparente temor à rejeição.

O meu subconsciente grita advertindo-me que sou advogada, e não psicóloga. E volto a me inebriar com o cheiro e com o toque da pele do Thomas na minha.

– Eva, agora é a sua vez.

– Manda ver. – Preparo-me e me armo de coragem.

– Fale-me dos seus pais.

– O meu pai é um advogado filho de italianos, como você já sabe, e a minha mãe sempre foi dona de casa. Amo os dois e tenho me aproximado mais deles ao longo dos anos. Eles ainda estão casados e agora ficam mais no interior do que

aqui na capital, já que a única filha deles, no caso eu, assumiu brilhantemente os negócios da família.

– Por que eles não tiveram mais filhos?

– Depois que me teve, a minha mãe sofreu quatro abortos em diferentes estágios da gestação. Nem os melhores especialistas resolveram o problema. Então, após muitas expectativas frustradas, os meus pais decidiram concentrar a atenção deles na única filha e mimá-la terrivelmente.

– Bem que percebi que você é uma menina mimada. – Thomas abre o seu melhor sorriso .

– Doutor, disse que eles decidiram mimar-me e não que concordei. Nunca aceitei o papel de bonequinha de luxo, tanto é que há algum tempo tenho “matado um leão por dia” para provar que sou digna da minha herança.

– Quer dizer que você teve uma infância bem normal, com viagens, festas de aniversário e presentes de natal?

– Exatamente.

– Então me esclareça, como é que você conseguiu cair no tal abismo que tanto escala? – *Oh, oh, perigo à vista.*

– Porque perdi muitas coisas das quais não gostaria de ter aberto mão. Os anos de felicidade tiveram um preço alto a pagar.

– Abra as suas gavetas, doutora! – Exige. Agora o impiedoso é ele.

– Amei demais, entreguei-me de corpo e alma a um relacionamento que considerava perfeito, fui extremamente feliz, fiquei noiva e o meu noivo me deixou. Tudo começou por aí.

– Desculpa, Eva, eu não imaginava... Quer mudar de assunto? – Pergunta constrangido.

– Quero. Ainda não estou preparada para falar sobre isso com você. Prometo que quando estiver pronta conversaremos a respeito.

– Só me responde outra coisa. Já faz muito tempo?

– Muito tempo mesmo. Eu era outro tipo de pessoa, tinha outro tipo de vida e outro tipo de sonhos.

– Então foi esse cara quem a jogou no abismo?

– Foi o contexto, a situação em si, e não ele.

– E eu sou o homem que está motivando você a escalar mais depressa o abismo e ainda por cima está derretendo o gelo do seu coração?

– Thomas, como uma pessoa que estava com a temperatura corporal de 39°C não seria capaz de derreter qualquer coisa que ela quisesse? – Pergunto em tom de brincadeira.

Ele dá uma gargalhada alta, me olha de cima a baixo, sinto o meu corpo acender, e começo a ter ideias com o meu paciente convalescente enquanto ele me encara.

– Eva, você é uma pessoa muito espirituosa. A sua capacidade de ter sempre uma boa resposta na ponta da língua é fascinante. O seu raciocínio é rápido e a sua inteligência é fora do comum.

– Thomas, você se esqueceu de listar as minhas qualidades como médica, acho que estou fazendo um bom trabalho, porque você nem teve mais febre.

– Verdade. Você é multifuncional!

– Quero fazer-lhe um convite.

A intimidade que nos envolve me faz ter coragem de colocar um plano em ação.

– E quero aceitá-lo.

– Só que você terá que manter a mente aberta e a sua agenda livre de sexta-feira depois do almoço até segunda-feira de manhã cedo.

– Alguém me disse que precisamos trabalhar. Eu pelo menos preciso. – Um sorriso deslumbrante invade o rosto dele, e começo a me animar.

– Você me disse que não trabalha nos fins de semana, então teoricamente só estou pedindo uma metade de sexta-feira e um pedacinho de segunda-feira. – Faço beicinho.

– É que eu é que ia fazer-lhe uma proposta para o final de semana. Demorei demais, não foi? – Faz cara de cachorrinho sem dono.

– Sabe o que é, doutor? Além do fato de ter feito a proposta primeiro, não posso perder o hábito de estar sempre lhe fazendo um convite.

– E não quero de maneira alguma perder o hábito de estar sempre aceitando.

Pulo no pescoço dele e dou um gritinho de felicidade. Estou alegre como uma garotinha de cinco anos que acaba de ganhar uma boneca Barbie.

– A única coisa que me preocupa é o fato de você ter dito que preciso manter a minha mente aberta. O que você está tramando?

– Nada demais, prometo que você vai gostar. – Digo esperançosa.

– Agora, como não pude trabalhar hoje, e para não complicar mais ainda a vida dos meus pacientes, precisarei trabalhar amanhã e quinta-feira pelo menos até as vinte e uma horas. Na sexta-feira trabalharei até às quatorze horas. Depois disso serei todo seu.

– A sua vida vai ficar bem atribulada, doutor. Será que mereço tamanho sacrifício?

– De bom grado faço qualquer coisa que me peça, contudo, nesse caso, estou agindo como um homem egoísta, porque estou pensando mais em mim do que em você, e no quanto poderei desfrutar da sua companhia durante um final de semana inteirinho.

Ele me abraça e começa a falar elogios no meu ouvido, roça os lábios na minha orelha enquanto aperta a minha coxa e começo a achar que ele já está praticamente curado, pronto para as atividades que praticamos tão bem juntos.

Capítulo VI

– Bom dia, Patrícia. – Cantarolo animadamente.

– Bom dia, Eva! Não sabe o quanto é bom vê-la recuperar-se tão rapidamente. – *A ironia paira no ar* .

– Não precisa se preocupar porque já tomei café da manhã. – Cantarolo mais uma vez.

– A sua alegria, além de inusitada, é quase irritante. – Ela me observa.

– Agenda de hoje, por favor.

– Está na sua mesa, um dia repleto de atividades e mais atividades, do jeitinho que você gosta.

– Ah, não! Pensei em ir ao shopping comprar biquínis novos. – Reclamo.

– Eva, você só pode estar de brincadeira.

– Claro que não. Cancele o meu almoço com não sei quem e se programe para almoçar comigo e me ajudar a escolher biquínis. Às quinze horas estaremos de volta.

– Então vou pedir à Susana para subir e ficar atendendo o telefone até o nosso retorno dessa orgia de compras. Tudo bem?

– Bem pensado, Patrícia. Faça como achar melhor. Estarei muito ocupada pensando nas minhas futuras compras. – Sorrio feliz da vida.

– Se precisar de mim, estarei lá fora absolutamente surpresa.

O telefone toca e vejo que é a Patrícia.

– Oi, Patrícia. Está menos surpresa?

– Na verdade, não. Um buquê de rosas vermelhas acaba de chegar para você, vou levá-lo até aí para que o admire.

Arregalo os olhos quando a Patrícia entra na sala carregando o enorme buquê de rosas colombianas vermelhas.

– São lindas! Digo sabendo de quem são. Coloque-as em um jarro, por favor, Patrícia.

– Já sei, devo colocá-las em um jarro e depois levá-las para enfeitar a recepção, como de costume.

– Coloque-as no jarro e traga-as para que enfeitem a minha sala. – A minha

voz delata a alegria que toma conta de mim.

– Você está agindo de modo muito incomum ultimamente. Até imagino o que seja, ou melhor, quem seja. – A Patrícia me olha totalmente desconfiada.

– Licença, que eu quero ler o meu cartão em paz. Tchau, Patrícia.

E a Patrícia sai para colocar as rosas no jarro e me deixa embevecida lendo o meu cartão.

“Eva,

você é a melhor médica que conheço.

Estou me sentindo saudável e feliz.

Já estou com saudade. Obrigado.

Thomas.”

Envio o mais rápido possível uma mensagem de agradecimento via celular, não quero que ele fique doente outra vez por minha causa, além do fato de ter adorado as rosas e mais ainda o cartão.

“Você é muito galante. Adorei as rosas e amei o cartão. Saudade.”

A Patrícia coloca a cabeça na porta da sala, está curiosa, anseia por alguma informação e faço um gesto com a mão para que ela se vá. Intimamente eu rio.

Olho para os papéis sobre a minha mesa e me sinto agradecida, adoro o meu trabalho e devo a ele o êxito da minha quase recuperação. Penso como vida em como foi importante a transformação simultânea que ocorreu por aqui e comigo.

O meu pai sempre foi um homem muito formal, geria o escritório com mão de ferro. Apesar de logo após ter se casado com a minha mãe ter perdido os seus pais e o único irmão mais novo e ainda solteiro em um acidente de carro, herdando assim todos os bens da família, sempre manteve tudo funcionando exatamente igual o meu avô fazia.

Pensar no que aconteceu com os meus avós e tio me faz crer que a minha família flerta com as tragédias.

Desde que cheguei aqui muita coisa mudou, o meu pai estava tão empenhado em me ver interessada em algo, tão preocupado com a minha recuperação que não se opôs a qualquer mudança. Apoiou-me das menores às maiores intervenções, e acredito que rezou todos os dias, sem que eu soubesse, claro, para que eu não falisse o nosso negócio de família.

No começo foi bem difícil, eu ainda sofria muito, dividia o meu tempo entre o escritório e o psicólogo, e a confiança do meu pai na minha capacidade me ajudou a ter forças para reagir e para traçar outro caminho, tanto para a nossa empresa quanto para mim.

Então, onde imperava a formalidade, impetrei um tom mais informal, mais amistoso. Deleguei tarefas, dividi o poder, até por temer não estar aqui na semana seguinte, considereei que o estilo de administração compartilhada seria o mais seguro. Ainda hoje dou a palavra final em muitos assuntos, geralmente, os mais importantes, nos outros, nosso conselho, que criei e implantei, reúne-se e decide conforme as regras que estipulamos. Ser diretora-presidente toma muito mais o meu tempo hoje do que ser advogada.

Nos últimos oito anos, ampliei a nossa área de atuação, e a nossa cartela de clientes cresceu consideravelmente. Passamos de um escritório de advocacia bem-sucedido a uma empresa de renome e destaque. O nosso patrimônio aumentou, e o meu pai pôde se dedicar às suas outras paixões: a minha mãe e a fazenda.

Uma tirada de sorte que tive foi ter conhecido a Patrícia, ela era a secretária do psicólogo que me atendeu durante dois anos inteiros. Simpatizei com ela logo de cara e fico pensando em como ela me ajudou a instalar-me por aqui e a me organizar. Sempre soube que ela era uma boa garota, simpática, metódica, um ser humano que transborda empatia e convidá-la para trabalhar comigo, por um salário bem maior e com o assentimento do seu antigo chefe, foi uma grande ideia.

Outra grande aquisição foi a Sara, uma advogada perspicaz e cheia de astúcia, que trabalhava muito e ganhava pouco em um escritório concorrente que cisma em tentar seduzir os nossos clientes. Eu mesma fiz questão de convidá-la e joguei alto, ainda bem, porque, além de ter se tornado uma grande amiga, assumiu com eficiência e habilidade a maior parte dos clientes do meu pai quando ele resolveu se aposentar, pois ambos são advogados criminalistas.

Perdida em meus pensamentos, mal percebo quando a Patrícia entra na sala. Ela coloca o jarro com as rosas sobre a mesa de reunião e me entrega documentos que necessitam da minha assinatura e processos que preciso ler. Mais uma manhã de trabalho pela frente. A segurança da minha rotina se estabelece, e me sinto em casa.

Chego ao meu apartamento quando passa das vinte e uma horas e, tirando o almoço descontraído com a Patrícia e as comprinhas que fiz, o dia foi bem exaustivo.

Depois de tomar um banho e de comer alguma coisa, resolvo navegar um pouco pela internet. Respondo os e-mails de algumas amigas, envio umas piadas novas de advogado para o meu pai, que ele tanto adora, aproveito para fazer umas pesquisas e levo um susto quando o meu celular toca. Olho para o computador e vejo que é quase meia-noite. Tomara que os meus pais estejam bem. Corro para atender.

– Alô. – Falo ansiosa.

– Olá, minha linda, espero não ter acordado você. – Uma voz baixa e rouca diz do outro lado.

– Oi, Thomas. Número de telefone novo? – *A curiosidade é uma qualidade e um defeito em mim.*

– Estou ligando de casa, este é o número daqui, armazene-o, por favor, e sinta-se à vontade para utilizá-lo. – Ouço a risada suave dele.

– Você está bem? – Pergunto curiosa pela ligação tão tarde.

– Sinceramente, não. – Diz manhoso.

– Não me diga que voltou a ter febre.

– Não direi. O meu problema hoje é saudade.

– Tanta saudade que só me liga quando provavelmente não estaria acordada para atendê-lo? – Pergunto com ironia e gargalho baixo.

– Claro que não. Esperei por um momento em que pudéssemos nos falar sem pressa e sem ninguém por perto.

– Homem, se você não é um conquistador inveterado, ninguém mais é! – Novamente dou a minha gargalhada característica e ouço a risada dele em resposta.

– Como foi o seu dia, doutora?

– Daqueles!

– O meu também, só que, apesar de tudo, foi agradável porque pude pensar em você.

– Também pensei em você.

– Coisas boas? – Pergunta deixando a curiosidade na voz transparecer.

- As melhores possíveis.
- Queria que estivesse aqui. – A voz rouca dele está dengosa.
- A recíproca é verdadeira. – *Agora a manhosa sou eu* .
- Espero que essa agenda louca que me impus valha a pena, estou ansioso.
- Calma, doutor. Saberei fazer valer a pena, sou até capaz de apostar que você nem imagina o que faremos.
- Se você apostar, ganhará. Não faço a menor ideia do que está tramando.
- Melhor assim, lindo doutor.
- Lindo?
- Não se faça de bobo, você sabe que é.
- Talvez tenha uma vaga noção. – Ele ri e me derreto.
- Boa noite, doutor, e tenha adoráveis sonhos.
- Obrigado, minha linda, durma bem, estarei pensando em você.
- Também estarei pensando em você. – Desligo.

Acordo me sentindo poderosa, talvez porque tenha dormido maravilhosamente bem, embalada pelo carinhoso telefonema do Thomas.

Nada de roupinha básica hoje, vou investir em uma blusa de seda marfim muito chique e ligeiramente decotada, saia lápis caramelo, sutiã e calcinha de renda marfim e uma sandália de tiras, na cor ouro envelhecido. Capricho nos acessórios, brincos e anel de pérola, relógio de ouro e o meu anel de formatura. Os meus cabelos estão colaborando tanto hoje que os deixo soltos. Aplico uma maquiagem leve e me olho no espelho, pareço elegante e sofisticada, nem muito casual nem muito executiva, acerto no visual e vou trabalhar toda serelepe.

Percebo que estou fazendo sucesso pelos olhares que recebo no elevador. Hoje acordei com vontade de ser admirada.

Encontro com a Sara no corredor.

- Eva, você está diferente hoje.
- É mesmo? Diferente como?
- Está com cara de gato que comeu o canário. – Ri maliciosamente.
- Essa é boa, doutora Sara. Já quer me imputar um crime logo cedo? Sou inocente. – Falo sorrindo.
- Amiga, você pode ser qualquer coisa, menos inocente. – Sorri, manda um

beijo, e sai do meu caminho.

Ela dá meia-volta, lança-me um olhar inquisidor e pergunta:

– Happy hour das meninas hoje. Certo?

– Certíssimo, telefonarei no final do dia para que possamos ir juntas.

– Combinado.

Quase me esqueci do nosso compromisso mensal, hoje é o dia. Nesse encontro, algumas advogadas do escritório, incluindo eu, nos reunimos para colocar a conversa em dia. É sempre muito divertido, e tem sido uma boa terapia ao longo dos anos.

– Bom dia, Pati. – Digo em tom de brincadeira.

– Pati? – Pergunta, incrédula.

– E vai me dizer que esse não é o seu apelido? – Brinco outra vez.

– É, mas você não gosta de apelidos. Lembra?

– Ainda bem que me lembrou, Pati. Poderia me trazer um café forte e amargo, por gentileza? – Incorporo ainda mais a brincadeira.

– Claro, chefe, qualquer coisa para que você volte ao normal. – Sorri revirando os olhos.

– Estou no meu estado normal, Pati. – *Até parece!*

– Por que você está tão bonita hoje? – Indaga enquanto serve o meu café.

– Encontro mensal das advogadas do escritório. – Dou como desculpa um evento do qual nem lembrava, e bebo o meu café quente.

– Você se vestiu assim para se encontrar com um bando de mulheres? Que desperdício!

– Pati, você poderia me deixar trabalhar? – Vou para a minha sala, e ela me segue.

– Não. Estou aguardando para entregar o seu bom dia. – A Patrícia fala e ri.

– O meu bom dia? – Pergunto sem entender do que se trata.

Ela não me responde, sai da sala e retorna com uma rosa colombiana vermelha e uma caixinha. Coloca a rosa sobre a minha mesa, estende a mão e me entrega a caixinha lilás, quadrada, muito delicada e envolta em uma fita dourada.

– Ah. – Diz ela. – Não posso me esquecer do cartão! Aqui está. – Entrega-me o envelope fazendo uma mesura.

Acho graça do jeito que a Patrícia está se comportando.

– Não querendo ser indiscreta, mas já sendo, não sei o que esse Thomas quer de você, mas convenhamos, ele sabe ser persuasivo. Se fosse comigo também estaria assim nas nuvens. Os cavalheiros são raros nos dias de hoje. Agora vou deixá-la aproveitar o seu momento bom dia. – Pisca o olho e sai sorrindo.

O meu momento bom dia? Agora foi criado um hábito?

Leio o cartão primeiro e admiro mais uma vez a linda caligrafia do Thomas.

“Eva,

a palavra diamante é derivada de uma palavra grega, que significa inconquistável. O diamante é o mais duro material de ocorrência natural que se conhece, no entanto, é muito frágil.

A joia que recebe é um símbolo, quero que a carregue para que saiba que apenas você conquistou o meu coração e é a única que pode, de verdade, partilo. Não o faça!

Thomas.”

Não consigo conter as lágrimas. Leio e releio o cartão, essas poucas palavras revelam tanta coisa, que me sinto emocionada. Mesmo a ameaça velada que posso traduzir como “estou prevenindo-a para que não parta o meu coração” me toca como um apelo.

Eu também não quero que ele me magoe, também estou arriscando muito: as minhas memórias, o meu lugar seguro no passado e a minha história de amor perfeita com final triste. Deixar o meu posto de heroína romântica é difícil, interpreto este papel há dez anos, mesmo já não tendo plateia.

Abro com muito cuidado a caixinha lilás. Dentro dela tem outra caixinha, de veludo preto, abro-a gentilmente e as lágrimas me alcançam outra vez quando retiro uma delicada corrente de ouro branco, de onde pende um coração de diamante. O ar me falta. Vou até o banheiro e me coloco diante do espelho. Testo a joia sobre o colo, fica perfeita, singela e graciosa, coloco a gargantilha no pescoço e choro mais uma vez.

Demoro um pouco para me recuperar, examino-me no espelho. Preciso retribuir. Como poderei retribuir à altura? Como conseguirei explicar o quanto as palavras me tocaram e o quanto o símbolo presenteado me agrada? Penso e repenso. Nada do que imagino é capaz de se igualar ao gesto do Thomas. Acho

que estamos indo muito rápido com tudo isso, mas não consigo me deter.

Estamos juntos somente há alguns dias, e ele já virou a minha vida de cabeça para baixo. Sei que tenho o poder de diminuir o ritmo, de agir com mais cautela, só que não quero.

O Thomas faz com que me sinta viva novamente, faz o sangue correr pelas minhas veias, e o meu coração disparar.

A razão pede que eu tenha cautela, mas a emoção ordena que me envolva completamente. Agi sob a batuta da razão durante os últimos anos, vivendo entorpecida, incapaz de sentir, e agora todo o meu ser está formigando, cada terminação nervosa minha “urra”, e quero continuar desperta, cada vez mais.

A única coisa que me parece plausível para demonstrar a minha satisfação é falar com o Thomas sobre como me sinto, e envio uma mensagem para o celular dele.

“Assim que estiver menos ocupado e tiver tempo para me ouvir, me telefone.”

Dez minutos depois, o meu telefone toca, reconheço o número, é o Thomas. Tomo fôlego e procuro me acalmar. Atendo.

– Alô.

– Eva?

– Oi, Thomas.

– Aconteceu alguma coisa? – Ele parece preocupado.

– Aconteceu, e gostaria que me ouvisse primeiro e só depois falasse.

– Estou ficando preocupado. – A voz dele soa tensa.

– Estou tentando me controlar, por favor. Quero que me ouça. Pode ser?

– Pode.

– Recebi a rosa, o cartão e o presente. Neste exato momento estou usando a gargantilha com o símbolo que representa o seu coração. Já reli o seu cartão algumas vezes e em todas eu choro. Pensei em várias maneiras de retribuir o gesto e todas me pareceram pequenas.

Tomou fôlego e tento segurar a emoção.

– Então, quero apenas lhe dizer que não partirei o seu coração, e isso é uma promessa. Você é o bálsamo que tem curado as minhas feridas, quero dar-lhe o que nunca teve, quero oferecer-lhe o melhor de mim. Obrigada. Pronto,

Thomas, agora pode falar.

Silêncio. Ouço apenas a respiração pesada dele.

– Thomas? Thomas, você está chorando?

– Estou.

– Por quê?

– Porque essa é a melhor e mais bonita retribuição que você poderia me dar. Porque eu queria que se mostrasse para mim e foi isso o que acabou de fazer. Eu a quero sem reservas, sem receios e a quero toda, e acabo de perceber que você é capaz de se entregar. Obrigado.

– Agora, meu querido, preciso deixá-lo trabalhar. – Digo emocionada.

– Acabo de ganhar o dia. – A voz rouca está embargada.

– Bom trabalho, querido.

– Bom trabalho, minha linda. – Diz e desliga.

O presente e as palavras, escritas e faladas, do Thomas me deixaram muito feliz, quase aérea.

Para compensar a minha baixa produtividade pela manhã, porque não consegui me concentrar em mais nada, almoço no escritório. Apenas um sanduíche natural e um mate gelado.

A minha tarde, sim, é altamente compensadora. Adianto um monte de trabalho e organizo todo o material necessário para a minha visita a um importante cliente na próxima semana.

No final do dia, a Sara e eu seguimos para o nosso compromisso. Acho que toda mulher precisa, pelo menos de vez em quando, de reunir-se com as amigas para poder falar sobre os seus problemas, as suas conquistas, jogar conversa fora ou simplesmente ouvir as amigas e relaxar, é uma espécie de terapia de grupo que para mim faz muito bem.

Enquanto dirijo, a Sara me observa. Sinto que ela quer fazer um comentário e se segura, fica nesse vai e vem infinitamente, até que toma coragem e despeja o comentário.

– Sei que você é uma pessoa discreta, que não é muito de se expor, acabo descobrindo sobre a sua vida mais por bisbilhotice que por confissão. Afinal, quem é que não se interessa pela vida dos outros? Ainda mais quando esse outro é o nosso chefe? As pessoas falam e a sua fama é conhecida, você não confirma, mas também não nega. Nunca soube de um relacionamento seu que durasse

mais do que dois encontros.

– Sara, deixe de rodeios e diga logo aonde você quer chegar. – Interrompo.

– Doutor Thomas Valente.

– E o que é que tem ele? – Começo a me preocupar com a conversa.

– Ele mexe com você, deixa você balançada. Não é? Além disso, você está mais serena, alegre, bonita, espontânea e, se tudo isso não for sintoma de sexo dos bons, realmente devo estar ficando louca.

– Sara, você é a advogada dele, não me sinto à vontade para conversar sobre ele com você. – Tento desviar o rumo da conversa.

– Nem comece, Eva, conheço a sua tática de desviar do assunto. O que é que tem o fato de ele ser meu cliente?

– Sei lá. Acho que pode atrapalhar o seu julgamento sobre ele, influenciar na sua defesa, essas coisas.

– Nada disso. Você está é querendo me deixar em suspense. E eu que achava que você confiava em mim.

– Está bem, Sara. Confio em você. Você é uma amiga muito boa, diga-me especificamente o que é que você quer saber.

– Vocês estão juntos? – A voz dela sobe uns dois tons devido à curiosidade.

– Sim, nós estamos juntos e estou adorando a experiência. Ele sempre foi doce e gentil comigo, nunca o vi beber, nunca o vi ser agressivo, apesar de nos conhecermos ainda muito pouco, me sinto segura com ele. Essas são as únicas informações que lhe darei, contente-se, não dê com a língua nos dentes e torça por mim.

– Ah, amiga, estou tão feliz por você. Tomara que aquele doutor continue se comportando direitinho, senão eu mesma irei acabar com ele. – Termina a conversa com um enorme sorriso de satisfação.

Entramos no bar de costume, o Noh Bar, somos as primeiras a chegar. O garçom nos leva para a nossa mesa e escolhemos as bebidas. Como sempre, prefiro um suco gelado e a Sara pede um drink a base de Amarula e maracujá.

Pouco a pouco a nossa mesa vai ficando completa, Olga, Irene e Luiza chegam exatamente nessa ordem. O bate-papo é ameno e divertido, falamos sobre diversos assuntos e os últimos avanços da Medicina Estética são o ponto alto da conversa.

O meu celular vibra e reconheço o número. É o Thomas. Fico na dúvida,

não sei se atendo. Se atender as garotas ficarão prestando atenção na conversa, se não atender ele ficará preocupado. Também não tenho como sair para atender lá fora. Deveria ter avisado a ele do meu encontro com as advogadas. Esqueci. O telefone para de vibrar e envio uma mensagem.

“Assim que puder telefonarei para você, não se preocupe.”

Passa da meia-noite quando chego em casa. Está tarde, acho melhor enviar outra mensagem para o celular do Thomas e deixar para telefonar pela manhã. Faz tanto tempo que estou sozinha, que não sei como devo me comportar em um relacionamento. Envio a mensagem.

“Ficou tarde, liguei pela manhã. Sonhe comigo.”

Assim que envio a mensagem, o meu celular toca, já sei quem é sem nem olhar o número, acho que pisei na bola.

– Alô.

– Tudo bem, Eva?

– Melhor agora. – Gosto mesmo de ouvir a voz dele.

– Estava terrivelmente preocupado. – Suspira .

– Desculpa, me esqueci de avisá-lo do meu compromisso.

– Quanta consideração! Obrigado. – Está irritado.

– Hoje foi o encontro mensal das advogadas do escritório. – Digo tentando não me aborrecer.

– Quer dizer que você foi fofocar com um bando de mulheres? – A voz dele abranda .

– Mais ou menos isso. Por quê?

– Não sei. É que você não me atendeu, disse que ligaria, mas não ligou e demorou tanto para dar notícia, que fiquei preocupado.

– Preocupado?

– Verdade. Se fosse o contrário, como você se sentiria?

– Desculpa, de coração. Terei que aprender a me comportar melhor, não estou acostumada a divulgar o meu itinerário.

– Eu não quero o seu itinerário, só quero que me atenda ou que me avise quando não estiver disponível. – A voz firme com que fala demonstra a sua

irritação .

– Prometo que da próxima vez avisarei. Fique tranquilo porque já estou segura em casa. – Falo gentilmente.

– Boa menina.

– Então, boa noite? – *Estou sonolenta* .

– Boa noite... Durma bem. – A voz dele treme.

– O que foi? – Pergunto notando o melindre.

– É que fiquei bem preocupado. Muito preocupado. Super preocupado.

– Juro que não tive a intenção. Esqueça isso. – Digo dengosa.

– Você sabe que sou um homem protetor, não sabe? – Noto a malícia na voz dele.

– Estou sabendo agora. – Dou uma risadinha.

– O que você teria feito se eu tivesse ido averiguar a situação? – A malícia na voz dele aumenta.

– Como assim? – Pergunto com fingida inocência.

– Se tivesse ido ver se você está bem?

– Mostraria a você o quanto estou bem, muito bem. – Tento parecer insinuante.

– Então abra a porta, pois farei você melhorar ainda mais. – A maravilhosa voz rouca me incendeia .

Saio correndo do quarto, passo voando pela sala e abro a porta, ele está lá olhando para mim, pulo em cima dele e o beijo, nem tento esconder o quanto gosto da surpresa.

Ele entra comigo no colo, cheira o meu pescoço, beija a minha bochecha, aperta-me em seus braços e começa a tremer. Posso sentir o desejo nos envolver e a libido impregnar o ar.

Atiramo-nos um nos braços do outro e a nossa necessidade é satisfeita, primeiro com muita saudade e depois bem devagar. Eu já sei como agradá-lo, como fazer com que ele perca o controle, onde o meu toque o arrebatava. E ele sabe como me enlouquecer, como me satisfazer, como romper todas as minhas barreiras, como quebrar os meus tabus e me transportar para além de mim. Esse homem nasceu para isso.

Deitada na minha cama, esgotada e absurdamente feliz, fixo os olhos nos dele, me perco e me encontro nesse olhar de profundos olhos verdes, e sinto que

o conheço desde sempre. A sensação é boa e ao mesmo tempo dolorida, por mais que tente não consigo ignorar a semelhança. Angustia-me constatar o que não tenho como explicar. Como duas pessoas podem parecer tanto? Tem que existir alguma explicação. Eu não sei se quero, mas tenho que descobrir.

– Acho que você conseguiu deixar essa gargantilha mais bonita. Parece que não é ela que enfeita o seu pescoço, e sim o seu pescoço que a enfeita. – Brinca.

– Ela é linda. – *Sou sincera* .

– E por que você está me olhando com os olhos cheios de dúvida?

– Muito perspicaz, doutor. – Falo e sorrio.

– Você está achando que estamos indo muito rápido?

– Não. Acho que temos maturidade para dançar conforme a música. Já perdi muito tempo, demorei a encontrá-lo. – Sorrio francamente.

– Então a doutora tem que tipo de dúvida?

– Se o que acabamos de fazer foi tão bom para o doutor quanto foi para mim. – Disfarço.

– Para mim foi maravilhoso, indescritível e digno de repetição constante. – Afirma. – Estava morrendo de saudade de você. Como é que você me físgou desse jeito? Eu era um homem difícil, agora nem sei como me definir.

– Eu defino. Você é um homem gostoso.

– Do jeito que você me ataca estou inclinado a concordar. – Dá uma risada contagiante .

– Você estava me esperando no estacionamento? – *Estou curiosa* .

– Não. Estava no hospital e telefonei àquela hora para avisá-la. Um paciente meu foi internado na emergência no fim do dia e fui acompanhá-lo, fiquei com ele a noite toda. Como estava com saudade e preocupado com o seu silêncio, quando saí do hospital vim para cá. Assim que cheguei recebi a sua mensagem, e telefonei.

– E deu sorte de me encontrar. Eu tinha acabado de chegar.

– Tenho tido sorte ultimamente. – Ele sorri.

– E o que o seu paciente tem?

– O pequenino está com pneumonia, mas reagiu bem à medicação. É um bochechudo forte, e tenho certeza de que em menos de uma semana estará em casa fazendo bagunça.

– Você gosta mesmo do que faz, não é?

– Adoro o que faço e adoro crianças.

– Como um sujeito que adora crianças não tem filhos?

– Simples. Porque quero que isso aconteça quando tiver uma companhia que eu ame e que me ame e um lar estável e seguro para oferecer para esse ser. Sou um homem responsável.

Percebo que toquei na ferida, mas a minha curiosidade é maior do que a minha bondade.

– Muitas mulheres passaram pela sua vida, e ninguém fez jus a esse papel?

– Você quer dizer que muitas mulheres passaram pela minha cama. Você sabe que não tive relacionamentos. – Conclui sorrindo.

– De qualquer forma me espanta o fato de não ter acontecido nem sem querer, já que você é um homem muito ativo. – Sorrio ironicamente.

– Sempre me protegi, sempre fiz sexo seguro, já lhe disse isso antes.

– E por que comigo foi diferente? – *Estou muito interessada na resposta* .

– Responda você. – Diz, interessando-se pelo assunto.

– Você também não respondeu. – *Assim essa resposta vai demorar*.

– Então vou responder. É porque com você senti uma sensação instantânea de intimidade e de cumplicidade, é como se você soubesse o que esperar de mim. – Sorri ternamente.

– Também vou responder. É porque desde que o conheci você me transmite confiança.

– Isso quer dizer que podemos praticar bastante e sem preocupações. – Sorri outra vez e me abalo .

– Prescrição médica? – Uso o meu tom de brincadeira.

– Sem dúvida. – Confirma tentando parecer sério.

Capítulo VII

Thomas dorme abraçado a mim e fico pensando qual seria o melhor modo de encaixar o assunto “semelhança absurda” em alguma conversa.

Já percorri de diversas maneiras esse rosto e esse corpo e não tenho a menor dúvida de que ele e o Nicolas se parecem demais.

Talvez se tivesse feito as perguntas ou as afirmações que acho que poderiam esclarecer o fato assim que nos conhecemos teria sido bem mais fácil. Porém, agora que sei o quanto o passado é um assunto complicado para ele, não imagino como tocar no tema.

Terei que descobrir alguma forma de desvendar esse mistério, porque quanto mais olho para ele mais o acho parecido com o Nicolas. Fisicamente falando é claro, porque o comportamento deles é muito diferente.

O que os dois têm em comum, além da aparência física e do fato de terem se interessado por mim, é a maneira carinhosa de ser e de lidar com o outro.

O Nicolas era muito tranquilo, ele supunha que eu sabia que ele me amava e pronto. As demonstrações de afeto eram sutis, baseadas mais na confiança no sentimento do que na demonstração do sentimento. Ele era uma pessoa suave.

O Thomas é ardente, caloroso, faz questão de demonstrar e dizer o que sente, e esforça-se para agradar. Apesar de afirmar que é reservado, comigo sempre foi muito dado, muito disponível e acessível, possui uma personalidade muito mais intensa.

Com este turbilhão de dúvidas e de constatações diversas pego no sono.

Quando o alarme do despertador toca, percebo que o Thomas não está mais ao meu lado e não custo a lembrar de tê-lo ouvido dizer ao meu ouvido que precisava sair mais cedo para poder passar no hospital. Também me lembro do selinho que me deu nos lábios, dormimos muito pouco essa noite.

É duro levantar e me vestir para não me atrasar para o trabalho. Eu poderia, com certeza, ficar na cama esta manhã, contudo não quero mudar demais a minha rotina. As muitas horas de trabalho já foram um precioso remédio que, para não abalar a minha zona de conforto, tenho que manter sempre ao alcance da mão.

Afasto o meu pensamento do passado e me animo ao lembrar que hoje é o dia da surpresa que preparei para o Thomas. Espero que ele consiga liberar-se no horário combinado, já organizei tudo, faltam apenas alguns detalhes e estou me divertindo com a ideia.

Se eu analisar tudo que tem acontecido comigo nos últimos dias, posso ter que chegar à conclusão de que perdi completamente a cabeça, e é até engraçado.

Tento a todo o momento lembrar-me de que só conheço o Thomas há alguns dias, e que a qualquer hora esse pouco tempo de convívio poderá cobrar a sua fatura, que não tenho como prever as suas reações, que não sei do que ele gosta, nem mesmo qual é a sua cor preferida e tudo isso tem um estranho poder sobre mim, porque tanto me atemoriza quanto me excita.

O fato é que o Thomas também está se arriscando bastante, não sabe quase nada sobre mim e mesmo assim se dedicou a me conquistar e, ainda não satisfeito, se jogou nos meus braços sem ter certeza de que iria segurá-lo.

A situação toda é muito peculiar, mas, como “quem está na chuva é para se molhar”, vamos lá, penso me enchendo de coragem.

Envio uma mensagem para o celular do Thomas, tomara que ele tenha espírito aventureiro.

“Bom dia. Não esqueça de que daqui a pouco começará o nosso fim de semana. Por favor, arrume uma valise com algumas roupas informais, incluindo bermudas e camisetas. Quando estiver pronto me avise.”

Quase instantaneamente a resposta chega.

“Ok A curiosidade está me corroendo. Beijo.”

Chego ao escritório vestida de maneira casual, uma calça jeans justa, blusa trespassada de seda estampada, *peeptoos* de saltos médios nos pés e os cabelos presos em um rabo de cavalo.

– Bom dia, Patrícia.

– Bom dia, estranha. – Cumprimenta-me sorrindo.

– Estranha? – Entro na brincadeira.

– Vestida assim você pode ser qualquer pessoa menos a Eva.

– Hoje é sexta-feira, dia de *casual day* . – Sorrio.

– E esse *casual day* foi oficialmente instituído hoje?

– Adivinhou. – Digo animada.

– E esse figurino, por acaso, também combina com os preparativos que pediu que eu fizesse.

– Garota esperta! – Brinco.

Começo a minha manhã de trabalho e me concentro em dar telefonemas, assinar documentos, enviar e responder alguns e-mails e quando me dou conta já está na hora do almoço. Como ainda tenho tempo, resolvo sair e almoçar rapidamente.

Quando saio da minha sala, vejo o Thomas sentado no sofá lendo tranquilamente uma revista. Vejo também que a Patrícia lança olhares de admiração para o belo espécime. Controlo a vontade de rir. Esse frisson que o Thomas causa é muito desconcertante.

– Que visita inesperada! – Interrompo a leitura dele.

– Oi, linda! – Olha para mim de cima a baixo me admirando.

– Oi, lindo! – *Está realmente lindo, todo de branco, o perfeito doutor* .

– Desculpe. – A Patrícia fala embaraçada. – O doutor Thomas me pediu para não a interromper, disse que aguardaria.

– Tudo bem, Patrícia, o doutor Thomas é sempre bem-vindo.

– Já ia ligar avisando que estava aqui fora esperando por você. – Exibe um sorriso divino.

Thomas fica de pé e me aproximo, passo os braços pelo seu pescoço, ele se inclina e me beija suavemente nos lábios diante de uma Patrícia atônita. Rio por dentro, porque estou prevendo a avalanche de perguntas que a Patrícia irá me fazer, sei que ela já estava presumindo muita coisa, porém agora pode ter certeza. Então, para esclarecer a questão de uma vez por todas, fico nas pontas dos pés e intensifico o beijo.

– Que recepção maravilhosa. – Sussurra no meu ouvido quando o nosso beijo cessa.

– Que bom que você conseguiu se liberar mais cedo.

– Dei um jeitinho. – Pisca o olho.

– Já almoçou? Estou faminta.

– Ainda não. Posso convidá-la?

- Convite aceito. – Bato palminhas alegremente.
- Podemos ir?
- Sim, senhor. – Respondo animada.
- Tchau, Patrícia. Foi bom revê-la. – Ele diz educadamente.
- Iguualmente. – Ela parece não acreditar no que acaba de presenciar.

Saímos do escritório de mãos dadas, vários colegas de trabalho me olham com espanto, a cena é inédita e tenho certeza de que serei alvo das fofocas da próxima semana. Nem ligo, estou muito confortável ao lado da figura máscula e encantadora que é o Thomas.

– Gostaria de saber o que você está tramando, estou curioso. – Cruza os braços sobre o peito.

– Estou tramando almoçar. – Faço a minha cara de menina ingênua.

– Passaremos dois dias e meio almoçando? É esse o seu plano? – Ele me abraça apertado .

– Não, engraçadinho. Onde está a sua mala? – Acabo de me lembrar desse detalhe e fico ansiosa.

– Está no meu carro. – Beija o meu pescoço.

– E onde está o seu carro? – Quase perco a concentração me arrepiando.

– No estacionamento. – Avança com os lábios até a minha orelha.

– Para você. – Estendo um cartão de acesso . – É uma credencial que lhe permite estacionar na garagem sempre que vier aqui .

– Isso é o que eu chamo de surpresa. – Levanta o meu queixo e me beija sutilmente.

– A vaga que estou disponibilizando para você é exatamente ao lado da minha. Por que você não vai lá fora e traz o seu carro para garagem? É mais seguro, estarei esperando no meu carro, na minha vaga, que é do ladinho da sua.

– Até já. – E me beija novamente.

Desço até a garagem e espero pelo Thomas ao lado do meu carro, sei que deverá demorar alguns minutos, a garagem é ampla e ele ainda não está familiarizado com a distribuição dos espaços. Estou tão distraída que não percebo que alguém se aproxima.

– Oi, Eva, que bom encontrá-la tão casualmente. – Lança-se em minha direção como um torpedo .

Essa não! Agora não, Alex... E como em um passe de magia o Thomas

estaciona o carro no momento em que o Alex coloca a mão no meu braço e se aproxima para falar comigo. Thomas sai do carro e bate a porta com força, me assusto, mas, no afã de ter me encontrado a sós, o Alex nem presta atenção, droga.

– Estava mesmo querendo vê-la. – Sorri tranquilamente, aproximando-se cada vez mais.

Fico momentaneamente sem fala e o Alex chega mais perto. Antes de qualquer reação minha, vejo o Thomas aproximar-se e levantar o meu colega pelo colarinho.

– O que é isso? Está louco, cara? – O Alex pergunta, extremamente surpreso.

– Calma, Thomas! Coloque o Alex no chão. – Peço perplexa.

O rosto do Thomas é uma máscara de raiva, nunca imaginei vê-lo perder a calma dessa maneira, pelo menos não sóbrio, porque é óbvio que sei que fica agressivo quando bebe.

– Você conhece esse sujeito, Eva? – Indaga um Alex assustado.

– Querido, por favor, solte o Alex. – Quase suplico.

– Tudo bem. – Solta o colarinho e o Alex quase cai. Percebo que o Thomas tenta se controlar.

– Thomas, o Alex é um colega meu, é advogado também e trabalha aqui no escritório. – Tento acalmar os ânimos.

– Só queria entender o motivo da agressão. – O Alex reclama.

– Invasão de espaço. – Thomas diz com raiva.

– Invasão de espaço? – O Alex se afasta.

– É. Você chegou muito perto, se aproximou demais da Eva. – Thomas responde ainda nervoso .

– E por acaso agora você anda com segurança particular, Eva? – *Esse Alex sabe ser chato.*

– Exatamente, Alex, e se nos der licença estamos atrasados para um compromisso. Tchau. – Viro as costas entrando no carro, e o Thomas me acompanha.

– Thomas, pegue a sua valise, por favor. – Tento soar calma.

Ele pensa por alguns segundos, desce e pega a valise no carro dele e coloca no porta-malas do meu carro. Entra novamente e senta ao meu lado muito contrariado.

Manobro e saio com o carro da vaga. Deixamos a garagem em um silêncio sepulcral, não sei se estou irritada com a atitude do Thomas ou se rio da situação, na dúvida fico calada. Eu não consigo me controlar e começo a gargalhar baixinho. Thomas me dirige um olhar gelado, me contendo, mas segundos depois a minha gargalhada explode e não consigo parar de rir.

– Posso saber qual é a graça? – Pergunta visivelmente irritado.

Tento parar de rir e não consigo, quando penso que vou me deter, recomeço.

– A invasão de espaço. – Respondo rindo bastante.

– Eva, o sujeito quase grudou em você. – Argumenta mais irritado ainda.

– Thomas, do jeito que o Alex é nerd, ele deve ter achado que você estava falando de algum filme de ficção científica. – E recomeço a rir.

– Problema dele. – Diz ainda muito irritado.

– Olha só, o Alex é filho de um amigo do meu pai, trabalha na empresa, e só porque os nossos pais são amigos ele se acha íntimo. – Explico tentando acalmá-lo.

– Não estou nem aí para o que ele acha. – Esbraveja, e percebo que o nervosismo dele não passa. – E o quanto ele é realmente íntimo? – Questiona de repente.

– Não entendi a sua pergunta. – *Agora a irritada sou eu.*

– Entendeu sim, apenas responda. – *Ele é nervosinho mesmo .*

– Sabe, estou perdendo a paciência, é sério. – Ameaço.

– Responda à pergunta, Eva. – Trava o maxilar.

– Você vai deixar uma bobeira dessas atrapalhar os nossos planos? – Choramingo.

– A resposta, por favor. – Fecha os punhos sobre as coxas.

– Nunca tive absolutamente nada com ele, nada. Respondi a sua pergunta?

Ele fica calado e vira o rosto para olhar pela janela, o seu corpo está rijo de tensão.

– Thomas, o Alex trabalha para mim. Ninguém nunca lhe disse que “onde se ganha o pão não se come a carne”?

– Eva, você é inacreditável! – Olha-me perplexo e continua emburrado.

Chegamos ao estacionamento do aeroporto, e acho que o Thomas nem percebe onde estamos até descer do carro.

– Eva, o que significa isso? – *Caramba, ainda irritado .*

– Vamos almoçar.

– Estou sem fome no momento. – Fala exaltado.

– Então você pode me olhar comer. – *Sou irônica* .

– Por que estamos aqui? – A dúvida está estampada nos olhos dele.

– Porque planejei passar o final de semana com você, preparei uma surpresa, e estou tentando de coração que você a receba, agora se não puder se acalmar vai ser difícil. O que deu em você?

– Nem eu sei explicar. Desculpa. – A tensão começa a dissipar.

– Você estava com ciúme de mim! – Falo e sorrio.

– Muito ciúme! – Confessa. – Podemos mudar de assunto? – Está visivelmente mais calmo.

– Ok Então enquanto almoçamos, ou eu almoço, explicarei qual é a surpresa.

– Agora já estou até imaginando. – Finalmente sorri.

Escolho uma pequena lanchonete, sentamos, resolvo comer uma salada e tomar um suco. Thomas muda de ideia e me acompanha no pedido. Comemos em relativo silêncio e espero até que ele esteja mais relaxado para comunicar os meus planos.

– Tenho um compromisso de negócios em Fortaleza na segunda-feira. Devo permanecer por lá por aproximadamente uns dois dias.

– E só fico sabendo agora? – Fica atônito.

– Sim, porque planejei que fôssemos para lá hoje, assim passamos o final de semana juntos aproveitando a cidade e a companhia um do outro, e na segunda-feira cedo você retorna e eu fico para cumprir a minha agenda. – *Aceita vai, quero que aceite ir comigo.*

– Quero muito passar o final de semana com você em qualquer lugar que seja. – Ele diz de maneira sensual.

– Que bom! – Bato palminhas.

– Então vamos, precisamos comprar as nossas passagens.

– Estão compradas, organizei tudo com antecedência, você só tem que me acompanhar. – Digo e noto que ele fica surpreso.

– Gostaria de reembolsá-la. – Usa um tom sério.

– Olha para mim, Thomas, olha para o meu pescoço. O que é que você vê?
– Pergunto irritada.

– A gargantilha que lhe dei. – Responde confuso.

– Você pode me dar um coração de diamante e não posso convidá-lo para passar um final de semana comigo? – *Estou consternada* .

– Isso mesmo. – Confirma.

– É machismo seu. Sou uma mulher rica, não tente me impedir de gastar o meu dinheiro. – Levanto-me e saio batendo os pés.

– Eva, volta aqui. – Pede aflito.

– O que é? – Digo sem me virar.

– Você quer brigar? – Pergunta, vindo atrás de mim.

– Eu quero é viajar com você, passar o final de semana junto com você e fazer coisas que não posso dizer em público com você. Entendeu?

– A última parte do seu discurso me convenceu, vai ser do jeito que você planejou, não quero ser estraga-prazer. – Diz em tom conciliador. – Vem aqui, menina brava. – Aproxima-se e me puxa pelo braço.

– Você não acha que é muito mais bravo do que eu? – Deixo-me levar.

– Acho que nós somos dois cabeças-duras. Discutir com você me deixou excitado. – A voz dele fica mais grave.

– Você nem imagina o que estou pretendendo fazer com você ainda hoje. – Insinuo-me.

– É melhor buscarmos as nossas malas e embarcarmos logo nesse avião, porque senão vou agarrá-la aqui mesmo.

Passa os braços pela minha cintura, aproxima-me dele e me beija enquanto estremeço .

Chegamos à Fortaleza um pouco depois das dezoito horas, confesso que não achei o voo cansativo porque dormi o tempo todo com a cabeça no peito do Thomas. Ele também dormiu, pelo que pude perceber. Então, descansados e cheios de ânimo, desembarcamos, tomamos um táxi e vamos diretamente para o hotel.

Ficaremos hospedados no Vaille Beach Hotel, que é um estabelecimento cinco estrelas com lindas suítes e no qual sempre me hospedo quando estou na cidade. Fiz questão de reservar a suíte imperial, espaçosa, com uma cama enorme e uma linda vista para o mar.

– O que você achou da nossa suíte? – *Estou cheia de expectativas* .

– Excelente, só acho que não era necessário tudo isso só para me seduzir. – Sorri maliciosamente. – É só me olhar com essa carinha de devassa que faço o que você quiser. – Aproxima-se me olhando de cima a baixo.

– Sempre engraçadinho, doutor. Você já viu o tamanho da banheira?
– *Gosto de exibir as possibilidades* .

– Eva, eu vou me sentar ali naquela cama e vou olhá-la. Você vai ficar exatamente onde está, e vai se despir para mim sem desviar o olhar do meu. Entendido? – Pergunta e balanço a cabeça lentamente em assentimento.

A minha pele formiga, um calor sobe pelas minhas coxas, e a minha libido vai às alturas.

Fixo o meu olhar no dele e desamarro a blusa lentamente, deixo-a cair no chão, abro o sutiã meia-taça de cetim preto e deixo que ele escorregue bem devagar pelos meus braços. Os olhos do Thomas ardem enquanto me desnudo, as suas pupilas se dilatam. Tiro os sapatos sem precisar me abaixar, abro o zíper da minha calça jeans e mais lentamente ainda vou abaixando-a, e reparo que o corpo do Thomas fica tenso. Puxo as pernas da calça, uma de cada vez, e, com inusitada desenvoltura, livro-me dela, um frenesi me percorre quando abaixo a minha minúscula calcinha e, antes que ela chegue ao chão, ele se lança sobre mim e encosta-me à parede.

Thomas é realmente um amante impetuoso e experiente, me perco em seus braços e me entrego a ele completamente, sou levada a sentir sensações extremamente compensadoras, um orgasmo intenso se apodera de mim e consigo que ele me acompanhe em uma sintonia perfeita.

Tomamos um relaxante banho de banheira, nos ensaboamos, massageamos e novamente nos entregamos à volúpia.

Eu não me canso de admirar o corpo, a boca e os lindos olhos verdes do meu amante maravilhoso e ele me observa como se eu fosse a mulher mais bonita que ele já viu.

– Você sabia que nunca consigo me saciar de você? – Olha-me faminto.

– Ainda bem, meu querido.

– Você é linda, doutora Eva.

– Não tanto quanto você, doutor Thomas. – Digo com sinceridade.

– O seu corpo é divino, você é toda bem-feita.

- Eu me exercito, doutor.
- Percebi. – Ele sorri.
- Da outra forma também. O meu *personal* é um carrasco.
- *Personal* ? Você tem um *personal trainer* ?
- Sim, senhor.
- E como eu nunca soube disso?
- Porque ainda não sabemos muitas coisas um do outro. Além do mais, ele está de férias, então também estou.
- O *personal* ou a *personal* ? – Pergunta, e acho divertido o tom de voz que usa.
- O *personal*, claro.
- Por que claro? – Pergunta parecendo ligeiramente irritado.
- Porque exercício para mim é sinônimo de sofrimento, obrigo-me a fazer, então pelo menos tenho que me sentir estimulada. Uma mulher nunca conseguiria me fazer subir em uma esteira. – Gargalho.
- A senhorita não acha que é muito safadinha?
- Você sabe melhor do que eu que sou bastante safadinha. – Mexo provocantemente no meu cabelo .
- Vamos ter que demitir esse *personal* . – Fala sorrindo e sem o menor sinal da irritação de segundos atrás.
- E como é que vou me manter em forma para você? – Pergunto com ar de inocente .
- Eva, se você continuar me provocando assim, irei pegá-la de novo. – Ameaça.
- Ameaça ou promessa? – Provoco mais.
- As duas coisas. – O olhar dele é de ameaça.
- Só depois que me alimentar, porque estou absolutamente faminta. – O meu estômago dói.
- Podemos pedir aqui no quarto? – Ele me encara esperançoso.
- Você não quer sair e contemplar a cidade?
- Adorarei fazer isso amanhã, hoje quero contemplar você. Além disso, conheço a cidade, estive aqui algumas vezes.
- A passeio? – *Eva, a curiosa.*
- Passeio, congressos... – Responde, e me recordo que esse ser obsceno é

médico.

– Vou pegar o cardápio para que possamos escolher os nossos pratos. Ok?

– Pode pedir qualquer coisa para mim, estou com preguiça de escolher, só não pode ser nada com camarão.

– Você não gosta de camarão? – Um frio sobe pela minha espinha.

– Sou alérgico a camarão, nada muito sério.

– O que acontece se você comer camarão?

– Fico me coçando, é bem desagradável.

Escolho o nosso jantar, evitando qualquer coisa que possa conter camarão. Esse cuidado não é novidade para mim, o Nicolas não podia sequer chegar perto de um pobre camarão que corria o risco de sofrer edema de glote. A alergia dele era bem mais preocupante do que parece ser a do Thomas, e não posso deixar de achar estranha mais uma coincidência. Seria mesmo coincidência? Preciso buscar respostas para as minhas perguntas.

Após o jantar delicioso, recostamos um no outro e aproveitamos o nosso ócio. Considero o momento ideal para começar a minha pequena investigação.

– Thomas, o que você acha de nos conhecermos melhor?

– Melhor ainda? – Sorri brincalhão.

– Quero saber coisas sobre você que é difícil descobrir sem perguntar.

– O que você deseja saber, minha linda?

– Em que cidade você nasceu?

– São Paulo. – Ele responde e ri.

– Qual é o dia do seu aniversário?

– Dia treze de outubro. E o seu? – *O do Nicolas era no dia quinze de setembro* .

– Faço aniversário no dia doze de setembro. – Respondo animada com as possibilidades desta conversa.

Thomas volta a rir e acho que é porque as perguntas são muito básicas para duas pessoas que estão tão íntimas quanto nós. Realmente, a situação é engraçada, mas fazer o quê, se já começamos com o pé no acelerador?

– Qual é exatamente a sua altura e o seu peso? – Pergunto pensando no quanto ele parece proporcional.

– Meço 1,88 m e peso 85 kg.

O Nicolas media 1,84 m de altura e pesava uns 80 kg, me recordo

perfeitamente disso.

- Agora você, doutora. Quero a mesma informação. – Joga-me um beijinho.
- Meço 1,70 m, e peso 56 kg bem distribuídos. – Digo zombeteiramente.
- Você é toda linda .

A voz dele realmente me deixa arrepiada quando fica assim baixa e grave.

- E você tem irmãos? – Arrisco.
 - Não que eu saiba.
 - Nunca lhe disseram que você é muito parecido com alguma outra pessoa?
- *A pergunta do ano* .
- Só você, que me lembre. – Franze o cenho concentrado.

– Qual a sua cor preferida?

– A da roupa que você estiver usando. – Aperta a minha coxa e dá um beliscão, revido, e ele me dá um beijinho.

– Sem cor preferida? – Insisto.

– Gosto muito de azul, de branco, de verde e de vermelho, deixando em aberto as outras opções. E você?

– De verde. – Aponto para os olhos dele e ele beija a ponta do meu dedo.

– O seu pai alguma vez disse para você o nome da sua mãe biológica? – Nem bem termino a frase e ele olha para mim sobressaltado e coça a nuca.

– Nunca. Não sei absolutamente nada sobre ela. Uma vez até contratei um detetive, só que ele não descobriu nem uma pista sequer.

– E por que você contratou um detetive? – A minha curiosidade está se aguçando cada vez mais.

– Isso é um pouco óbvio, não é? Porque era a única opção que ainda restava para eu descobrir alguma coisa sobre a minha mãe. Ninguém nunca me falou dela.

– E esse detetive era bom? – *Desconfio da capacidade do sujeito* .

– Um profissional muito bem recomendado. O caso é que, sem nem um dado além da minha data de nascimento e o nome do meu pai, ele não teve muito com o que trabalhar.

– E a sua avó não sabia nada a respeito da sua mãe? – Insisto no assunto.

– A minha avó nunca conheceu a minha mãe. Ninguém que conheci a conheceu. Só o meu pai, e ele odiava esse assunto.

– E você nunca insistiu para que ele lhe contasse alguma coisa? – Ainda

persevero no assunto.

– Brigamos diversas vezes por causa disso, mas ele nunca me contou nada. Evitava esse tema mais do que qualquer outro.

– E o que o seu pai dizia nas ocasiões em que você exigia respostas? – *Sou muito insistente* .

– Ele só dizia sempre que eu deveria ficar contente por pelo menos ter pai, depois se fechava feito uma ostra e, por mais que eu tentasse, não abria a boca.

– Muito estranho. E você nunca procurou nas coisas dele para ver se descobria alguma coisa?

– Claro que sim, Sherlock, em muitas ocasiões. Só que não encontrei nada. – Os seus olhos ficam mais verdes e mais tristes.

Fico consternada ao imaginar um menino implorando por informações sobre a mãe, tentando descobrir um pouco sobre si mesmo, sentindo a tristeza de não saber por que foi abandonado. E pior do que isso, sendo habitualmente abandonado cada vez que uma namorada deixava o seu pai. Não é de espantar o fato de ele não ter tido relacionamentos estáveis, parece uma espécie de trauma. O mais interessante é ele se relacionar tão bem comigo, acho que nos encontramos para que juntos possamos curar as nossas mazelas.

– Por ora acabei com as perguntas, querido. Deixe-me colocá-lo para dormir porque já vi que está ficando com soninho.

Ele me olha agradecido, beija-me voluptuosamente e me esqueço até de onde estou.

Após uma sessão de troca de carinhos e da tentativa de assistir à metade de um filme na TV, estamos completamente esgotados, nos abraçamos e dormimos de conchinha.

Dormi um sono pesado, estava fisicamente esgotada, com a minha libido inteiramente satisfeita e totalmente relaxada, acho até que nem sonhei.

Abro os olhos, viro a cabeça e percebo que o Thomas está apoiado sobre o cotovelo e me observava dormir. O seu olhar transborda de ternura e me sinto embalada pelo seu sorriso.

Acho que não sou só eu que babo por aqui, ele também está encantado comigo, sinto-me poderosa sendo admirada por um homem tão maravilhoso, bonito por dentro e por fora. O meu coração se enche de esperança mais uma vez, ninguém que não esteja muito interessado observa outra pessoa dormir com

tanta veneração.

– Admirando-me, doutor? – Pergunto me espreguiçando e esfregando propositalmente as nádegas em sua pelve já que ainda estamos na posição de conchinha.

– Precisamente, minha bela doutora, porque nunca me canso de olhá-la.

– Dormimos a noite toda sem mudar de posição? – *Estou interessada* .

– Sim. Você dorme igual a uma gatinha. – Ele fala e reparo que tem segundas intenções, o seu corpo reage a nossa proximidade e o calor invade as minhas entranhas.

A mão dele percorre a lateral do meu corpo, o toque na minha pele provoca reações instantâneas, colo-me ainda mais ao seu corpo. Ele levanta a minha camisola, me acaricia e me penetra, encaixamos com facilidade, ele está quente, o seu cheiro é inebriante, conduz a sua mão para minha pelve e a faço escorregar, direciono os seus dedos até o meu clitóris, indico o movimento, e a suave fricção me faz inundar. Enquanto arqueio para trás ele se projeta para frente penetrando mais fundo, entramos em um ritmo frenético, os seus dedos ficam mais ágeis, gozo rapidamente explodindo em milhões de sensações enquanto o Thomas se derrete dentro de mim.

– Estou pronto para começar o dia depois da nossa rapidinha. – Diz baixinho em meu ouvido.

– Eu também. – Ronrono . – Vamos descer para tomar café? – Pergunto preguiçosamente.

– Vamos, assim que as minhas pernas pararem de tremer. – Diz e roça a boca em meu pescoço.

Capítulo VIII

Nós nos arrumamos com calma, sem pressa, aproveitando todos os pequenos momentos de intimidade. Visto um pequeno biquíni estampado, coloco uma saída de praia longa, branca, prendo os cabelos embaixo do chapéu de palha e calço chinelos de *strass*. Olho no espelho e me acho bonita, avisto a minha bela e significativa gargantilha, e o meu coração se entenece.

– Você está deliciosa. – Assobia.

– Você é suspeito para falar.

– Se soubesse que viríamos para a praia, teria trazido uma sunga. – Ele ri. – Comprarei alguma coisa lá na loja do hall. – Diz conformado.

Coloco a mão dentro da bolsa de palha, retiro uma sunga preta, larga e decididamente do tamanho certo e entrego para ele.

– Já previa isso. – Sorrio.

– Sempre soube que você presta atenção aos detalhes. – Fala, recebendo a sunga das minhas mãos.

– Quando comprei as sungas que trouxe para você, doutor, não estava exatamente pensando em detalhes. – Pisco o olho flertando com ele.

Thomas ri e se encaminha ao banheiro para colocar a sunga.

– Serviu perfeitamente. – Sai do banheiro e me mostra como ficou.

– Viu? Prestei bastante atenção ao seu tamanho e essa sunga foi feita para deixar um homem “grande”, como você, confortável. – Dirijo o meu olhar para um ponto específico do seu corpo.

– Doutora, você examinou muito bem as minhas “partes” e “estamos” muito confortáveis. – Abraça-me, roçando as tais partes em mim.

Thomas termina de se vestir e saímos abraçados e felizes em busca do nosso café da manhã.

O restaurante do hotel é muito bem decorado, as mesas e cadeiras de ratã compõem, juntamente com as almofadas suavemente estampadas, um ambiente elegante e alegre. Sempre que venho aqui me encanto também com as grandes portas de vidro que ficam ao fundo e exibem a vista da praia.

O café da manhã é farto, comemos e bebemos com muito apetite as

delícias regionais e conversamos sobre os locais de que mais gostamos na cidade. O dia está perfeito, o sol não está muito forte e a temperatura está agradável.

O hotel tem uma barraca na praia e, depois do café da manhã, vamos até lá e nos deitamos nas espreguiçadeiras onde podemos tomar sol enquanto somos servidos pelo pessoal da equipe do hotel.

A pele clara do Thomas necessita de muita proteção solar, e me divirto besuntando-o com filtro de FPS 40. Ele, por sua vez, passa bronzeador em mim, sou consciente de que não devo exagerar na minha exposição ao sol, mas gosto da tonalidade que a minha pele adquire quando me bronzeio.

Thomas resolve tomar um banho de mar e recuso o convite temporariamente, o calor do sol relaxa os meus músculos e me energiza, entrego-me à lassidão e fico observando várias cabeças virarem e acompanharem o lindo doutor se encaminhar para o mar.

Não posso evitar um sorriso, esse deus grego me deseja e ostento um orgulho possessivo quando estou com ele. Podem olhar, porém só quem pode tocar sou eu.

Duvido que ele tenha consciência plena do quanto se movimenta com elegância, charme e masculinidade. Todos os seus gestos são sensuais e me embebeço com essa visão. Ele me procura ao longe por diversas vezes e aceno indicando a minha posse para a plateia.

Relembro a conversa que tive com a minha mãe e ela tem razão, “o mar” está me parecendo bem mais atrativo agora.

Uma sombra encobre o sol, ergo os olhos e me surpreendo. Parada na minha frente está uma figura que reconheço e que, neste momento, é mais que inconveniente. Estremeço só de pensar que posso estar em apuros.

– Bom dia, Eva. Você está estonteante sob o sol. – Sorri timidamente enquanto o seu olhar percorre o meu corpo.

Sento-me na espreguiçadeira e tento enxergar além do meu “expectador”, não consigo, e me exalto.

– Bom dia, Marco, o que faz por aqui? – Examino o homem bonito e discreto que me encara satisfeito.

– Liguei para o seu escritório ontem para saber se poderia buscá-la quando chegasse à cidade na segunda-feira, mas a Patrícia, evasivamente, deixou

escapar que você já tinha vindo para cá.

– Vim mais cedo para aproveitar o final de semana. Como me encontrou?
– *Estou um tanto receosa com esta conversa, procuro, mas não consigo localizar o Thomas no mar.*

– Você sempre se hospeda aqui, então imaginei que desta vez não seria diferente. Antes de ir à recepção, resolvi procurar por você na praia e dei sorte. – Ele diz e discordo, acho que não sabe o azar que teve.

– A minha equipe de trabalho chegará segunda-feira. – Mudo de assunto.

– Não sei por que você continua me ignorando. Gostaria que me desse uma chance de fazê-la feliz, de fazer com que você se importe. Não acredito nessa sua frieza. – O olhar dele se enche de expectativa.

– Marco, foi só uma vez, faz tanto tempo, deixei bem claro para você que não estava disponível, pensei que tivesse entendido. – A minha voz soa sem emoção.

– Ainda tenho esperança. Sempre que você vem, não consigo relaxar, não importa que tenha me descartado, não posso e não quero esquecê-la. – Dá um passo para frente. Quando se mexe, percebo que o Thomas está parado exatamente atrás dele, molhado, com o olhar gélido, o semblante fechado e ouvindo tudo.

– Aproxime-se, querido. – Chamo temerosa. Não quero passar por outra situação desconfortável e quase rezo.

Thomas anda até mim enquanto o Marco observa, atônito, a cena.

– O mar está uma delícia. – Ele recupera o autocontrole e percebo que o Marco o examina de cima a baixo.

Thomas se vira e encara o Marco friamente, estremeço de leve.

– Apreciando a vista? – Pergunta ironicamente.

– No geral posso dizer que sim. Muito prazer, sou Marco Diniz. – Educadamente se apresenta e estende a mão.

Thomas segura a mão estendida e noto que a aperta com energia.

– Thomas Valente. – Apresenta-se também.

– Vim dar boas-vindas, em nome da minha empresa, à doutora Eva.

– Percebi. – Thomas diz com visível ironia.

– O doutor Marco é o vice-presidente executivo da empresa de construção civil AMPLA, uma das maiores clientes do meu escritório. – Digo ressabiada.

– O senhor é advogado? – O Marco pergunta interessado.

– Não. Sou médico. – Informa orgulhoso.

– O doutor Marco é engenheiro civil. – Falo, voltando a participar da conversa.

– Gostaria de convidá-los para almoçar comigo no meu barco. – Fala e sinto que o Marco, ainda sem entender o contexto, tenta uma aproximação.

– Já temos planos, mas obrigada pelo convite. – Recuso educadamente e noto que o Marco se chateia.

– Desculpa, doutor Marco, mas tenho que levar a minha linda namorada a um lugar especial que conheço. Quem sabe em uma próxima vez? – O olhar de triunfo ilumina o rosto do Thomas.

– Sua namorada? – O Marco olha em volta parecendo não entender que o Thomas está se referindo a mim.

– Acho que não apresentei o Thomas devidamente. – Aproveito a deixa. – Doutor Marco, conheça o meu namorado, Thomas Valente. – E um Marco visivelmente consternado cumprimenta-o com a cabeça.

– Então creio que nos veremos na segunda-feira. – Marco diz mudando de assunto, e sutilmente tentando irritar o Thomas.

– Provavelmente, doutor Marco, a minha equipe e eu estaremos reunidos com o pessoal do departamento jurídico. – Informo cautelosa.

– Quem sabe almoçamos? – Marco pergunta, forçando muito a barra.

– Acredito que a Eva terá que utilizar todas as horas disponíveis para realizar o trabalho que veio fazer aqui na sua empresa, não posso dispor da presença dela por mais de dois dias. – Thomas diz, autoritário.

– Dois dias? – Marco sorri, ladino.

– Exatamente, senão virei buscá-la. – Thomas diz de maneira ainda mais autoritária.

– Bem, acredito que o trabalho será concluído no tempo adequado. – Contemporizo.

– Foi um prazer revê-la e um prazer conhecê-lo, doutor Thomas. – Marco se despede.

– O prazer foi todo meu. – Thomas fala entre dentes.

– Até breve, doutor Marco. – Despeço-me educadamente.

Marco se vai e nos deixa sob um clima de inquietação.

– Só queria saber com quantos admiradores seus terei que me irritar este fim de semana. – Thomas coça a nuca de um jeito nervoso.

– Sinto muito. – Desculpe-me. – Em relação ao Alex afirmo que é apenas um colega, mas o Marco e eu já saímos juntos uma vez. – Confesso aflita.

– Ouvi o diálogo. – Continua coçando a nuca e se agita tenso.

– Nunca disse que não tinha um passado. – Afirmo lembrando que omiti a parte mais importante desse passado.

– E aquela história de que “onde se ganha o pão não se come a carne”? – Pergunta sobressaltando-se.

– Ele não trabalha para mim e não trabalho diretamente para ele, a minha empresa é que presta serviço para a empresa dele. Tecnicamente não somos o ganha-pão um do outro. – Explico sem convencer muito.

– Tudo bem, deixa para lá. Você não tem culpa se o sujeito provou, gostou e não consegue esquecer. Estou até com pena do coitado, entendo a insistência dele.

– Estou me sentindo uma sobremesa. – Falo irritada.

– Meu tiramisu. – Diz sorrindo mais calmo.

– Pelo menos dessa vez você conseguiu se controlar. – E reparo como estou aliviada.

– Ele não tocou em você. – Quando ele fala, percebo que, se o Marco tivesse encostado um dedinho em mim, a situação teria tido outro desfecho.

– Quer dizer que você é meu namorado? – Pergunto em tom de brincadeira tentando mudar de assunto.

– E você achava que eu era o que seu? – A dúvida está estampada em seu rosto.

– Ainda não tinha pensado sobre isso. Contudo gosto muito que você se defina assim. Pensei que fosse avesso a relacionamentos. – *Sou muito sincera* .

– E o que nós estamos fazendo como se chama? – Ainda parece aborrecido, vai de oito a oitenta em questão de segundos.

– Thomas, o que estamos fazendo pode ser denominado de muitas maneiras, mas fico absurdamente feliz em saber que sou a sua namorada. – Falo e sorrio com franqueza.

– Acho que não fiz direito, nunca fiz isso antes. – Afirmo me confundindo.

De repente ele segura a minha mão, beija-a e olha bem dentro dos meus

olhos.

– Eva, você aceita ser a minha namorada? – Pergunta com a voz mais doce do mundo.

E, apesar de me considerar madura demais para um pedido desses, o gesto me comove e sou outra vez uma adolescente.

– Nada me fará mais feliz, meu querido. – E o beijo diante de olhares invejosos.

– Gostaria de comemorar lá na nossa suíte. O que você acha, doutora?

– Que devemos ir imediatamente. – Concordo, com toda a urgência que o caso requer.

Enquanto caminhamos de mãos dadas, penso em como a minha vida mudou desde que conheci o Thomas, os meus sentimentos são tão absorventes que chego a esquecer de que nos conhecemos há tão pouco tempo. E, apesar de toda a felicidade que tenho experimentado, sei que inúmeras coisas precisam ser resolvidas entre nós. Preciso ter coragem para contar sobre o meu passado, sobre o Nicolas e sobre a desconfiança que tenho de que a semelhança entre eles não é mera coincidência.

Preciso também parar de temer algo que nem tinha me dado conta que temia, e que só agora percebo, que talvez os traumas do Thomas se sobreponham ao nosso agora oficial namoro e me torne mais uma entre as muitas mulheres que já teve.

– Estou achando-a muito pensativa. – Thomas diz e me olha preocupado.

– É que estou me sentindo tão feliz que tenho medo de estar sonhando e acordar de repente.

– Eva, você não sabe todos os medos que tenho. Depois que a conheci, o maior deles é perdê-la, mas estou apostando todas as fichas no sentimento que nos une e farei o que puder para que dê certo. – Fala e os meus olhos ficam marejados.

– Ei, rapaz, vamos deixar de lado as nossas inquietações e vamos comemorar o meu pedido de namoro. – *Quero mais é ser feliz!*

– Tem razão, minha linda, chega de conversa fiada e vamos logo ao que interessa, comemoração. – E dá uma gargalhada gostosa.

Chegamos à suíte e quase não consigo trancar a porta porque o Thomas me agarra, puxa a minha saída de praia e a retira, arremessa o meu chapéu de palha

para longe e me admira quando fico apenas de biquíni e chinelos.

– Você não sabe o quanto me segurei para não tirar o seu biquíni lá na praia.

– Diz com a voz rouca.

Vagarosamente desfaz o laço do meu sutiã e sinto o calor da sua boca eriçar os meus mamilos. Ele desfaz também os laços da minha calcinha, um a um e, neste momento, me esqueço de todos os meus medos.

Diversas sensações percorrem o meu corpo, e rapidamente deixamos de ser dois e nos tornamos um só. Ele me domina e me possui com volúpia, me atíça, me assanha, me leva a um êxtase perfeito e me deixo flutuar.

Ele se deita completamente nu no sofá e deito sobre ele descansando do nosso sexo rápido e delicioso, e a fome começa a fazer doer o meu estômago.

– Almoço!

– Gostaria de levá-la a um restaurante que conheço e que acho muito bom.

– Solta-me do abraço apertado em que me encerra para olhar nos meus olhos.

– Hoje a programação é livre, deixarei você me guiar, mas amanhã já planejei o nosso dia. Certo? – Estico o meu corpo preguiçosamente.

– Tudo o que você quiser, minha namorada linda. – Abraça-me novamente.

– Adorei a nossa comemoração do pedido de namoro. Achei-a muito apropriada. – Mordo o meu lábio.

– Adorei que você tenha aceitado o meu pedido. – Morde o meu lábio.

– Vamos nos vestir? Almoço, lá vamos nós! – Pulo do sofá rumo ao banheiro.

Depois de um delicioso banho, examino o que vestir e fico de queixo caído quando o Thomas anuncia que está pronto, de camiseta, bermuda e tênis. Ele parece um estudante, e sorrio encantada com a sua jovialidade. Estou inclinada a vestir um shortinho jeans e noto que o meu namorado já se sente à vontade para exigir os seus direitos e balança a cabeça negativamente.

– O que foi? – Pergunto ofendida.

– Estamos indo a um restaurante, e não à praia. – Explica pacientemente.

– Sei disso, se estivéssemos indo à praia, usaria um biquíni. – *Sou insolente.*

– Se você sair assim, tenho certeza de que terei que brigar com algum engraçadinho por aí. – Diz e não sei se ele está falando sério ou brincando.

– Nem é tão curto. – Resmungo.

– É sim e você poderá usá-lo em outra ocasião.

– Em que tipo de ocasião? – *Estou achando engraçada esta conversa* .

– Assistir à TV, por exemplo. – E coça a nuca, sinal de que não gostou mesmo do short.

– Muito engraçado. – Jogo o short dentro da gaveta.

Ele vai para a janela e fica observando a vista, enquanto eu, emburrada, procuro outra roupa que me agrada e não o irrita.

– Podemos ir? – Rebolo em direção à porta, depois me viro e o observo.

– Doutora, isso é golpe baixo. Não precisava apelar. – Diz um Thomas sorridente depois de ter visto o decote profundo nas costas do meu vestido.

Thomas me alcança e me abraça. Quando entramos no elevador ele percorre as minhas costas com as pontas dos dedos seguindo o desenho do meu decote, me arrepio, ele ri e beija o topo da minha cabeça.

Não me arrependo nem um pouco de deixar o Thomas escolher o local para almoçarmos, sem dúvida, ele conhece a cidade de Fortaleza.

Vamos ao restaurante Coco Bambu Frutos do Mar, escolhemos pratos sem camarão e advertimos o garçom sobre a alergia do Thomas. Durante o almoço conversamos e rimos de todas as piadas de advogado que sei contar e de todas as de médico que o Thomas conhece. Também descubro que ele adora praticar corrida, que gosta de desenhos animados, que fala espanhol e inglês fluentemente, apesar de ter aprendido depois de adulto, que detesta melancia e que é uma pessoa organizada.

Absorvo todas as informações com muita atenção e o deixo saber que me obrigo a me exercitar, que também gosto de desenho animado e detesto melancia, que falo italiano, espanhol e inglês fluentemente, que no trabalho sou organizada, porém em casa dependendo sempre de uma boa e assídua empregada.

Depois do almoço caminhamos pela orla, bebemos água de coco e falamos um pouco mais sobre as coisas que gostamos e desgostamos. A conversa é descontraída e me sinto novamente como uma adolescente.

– Você ainda não tomou um banho de mar, minha linda. – Thomas diz pensativo.

– Acho que amanhã posso providenciar isso. – Sorrio, calidamente,

observando os seus olhos verdes ficarem mais densos.

– Poderíamos voltar para o hotel, colocarmos as nossas roupas de banho e cairmos na água. Que tal? – Pergunta e acho que não está me contando todo o seu plano.

– Meu lindo doutor, está ficando tarde, daqui a pouco vai escurecer, podemos entrar no mar amanhã. – Argumento pacientemente.

– Você disse que eu poderia escolher a programação de hoje. – E faz um beicinho irresistível .

– Combinado é combinado. Faremos o que o doutor quiser. – *E ainda acho que ele não está me contando tudo.*

Voltamos para o hotel, lanchamos e mudamos de roupa quando já está escurecendo. Tento fazê-lo mudar de ideia, contudo o meu doutor quer ir nadar, não pode ser na piscina maravilhosa do hotel, tem que ser no mar. Então vamos nadar no mar, porque costumo cumprir os meus combinados.

– Vem, doutora! Entra na água, está uma delícia! – Thomas tenta me convencer a sair da areia.

Lentamente entro na água, as pequenas ondas batem nas minhas canelas, depois nos meus joelhos, nas minhas coxas e quando a água atinge a altura da minha cintura ainda não cheguei perto do local onde o Thomas se equilibra. Ele estende a mão e me puxa, me vira de costas e levanta os meus cabelos, beija a minha nuca, lambe a minha orelha e não consigo me concentrar em mais nada.

– Pode relaxar, minha linda, não deixarei que as ondas levem você de mim. – Fala e confio inteiramente na afirmação dele.

– Estou sentindo que você ficou muito feliz porque entrei na água. – Coloco a mão para trás e passo-a sobre a sunga sentindo o membro rijo.

– Você me deixa sempre muito animado. – Geme.

– Estou às suas ordens, namorado. – Digo me aproximando mais ainda dele enquanto as ondas nos erguem e nos abaixam em um balé sedutor.

– Já lhe disse que nunca me sacio de você?

Balanço a cabeça confirmando.

– Eva, quero comer você agora. – A voz do Thomas me excita ainda mais.

Coloco a ponta dos dedos dentro da sunga do meu excitado doutor, liberto o seu pênis rígido, e ele exala.

– Você vai virar de frente para mim, enrolar as suas pernas em torno da

minha cintura e envolver os seus braços no meu pescoço. Entendeu?

– Entendi, meu querido.

Executo o comando do meu doutor e ele coloca a minha calcinha de biquíni de lado, ajeita-se e me penetra com delicadeza, enquanto as ondas distraidamente dançam. Olho para a praia e constato que ninguém está realmente prestando atenção em nós, então relaxo e me concentro.

Ao sabor das ondas nos movimentamos, é delicioso estar assim agarrada ao Thomas no mar, o seu olhar está carregado de paixão e desejo e acredito que os meus também.

– Quero ouvir você urrar, minha linda, só que tem que ser baixinho. – Ri, e me aperta com força .

– Você é completamente obsceno, doutor. – Resfolego.

– Só porque você me inspira, minha linda. – E intensifica o nosso vaivém.

– Acho que vou urrar agora. – Jogo a cabeça para trás e aperto o abraço das minhas pernas em sua cintura.

– Eva! – Ele geme sem parar enquanto gemo baixinho de prazer.

Ficamos abraçados esperando os nossos corpos se dessensibilizarem e a nossa respiração se normalizar e, enquanto isso, penso no quanto adoro as novidades que estão surgindo na minha vida. Sexo no mar, quem diria? Talvez seja a hora certa para mais novidades.

– Quero levá-lo para o quarto para continuar esta nossa conversa. – Retiro as minhas pernas da cintura dele.

– Você quer mais, minha linda? – Pergunta com a voz ainda mais rouca de excitação.

– Quero sim, e quero agora. – Dou o meu sorriso malicioso e o arrasto de volta para a areia.

Debaixo do chuveiro deixamos a água tirar o sal e a areia dos nossos corpos. Thomas lava o meu cabelo delicadamente e retribuo passando a esponja cuidadosamente no seu dorso firme. Esse homem é tão bonito de se olhar e tão gostoso de tocar que quero sentir todas as sensações através dele e com ele.

Não me canso de pensar que ninguém nunca me excitou tanto, me satisfiz tanto ou me desejou tanto. Pressinto que estou criando uma dependência desse

homem.

– Como disse antes, quero você mais. – Olho faminta para ele.

– Sou todo seu. – Diz e a sua ereção confirma que está pronto para mim.

Pego o óleo aromático que trouxe premeditadamente, e com muita sensualidade esfrego no corpo dele. Massageio gentilmente, me concentro na virilha, envolvo o seu membro rígido e besunto a glândula suavemente. Ele treme e segura no box, paro, princípio a massagear o meu corpo com muita volúpia, faço sinal para que ele não me toque e o doutor me observa com os olhos escurecidos pelo desejo.

Viro de costas, derramo o óleo sobre as minhas nádegas, olho para ele e o chamo baixinho. Thomas me envolve por trás, esfrego e forço o corpo no dele, ele se encosta a parede e me puxa pelo quadril.

– Eva, o que exatamente você está me oferecendo? – *Sinto a sua necessidade e a sua surpresa* .

– Exatamente o que você deseja. – E me arrebita para trás.

– Não acredito nisso!

Thomas acaricia as minhas nádegas, afasta-as, encosta o pênis e começa a me penetrar. A resistência inicial é quebrada pela perfeita lubrificação do óleo e uma espécie de dor gostosa tem início. Ouço a respiração pesada do Thomas e também os seus gemidos, a dor aumenta e sou surpreendida pelo prazer que começo a sentir. Ele se descontrola, sinto que não vai resistir mais tempo, arqueio o corpo e a dor se intensifica ainda mais, o prazer é indescritível, tento encostar as nádegas na pelve dele, porém ele é grande e largo e não tenho como ir adiante. Rebolo, e ele geme, consegue me penetrar um pouco mais e grito. A dor me invade, me rasga e o prazer me inunda, não esperava, mas pressinto que vou gozar e me afundo um pouco mais, urro, ele urra também e me perco em um doloroso e surpreendente orgasmo em perfeita sintonia com o Thomas.

Essa entrega total me faz sentir deliciosamente despudorada, livre, dona de mim. Foi muito melhor do que eu pensava e acho que me saí muito bem para uma primeira vez.

– O que foi isso tudo? – Pergunta no meu ouvido. – Eva, você é incrível. – A sinceridade na voz dele faz com que me sinta poderosa.

– Algo que nunca tive coragem de fazer antes. Você desperta todos os meus sentidos e sempre quero mais de você. – Abro mais o chuveiro e deixo a água

morna cair sobre nós.

– Machuquei você, minha linda? – Pergunta com a sua voz rouca e suave.

– Você me deu muito prazer. Tudo com você é especial. – A mulher despidorada que existe em mim confessa radiante.

– Quero você toda e de todas as maneiras possíveis. Sou todo seu e você é minha. Minha! – Sussurra.

– Eu quero você o tempo todo. – O meu corpo vibra e sei que não existe verdade maior que essa.

– Você se deu de presente para mim, minha linda. Amei a surpresa. – Beijame apaixonadamente.

A sensação de relaxamento me deixa leve e sonolenta, terminamos o banho e o Thomas me leva para a cama, e dorme.

Observo o doutor dormir profundamente, totalmente relaxado e aprecio a beleza do seu rosto de traços perfeitos e tão tranquilo. Relembro os nossos momentos no mar e a nossa festa embaixo do chuveiro. Estou entregue a esse homem, mas acredito que ele ainda não sabe que me tem completamente.

Jamais considereei a hipótese de sentir tanto prazer com alguém, nunca imaginei encontrar um homem que me fizesse conhecer melhor o meu desejo, o meu corpo e a minha libido. Se com o Nicolas tive amor e doçura, com o Thomas acredito que posso ter muito mais... Que posso ser mais. A minha sensualidade e a minha sexualidade foram despertadas e atçadas por esse amante incrível, que, apesar do seu enorme furor, é carinhoso e dedicado.

Acabo me lembrando da época em que o Nicolas e eu decidimos dividir um apartamento, quando começamos a estudar em Campinas. Dos argumentos que usamos com os meus pais e com o pai dele, me recordo que todo mundo achava que já éramos tão íntimos que não faria mais diferença se vivêssemos juntos ou separados. Apesar da exigência do meu pai para que ficássemos noivos, ninguém achou estranho, na nossa pouca idade, que assumíssemos a responsabilidade de uma casa.

A única coisa que ninguém sabia é que até tomarmos aquela decisão, apesar de todo o tempo que passávamos juntos, nunca tínhamos passado dos limites. Só agora percebo que conosco sempre foi mais carinho que carícia, mais intimidade que desejo.

As lembranças me alcançam com força e quase posso ouvir a conversa que o Nicolas e eu tivemos.

– Nicolas, nós vamos morar juntos, dormir juntos! Você consegue imaginar isso? – Comemoro a permissão dos nossos pais dada logo após o anúncio do nosso noivado.

– Continuarei respeitando você, meu amor. Posso esperar até recebê-la no altar, prometo. – O Nicolas diz solenemente.

– O quê? – Pergunto ofendida. – Nicolas, todo mundo acha que você e eu já fizemos de tudo há muito tempo, então ninguém está preocupado em como chegarei ao altar, nem eu. – Falo irritada.

– Prometi respeitá-la. – Diz com um sorriso suave no rosto.

– Eu tinha quinze anos quando você me pediu em namoro, quando prometeu para os meus pais que me respeitaria. Nem os meus pais se lembram mais dessa promessa. – E sorrio com essa constatação.

– Você será sempre minha e serei sempre seu, posso esperar. – *Que inocente é o meu príncipe encantado* .

– Se eu serei sempre sua e você será sempre meu, tanto faz quando começaremos a praticar sexo, estamos perdendo tempo, Nicolas. – Sorrio do olhar assustado dele.

– Você só tem dezessete anos, Eva, me sinto responsável por você. – Diz, e penso que esse é o namorado que toda mãe deseja para filha e acho graça.

– O meu pai é o responsável por mim e vai me emancipar, ele acha que a minha virtude nem existe mais. – Rio da frase antiquada. – E você só tem dezoito anos, não precisa ser tão responsável. – Caio na gargalhada quando ele me abraça.

– Eva, se você já se sente preparada, eu também estou preparado, e vou me sentir o homem mais feliz do mundo. A nossa primeira vez será do jeito que você quiser que seja. – Ele me beija amorosamente.

Essas lembranças me fazem considerar que toda menina precisa de um príncipe encantado, de um menino bonito que não sabe o que fazer com as mãos enquanto a beija, que a faça suspirar e os dois descobrirão muitas coisas juntos, explorarão as suas in experiências e aprenderão um pouco sobre tudo que irá prepará-los para a vida adulta.

Fico pensando que precisou surgir na minha vida um homem com o

rosto do menino com quem aprendi a amar, para eu entender que existe amor de menina e amor de mulher. E esse homem experiente, que sabe muito bem o que fazer com as mãos enquanto me beija e que me faz perder a cabeça com regularidade, me desencantou. Agora, finalmente, estou preparada para viver um amor de mulher, um amor adulto, porque enquanto fui uma mulher com necessidades de menina entorpecí o meu desejo e a minha libido.

Capítulo IX

Acordo sentindo os beijinhos que o Thomas me dá por todo o rosto e o cheiro de sabonete e de pasta de dente indicam que o meu doutor acordou há algum tempo.

– Bom dia, minha linda namorada. Dormiu bem? – Pergunta com o habitual bom humor matinal.

– Bom dia, dormi muito bem. – Espreguiço dengosamente.

– Estou faminto! Vamos tomar café?

– Posso ir assim? – Provoco.

– De camisola? Nem pensar!

Ele se deita em cima de mim e prende os meus braços atrás da cabeça.

– Você precisa entender que só quem vê você de camisola, seminua ou nua sou eu. – Diz e me dá um beijo daqueles de fazer tremer o chão.

Acho que o Thomas quer caprichar no meu “bom dia” e, embora esteja disposta a receber o meu prêmio, temos compromisso com hora marcada, então...

– Querido, você precisa me soltar e sair de cima de mim. – Peço sem querer de verdade. – Virão nos buscar dentro de uma hora, se não me engano. – Faça força para sair debaixo dele.

– Não seja estraga-prazer, doutora. Sei que vou me divertir mais por aqui. – E me solta girando para o lado.

– Um passeio de barco nos espera depois do café da manhã.

Ele me olha atravessado e coloca o travesseiro em cima do rosto, parece que vai fazer birra.

– Não dá tempo de “nada” mesmo? – Enfatiza a palavra nada para eu entender do que está falando.

– Agora neste momento não, mais tarde poderemos nos demorar fazendo “nada”, prometo. – Também dou ênfase à palavra nada. – Sem birra, neném. – Digo e saio para me arrumar.

Thomas e eu nos deliciamos novamente com o café farto e variado do hotel,

o dia mais uma vez está bonito e não vejo a hora de o nosso passeio começar, amo barcos.

Na recepção, o capitão Rafael nos aguarda e fico muito contente em revê-lo, adoro a cara de velho lobo do mar que ele tem.

– Olá, capitão, onde está o seu navio? – Uso o meu tom de brincadeira enquanto nos abraçamos cordialmente.

– Marinheira Eva, eu sou um capitão sem navio hoje, por ora sou apenas o seu servo. – Brinda-nos com o seu semblante agradável.

– Quero que conheça o meu namorado, Thomas. – Reparo no olhar orgulhoso que o Thomas me dá.

– Thomas, conheça o meu bom amigo Rafael. – Ambos se cumprimentam .

– Você sabe que pescou uma sereia? – Rafael se dirige ao Thomas em tom de brincadeira.

– Uma linda sereia. – Thomas sorri discretamente e franze a testa.

Percebo que o meu querido doutor está ficando impaciente, então apresso o Rafael a nos levar ao nosso destino.

A lancha do Rafael está ancorada na praia, subimos e noto que, apesar de receptivo, Thomas preferia estar fazendo outra coisa.

O vento agita o meu cabelo e me divirto tentando contê-los. Thomas me observa sorridente e me abraça com carinho, cheira o meu pescoço e me dá um beijo tímido.

– Você gosta mesmo de passear de barco, doutora! – Constata um Thomas mais animado.

– Adoro. Você não sabe a paixão que tenho pelo mar. – Sorrio, lembrando da analogia feita pela minha mãe .

– Chegamos! – Grito dando pulinhos.

As pupilas do Thomas dilatam quando vê ancorada bem na nossa frente uma lancha de 48 pés. Ele olha para mim e não entende o que está acontecendo.

Saímos da lancha do Rafael e subimos na lancha maior, o ajudante dele, Nilo, sai da cabine e informa que está tudo pronto.

– Eva, tudo que você me pediu foi providenciado. A lancha está seguramente ancorada, qualquer problema é só chamar pelo rádio. No final do dia estaremos de volta para buscá-los e para levar a lancha de volta.

– Muito obrigada, Rafael, não sei como agradecer, você é incrível. – Digo

com sinceridade, e ele sorri .

– Também sei que você é arrais e isso me deixa mais despreocupado. – Rafael adiciona.

Finalmente nos despedimos e observo que o Thomas está perplexo, a lancha é linda e ampla.

– Eva, de quem é esta lancha? – Noto o seu interesse.

– Hoje é nossa, aluguei-a. – *Estou muito orgulhosa por ter tido essa ideia* .

– Ela é linda! Quantos pés? – Demonstra que está muito interessado.

– Tem 48 pés. Possui uma cozinha, uma sala, um dormitório, um banheiro, uma linda suíte e chama Desdêmona. Vi as fotos pela internet. – Relato contente.

– Vamos conhecê-la? – *Tenho um homem radiante dentro de um barquinho* .

– Lógico, meu querido! – Beijo os seus lábios salgados.

A lancha é realmente muito bonita, confortável e luxuosa. Hoje sei que passei a amar mais ainda o mar, principalmente quando tenho uma lancha sobre ele inteiramente a minha disposição.

– Você deve ter gasto um bom dinheiro para alugar esta lancha. – Diz e deduzo que está constrangido.

– Meu querido, sou uma mulher de negócios bem-sucedida e, mesmo não sendo perdulária, quando me disponho a satisfazer uma vontade, não tenho dó do meu dinheirinho. – Sustento o meu olhar no dele.

Thomas levanta a cabeça e olha para algum lugar distante, volta o olhar para mim e não consigo interpretar o que está pensando, fico parada olhando para ele e espero.

– Tenho medo de não estar a sua altura, de não pertencer ao seu mundo. – Diz consternado e vira.

– Querido, o meu mundo é qualquer lugar em que você esteja. – E o abraço por trás pela cintura.

– Você é uma mulher bonita, sexy, inteligente e, como você mesma disse, bem-sucedida, e sou apenas um médico como tantos outros. – Inspira profundamente.

– Você é um homem atraente, sedutor, carismático, gostoso e que me faz querer estar em uma lancha ansiando por fazer “nada”. Você me foi enviado sob encomenda, querido. – Dou uma risada alegre.

Ele vira, levanta o meu queixo e me beija ardorosamente. O meu corpo

aquece, a minha pele arrepia e entro em combustão.

– Você não poderia deixar de se subestimar um pouco e aproveitar o dia que preparei para nós? – Pergunto com a voz embargada.

– Só se você fizer “nada” comigo agora. – Sorri, e o seu sorriso malicioso me agrada muito.

Entre beijos e carícias nos encaminhamos para a suíte da lancha e me jogo sobre o lençol de cor marfim, curiosamente, estampado com belas rosas vermelhas. Rosas vermelhas sempre me fazem lembrar do Thomas que, por sinal, se ajeita sobre mim e prende os meus braços por sobre a cabeça.

– Se me lembro bem, paramos por aqui hoje cedo. – Os olhos dele se tornam densos, a sua rigidez empurra o meu quadril, e latejo dentro do biquíni.

– A sua memória é prodigiosa. – Mordisco o seu lábio bem delineado.

Ele força o joelho entre as minhas pernas e, sabendo o que deseja fazer, colaboro sem resistência. Ele me mantém presa sob seu corpo e aperta firme os meus punhos, estou praticamente imóvel.

– Você é minha, Eva, completamente minha, e quero comer você. – Beijame de uma maneira sensual e possessiva, que me faz ansiar pelo desenlace deste beijo.

Ele solta os meus pulsos e passo as mãos pelos seus cabelos sedosos, me liberto do seu corpo e a necessidade me desorienta. Rapidamente ele se desfaz da roupa e não me canso de agradecer aos céus pela proporcionalidade do corpo desse homem. Com a mesma rapidez com que se despiu me despe, me invade, e sorri quando constata toda a minha umidade.

Os nossos corpos se estreitam, contorcem e, quando estou me sentindo pronta para explodir, Thomas sai de dentro de mim, escorrega sobre o meu corpo e coloca a boca entre as minhas pernas. Quase vou ao delírio sentindo a língua despudorada do meu doutor executar um frenético vaivém no meu clitóris. Sinto-me inchar, pulsar e tomada pelo desejo, puxo os cabelos dele fazendo a sua língua se afundar na minha vagina. Rebolo sem parar, ele me chupa demoradamente, agito-me, ele me mordisca, não me contenho e grito, me alago, ele me bebe. O meu corpo relaxa e continuo a sentir os espasmos no meu ventre.

O lindo doutor deita ao meu lado e lambe os lábios sensualmente, viro e me sento sobre ele, me encaixo no seu pênis, inclino em sua direção e coloco as mãos sobre o seu peito. Deslizo o quadril para cima e para baixo lentamente,

profundamente. Faço isso por um bom tempo, aticando-o. Estremeço e acelero o movimento, ele arranha as minhas costas, arqueio para frente e, mais uma vez, chego ao clímax, e desta vez ele me acompanha.

– Sou um homem de muita sorte, você é muito mais do que desejei.

– Você não sabe o quanto adoro ouvir isso. – Seguro a mão dele e aperto com força, ele aperta de volta.

– Prometa que não vai me deixar, Eva, por favor. – A voz dele soa mais rouca e mais baixa, e reparo que está emocionado.

– Só se você prometer que não vai me deixar também. – *Tenho certeza de que ele pode perceber o apelo em minha voz* .

– Já não poderia deixá-la, não conseguiria. – A mão dele começa a suar.

– Você também é meu, todo meu, só meu. Combinado? – *Tomo conhecimento de que essa espécie de posse me seduz.*

– Única e exclusivamente seu, já não poderia ser de mais ninguém. Conheci-la foi a minha perdição e a minha salvação.

Apertamos as nossas mãos e ficamos contemplando a força do que ficou subentendido em nossa conversa.

Nadamos ao redor da lancha e nos divertimos. Ficamos um bom tempo nessa brincadeira e, enquanto vou ficando bronzeada, Thomas fica avermelhado, apesar da enorme quantidade de protetor solar que passei nele.

– Acho melhor sairmos do sol. – Digo protetoramente.

Ele faz cara de poucos amigos e depois sorri.

– Sem birra, não quero que você vire um moranguinho. – Falo e sorrio.

Voltamos para a lancha, tomo banho e decidimos que já está passando da hora de almoçar e, enquanto o Thomas toma banho, coloco a mesa do almoço, que está com uma cara ótima. Ainda bem que pensei em tudo, constato satisfeita.

– Temos salmão defumado, molho de iogurte e hortelã, salada de batatas, chop-suey de vegetais, e tiramisu para sobremesa. – Digo no exato momento em que o Thomas aparece e reparo um ligeiro brilho em seu olhar.

– Você disse tiramisu? – Olha-me incrédulo.

– Não é a sua sobremesa favorita? – *Se não for, eu o enforco.*

– É. E estou perplexo que você tenha adivinhado, não é uma sobremesa

comum nem fácil de encontrar. – Diz com propriedade, e sei que está certo, como sei!

Quase não consegui que substituíssem a sobremesa escolhida anteriormente por essa, porque pedi a troca muito em cima da hora.

– Você me chamou de meu tiramisu, então presumi que fosse a sua sobremesa preferida. – Falo com fingida confiança.

– E você sabe por que a chamei de tiramisu? – Pergunta carinhosamente.

– Porque você gosta muito de tiramisu? – Respondo a sua pergunta com outra pergunta.

– Por causa disso e porque o tiramisu é uma sobremesa considerada energética cujo nome significa algo como “levanta-me”. – O olhar dele se torna divertido enquanto faz a explicação.

– Sabe, querido, você não poderia ter me definido melhor. – Falo sem falsa modéstia, e ambos gargalhamos.

– E o que temos para beber para acompanhar o nosso pequeno banquete? – Sorri alegremente, e me lembro de que o meu pai sempre diz que “peixes e homens podem ser pegos pelo estômago” e sorrio também.

– Temos água com e sem gás, refrigerantes e vinho branco, tudo gelado. – Cito os itens fazendo uma mesura.

– Vou tomar água gelada com gás. – Estende a taça na minha direção.

– Pensei que você fosse preferir o vinho branco. – Testo a força de vontade dele, já nos servindo de água.

– Não bebo mais nem uma gota de álcool, minha linda. – Ele me olha sério e o seu tom solene soa como uma promessa.

– Brindemos ao seu ingresso no mundo dos abstêmios! – Encostamos as nossas taças nos saudando com o universal tim-tim.

Ele gargalha e o seu semblante se ilumina.

– O meu apelido de infância é Tom, então, toda vez que brindávamos com os nossos copos de vidro, a minha avó dizia: “tom-tom” em vez de tim-tim.

– Que coisa fofa! – A imagem que formo de um menino bonito e a sua avó brindando alegremente me entenece.

– Você é uma das únicas pessoas que não me chama de Tom. Mesmo quem mal me conhece acaba me apelidando assim. – Constata reflexivo.

– Detesto apelidos. Além disso, acho que o seu nome falado inteiro é muito

sexy, Thomas. Assim, quando falo, penso em todas as maneiras em que “tu me tomas”. – Faço um trocadilho.

– Você e sua mente sagaz – Elogia . – Também adoro o jeito que fala o meu nome, percebo na sua voz um tom de posse. – Sorri confiante.

– Bem observado, doutor, tudo em você desperta a minha possessividade. – Falo francamente e sem reservas.

Após um lauto almoço, cansados do sol e contentes, dormimos enrolados um ao outro, como duas crianças acaalentadas pelo balanço do mar.

Eu não me lembro de ter sido tão feliz assim. Fui de outra maneira, em outra época, quando era mais inocente.

Pouco tempo depois de acordarmos, Rafael e Nilo chegam para nos levar de volta. Rafael leva Desdêmona e piloto a lancha dele, Thomas e Nilo vão comigo.

Adoro sentir o vento no meu rosto e os respingos da água do mar na minha pele, me sinto livre, uma alma em harmonia com a natureza. Thomas me observa com reservada admiração, tenho certeza de que ele desconhecia esta minha habilidade.

– Você estava linda pilotando aquela lancha. – Thomas me observa detidamente.

– O Rafael me ensinou a pilotar, começamos com os jet skise depois partimos para as lanchas. Posteriormente fiz um curso e me tornei arrais amador.

– *Parece que tudo isso aconteceu há séculos* .

– Quer dizer, então, que você vem bastante para Fortaleza. – Demonstra a sua curiosidade.

– Não venho tanto assim. É que morei aqui quase um ano, vim com os meus pais, mas já faz muito tempo. – As memórias me vêm à cabeça em borboões.

– Você não comentou antes que conhecia tão bem a cidade. – Thomas parece desconfiado.

– Porque não conheço a cidade muito bem mesmo, naquele tempo não saía muito, os meus pais acharam que eu gostaria de estar perto do sol, do mar e que o clima me faria bem. A ideia não foi tão boa, além de ter sido uma luta para o meu pai conseguir trabalhar daqui, então voltamos para São Paulo. – A minha

postura corporal me entrega, não consigo disfarçar o meu incômodo.

– Tem tanta coisa sobre você que ainda não sei. – Coça a nuca distraidamente.

– Um dia lhe contarei tudo, você vai ficar até aborrecido com tanta conversa fiada, mas agora preciso que você conheça mais quem sou do que quem fui. – *Tudo em mim denuncia o meu desconforto.*

– Eva, minha linda, você só precisa me contar o que for importante que eu saiba. Nada mais que isso. Também tenho as minhas histórias guardadas lá no fundo do baú, mas fique tranquila porque o que for importante que você saiba, saberá.

Jantamos na suíte do hotel e aproveito para ajudar o Thomas a fazer a mala. Ele parece bastante pensativo, percebo que quer falar alguma coisa e não fala, então tento um diálogo.

– Acho que não nos esquecemos de nada. *Finito* . – Digo quando fechamos o zíper da valise.

– Que trabalho você tem que fazer por aqui?

– Eu vim, principalmente, para que possamos renovar o contrato que temos com a AMPLA. Prestamos assessoria jurídica em grande escala para essa empresa, temos uma excelente parceria, vantajosa para ambos os lados.

– E aquele tal de Marco faz exatamente o que nessa AMPLA? – Pergunta irritado.

– Resumindo bem, ele é um dos donos. – *O nível de tensão só aumenta* .

– Então você vai estar à mercê dele?

– Não é bem assim. A minha equipe fará uma apresentação da nossa atuação no último trimestre, fazemos isso todo trimestre. – Explico . – Depois demonstramos a vantagem da manutenção da nossa assessoria jurídica, renovamos o contrato e pronto. – Resumo o máximo que posso.

– Entendo, mas por que você precisou vir? – Insiste na conversa.

– Porque assino pela minha empresa. Quando não venho, o vice-presidente executivo da AMPLA é que vai até São Paulo, mas geralmente acompanho a minha equipe. A renovação do contrato só ocorre de dois em dois anos. – Falo em um fôlego só.

– Você ainda não respondeu qual é o papel do Marco nisso tudo.

– Ele é um dos vice-presidentes, avalia junto com os outros e, se eles

estiverem de acordo, recomendam que o presidente assine a renovação.

– *Chega, por favor, já sei onde você está querendo chegar.*

– Droga! – Sai rumo à janela e fica observando a noite escura lá fora.

– O que foi? – Pergunto, já sabendo.

– O Marco quer você, Eva. Ouvi a declaração dele, prepare-se. – Adverte aborrecido.

– É sempre assim, querido, toda vez ele insiste e não cedo, ele recua e pronto. – Amenizo um pouco a realidade. – Agora que ele sabe que tenho namorado nem vai tentar, garanto. – *Estou realmente me esforçando para aliviar a tensão.*

– Agora é que ele virá com força total. – Suspira.

– Você confia em mim?

– Claro que confio, minha linda. Não confio é naquele cara. – Exala o ar com força.

– Fique tranquilo. Você está se aborrecendo imaginando situações que nem sequer ocorrerão, é tudo muito profissional e não estarei sozinha, o pessoal do meu escritório chegará amanhã, mais três advogados. – Lanço-me em seus braços assim que ele se vira.

– Você volta quando? – *Meu Deus, isso não vai ter fim?*

– Depois de amanhã, no fim do dia. Você me busca no aeroporto? – Faço beicinho.

– O seu carro está no estacionamento do aeroporto, esqueceu? – Beija o meu beicinho.

– Vou lhe dar a chave e o documento do meu carro mais o tíquete do estacionamento, quando você chegar lá amanhã pegue o meu carro e leve para a garagem da minha empresa. Deixe-o estacionado lá e pegue o seu carro, então depois de amanhã me busque no aeroporto. Viu? Tudo planejado. – Explico, ele concorda com a cabeça e me abraça.

Conversamos um pouco mais e depois vamos para a cama. Thomas não dorme muito bem, se mexe a noite toda, vira para lá e para cá, levanta algumas vezes e estou tão cansada que não tenho forças para descobrir o que é que ele tem. Acordamos muito cedo para que ele não perca o voo.

– Você não dormiu nada bem. – Reparo nas olheiras sob os olhos dele.

– O ciúme é um monstro muito feio. – *Um homem muito aborrecido me*

analisa .

– Ciúme? – *Lá vem a conversa sobre o Marco de novo* .

– Não quero deixá-la aqui, não paro de pensar naquele Marco encostando as patinhas dele em você. – Vira-se, entra no banheiro e fecha a porta.

Eu, que nunca fui uma mulher ciumenta, sinto uma pontinha de ciúme me arranhar quando as mulheres ficam encarando o Thomas. Imagino como ele está se sentindo nessa situação, parece estar sofrendo, e não sei o que fazer.

Sofregamente nos despedimos. Ele está mais abalado que eu por causa de tudo o que imagina que o Marco vai tentar fazer comigo, aposto. Fico um pouco triste quando vejo aquele homem bonito partir, mas ao mesmo tempo feliz porque sei que em breve estaremos juntos de novo. Constatar que as pessoas vão e na maioria das vezes retornam foi uma das coisas que mais demorei a aprender nos últimos anos.

Eu não sei como, mas o Thomas estava certo. O Marco inferniza a minha vida o quanto pode, o contrato é refeito diversas vezes e, em todas elas, ele quer discutir os pontos alterados comigo e, em todas elas, tenta me seduzir.

O Marco nem se abala pelo fato de que estou namorando, apesar de ter achado estranho. Acho que é esse negócio de disputa entre homens. Ele se acha melhor que o Thomas e, pensando assim, conclui que tem direito de me tirar dele. Vai entender!

Teria que voltar para São Paulo hoje, porém tive que adiar o meu retorno para depois de amanhã. O Thomas subirá pelas paredes quando souber, e tentarei controlar a situação da melhor maneira possível. Não está nada fácil lidar com um namorado ciumento e com um cliente importante que resolveu me disputar à força.

Se eu tiver só um pouco mais de paciência, renovaremos o contrato e não terei que passar por isso de novo pelos próximos dois anos.

Pretendo não vir mais nem nas apresentações trimestrais e na próxima renovação, se o Marco não tiver desistido, mandarei um representante no meu lugar.

Armada de coragem, telefono para o Thomas.

– Oi, Thomas.

– Oi, minha linda.

– Estou com muita saudade. – *Estou mesmo, de verdade.*

– Eu também, só me diga a hora em que devo buscá-la no aeroporto.

– Não voltarei hoje. – *Cruzo os dedos* .

– Como é que é? – A voz dele muda de tom.

– Na quinta-feira, logo cedo, estarei aí. – Falo carinhosamente.

– Está bem, Eva. – Diz e noto a sua voz desanimada.

– Tudo bem mesmo? – Fico preocupada.

– Claro que não! Só que cansei de reclamar. – Ele fala bruscamente, e sei que está aborrecido.

– Você vai me buscar no aeroporto? – Pergunto preocupada.

– Dependendo da hora, irei, mas passe-me uma mensagem com as informações. – Diz friamente e tenho certeza de que estou encrencada.

– Então boa noite. – Despeço-me dele me sentindo incomodada com a sua indiferença.

– Boa noite. – Desliga o telefone, deixando-me perplexa.

Passo um bom tempo esperando que o Thomas telefone de volta, mande uma mensagem ou um e-mail e... Nada.

Estou me sentindo um pouco triste, não quis de maneira alguma aborrecer o Thomas. Só que preciso trabalhar, não posso dirigir a minha empresa ao sabor dos humores dele. Nos negócios sei muito bem até onde posso ir, e se não renovarmos o contrato amanhã, irei embora levando a minha equipe de volta. Os executivos da AMPLA que nos procurem depois, caso contrário, poderemos nos atirar no mercado atrás de outra empresa de porte e cavarmos uma oportunidade para compensar a perda.

Fico horas tentando pegar no sono, a saudade do Thomas bate forte e me angustia. Também me pego pensando em como abordar o tema “você precisa saber que tinha um clone” e não descubro como. Sei que o Thomas já tentou desvendar as origens dele e não conseguiu nada, só que ele não sabia o que eu sei. Tentarei encontrar alguma correlação entre a história de vida dele e a do Nicolas, e veremos onde é que os caminhos deles se cruzam, ou se sou eu quem está imaginando o que não existe. Acho que isso vai ser difícil, muito difícil.

Durmo mal e acordo querendo ficar na cama. Estou sentindo falta do

Thomas, da minha casa, da rotina do meu escritório, e, não sei o que está acontecendo comigo, porque estou melancólica desde ontem. Este pensamento me faz rir.

Vou arrastada para o chuveiro, depois me arrumo contrariada. Coloco um vestido de seda verde-claro com o comprimento na altura dos joelhos, cinto do mesmo tecido, roupa de baixo marfim, sandálias e bolsa bege, faço um rabo de cavalo alto, aplico protetor solar facial, rimel, lápis de olho e *gloss*. Na minha avaliação o resultado final é bom.

Completamente desanimada, mas sem nunca deixar de ser a competente e metódica profissional que sou, deixo-me levar pelo simpático motorista do Marco até o colossal escritório da AMPLA.

Na AMPLA todo o pessoal já percebeu que o Marco está tentando estabelecer comigo mais que uma relação contratual, e isso está desestimulando a minha equipe e irritando os outros vice-presidentes. Os meus nervos estão esticados como uma corda de violino e hoje estou pronta para um ultimato.

A reunião para discutir a última versão do contrato tem início às dez horas da manhã e, apesar de as coisas terem se complicado nos últimos dias, tudo se resolve. O presidente interveio e, com o apoio de dois dos três vice-presidentes, assina a renovação do contrato. Já que estou por aqui, resolvo finalizar os trabalhos junto com a minha equipe, o que me tomará o resto do dia. A minha passagem está marcada para amanhã cedo e decido não remarcar-la.

Estamos todos ainda reunidos nos cumprimentando pelo desfecho satisfatório e o Marco me observa descaradamente, faminto, o desejo estampado no rosto, só falta babar. A porta é aberta, ouço uma voz feminina protestar enérgicamente e uma mão quente toca o meu braço, me viro e lá está ele.

Thomas fica parado olhando para mim, está vestindo um blazer cinza e uma camisa branca com os botões do colarinho abertos e quem quase baba ao vê-lo sou eu. O silêncio na sala de reunião é total, todos os olhares estão fixos em nós.

Thomas sorri e a sala se ilumina, pelo menos eu acho, e fico sem saber o que dizer. Ele, pelo contrário, sabe muito bem.

- Bom dia, senhores, senhoras. – A voz dele está controladamente educada.
- Bom dia. – Todos respondem, e começo a achar graça da situação.
- Sinto muito privá-los da companhia da competente doutora Eva, mas

como havia dito para o nosso bom amigo Marco que viria buscá-la se ela demorasse, aqui estou. – Puxa-me pelo braço encostando-me a ele.

Os olhos do Marco cintilam de raiva.

– Tenham todos um ótimo dia. – Sai me levando com ele.

– Muito obrigada pela confiança. – Agradeço dirigindo-me aos presentes e me deixo levar.

Enquanto saímos, ouço vozes perguntando quem é o sujeito que carrega a doutora Eva.

Rapidamente chegamos ao elevador, Thomas me solta do seu abraço, segura a minha mão, mas nem me olha, e acho prudente não falar nada ainda.

Entramos no elevador e ele permanece olhando para frente, sério, cumprindo uma missão e continuo achando a situação engraçada, embora esteja um pouco irritada.

Um táxi nos espera, ele dá o nome do hotel em que estou hospedada e o taxista segue.

– Quero saber o que foi isso. – Encaro-o com o meu olhar mais frio e, mesmo tendo ficado alegre em vê-lo, não posso entregar os pontos.

– Vim buscá-la. – Fala como se isso fosse muito normal.

– Sou alguma espécie de dama em perigo? – Demonstro a minha irritação.

Ele aponta para o taxista e se mantém calado, entendendo isso como não querer discutir em público.

O táxi para na frente do hotel, salto e deixo-o para trás, passo pela recepção, pego a chave e subo como um raio para a suíte.

Thomas me alcança quando estou passando o cartão na porta da suíte, entramos juntos, vou direto para a janela e fico observando a vista.

– Sei que você não é uma dama em perigo, sei mesmo, não queria ter vindo. Queria é que você tivesse ido embora no dia combinado. Só isso. – Percebo o tremor na voz dele no final da frase.

– Eu estava trabalhando, nada mais que isso. Qual é o problema? – *Não posso deixá-lo pensar que manda em mim* .

– Você não deveria ter marcado uma data, se não tinha certeza de quando poderia retornar. Não gosto de ser enganado. – A voz dele está mais trêmula agora.

– Não enganei você, os termos do contrato precisaram ser revistos e isso

atrasou tudo, tive que ficar e não ficaria mais um dia sequer depois de hoje, por você. – Acalmo a minha voz.

– E o Marco deve ter sido o responsável pela revisão dos termos do contrato, acertei?

– É verdade, você está certo, ele fez desses dois dias um inferno, mas não tocou nem um dedinho em mim, juro, e só hoje as coisas se resolveram. – Vou até o sofá e me sento e ele se senta na poltrona em frente a mim.

– Sei disso, pude ver a distância que você estava dele na sala de reuniões. – Ri e fica mais lindo ainda.

– Senti muita saudade de você. – Digo me acalmando.

– Estou desde segunda-feira igual a um autômato. Eva, eu só não a vi de verdade ontem, e quase fiquei doido. Acho que o meu caso é de internação. – Coloca a cabeça entre as mãos.

Fico calada olhando para ele, não vou facilitar as coisas, apesar de ter adorado que tenha vindo, não posso deixar que se sinta autorizado a mandar em mim, a dispor de mim. Só que me custa não o abraçar, não o amparar em meus braços, mas não posso ceder agora, senão terei que ceder sempre.

– Eva, faça logo o que você tem que fazer e me mande embora. – Continua com a cabeça entre as mãos, ainda não me encara.

– E por que eu faria isso? – Resolvo amenizar.

– Porque agi errado, porque não deveria tê-la arrastado assim de lá, não pensei direito, estava louco de ciúme. – Levanta o rosto e coça a nuca.

– Você é um homem ciumento, doutor? – Provoco.

– Não era até conhecer você. – Diz, meio acanhado.

– Sou capaz de entendê-lo. – Sorrio.

– Então estou perdoado? – O olhar dele está fixo em mim .

– Como reconheceu o seu erro, talvez possa perdoá-lo. – Decido voltar a ser boazinha.

Levanto-me do sofá, vou até ele e me sento em seu colo. Eu o beijo demoradamente e a tensão diminui.

– Você está absurdamente linda hoje. – Passa a mão pelo tecido do meu vestido.

– É porque você está sentindo saudade. – E encosto-me em seu peito. – A que horas será o nosso voo? – Quero saber quanto tempo temos até que tenhamos

que ir.

– Nem marquei a volta, só queria chegar e vê-la, me esqueci desse pequeno detalhe. – Fica tenso novamente.

– Vou ligar para a Patrícia e pedir que ela reserve um assento para você no meu voo de amanhã. Pode ser?

– Pode ser. Obrigado.

– E os seus pacientes? – Pergunto preocupada.

– Uma colega pediatra me substituirá hoje e amanhã. – *E muitas mães se decepcionarão.*

– Você está absurdamente lindo hoje. – Repito as palavras dele e ele sorri.

Thomas me abraça forte, me beija ardorosamente, sinto o seu membro enrijecer e o meu corpo estremece em resposta. Ele levanta comigo em seu colo e me leva para a cama.

Ele tira o blazer, desabotoa a camisa e tira as minhas sandálias, corre os dedos pelas minhas pernas e me arrepio dos pés à cabeça.

– Você é uma mulher linda.

Desamarra o cinto do meu vestido.

– E me deixa louco.

Levanta o meu vestido até a altura da cintura, para logo depois tirá-lo completamente.

– E me faz perder o bom senso. – Fala com a voz sensual.

Permaneço calada desfrutando de cada gesto e palavra.

– E me deixou viciado...

Beija a minha barriga e passa a língua no meu umbigo.

– No seu cheiro, no seu gosto. – Pronuncia as palavras de uma maneira muito sexy.

Lentamente escorrega a calcinha pelas minhas pernas, depois corre as pontas das unhas desde o dorso dos meus pés até a altura do meu sutiã.

– E só quero você mais e mais. – A voz dele está me deixando completamente úmida, quente e ofegante.

Abre e tira o meu sutiã bem devagar.

– Eu a desejo desesperadamente. – Os olhos dele faíscam de excitação.

Estou completamente nua, ele se ergue e tira a camisa sensualmente enquanto o observo sentindo diversas sensações me arrebatarem.

– Eu a quero como nunca quis mulher alguma. – Passa a língua pelos lábios de um jeito sexy, e tenho um espasmo.

Tira o cinto e me examina minuciosamente.

– Você me excita e não posso resistir. – *E você me excita mais ainda falando tudo isso.*

Abre o botão e o zíper da calça.

– E agora verá como fico quando ouço, quando olho, quando toco você.

Abaixa as calças e a cueca simultaneamente, e quase paro de respirar porque adoro o diâmetro do seu membro, que está rígido e ereto.

– Eu poderia ficar olhando-a assim por horas. – Ele ameaça.

Olhando só? Não! O meu subconsciente protesta.

– Mas eu sou fraco, não consigo não a tocar, quero meter em você.

Então mete logo! O meu subconsciente continua protestando!

Mantenho-me calada e tento permanecer imóvel. Os meus olhos nos dele, a minha respiração alterada, estou quente, molhada e cheia de desejo. Ele deita sobre mim bem devagar e se apoia nos cotovelos, escorrega o pênis teso e me penetra, me toca fundo, treme, para, se controla, me controlo, ele não se mexe, e acho que não vou resistir mais nem um segundo. Ele beija a minha testa, a minha face e enfia a língua na minha orelha.

– Você está tão quente e tão molhada. Você também me deseja, Eva? – Sussurra a pergunta no meu ouvido com a voz sensual.

Eu não respondo nada, só abro mais as pernas e projeto a minha pelve para frente. Thomas se descontrola, arremete com força e instantaneamente me deixo ir, gemo alto, mordo o seu ombro, ele arremete com mais força e mais fundo, cravo as unhas nas suas costas, grito, o ritmo acelera, ele urra e gozo de novo, junto com ele, nos contorcemos, e tenho a sensação de que me fragmento em milhões de partículas, flutuo e é maravilhoso!

Ficamos na cama durante um bom tempo de mãos dadas, embalados pelas sensações que sentimos, em estado de relaxamento. Estou sonolenta, dormi mal a noite anterior, a presença do Thomas ao meu lado me conforta, me sinto segura, protegida, e durmo.

Capítulo X

A Patrícia é mesmo o meu anjo, providenciou um assento no voo de volta para o Thomas ao lado do meu. Durante as pouco mais de três horas de viagem, fazemos palavras cruzadas e lemos o jornal juntos.

O carro do Thomas está estacionado no aeroporto, e ele me leva para casa. Quando chegamos ele sobe para o meu apartamento carregando a minha mala.

– Lar doce lar! – Digo ao entrar em casa, e ele ri.

Adoro voltar para a minha zona de segurança.

– Você precisa trabalhar hoje? – *Sou só alegria* .

– Hoje não, a minha colega está me substituindo. Lembra? – Sorri ternamente.

– Pobres mãezinhas. – Penso alto.

– Por quê? – Olha-me interessado.

– Porque se você fosse o pediatra dos meus filhos, eu ficaria muito decepcionada em ser atendida por outra pessoa. – Digo e dou uma gargalhada baixa.

– E isso quer dizer? – O interesse dele permanece.

– Que eu gostaria que os meus filhos fossem atendidos pelo totalmente lindo doutor Thomas e por ninguém mais. – Falo me entregando.

– Pretendo ser o pai dos seus filhos, não apenas o pediatra. – A voz dele é firme e a sua postura defensiva.

A reação do Thomas não é a que eu esperava, ele percebe a minha surpresa, vira de costas e leva a minha mala para o quarto. A tensão fica no ar. Resolvo ir atrás dele.

– Preciso ir ao supermercado. – Mudo de assunto.

– Quer que eu leve você? – Ele se oferece e fico muito contente, adoro ter alguém que empurre o carrinho e carregue as sacolas.

– Oba! Quero. – Respondo, ele sorri sem ressentimento e me abraça.

Decido que precisamos ir imediatamente, antes que a preguiça nos faça desistir da empreitada, então saímos carregados de sacolas retornáveis.

A nossa ida ao supermercado é muito divertida, nunca me animei tanto

fazendo compras. O Thomas gosta de praticamente tudo, e o nosso carrinho vai ficando cheio, parte das compras é minha e parte é dele. O carrinho é o mesmo, porque só ele empurra, prefiro vasculhar as prateleiras.

Quando terminamos, passamos no apartamento do Thomas e guardamos as compras dele, ele aproveita e toma banho. Eu espero esquadrihando a sua preciosa estante de livros, tem muita coisa interessante. Pego em prestado um livro de Anais Nin. Esse homem pesquisa!

Thomas aparece vestindo bermuda e camiseta e segurando uma mochila.

– Que mochila é essa, doutor? – *Estou muito curiosa* .

– A minha roupa para trabalhar amanhã, vou dormir com você. – Sorri de maneira tímida.

– Que ótimo! – Começo a rir.

Estamos na cozinha guardando as minhas compras quando a campainha toca. O interfone não tocou, deve ser alguém conhecido.

– Esperando alguém, minha linda?

– Não, deve ser a vizinha. – Saio tranquilamente.

Abro a porta despreocupada e dou de cara com o meu pai, ele está sério e, por mais incrível que pareça, sozinho.

– O seu velho pode entrar? – O semblante dele entenece.

– Entre, papai, que visita boa. – Penso no inusitado da situação.

Ganho um abraço carinhoso e um beijo suave na bochecha, que retribuo, fazendo o meu pai sorrir.

– “Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha. – Recita ainda sorrindo.

– Voltei de viagem hoje, renovamos o contrato com a AMPLA. – Vanglorio-me feliz.

– A Patrícia me contou quando liguei para o escritório, vim dar os parabéns. Imagino que aquele tarado do filho do Donato assediou você novamente. – Diz com um olhar matreiro. *A astúcia do meu velho pai é grande* .

– O Marco me incomodou sim, mas dei um jeito, sou crescida, papai. – Defendo-me.

O meu pai sorri demonstrando orgulho da filha intrépida.

– Onde está a mamãe? – *Quase nunca os vejo separados* .

– No cabeleireiro. – Revela rindo como se a resposta fosse óbvia, e quase é.

Thomas entra na sala de camiseta, bermuda e descalço, os seus cabelos estão desalinhados, ele observa o meu pai e o meu pai o observa muito atentamente.

– Papai, esse é o Thomas. – Fico um pouco constrangida com a inspeção que o meu pai faz.

– Thomas, esse é o Guido, o meu pai. – Tento parecer séria, mas a situação é engraçada.

– Muito prazer, senhor. – Thomas diz com a voz firme.

A minha vontade de rir aumenta quando percebo o quanto o Thomas está tenso.

– O prazer é todo meu, Thomas. – O meu pai sorri, e eles apertam as mãos.

– Sei que não tive tempo de apresentar o Thomas devidamente ainda, acontece que faltou ocasião e não queria contar por telefone. – Desculpo-me antecipadamente.

– Estou começando a gostar da conversa. Podemos nos sentar ou precisamos estar de pé para ouvir o seu discurso?

O senso de humor do meu pai é a sua característica mais marcante, só que nem sempre é apropriado.

– Claro que podemos nos sentar. – Uma pontinha de irritação destoa na minha voz.

Thomas se senta ao meu lado no sofá, e o meu pai se senta na poltrona bem na nossa frente.

– O Thomas e eu estamos namorando. – Digo rapidamente, para livrar-me do peso dos olhos do meu pai sobre mim.

Thomas se remexe no sofá, noto o seu incômodo, afinal ninguém merece conhecer o pai da namorada assim, muito menos quando não sabe quase nada sobre ele.

– E isso tem muito tempo? – O meu pai pergunta interessado.

– Não, senhor. Nós nos conhecemos há pouco tempo, contudo, devo dizer que gosto muito da sua filha. – Thomas fala de um só fôlego e estou realmente inclinada a começar a rir.

– O senhor está no céu, pode me chamar de você, deixemos de lado as

formalidades. – O meu pai também segura o riso, e percebo que se diverte com a situação.

– Sim, senhor, quer dizer, Guido. – Thomas se enrola.

O meu pai e eu liberamos o riso, e o rosto do Thomas desanuvia.

– A sua mãe deveria mesmo estar aqui. – O meu pai diz, pensando alto.

– Adorarei conhecê-la. – Diz um Thomas mais tranquilo.

– E me diga, Thomas. De onde é que o conhece? – O meu pai indaga. *Essa não, agora não* .

– Não saberia dizer. – E o Thomas me olha confuso.

– O seu rosto me é estranhamente familiar. – O meu pai fala com a voz cheia de segurança e nota o constrangimento em meu rosto.

– A Eva diz que me pareço muito com o melhor amigo que ela teve, talvez seja isso.

– Melhor amigo? – O meu pai faz uma cara de dúvida. – Deus eterno, é isso!

– Fala, subitamente sabendo de quem se trata.

Quase caio do sofá, e o meu pai, me conhecendo como ninguém, percebe que é melhor deixar o assunto de lado, contudo, como também o conheço bem, sei que será apenas temporariamente.

– E você trabalha com o quê, meu rapaz? – Para o meu alívio, ele realmente muda de assunto.

– Sou médico, pediatra. – A voz do Thomas denota orgulho.

– Você é médico? – O meu pai se espanta. – A vida é mesmo uma caixinha de surpresa . – Diz, pensando alto.

– Seria mais adequado que eu fosse advogado? – Thomas indaga sorridente.

– Não, meu filho. Considero a Medicina uma profissão nobre e belíssima. Na verdade, você poderia ter qualquer profissão ou até mesmo nenhuma, desde que faça a minha filha feliz. – O meu pai diz, e engasgo.

– Posso garantir que estou me esforçando. – Thomas dá o seu sorriso perfeito.

– E posso garantir que você tem o meu total apoio. – O seu Guido afirma e ambos sorriem em cumplicidade.

– Alguém quer beber alguma coisa? – *Esta sou eu tentando mudar o tema* .

– Aceito água com gás gelada e, se tiver, uns belisquetes. – *O meu pai e o seu adorável apetite.*

– Você deu sorte, porque acabamos de voltar do supermercado. – Digo em tom de brincadeira.

– Acabaram, é? – Articula a pergunta com disfarçada malícia e percebe aonde ele quer chegar.

Vou até a cozinha e demoro um pouco até me sentir mais relaxada. O meu pai é mesmo uma ave de rapina e, além disso, tem um apetite voraz, então capricho no lanche e coloco a mesa enquanto eles conversam animadamente.

Um já ganhou a simpatia do outro, posso notar perfeitamente.

– Eva, a sua mãe quer falar com você. – E me estende o celular.

– Eva, o que o seu pai está me contando? – Pergunta, alegremente, sem perder tempo com cumprimentos.

– Não sei, mamãe, quer que eu devolva o telefone para ele? – Não consigo deixar passar uma oportunidade de ser irônica.

– Deixe de ironia! Estamos na cidade. – *Percebi*. – Jantar amanhã lá em casa e você está intimada a levar o Thomas.

Agora estou realmente encrencada, se o meu pai é astuto, a minha mãe é duas vezes mais.

– Falarei com ele, se ele puder, iremos. – Tento desconversar.

– Pergunte agora, Eva, estou aguardando. – *Eu não disse ?*

– Thomas, a minha mãe está nos convidando para jantar amanhã. Tudo bem? – Espero a resposta dele.

– Claro, minha linda. Adorarei conhecê-la. – Responde, sorridente e reparo que o meu pai balança a cabeça assentindo feliz.

– Iremos, mamãe. – Digo, já me preocupando.

– Eu ouvi, minha filha. Aguardo vocês às oito horas. Da noite, óbvio. – E desliga.

Lanchamos e conversamos um pouco, o meu pai, como sempre, monopoliza a conversa e é o centro das atenções, ele sabe manter um diálogo interessante, acho que por isso sempre foi um excelente advogado.

O motorista avisa que chegou, e o meu pai nos abraça, fazendo-nos prometer que não nos esqueceremos do jantar, e vai embora levando todo o seu magnetismo.

– Desculpa, Thomas. Não queria que você tivesse sido obrigado a conhecê-lo assim. – Revelo a minha consternação.

– Adorei conhecer o seu pai, não me importa a forma. No começo fiquei um pouco preocupado, mas depois ele me deixou à vontade. – Fala com sinceridade.

– Prepare-se para conhecer a dona Eva. – Penso alto.

– Dona Eva? – Mostra-se confuso.

– Não lhe contei? A minha mãe e eu temos o mesmo nome. Essa é uma história engraçada.

– Então me conta. – Pede.

– Resumindo. Os meus pais acharam que teriam um filho, um varão, e escolheram o nome Pietro para ele, o nome do meu avô paterno. Então, a gestação toda esperaram pelo Pietro. Você bem sabe que não tínhamos ecografias nem exames de sangue que revelassem o sexo do bebê naquela época. Ao invés do Pietro, eu nasci, para a decepção inicial de todos, eles nunca me disseram isso, claro, essa parte da história, presumi. Voltando ao tema, a surpresa deles foi tanta que fiquei mais de um mês sendo a bebê.

– Que história mais maluca. – Interrompe sorridente.

– Verdade. Só que os meus pais não chegavam a um acordo sobre como eu deveria chamar. A minha mãe, passional como sempre, acusava o meu pai de querer me registrar com nomes de ex-namoradas, e o meu pai para resolver o conflito quis me dar o nome da mãe dele. A minha mãe recusou porque elas não tiveram muita afinidade. Como o nome da minha avó materna estava fora de questão por ser muito incomum, o meu pai, cansado da contenda, um dia saiu e voltou balançando a certidão e disse para a minha mãe: “O nome é o seu, o sobrenome é o meu”.

Thomas ri com vontade, e sou contagiada por seu riso.

– Só que todo mundo chama a minha mãe de Evinha. – Concluo.

– Evinha não deveria ser você?

Engraçado como todo mundo que nos conhece faz a mesma pergunta.

– Esse é o apelido dela de infância, ainda bem. Você sabe que não gosto de apelidos, além disso, acho complicado ter um apelido que é maior do que o próprio nome.

Thomas ri, e me olha carinhosamente.

– Agora vou anotar o endereço dos meus pais para você.

Pego papel e caneta .

– Não iremos juntos? – *A dúvida atormenta esse ser* .

– Irei mais cedo para ajudar a minha mãe, ela é extremamente detalhista, capaz de fazer de um pequeno jantar um evento. Estarei lá para contê-la. – Abraço o meu doutor.

– Entendi. – Ele me aperta.

– Vamos nos arrumar para dormir, querido?

O dia foi interessante e estou me sentindo bem cansada.

– Vamos, minha Eva, acho que merecemos descansar.

Minha Eva? Gosto do som da voz dele dizendo isso.

E, como duas pessoas que se sentem completamente à vontade e confortáveis juntas, nos preparamos para dormir. Tomo banho, passo os meus cremes, penteio os cabelos, visto a camisola e escovo os dentes, enquanto o Thomas lê o seu livro. Depois é a vez dele de se arrumar enquanto respondo os meus e-mails e consulto a minha agenda de amanhã.

Nós nos deitamos abraçados na minha cama enorme e ele me conta mais um pouco da trama do livro que está lendo. A narrativa é envolvente, e adoro ouvir a empolgação na voz dele. Estimulo que me conte até a parte em que parou, quando termina estou sonolenta e ele cansado, nos abraçamos e nos beijamos docemente, viro de costas e ele me abraça, ficamos assim de conchinha e adormeço.

Estou andando descalça na relva, uso um vestido azul bonito, os meus cabelos estão soltos e balançam ao vento, estou feliz, estou sorrindo, a paisagem é linda, a paz é incrível. Começo a dançar, a melodia me envolve, fecho os olhos e, quando abro, ele está parado bem na minha frente, está sorrindo e parece feliz também. Estendo a mão, e ele a segura e a serenidade nos envolve. Os olhos dele encontram os meus e ele fala comigo, não articula palavras, ouço a voz dele na minha cabeça:

– *Eva, que bom que você está feliz.*

– *Nicolas, eu te amo tanto.*

– *Eu também te amo muito, Eva. Aprendi aqui que existem muitas formas de amor.*

– *Nicolas, quero que saiba que desejo que você esteja feliz e bem.*

– *Estou bem e você estará sempre comigo.*

– *Eu não quero esquecerê-lo, mas você sabe o que está acontecendo, não*

sabe? – *Questiono ressabiada.*

– *Sim, eu sei que o seu coração está em paz. Saiba que existem momentos certos para lembrar e para esquecer.*

– *Eu não entendo. – Estou confusa.*

– *Você entenderá, esteja certa disso, eu já entendi.*

– *Explique-me, por favor. – Rogo.*

– *O seu coração fará com que você entenda, confie.*

Ele começa a se afastar, e imploro:

– *Espere, quero que você me explique, não vá.*

– *Estou orgulhoso de você, minha doce Eva, e lhe deixo uma parte do que eu fui.*

Fico ali parada, tranquila, observando o Nicolas partir, sinto a minha mão ser segurada, o Thomas está aqui.

O interfone toca e desperto do meu sonho sobressaltada, Thomas se remexe. São seis horas da manhã, só agora me lembro de que marquei com o meu *personal trainer*, Ian. Desde quarta-feira deveria ter reiniciado as minhas atividades físicas, as férias dele acabaram e, conseqüentemente, as minhas também. O Ian sempre pede para o porteiro dar um toque no interfone para que eu saiba que ele está subindo e me prepare.

Percebo que não estou nem um pouco animada a recomeçar a minha atividade física em plena sexta-feira, gosto mais dos exercícios que ando praticando ultimamente, mas...

– *Querido, querido? – Sussurro no ouvido do Thomas.*

– *Estou me arrepiando todo. – Puxa-me para cima dele.*

– *Calma. Preciso que você abra a porta para o meu *personal*, que está chegando, enquanto visto a roupa de ginástica. – Falo ofegante.*

– *Espera aí. Tem um monte de coisa que eu não entendi. *Personal* aqui? Não está muito cedo? Não vou poder namorar você um pouquinho agora?*

– *O *personal* vem aqui, porque tenho uma miniacademia, já deveria ter lhe mostrado, ele chega cedo para que o meu dia não fique prejudicado. Poderemos namorar bastante mais tarde. Tudo explicado? Você recebe o Ian para mim?*

– *Ian? Está bem.*

E a campainha da porta toca.

Minutos depois, Thomas aparece na porta do closet, estou quase pronta e ele me examina dos pés à cabeça.

– Ele está esperando você. – Fala e continua me observando.

– Você abriu a porta para ele de cueca? – *Estou indignada* .

– Exatamente. Esse Ian agora sabe o tamanho do homem que dorme com você. – Sorri maliciosamente.

O comentário dele me faz rir, fico pensando na cara do pobre Ian, deve ter ficado todo desconcertado.

– Você vai fazer ginástica usando essa roupa? – Indignação total na voz dele.

– Claro, se faz ginástica com roupa de ginástica. – *Sou irônica para variar.*

– E você não tem pena do Ian? Quer acabar com ele? – Pergunta de maneira divertida.

– O Ian está acostumado, dá aula para muita gente, vive na academia e esse tipo de vestuário é comum para ele. – *Sou quase didática na explicação.*

– Esse tipo de vestuário pode até ser, mas duvido que esse tipo de corpo seja.

– Diz apontando para o meu corpo.

– Você é um galanteador, é por isso que me conquistou. – *Eva, a poderosa.*

Prendo o cabelo e começo a sair do quarto.

– Evaaaaa? – Thomas me chama cantarolando.

– Sim, meu queridooo. – Carinhosamente respondo cantarolando.

– Avise ao Ian que ele acabou de ganhar um aluno novo. Vou me vestir e estarei com vocês em alguns minutos. – Afirma, e gargalho com vontade.

O meu apartamento possui quatro quartos, o maior deles é o meu, o segundo é o de hóspedes, o terceiro transformei em escritório e o quarto em academia. Os meus equipamentos são modernos e foram comprados segundo as recomendações do Ian. Quando preciso me exercitar mais forte, corremos pelo bairro, não gosto muito, contudo o Ian é um ser desalmado.

– Bom dia, Ian. – Dou um afetuoso abraço nele. – Aproveitou as férias? – Pergunto educadamente.

– Bom dia, Eva. As minhas férias foram ótimas, descansei bastante. – Diz muito controlado.

– Você tem um aluno novo, ele deve estar chegando. – *Estou achando muita graça da situação.*

– Acredito que já o conheci. Thomas, não é? – E se comporta mais

contidamente que o normal.

– Precisamente. O de cueca. – Rio alto.

– Falando em mim ou de mim? – Thomas surge na porta presenteando-nos com o seu sorriso perfeito.

Por incrível que pareça, é muito melhor fazer os exercícios com a presença do Thomas. Ele é disciplinado e gosta de se exercitar, então com dois homens fortes me incentivando, dedico-me bem mais. Fazer o quê? Confesso que contemplar corpos masculinos bem definidos é um traço de fraqueza do meu caráter.

Nunca uma hora de exercícios passou tão rápido como passou hoje, e até o Ian reparou que eu estava mais motivada. Ele me disse isso quando o levei até a porta, claro, com o Thomas no nosso encaixo.

– Vamos tomar banho, minha linda? – Thomas pergunta assim que nos despedimos do Ian. – Precisamos namorar um pouquinho antes de sairmos para trabalhar. – A voz dele vai ficando mais rouca.

– Concordo plenamente, siga-me! – Saio rebolando na frente dele rumo ao banheiro da suíte.

– Que visão deslumbrante! – Elogia rindo.

Tiro a minha roupa suada, desamarro o cabelo e entro embaixo do chuveiro. A água morna me atinge, lava o suor do meu corpo, molha os meus cabelos e renova as minhas energias.

Thomas entra no box e para. Fica me admirando, o seu olhar é selvagem, me sinto linda, desejada e vejo o quanto ele está teso.

Propositalmente começo a tocar os meus seios, aperto-os com força, massageio-os, gosto da sensação. Ele me observa, e vejo fogo em seus olhos. Seguro na parede e vou descendo a outra mão pela minha barriga, pela minha virilha; introduzo um dedo na minha vagina, depois mais um e fricciono. Thomas ofega e geme.

– Estou me tocando para você. – Faço uso da minha voz sensual.

– Não para, Eva, isso é lindo. – Thomas implora.

– Eu não vou parar. – *Quero instigá-lo.*

Abro mais as pernas, e intensifico a fricção, o vaivém dos meus dedos fica mais rápido, a minha respiração acelera, os meus quadris se movimentam em resposta, estou totalmente escorregadia, não consigo me segurar, e gozo. Thomas

se aproxima e me aperta contra a parede, levanta a minha mão e lambe os meus dedos.

– O seu gosto é delicioso. – Ofega.

Sou erguida e sustentada pelos quadris, as minhas pernas enlaçam a cintura do Thomas, me seguro em sua nuca e sou penetrada sem dó. Grito, ele entra e sai de mim, incansavelmente, com muita avidez, o meu corpo fica totalmente eletrizado e gozo novamente.

– Sou completamente sua. – Não me canso de confessar.

Thomas acelera o movimento, arremete fundo, gemo, estou perdida em um frenesi, ele urra, aumenta a intensidade da penetração, rebola dentro de mim, entra e sai diversas vezes, cada vez mais forte, geme alto, oscila, grito e, nitidamente, gozamos juntos.

Após nos acalmarmos, Thomas lava os meus cabelos, massageia com gentileza o meu corpo satisfeito e depois se lava, deixa a água escorrer, observo toda a masculinidade desse homem divino e lavo as suas costas e os seus cabelos também.

Devidamente saciados e vestidos para o trabalho, tomamos o café da manhã, e explico como são os meus pais, principalmente a minha mãe, ao Thomas. Ele presta atenção e se diverte com os meus comentários. A conversa é tão boa que quase perco a hora.

– São nove horas. Você está atrasado?

– Não, minha linda. Estarei no hospital pela manhã. Acompanharei uma cesárea às dez horas e outra às onze horas. Ao meio-dia visitarei um paciente que operou, e só estarei no consultório à tarde. – Explica, sorridente.

– Que bom. Eu também ainda não estou atrasada.

– Levarei você para o escritório, não me esqueci de que o seu carro ficou estacionado lá.

– Não precisa, um motorista virá me buscar, inclusive, já deve estar chegando.

– Então, até mais tarde. – Ele pisca para mim e sorri.

– Nós nos veremos na casa dos meus pais. Está com o endereço? – Passo a mãos pelos cabelos dele e o despenteio.

– Sim, doutora. Eu a encontrarei lá. – Beija-me e sai para trabalhar.

Recebo uma mensagem no celular avisando que o motorista chegou e corro

para o estacionamento.

– Bom dia, Patrícia. Senti saudades. – Cumprimento-a sorridente.

– Bom dia, Eva. Também senti a sua falta. Você está linda, elegante e bronzeada. Que pele é essa, amiga? – E a Patrícia me abraça carinhosamente.

– Depois lhe dou a receita. – Dou uma piscadinha e entro na minha sala.

– A receita você pode até me dar, só acho que não será fácil aviar uma igual por aí. – Dá uma risada gostosa.

– Recebi o seu e-mail com a minha agenda, já sei os meus compromissos e estou preparada para o dia de hoje. – Abro a bolsa e aplico *gloss* nos lábios.

– Muito bem. Você está preparada para o seu bom dia? – Indaga, cheia de satisfação e alegria.

– Estou, mas a situação me parece estranha...

Penso no fato de que o Thomas saiu em cima da hora hoje. Como teve tempo para o meu bom dia especial?

A Patrícia sai e volta carregando um buquê de rosas brancas, lindo, muito chique e nem preciso ler o cartão para saber que não é do Thomas.

– Coloque-as em um jarro e mande-as para a recepção. – Peço friamente.

– Dúvida, dúvida. – Uma Patrícia confusa me olha sustentando o buquê nos braços.

– Essas rosas não me interessam, não são do Thomas. Deixe-me ver o cartão. – Abro o envelope e confirmo a suspeita.

“Eva.

Felicito-a pela renovação do nosso contrato.

Você como sempre foi brilhante. As rosas brancas são uma oferta de paz. Não sei como esquecer o seu sorriso, nem como tirar a sua imagem da minha cabeça. Sou seu servo de corpo e alma.

Marco Diniz”

Rasgo o cartão e o atiro no cesto de papel. Percebo que a Patrícia ainda não saiu e me olha atentamente.

– São do Marco Diniz. – A minha voz soa tão irritada quanto eu.

Ele não se cansa? Inacreditável! Depois de ter estressado todo mundo e me aborrecido, ainda se acha no direito de me mandar flores. Que sujeito!

– Vou fazer o que me pediu. – A Patrícia sai da sala apressadamente.

Como fiquei fora do escritório por uma semana, muita coisa acumulou por causa da incerteza do dia do meu retorno. Tenho milhões de documentos para assinar, uma reunião para conduzir e um relatório para analisar. Apesar de tudo, pretendo sair um pouco mais cedo e chegar ao apartamento dos meus pais antes do Thomas, porque preciso ter uma conversa com eles.

O Marco liga duas vezes e não o atendo, peço para a Patrícia inventar alguma desculpa.

As horas voam quando se está ocupado e o dia passa depressa. Saio do escritório desabalada, e só quando chego ao edifício dos meus pais volto a respirar mais calmamente.

Subo e abro a porta do apartamento, tenho a chave.

– Que bom que você chegou um pouco mais cedo, minha filha. – A minha mãe dá de cara comigo no hall de entrada e me beija carinhosamente .

– Oi, mamãe. Vou me arrumar aqui, trouxe a minha valise, irei colocá-la no meu quarto e já volto. – Informo assim que terminamos de nos abraçar.

– E o seu namorado? – Indaga dando ênfase à palavra namorado.

– Chegará na hora marcada, não se preocupe.

A minha mãe é sempre muito pontual, e o sonho dela é que todos os outros seres humanos também sejam.

– E o papai?

– Jogando bridge.

Levo a valise para o quarto que tenho no enorme apartamento de cobertura dos meus pais, o quarto que ocupei quando perdi o Nicolas, quando não pude mais retornar ao apartamento de Campinas, quando não consegui voltar à casa da minha infância em Ribeirão Preto. Toda vez que entro nele me sinto mais forte, porque me lembro do que passei e que, apesar de tudo, sobrevivi.

Coloco a valise em cima da cama, resolvo tomar banho e me vestir logo, porque o meu pai deve estar chegando e prefiro conversar com ele e a minha mãe ao mesmo tempo, poupará meu trabalho.

Visto-me com simplicidade e elegância. Coloco um vestido vermelho soltinho, estilo bata, com lingerie combinando e calço sapatilhas douradas. O meu cabelo está bonito, o Thomas o lavou pela manhã, então deixo que fique solto.

Assim que termino de me arrumar, saio à procura dos meus pais.

– Nossa, minha filha, você está linda! – O meu pai me abraça e beija a minha face.

– Obrigada, papai. – Faço cara de menina manhosa.

– Gostaria de conversar com vocês antes de o Thomas chegar. – Tento soar solene.

– Desde que você me explique primeiro por que ficou tão constrangida quando achei o rapaz parecido com o Nicolas, tudo bem. – O meu pai me olha com aquela cara de “não vá pensando que vai se sair bem dessa”.

– Até você, Guido, pare com isso. Já chega as vezes em que a Eva achou que fulano ou ciclano lembrava o Nicolas, ou que tinha visto alguém parecido na rua. – *Eis a mãe que traumatizei* .

– Só que mesmo depois de dez anos, estando velho e com a memória não tão boa, olhei para o Thomas e automaticamente me lembrei do Nicolas. Não sei se são tão parecidos, mas existe alguma coisa que me faz associar os dois. – Defende a sua posição bravamente.

– Você mesma poderá tirar as suas conclusões dentro em breve, mamãe, e gostaria de pedir apenas que não fizesse um alarde disso. O Thomas sabe que se parece com alguém do meu passado só não sabe a importância que esse alguém teve para mim. – Explico tentando ser o mais clara possível.

– E por que não? Vocês não estão namorando? Ele deveria saber. – A minha mãe é sempre muito prática, tudo para ela ou é simples, ou se torna.

– Porque quando o conheci achei que não era da conta dele. Depois quando começamos a nos relacionar, não falei porque não sabia se estava com ele por causa dele ou porque ele se parece com o Nicolas. Agora que estamos namorando ainda não falei porque, apesar de saber que estou com ele por causa dele mesmo, tenho medo de que pense que só estou com ele para me lembrar do Nicolas. – *Não sei se expliquei ou se confundi todo mundo.*

– Isso está parecendo mais um teorema do que um namoro. – O meu pai conclui brilhantemente.

– Tudo bem, filha, se você não quer que façamos comentários, não faremos. – Garante a minha mãe. – Ninguém é obrigado a revelar todo o seu passado em um relacionamento, geralmente as pessoas só contam o que acham interessante, o que as valoriza. Todo mundo é assim. Você não tem obrigação de

contar nada. – E a praticidade da minha mãe me comove.

– Até que não teria se pudesse, mas não posso. – Falo com sinceridade.

– Deixe o Nicolas descansar em paz, minha filha. – O meu pai vai começar a implorar, esse assunto é delicado demais para ele.

– Vocês não entenderam. Eu não posso deixar o assunto Nicolas de lado. Não por causa do que ele representou para mim, mas porque tenho convicção de que o Thomas e ele estão ligados de alguma forma. – *Agora eles vão achar que enlouqueci de vez* .

– E como é que isso seria possível? – O meu pai pergunta, gostando como sempre de uma boa explicação lógica.

– Ainda não sei, preciso investigar. – Tento parecer confiante. – Pai, eles são muito parecidos, até você se lembrou do Nicolas, eles têm o mesmo sinal de nascença, a mesma idade, escolheram a mesma profissão, e têm a mesma alergia a camarão. – Insisto na minha teoria, estou ficando um pouco desesperada.

– E você citou que eles têm a mesma idade porque acha que são gêmeos? – A minha mãe pergunta com ligeiro sarcasmo, reduzindo as analogias que fiz a pó.

– Eles são tão parecidos fisicamente que até poderiam ser, mas além de outras coisas, aí está uma que não bate, eles nasceram no mesmo ano só que com pouco menos de um mês de diferença. O Thomas é mais novo. – *Sou pura confusão agora* .

– Devemos considerar alguns fatos. Primeiro, a sua mãe e eu vimos a Lourdes grávida durante os nove meses. Segundo, o Nicolas era a cara do pai dele. Terceiro, tinham exatamente o mesmo tipo sanguíneo, o pai e o filho, porque quando o William sofreu aquele acidente foi o Nicolas quem doou sangue. Excluindo esses fatos, acho que a sua teoria de que o Thomas e o Nicolas tenham alguma relação até que é boa. – O meu pai ironiza veementemente.

– Certo, Guido, levando em conta os fatos que relacionou e tendo em vista que o Nicolas era a cópia fiel do pai dele e que o Thomas, segundo vocês, é igual ao Nicolas, a relação entre eles é possível no caso de o William ter traído a Lourdes. – A minha mãe fala, convencida de que descobriu a pólvora.

– Só que o Thomas foi criado pelo pai, nunca conheceu a mãe. – Afirmo com determinação, e a minha cabeça começa a dar um nó.

– E esse pai se parece com ele, ou é muito diferente? – O meu pai pergunta.

– Eu não sei, ele diz que é completamente diferente do pai, que o pai dele era bem moreno. – *Ou será que estou fazendo confusão ?*

– Então, de acordo com as informações que temos, só posso concordar com a sua mãe. Se eles são tão parecidos é porque correm o risco de serem irmãos e isso só seria possível se o William pulou a cerca. Podemos perguntar isso para ele. – Papai diz simplificando a questão, ele realmente é inacreditável.

– Como assim? Por que o William deixaria o próprio filho ser criado por outro homem? Por que a mãe do Thomas o abandonaria? – A minha perturbação não tem fim, concluo assim que a palavras deixam a minha boca.

– Acredito que já sei! A mãe do Thomas traiu o suposto pai dele com o William, engravidou, e na dúvida sobre a paternidade, nunca contou ao William. Quando o filho nasceu, ela percebeu que o bebê era a cara do amante, no caso o William, e fugiu deixando o pobre bebê para trás. Então, sem alternativa, o traído criou o menino mesmo sabendo que não era filho dele . – *A minha mãe pode ter acabado de elucidar a questão, encho-me de ânimo. Por que não a consultei antes?*

– Eureka, mamãe, acho que você matou a charada! – Exclamo alegremente.

– Pode deixar que amanhã telefonarei para o William, e perguntarei se ele traiu a Lourdes. – O meu pai foi contaminado pela praticidade da minha mãe.

– Enlouqueceu, papai? Você não pode fazer isso. – Demonstro toda a minha indignação.

– E por que não? Se ele tiver outro filho, é melhor que saiba antes de morrer, se é que já não sabe. Sou amigo dele há mais de cinquenta anos, ele não vai se aborrecer comigo só por causa de uma perguntinha.

Às vezes o meu pai é mesmo muito engraçado.

– Acho que essa é a única explicação plausível. – *Estou muito ansiosa.*

– Só que também tem outra explicação, é bem possível que o Thomas apenas lembre o Nicolas. E mesmo que se pareçam muito, você tem que pensar que depois de dez anos as pessoas mudam. – A minha mãe argumenta. – Talvez hoje nem o Nicolas parecesse mais com ele como quando era antes, dez anos são capazes de fazer um senhor estrago.

– E como são! – O meu pai comenta interrompendo a minha mãe.

– Alergia a camarão muita gente tem, é bem comum e sinal de nascença

para ser uma prova cabal tem que ser bem exótico. – Ela suspira e prevejo que ainda não acabou. – Desejo de coração que você não esteja se apegando a isso para ficar se lembrando do Nicolas. – E percebo tristeza no olhar da minha mãe.

– Mãe, não é nada disso, o Thomas é aquele mar do qual você me falou, já vai conhecê-lo, gosto mesmo muito dele. Só quero ter certeza de que não estou negando a oportunidade de que ele descubra a verdadeira história da vida dele. Ele tem direito de saber quem é ou foi a mãe dele. – Dou aos meus pais o meu olhar mais puro e sincero.

– Só que, seguindo a linha de raciocínio que traçamos aqui, é bem mais provável que ele descubra quem é o verdadeiro pai dele. – E o meu pai ri achando a maior graça.

– Guido, deixe de piadinhas, o assunto aqui é sério, quero ver a nossa filhinha feliz. – A minha mãe me abraça com muita ternura.

– E eu quero netos! – Papai desabafa.

Capítulo XI

O interfone toca, são exatamente oito horas da noite. Posso perceber o ar de aprovação da minha mãe, pontualidade para ela é sinal de bom caráter.

– O Thomas está subindo. – O meu pai avisa.

– Pode deixar que o receberei. – Saio rapidamente em direção à porta.

Escancaro a porta no mesmo momento em que ele deixa o elevador. Valei-me! Thomas está muito bonito vestido com calças de alfaiataria cinza-chumbo, camiseta branca com discreto decote em “v” e blazer cinza, a elegância em pessoa. Também carrega um buquê de girassóis que eu sei que não é para mim.

– Boa noite, doutor. – *Acho que esse homem nem imagina o quão lindo é.*

– Boa noite, doutora. Percebo que causei uma boa impressão. – Sorri e dá uma voltinha para que eu possa admirá-lo.

– Reparou que eu quase babei? – *Acho que ele imagina o quanto é lindo sim.*

– Você também está de parar o trânsito. – Beija-me sem a menor cerimônia.

– Boa noite, Thomas, entre e fique à vontade. – Papai cumprimenta e abraça o Thomas como se fossem velhos amigos.

– Thomas, essa é minha mãe, Eva.

Dona Evinha está literalmente de boca aberta. Não sei se é porque achou que ele é parecido com o Nicolas, ou porque ele é simplesmente lindo.

– É um grande prazer conhecê-la, agora sei a quem a Eva saiu, as flores são para a senhora. – Beija a mão da minha mãe elegantemente.

Thomas prestou mesmo bastante atenção na conversa que tivemos sobre os meus pais .

– Muito obrigada, adoro girassóis. Por favor, pode me tratar por você e me chamar de Evinha, assim evitamos confusão com os nomes e, a propósito, sintase em casa. – Percebo que ela parece um pouco atordoada, deve estar achando que pesquei um peixeão.

– Gostaria apenas de um aparte. – O meu pai se manifesta . – A Eva é uma mistura do muito distante lado índio da família da Evinha e do puro e forte sangue italiano da minha família, tem os olhos de cor âmbar como os da minha falecida mãe. – Argumenta.

– E dessa mistura resultou essa linda e exuberante mulher com os olhos da cor mais bonita que já vi. – Thomas diz apontando para mim e sorrindo.

– Concordo plenamente, a Eva é uma mulher bela e inteligente, sou fã dessa garota. – Seu Guido expressa a sua corujice.

– Podem parar com a paporicação! – O tom de brincadeira que uso faz todos rirem.

– Além disso, a Eva tem a sagacidade do pai e o bom gosto da mãe. – Mamãe rebate, agora tenho certeza de que está impressionada com a beleza do Thomas, ela, como eu, admira o que é belo.

Seguro a mão do Thomas e o conduzo até o sofá, reparo que está admirando a sala de visitas. A minha mãe passou anos decorando o apartamento e conseguiu deixá-lo muito bonito e aconchegante.

A conversa flui maravilhosamente, papai e Thomas demonstram uma cordialidade interessante um com o outro, eles realmente estão se entendendo. A minha mãe, geralmente mais tagarela, está estranhamente calada hoje, percebo que está muito observadora e fico intrigada.

– Vou acompanhá-la, mamãe. – Digo assim que ela manifesta a intenção de verificar se o jantar está pronto para ser servido.

– Siga-me. – E ela passa diretamente pela cozinha e segue para a biblioteca, presumo que não quer falar comigo na presença dos empregados.

– Eva, que rapaz é esse? – Segura as minhas mãos e encara o meu olhar.

– Não entendi. – Solto as minhas mãos da dela e sento-me na poltrona tentando interpretar o que ela quer dizer.

– Lindo e sedutor!

Estava certa, o Thomas conquistou-a também.

– Tenho tido sorte. – Viro a cabeça e observo as estantes repletas de livros.

– Além disso... – Percebo um ligeiro tremor na voz da minha mãe. – Ele realmente lembra muito o Nicolas. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, o mesmo sorriso e os mesmos olhos. – Ela parece refletir enquanto enumera. – Só que o Thomas parece ser mais alto, mais forte e mais másculo do que o Nicolas era. – Ainda reflexiva. – Apesar de que o Nicolas era um jovem rapaz quando faleceu, então não sei como ele seria estando mais maduro.

– E você só se concentrou na aparência do Thomas ou fez algum outro tipo de análise? – *Ah, a doce ironia* .

– Não seja ciumenta, ele é um belo exemplar de homem, ótimo para a contemplação, acostume-se com isso. Respondendo a sua pergunta, achei-o carismático, simpático, educado, pontual e seguro de si. Percebi também que ele olha para você completamente hipnotizado. Esse rapaz está muito interessado, posso até dizer que está apaixonado. – *A observadora mamãe!*

– Não seja boba, mamãe, ainda é muito cedo para isso, nos conhecemos há pouco tempo. – Desconverso, e volto a observar os livros nas estantes.

– Também percebi... – Continua. – Que você olha para ele de um jeito ardente, fascinada, acho que ele mexe bastante com você, então só posso concluir que também está apaixonada e que ele deve ser um excelente amante.

– MAMÃE! – Repreendo-a. – Você tem muitas percepções para quem fez uma análise tão breve. – Faço-me de indignada porque senão ela vai querer detalhes do quanto ele é bom.

– Agora tenho certeza, ele é um excelente amante e você está apaixonada, aleluia!

Ela sai, vou atrás, entra na cozinha e eu, por medida de segurança, vou checar como estão os meus rapazes.

O jantar está maravilhoso, sem formalidades, todos descontraídos e conversando animadamente. Observo a cena e fico tocada. É incrível como o Thomas foi bem recebido, e como ele se sente à vontade com os meus pais.

– Sabe, Thomas. – Papai começa. – Quando me casei com a Evinha eu tinha trinta e cinco anos e ela vinte e cinco. O nosso namoro e noivado foram meteóricos e não me arrependi nem um dia sequer de ter aceitado aquele ultimato.

– Essa história de novo? Preciso dos meus sais. – A minha mãe ri por saber de antemão a história que o meu pai contará.

– Ultimato? – Thomas pergunta sorridente.

– Sim. Evinha e eu namorávamos há uns seis meses, ela deve ter sido a trigésima namorada que tive. – Sorri satisfeito enquanto a minha mãe revira os olhos. – Nós nos víamos apenas nos finais de semana, porque eu já morava aqui em São Paulo e ela lá em Ribeirão Preto. Então, um final de semana eu fui buscá-la em casa e ela disse: “Guido, você tem trinta e cinco anos, está na hora

de assumir compromissos, se realmente gosta de mim me peça em casamento; se não, vá viver a sua vida e me esqueça”. Ela me deu as costas e entrou de novo em casa. – E o meu pai cai na gargalhada enquanto a minha mãe sorri envergonhada.

– Você se lembra de cada palavra que falei com enorme precisão, não é? Sempre fui uma mulher prática. – A minha mãe diz e todos nós rimos.

– Fiquei umas duas horas dirigindo pela cidade sem saber o que fazer. A Evinha me pegou de surpresa, nenhuma namorada antes foi tão direta comigo, e fiquei assustado. Então pensei, tenho mesmo trinta e cinco anos, gosto mesmo daquela moça e estou louco para tirar aquele vestido de cima dela, resolvido.

– Portanto... – Mamãe interrompe . – Ele voltou e disse: “Evinha, marque a data, que farei os preparativos, amanhã lhe trarei um anel, agora vem aqui e dá um beijo no seu noivo”.

– Simples assim. – Encerro a história sorrindo e penso no quanto os meus pais simplificam a vida.

– Uma bela e divertida história de família. – Thomas resume dando o seu sorriso perfeito.

– Estamos casados e felizes há trinta e cinco anos. E volto a repetir que não me arrependi nem um segundo da decisão que fui intimado a tomar. – Papai afirma orgulhoso.

– Vocês realmente foram feitos um para o outro. – Beijo o meu pai na bochecha e o Thomas nos observa com o olhar terno.

– Só que a minha falecida sogra era contra o casamento, por eu ser filha de uma costureira viúva e pobre. – Dona Evinha se lamuria.

– Evinha, você sabe que nunca liguei para isso, nem dei ouvidos a minha mãe, eu já era dono de mim naquela época. – Protesta e acende o seu fedido charuto cubano.

– Papai, você vai mesmo nos intoxicar? – Reclamo, e ele apaga o charuto desculpando-se.

– Sabe o que quero provar contando essa história? – O meu pai volta ao assunto e não sei por que pressinto que irei me aborrecer com isso. – Que quando duas pessoas têm afinidade não é necessário que namorem anos para resolverem se casar. Se um não consegue ficar longe do outro, não existe problema algum em acelerar o processo.

Não acredito que ele agora resolveu nos dar indiretas, que raiva.

– Papai, você vai acabar nos constrangendo. – *E todos percebem que estou incomodada.*

– Acho que o seu pai está certo. Quando duas pessoas adultas estão felizes juntas devem assumir um compromisso assim que se sintam seguras. – A protetora Evinha sai em defesa do marido, dá uma piscadinha para mim e faço a minha cara de “não me venha com essa agora”.

– Já estou velho, não quero morrer sem ter conhecido um neto meu. – *Por favor, papai, cale-se.* – Se você for o homem que fará a minha filha me dar um neto, juro solenemente que tem todo o meu apoio para o que quer que seja na vida.

– Papai! Só falta agora você oferecer um dote. – Saio indignada da sala, sendo seguida pela minha mãe.

– Filha, perdoe o seu pai, ele quer vê-la feliz e deseja imensamente ainda estar vivo quando você decidir nos dar um neto. É só um homem velho temendo a morte. – O olhar dela se torna triste e distante.

– Tudo bem? – Thomas surge perguntando, e a minha mãe estrategicamente se retira. Com certeza o meu pai o mandou vir.

– Tudo bem. Foi apenas o meu pai que me deixou envergonhada. – Suspiro expondo a minha irritação.

– Ele só estava sendo engraçado, vamos voltar, quero agradecer pela ótima noite e me despedir. – Diz e olho para ele intrigada.

– Você já vai? – *Eva, a curiosa* .

– Sim, e levarei você comigo.

Voltamos para a sala, e o meu pai nos diz que homens velhos não precisam se desculpar e que tudo o que ele disse era o que queria mesmo dizer, enquanto a minha mãe o observa transbordando de carinho. Despedimo-nos e depois de diversos abraços e agradecimentos, vamos embora.

– Sobrevivemos! – Exclamo no momento que saímos do elevador.

– Não seja cruel. Adorei os seus pais. Eles são espontâneos, divertidos e muito preocupados com você. – Thomas conclui com muita segurança e faço a minha melhor cara de chateada.

– O meu pai estava nos pressionando. – Argumento, ligeiramente aborrecida.

– Não. Ele estava apenas nos sugestionando. – Dá uma gostosa gargalhada, me abraça por trás, e caminhamos até o estacionamento.

– Gostaria de saber para onde o doutor me levará.

Thomas me vira, levanta o meu queixo, beija a ponta do meu nariz e depois a minha boca e começo a achar que já sei.

– Quero levá-la para a cama, sempre. – Os olhos dele faíscam, o que faz com que me sinta subitamente animada.

– Você me segue. – Faço menção de destravar as portas do carro e o Thomas segura o meu braço e me vira novamente de frente para ele.

– Quero muito levá-la para a cama, mas gostaria que antes você me acompanhasse a um compromisso, por favor. – Olha para mim com jeito de menino carente.

– Que compromisso? – Arqueio a sobrancelha.

– Ei, não faça cara de má. Um amigo meu está comemorando o aniversário dele e nos convidou. – Sorri acanhado.

– Já são onze e meia! – *Estou cansada, o meu vestido é muito básico e estou sem saltos, nem pensar.*

– Passaremos lá rapidamente, tenho que ir porque ele é muito meu amigo, morou no meu apartamento, o Benjamim é gente boa. – Insiste.

– Vá você, estou sem vontade de ir. – Faço beicinho.

– Eva, sem você não vou. Falei de você para ele e ele quer conhecê-la. – Protesta.

– Eu não estou apropriadamente vestida, você deveria ter me avisado. – Reclamo.

– Você está sempre linda. E desculpa não ter avisado, é que a correria foi tão grande hoje à tarde que só me lembrei disso quando ele mandou uma mensagem ainda há pouco.

– Tudo bem, irei seguindo você. – Digo, e o Thomas me abraça e me gira no ar.

Chegamos ao local da comemoração e já é meia-noite, olho no retrovisor e acho que estou bem, retoco o batom, e o Thomas abre a porta do carro para eu sair, conseguimos vagas próximas.

Estou um pouco ansiosa, é a primeira vez que conheço amigos dele, e acredito que passarei por alguma espécie de avaliação.

Thomas identifica a mesa dos seus amigos, a maioria parece formar casais. Um moreno bonito levanta e nos cumprimenta alegremente.

– Que bom que vocês vieram! – Abraça animadamente o Thomas e lança-me um olhar demorado. *Com certeza serei avaliada.*

– Eva, meu amigo Benjamim, o aniversariante. – Thomas abre um amplo sorriso.

– É um prazer conhecê-lo. Feliz aniversário. – Cumprimento o Benjamim, e ele me olha tanto que fico um pouco sem jeito.

– Você está fazendo o meu amigo feliz, Eva. Eu a admiro por isso, o Thomas é um cara que merece ser feliz. – Noto que ele já bebeu um pouquinho além da conta.

– Não é sacrifício algum para mim, muito pelo contrário, é um prazer. – Não poderia existir mais sinceridade nestas palavras, principalmente a parte de ser um prazer.

Thomas entende o que quero dizer e me olha com cumplicidade.

O Benjamim me apresenta para todo mundo da mesa e tenho certeza de que não me lembrarei do nome de ninguém daqui a pouco. São umas dez pessoas, o Thomas conhece todas, algumas mais, outras menos, pelo que posso perceber.

Thomas e eu nos sentamos e ele participa de algumas das conversas, que são, na maioria, relativas a consultas, hospitais, pacientes, congressos e medicamentos; aqui quase todo mundo parece que é médico e, como o assunto não me é familiar, fico mais calada.

O tempo todo, Thomas segura a minha mão, me abraça ou ajeita o meu cabelo atrás da orelha. Sempre atencioso, também não bebe nada alcoólico e me sinto muito contente por ele estar conseguindo abster-se. Agindo assim, penso que ficará longe de encrenca.

De maneira constrangedora, uma das mulheres que me foi apresentada não tira os olhos do Thomas e, de vez em quando, de mim. Sutilmente começo a prestar atenção na figura; loura, bonita, bem vestida e parece ser alta. Ela fala pouco e nos observa bastante, começo a me sentir muito incomodada. Thomas está concentrado na conversa e parece não perceber, às vezes ele se mexe na

cadeira um tanto irrequieto, o olhar da moça está nos queimando.

– Vou ao banheiro e já volto. – Sussurro no ouvido do Thomas. *Tenho quase certeza de que terei companhia.*

– Eu a acompanharei até a porta. – Acho que ele também desconfia que terei companhia.

– Não precisa, fique conversando. – Levanto-me rapidamente e saio para que ele não me acompanhe.

Minutos depois, estou retocando o batom e a moça alta e loira entra no banheiro. Eu a cumprimento com um gesto de cabeça, ela me olha da cabeça aos pés e me encara pelo espelho. Viro e olho direto nos olhos dela.

– O seu nome é Eva? – O desprezo na voz dela é nítido.

– Sim. E você quem é mesmo? – E o deboche na minha também é.

– Amanda. – Novamente me olha da cabeça aos pés e, se ela não está apaixonada por mim, só pode estar tentando me submeter.

– Tudo bem, Amanda? – E agora sou eu que olho para ela da cabeça aos pés. *Que droga, a mulher é linda!*

– Estava tudo ótimo até você se meter com o Thomas. – A voz dela treme ligeiramente.

– É mesmo? – Dou corda.

– Você acha que o Thomas gosta de você? Ele coleciona mulheres da mesma maneira que alguns colecionam selos. – Soa muito irritada.

– E o que é que você tem com isso? – A minha voz está calmamente forçada.

– O Thomas é o homem da minha vida, você se meteu no nosso caminho. – Quase que ela pula em cima de mim.

– E eu sou a mulher da vida do Thomas, que dilema. – Ironizo a frase dela.

– Você acha que uma mulher comum como você combina com o Thomas? – *Agora a vadia apelou .*

– Quem tem que saber quem combina com o Thomas é o Thomas. Podemos ir lá fora e perguntar para ele. – Dou um passo em direção à porta, essa Amanda já me cansou.

– Não pense que ele gosta de você, o que ele gosta é de variar o cardápio. – E se posta na frente da porta.

– Então dá licença, já que sou a refeição da vez, preciso aproveitar. – Digo, e ela, incrédula, arregala os olhos .

– Você se acha o máximo, não é? – Lança-me um olhar frio.

– Eu não, o Thomas é que me acha. – E lanço um olhar mais frio ainda para ela.

– O Thomas só quer levá-la para a cama. – *Fala a rainha da argumentação* .

– E ele tem conseguido. – Provoco, e ela fica vermelha de raiva.

– O Thomas vai deixá-la, não se iluda, ele vai se cansar de você e trocá-la pela próxima mulher bonita que cair na lúbia dele. – *Que oratória!*

– Essa é a sua biografia? – Pergunto e não espero resposta, encaminho-me para a saída, afastando a Amanda com um esbarrão.

Um Thomas apreensivo me aguarda na porta do banheiro, me olha desconfiado e eu, que adoro uma provocação, dou um beijo de tirar o fôlego nele quando a Amanda passa.

– O que está acontecendo, Eva? – Indaga confuso.

– Nada, querido, vamos voltar para a mesa. – Saio arrastando-o pela mão.

A vadia da Amanda pega a bolsa dela, não se despede de ninguém e sai igual a um tornado. Todo mundo, imediatamente, me olha, e dou de ombros, disfarço e tento parecer calma. O Thomas fica um pouco nervoso, ele sabe que aconteceu alguma coisa entre a Amanda e eu, contudo, tento manter a conversação com o grupo normalmente.

– Vamos, minha linda? – *Não vejo a hora* .

– Claro, meu lindo, agora. – Falo, ele percebe o sarcasmo na minha voz e se encolhe.

Despedimo-nos do Benjamim e do restante do pessoal, se eu não fosse advogada, faria sucesso como atriz, porque representei muito bem, disfarcei a minha raiva perfeitamente.

– Você vai me dizer o que aconteceu? – Thomas me confronta quando chegamos ao meu carro.

– Depois que me acalmar. – Destravo a porta do carro, entro e saio cantando pneus.

Estou com muita raiva, de um jeito que demoro a ficar, e que, quando fico, melhor não cruzar o meu caminho.

Dirijo para casa no piloto automático, não consigo pensar em nada. Pelo retrovisor percebo que o Thomas me segue, e não sei se isso me conforta ou irrita mais.

Estaciono na garagem do meu prédio e demoro uns cinco minutos tentando me acalmar antes de descer do carro porque, como sei que o Thomas estará me esperando, não quero falar ou fazer nada de que me arrependa depois.

– Onde você estava? Pensei que não quisesse abrir a porta. – Thomas diz quando me vê saindo do elevador, acho que estava apertando a campainha havia pelo menos cinco minutos.

– Estava subindo. – Coloco a chave na fechadura e abro a porta sem olhar para ele.

Entramos e vou direto para o banheiro.

– O que aborreceu tanto você? – Pergunta do lado de fora da porta.

Tiro a roupa e tomo um banho rápido, visto o roupão e saio sem falar nada.

– O seu silêncio está me matando. Estou sendo punido sem ter feito nada. – O olhar dele demonstra o quanto está preocupado.

Thomas segura os meus ombros e bloqueia a minha passagem.

– Por que você não pergunta para a Amanda o que aconteceu? – Eu o encaro.

– Porque estou perguntando para você. – Ele fala irritado, e noto que está começando a ficar bem nervoso.

– Me solta! – Tento passar e não consigo.

– O que foi que eu fiz? – Solta os meus ombros e senta-se na cama, coça a nuca e me encara novamente.

– Será que o fato de você ter me levado à comemoração do seu amigo para deixar a sua ex com ciúme diz alguma coisa? – Sinto que não conseguirei me controlar mais.

– Você está pensando isso de verdade? – Olha de um jeito triste, coça a nuca outra vez e levanta da cama.

– Não sei bem o que achar. O que sei é que ela me provocou e dei o troco. – Viro as costas e saio do quarto, vou para a sala e sento-me na poltrona.

– Você está com ciúme? – Senta-se de frente para mim. – Está provando do seu próprio veneno? Também tive que suportar o Marco assediando-a. Lembra?

– Então foi proposital? Quem você realmente quis atingir? – O sarcasmo domina a minha voz.

– Não estou nem aí para a Amanda e nunca colocaria você em uma

situação dessas de propósito. Quem você acha que eu sou? – Respira fundo e se levanta.

Cruzo os braços e fecho ainda mais a cara.

– Minha linda, a Amanda não se conforma, não tenho culpa e não estava mais saindo com ela quando conheci você. Ela não é minha ex porque nunca foi nada minha. – Demonstra cansaço.

– Estou sim com ciúme, com muito ciúme. Acho que você combina mais com aquele tipo de mulher do que comigo. – Abaixo o meu olhar.

– Só porque ela é médica?

Não posso responder “porque ela é linda”, de maneira alguma. Droga. Além disso, é médica? E eu que pensei que ela fosse uma tapada.

– Não se faça de bobo, Thomas. – Repreendo-o e ele levanta os braços e os deixa cair em desalento.

– O tipo de mulher que combina comigo é o que me faz feliz, que me faz sentir desejado, que me faz desejá-la ardentemente, que me trata com carinho, que consegue me fazer pensar nela da hora em que acordo até a hora em que vou dormir. O meu tipo de mulher tem um nome, e é Eva . – Olha para mim com tanto carinho, que fico perdida.

– E é justamente porque você me faz pensar que sou especial, que fiquei tão irritada quando percebi que poderia ser só mais uma. Não conheço o seu *modus operandi* , doutor. – *Sou enfática* .

– E eu? Você acha que não tenho medo? Que não me sinto inseguro? – Pergunta, arqueio a sobrancelha e, antes que eu responda, ele continua. – Eva, como você pode pensar que estou brincando com você? Eu nunca lhe dei motivos. Você é a primeira mulher que fiz questão de chamar de namorada. Você não percebe? Preciso soletrar para você? – Agora ele ficou bravo de verdade e eu também.

– Você está me chamando de burra? – Estou literalmente arfando.

– Não, de cega! – Inspira profundamente.

– E o que é que eu tenho que perceber? – O meu coração começa a bater mais rápido ainda.

– Pode ser muito cedo para dizer isso, você pode argumentar que nós ainda estamos nos conhecendo, mas estou perdidamente apaixonado por você. – Vira as costas, caminha até porta e vai embora.

Perco o ar, a minha boca fica seca e os meus olhos se enchem de água, é claro, é óbvio, sou mesmo uma tonta. Corro até a porta achando que ele já deve estar lá embaixo. Abro a porta e o vejo encostado na parede do hall do elevador, parece estar tentando se acalmar.

– Thomas, será que você não percebeu também que estou fazendo essa cena toda porque estou com ciúme? Eu nunca senti ciúme de ninguém, então não sei lidar com esse tipo de novidade. E estou sentindo ciúme porque estou completa e totalmente apaixonada por você. – Não consigo segurar as lágrimas.

– Sou louco por você. – Ele se aproxima e me beija calorosamente.

– Volta, entra comigo. – Peço carinhosamente quando o nosso beijo cessa.

– Só saí porque tive medo da sua reação. De você dizer que eu estou indo muito rápido.

– Será que terei que desenhar para você entender? – Pergunto sorrindo e desenho um coração no ar.

Thomas me aperta forte em seus braços, me levanta, entra comigo no colo, fecha a porta e me carrega até o quarto, me coloca na cama e me beija suavemente.

– Eu vou tomar um banho e já volto. – Entra no banheiro.

Eu me sinto exausta, são quatro horas da manhã e realmente preciso dormir.

Que horas são? Estou confusa, olho para o lado e vejo que o Thomas dorme profundamente, acho que apaguei essa madrugada. Meio-dia? Eu me estico e espreguiço, Thomas se mexe ao meu lado, está descoberto e a visão dele dormindo apenas de cueca *boxer* me inspira.

Lentamente passo as pontas dos dedos pela sua barriga, mais lentamente ainda introduzo-as na borda da cueca, ele continua imóvel, prossigo, deslizo a mão, seguro o seu pênis e com muita delicadeza o retiro de dentro da cueca. Thomas inspira, mas os seus olhos continuam fechados.

Envolve a base do seu pênis ereto e subo e desço a mão gentilmente, um suspiro, os olhos ainda fechados, a rigidez é reforçada, inclino-me e abro a boca, introduzo-o com cuidado para não o roçar em meus dentes e faço com a boca o mesmo movimento que faço com a mão. Chupo suavemente, ele treme, e inclina a pelve um pouco para cima. Os seus olhos ainda estão fechados, a sua respiração acelera, chupo mais forte e faço movimentos circulares com a língua.

Thomas abre os olhos e me encara. Intensifico a sucção, ele acompanha o

movimento com o quadril, paro de mover a mão e começo a lamber a glânde, ele geme alto. Os nossos olhos não se apartam, assopro a glânde, ele estremece, chupo-o novamente, desço a boca quase até a base tomando o cuidado de não engasgar e subo, repito, mais rápido. Os seus olhos ardem, subo e desço a boca, cada vez mais rápido, ele geme, urra, estremece novamente e goza. O líquido quente e espesso enche a minha boca, engulo rapidamente, passo a língua nos meus lábios, e ele sorri.

– Bom dia. – Sussurro.

O olhar dele está tão extasiado que quase gemo.

– Eva, você é espetacular. Estou flutuando. – Ele me puxa e me abraça, e ficamos assim por um bom tempo.

Levanto da cama e me preparo para começar o dia. É uma hora da tarde, tiro o roupão, já que dormi com ele, e procuro uma roupa no closet, sinto a presença do Thomas atrás de mim, intencionalmente me abaixo e abro uma gaveta, ele se aproxima, segura o meu quadril e me apoio nas bordas da gaveta, estamos pele com pele.

– Você é absolutamente linda. – Fala e constato mais uma vez que amo a sua voz rouca . – Eu desejo você.

– Estou bem aqui. – Roço as nádegas nele e sinto a sua ereção.

Thomas me invade, arremete com vigor, estou completamente molhada, ele me afasta e me aproxima cada vez mais rápido.

– Mais forte. – Suplico .

– Você é minha. – Sussurra e geme.

Ele coloca mais energia no movimento, sinto-me inchar, a falta de sutileza do nosso sexo me arrebatava, as suas arremetidas impiedosas me instigam e a sua pegada forte me fascina, estou dominada pelo feitiço desse homem, não posso mais aguentar, ofego, grito, ele urra, vibra, sei que vamos juntos e transbordamos.

Estou trêmula, ardida, molhada e satisfeita. A energia e a disposição do Thomas me encantam, o seu olhar de “você é fenomenal” me faz sentir poderosa, gostosa e especial.

– Você me acordou de um jeito muito bom, foi fantástico. Será que fui capaz de demonstrar o meu agradecimento? – Beija a minha nuca e estremeço .

– Perfeitamente. – Sorrio. – Além disso, em ambos os casos foi um enorme

prazer, doutor.

– Concordo, doutora.

– Preciso de um banho frio e de comida.

Afasto-me devagar e me dirijo ao banheiro. Tomo um banho frio e energizante, e sinto-me ótima.

– Você está muito sexy. – Thomas diz, examinando o meu vestido envelope azul-marinho.

– Você também. – Observo que ele está só de toalha.

– Tomei banho no banheiro da outra suíte. Tudo bem? – Faz cara de menino levado.

– Não tem problema, você é muito organizado. – Elogio com sinceridade, ele é muito cuidadoso com as coisas dele e com as minhas.

– O seu café está pronto. – Ele informa.

– Café da manhã na hora do almoço? – Pergunto, e rimos.

E me delicio com o sanduíche que ele preparou e com o café da máquina de expresso. Ele come me observando, um olhar de posse.

– Preciso contar para você o que estou planejando. – Parece compenetrado.

– Quero reformar o meu apartamento e na segunda-feira uma firma especializada fará um orçamento da obra. – Observa se estou prestando atenção. – Pela conversa que tive com o arquiteto, o que estou pensando em fazer deve demorar mais ou menos quarenta dias, sendo otimista, claro.

– E que tipo de alterações você pretende fazer? – *Estou curiosa.*

– Desejo ampliar o quarto principal, reformar os banheiros, trocar o piso do apartamento todo e pintá-lo.

– Bastante coisa, quarenta dias será pouco tempo. – Estou começando a ter ideias .

– Irei até lá hoje ou amanhã arrumar as minhas malas e algumas outras coisas para levar ao apart-hotel que alugarei. Escolhi o mais próximo daqui que consegui. – Ele fala, e eu o observo pensativamente . – Uma empresa de mudanças levará os meus móveis para um depósito antes de a obra começar, ainda bem que não é muita coisa. – Sorri parecendo um garotinho .

– Você reparou no que disse? – Questiono, e ele faz uma cara de confuso. – Você disse que precisará ir até o seu apartamento hoje ou amanhã, o que significa que não tem aparecido muito por lá. – Falo com seriedade, e ele sorri

novamente.

– Estou recebendo uma bronca? Tenho estado muito por aqui? – Olha-me preocupado, coça a nuca e fica levemente tenso.

– Bronca? Não. Apenas fiz uma simples observação. Então por que não vamos até o seu apartamento, fazemos as suas malas e as trazemos para cá?

Thomas parece não entender a minha sugestão e explico.

– Se você alugar um apart-hotel, só gastará o seu dinheiro e o seu tempo, porque temos dormido juntos praticamente todos os dias. – Concluo.

– A obra deve durar quarenta dias ou mais, se eu ficar por aqui, posso acabar incomodando. – Fala com ar sério.

– Então está bem, se você alugar um apart-hotel, terá que dormir lá todos os dias, porque sou contra desperdiçar dinheiro. – *Sei jogar, doutor, estou me divertindo* .

– Essa não, chantagem? – Ajeita a toalha na cintura e me observa sorrindo.

– Barganha, doutor. – Arqueio a sobrancelha. – Quero que você venha. Podemos combinar que, se eu sentir que está incomodando ou se você se sentir desconfortável, o apart-hotel será alugado.

– Eva, se eu passar esse tempo todo dormindo e acordando com você, quando a obra terminar, não sei se conseguirei ir embora. – Argumenta, e o seu rosto é a mais pura expressão da sinceridade.

– Acho que devemos ver o que acontece. – Dou a mordida final no meu sanduíche.

– Estou muito tentado a aceitar. – Dá o seu sorriso perfeito e o meu coração acelera.

– É um convite. Você pode recusar sem problema algum, não me ofenderei. – *De verdade não sei se não me ofenderei*.

– Nunca imaginei que você me propusesse uma coisa dessas, nem nos meus melhores sonhos. Tem certeza de que me quer por perto o tempo todo? – *Thomas, o inseguro, se manifesta* .

– Você já está por perto quase o tempo todo, estamos falando apenas de mais algumas horas. – Dou uma gargalhada baixa e ele ri também.

– Aceito, mas tenho condições. – E me encara quase sério.

– Pode mandar! – Sorrio achando graça da sua postura de negociador.

– Quero dividir as despesas com você durante o tempo em que ficar e quero

trazer a minha faxineira para ajudar a sua empregada. – Fala e tenho certeza de que insistirá nesse assunto.

– Combinado. – Encurto a conversa e ele relaxa.

– Você sabe que o que estamos prestes a fazer é sério? Que o nosso relacionamento poderá atingir outro nível? – Aproxima-se de mim de maneira insinuante.

– O nosso relacionamento atingiu outro nível desde a primeira vez que dormimos juntos. – *Acho que algumas vezes é vantajoso ser prática como a minha mãe .*

– Você está coberta de razão. – O sorriso que ele me dá é esplêndido. – Quero que saiba que estou me sentindo honrado com o seu convite. – Levanta o meu queixo, beija o meu pescoço e vai subindo até a minha boca.

– O prazer é todo meu, doutor.

Nós nos beijamos e, apesar de não ter premeditado nada, adorei ter tido a ideia de convidá-lo. Será que o meu pai conseguiu me suggestionar?

Capítulo XII

Do caminho do meu apartamento até o do Thomas conversamos sobre tudo de que ele precisará e o que será encaixotado. Decidimos que levaremos as roupas, sapatos e objetos de uso pessoal dele para o meu apartamento e que deixaremos por conta da faxineira organizar, guardar e empacotar junto com a empresa de mudanças o que será levado para o depósito.

Nunca me canso de me impressionar com o quanto o Thomas é uma pessoa organizada. As roupas, sapatos, meias, cuecas e os objetos pessoais dele estão bem dispostos e devidamente separados, o que torna muito fácil a tarefa de arrumar as malas. Ele se encarrega da arrumação praticamente sozinho, enquanto o observo com carinho.

– Eva, por favor, abra essa caixa verde de madeira, a menor. – Faz uma cara de brincalhão.

– Esta aqui? – Levanto a tampa da caixa e observo curiosa o seu conteúdo.

– Exatamente, são fotos, repare como sou o patinho feio da família. – Sorri e continua dobrando as roupas antes de colocá-las nas malas.

O meu coração dá uma espécie de tranco, dentro da pequena caixa de madeira vejo várias fotografias dispostas uma sobre a outra e a primeira é do Thomas usando beca, provavelmente de quando concluiu o ensino médio, e desestabilizo. Sei que não consigo mais me lembrar de como o Nicolas era em todas as fases desde que o conheci. Sei também que ter guardado todas as fotografias dele e nossas em uma caixa de lembranças, que em dez anos nunca pude abrir, contribuiu para essa espécie de esquecimento. A melhor lembrança que tenho dele é da época de quando se foi.

Observar o Thomas especificamente nesta foto me reporta à imagem do Nicolas e sinto que os dois devem ser realmente irmãos, não tem outra explicação. Examinando as outras fotografias, percebo que o Thomas não poderia ser mais diferente do pai dele, um homem de cabelos pretos, moreno, olhos escuros e aparência cansada, e não consigo identificar qualquer traço que denote semelhança.

Descubro, pela anotação atrás da fotografia, uma em que ele está com a avó, e constato que ela tem a fisionomia muito parecida com a do filho dela, morena, baixa, cabelos e olhos pretos.

Em todas as fotografias posso perceber que ninguém se parece com ele, nem remotamente, o Thomas se sobressai porque é muito mais bonito e bem mais alto.

– Está se divertindo? – Thomas pergunta e ri alegremente.

– Só posso concluir observando as suas fotos que você sempre foi absurdamente lindo. – Falo tentando disfarçar a emoção na minha voz.

– Reparou como sou bem diferente? Percebe como devo ser parecido com a minha mãe ou com a família dela? – Diz tranquilamente enquanto fecha o zíper da mala.

– Reparei sim, meu querido, e preciso muito falar com você sobre isso. – Já não posso mais omitir o que acho que sei sobre a história dele.

– O que foi, Eva? Que carinha triste é essa? – Aproxima-se lentamente enquanto analisa o meu rosto.

– Thomas, eu lhe disse desde a primeira vez que conversamos que você se parece com um amigo meu de infância, o nome dele era Nicolas. – Contenho o choro. – Só que não fui totalmente franca com você. – Desobediente, uma lágrima rola sobre a minha face.

– O que é que você está querendo me dizer, minha linda?

Ajoelha-se de frente para mim e segura as minhas mãos carinhosamente, os olhos estão grudados nos meus em expectativa.

– Que você e o Nicolas são parecidos demais, tão parecidos que até poderia dizer que são irmãos. – As lágrimas teimam em rolar pelo meu rosto e me sinto uma boba.

– Eva, você acha que a mãe desse Nicolas pode ser a minha mãe? – Fica visivelmente abalado pela hipótese que cai sobre ele como uma bomba.

– Não, e esse é o problema. Os meus pais conhecem a família do Nicolas há anos, desde muito antes de ele nascer, viram a mãe dele grávida, a diferença de idade entre vocês é de pouco menos de um mês. – Tento manter a calma e a objetividade.

– Então como poderíamos ser irmãos? Podemos ser apenas parecidos, já conheci pessoas muito parecidas que nem sequer são parentes. – Fica um pouco

mais calmo e aparentemente decepcionado.

– Porque o Nicolas era muito parecido com o pai dele. Talvez o pai do Nicolas seja o seu pai também. – Relato pensando em como defender a minha teoria.

– Conheci o meu pai, não sei quem foi a minha mãe; acho que essa história não está fazendo muito sentido. – Solta as minhas mãos, levanta-se, dá uma volta pelo quarto e depois me olha confuso.

– Sei que você e o Nicolas podem ser tão parecidos apenas por acaso, mas têm algumas outras coisas. A alergia a camarão, um sinal que você tem embaixo dos cílios, o nome do meio Henrique e o seu sorriso que lembra tanto o dele. – Eu me calo enquanto retomo o fôlego. – Além disso, pensei em uma hipótese.

– Eva, você não acha que deveria ter me contado tudo isso antes? – Demonstra o seu descontentamento.

– Eu não sei. Algumas vezes penso que estou imaginando coisas e que vocês nem são assim tão parecidos, o seu temperamento é tão completamente diferente do dele que dificulta a comparação. A minha memória também me prega peças, então não me senti segura para comentar, só que, olhando as suas fotos, me vi na obrigação de lhe dizer do que suspeito. – O medo da reação dele faz o meu estômago contrair.

– Tudo bem, minha linda, eu compreendo. Faz muito tempo que o seu amigo faleceu, deve ser difícil para você recordar. – E o seu olhar compreensivo, ao mesmo tempo em que me tranquiliza, me faz sentir culpada.

– Conversei com os meus pais a respeito, e juntos desenvolvemos uma teoria.

– Todo mundo conversando sobre isso nas minhas costas? – Coça a nuca e percebo o seu incômodo.

– Você acha que eu seria leviana a ponto de conversar sobre isso com você sem antes ter pensado um pouco a respeito? Sem ter feito perguntas para os meus pais, que conhecem a família do Nicolas há anos? – Ataco para me defender. – Eu não sabia se a minha mente estava me pregando uma peça, até que o meu pai comentou que o conhecia de algum lugar e depois percebeu que estava achando isso pela semelhança que você tem com o Nicolas. – Abaixo a cabeça para não enfrentar o duro olhar dele sobre mim.

– Desculpa, é só que isso tudo é muito louco, nem sei bem como estou me

sentindo. – Acalma-se, volto a olhar para ele e percebo o seu desânimo.

– Eu é que peço que me desculpe, mas tudo isso parece mesmo tão louco, tão fora da realidade, que fiquei com medo da sua reação, então resolvi pesquisar um pouco antes de falar com você. Perdão. – *Quero que perceba a sinceridade do meu pedido de desculpa.*

– Está perdoada, minha linda, desde que me perdoe também. – O seu sorriso perfeito me faz sentir ainda mais culpada. – Então me diga, qual é a teoria da família Fiore? – Recobra o seu olhar curioso.

– Após algumas suposições e apesar do pouco que sei sobre a sua vida, chegamos a uma teoria. – Suspiro. – Acredito que o pai do Nicolas, William, também é o seu pai.

Thomas me observa incrédulo e levanta as mãos denotando dúvida.

– Acho que o William deve ter tido um caso com a sua mãe que já se relacionava com o homem que você acredita que é o seu pai. A mãe do Nicolas, Lourdes, engravidou pouco tempo antes que a sua mãe, então a sua mãe e o William se separaram. Depois a sua mãe descobriu que estava grávida também, e o homem que o criou deve ter achado que era o pai. Quando você nasceu, ela percebeu o quanto você era parecido com o amante dela e deve ter ficado desesperada, e foi embora, deixando-o. – *Todas as vezes que penso nessa possibilidade, parece que alguma coisa não se encaixa, não sei o quê.*

– E por que ela me deixaria com alguém que sabia que não era o meu pai? – Pergunta e percebo que está interessado na teoria.

– Acho que ela entrou em pânico. – Especulo. – O seu pai pode ter ficado desconfiado com a sua aparência, mas, como ela foi embora e o deixou, o que ele poderia fazer a não ser criá-lo? – Concluo.

– Se o meu pai fosse vivo, eu poderia confrontá-lo com essa teoria. – Diz pensativamente.

– O William está vivo. – Falo e logo depois percebo que ele estava falando do pai que o criou, e não do pai que lhe atribuí.

– Você tem fotos do Nicolas? Gostaria de ver. – Suspira.

– Não tenho mais. Na casa de Ribeirão Preto e na fazenda existem alguns porta-retratos da minha infância e o Nicolas está comigo em algumas fotos. – *Não sou totalmente franca.*

Odeio faltar com a verdade, mas me recuso a remexer nas minhas

lembranças, não estou pronta, e acredito que nem ele, para a verdade da minha relação com o Nicolas.

– O que pensar de tudo isso? – Pergunta chateado.

– O Nicolas estudava Medicina, sonhava ser médico como você. – A minha voz embarga.

– Tanta informação, que estou ficando cada vez mais confuso e ansioso. – Demonstra tristeza. – Muita gente tem dom e deseja ser médico.

– O William e dois dos seus filhos são veterinários, o filho mais velho é cardiologista e o mais novo, antes do Nicolas, é dentista. – Lembro-me da tendência da família para a área de saúde só agora.

– Todo mundo trabalhando na área de saúde. – Thomas fala pausadamente parecendo que está pensando alto.

– O meu pai, que é muito amigo do William, se comprometeu a conversar com ele, a perguntar se ele teve outra mulher, se sabe da existência de algum filho fora do casamento.

– Nicolas e Thomas, dois nomes pouco comuns terminados em “as”. – Percebe outra coisa que deixei escapar, e rapidamente me lembro de algo.

– Santo Deus! – Digo . – Todos os irmãos do Nicolas tem o nome terminado em “as” e o nome do meio Henrique, como você, só que o Henrique deles é sobrenome. Lucas Henrique, Jonas Henrique, Douglas Henrique, Silas Henrique e Nicolas Henrique são os nomes dos filhos do William e da Lourdes.

– Isso parece que não é mesmo coincidência. Será que o William sugeriu o meu nome para a minha mãe e o meu pai, quer dizer o homem que chamo de pai, estou ficando ainda mais confuso, resolveu colocá-lo mesmo depois que ela foi embora? – Conjectura, impressionado.

– Thomas, o que poderia ser uma mera semelhança, agora está parecendo mais que isso. São muitas coincidências relevantes além do aspecto físico de vocês. – Eu me deixo cair para trás esparramando-me na cama.

Thomas deita ao meu lado, damo-nos as mãos, e cada um fica absorto em seu pensamento, acho que estamos muito próximos de descobrir a verdade.

– O seu pai irá conversar com o William?

– Comprometeu-se a fazê-lo e, assim que isso ocorrer, ficou de me comunicar.

– Acho que devemos esquecer essa história até que o seu pai dê notícias. –

Olha suplicante.

– Nós temos muita coisa ainda a fazer, mãos à obra. – Levanto-me pretendendo me distrair ajudando na arrumação das malas.

A campainha toca, Thomas se assusta, pelo visto não espera ninguém. Olha-me, levanta os ombros e vai atender, espero e vou logo atrás.

– Como vai, Thomas?

Reconheço a voz da odiosa Amanda antes mesmo de vê-la.

– Bem. O que você faz por aqui? – A voz dele está tensa.

– Posso entrar? – A voz dela está melosa.

– Prefiro que não. O que você quer?

– Precisava muito vê-lo, falar com você, não consigo parar de pensar em nós e...

Estou parada a curta distância do Thomas e ela me vê.

– Eu não sabia que você estava acompanhado. Posso voltar depois. – Fala me encarando.

– Amanda, por favor, nós não temos mais nada faz tempo. Você já deve ter sabido ou percebido que eu e a Eva estamos juntos. Na verdade, estamos aqui arrumando as minhas malas porque estou me mudando para a casa dela. – Revela calmamente, omitindo a parte de “por alguns dias”. A Amanda demonstra ficar tensa, e me sinto por cima da situação.

– Você não pode estar falando sério. Logo você, o conquistador, o mulherengo? Não acredito nisso. – Ela volta a me observar.

– Estava procurando a mulher certa e encontrei. Agora, por favor, a situação está muito desconfortável, gostaria que você não me procurasse e não me telefonasse mais. Respeite a minha privacidade. Amanda, você é uma pessoa ótima e tenho certeza de que encontrará alguém que a mereça. – *O tiro de misericórdia, até eu fico com pena da Amanda, mas só um pouquinho* .

– Você pode devolver o meu livro?

– Que livro? – Thomas faz cara de desentendido, e sei exatamente do que ela está falando.

– Um da Anais Nin. – A voz dela está trêmula, se eu fosse ela, em uma situação dessas, não iria nem querer saber de livro.

– Vamos encaixotar os livros e, se encontrar algum da Anais Nin, mandarei lhe devolver. Tchau, Amanda. – Começa a fechar a porta lentamente.

A Amanda esbraveja e xinga o Thomas de algum palavrão que não consigo ouvir direito e vai embora, acho que correndo. Thomas tranca a porta e se vira procurando o meu olhar, está temendo a minha reação.

– Dia turbulento, hein? – Sorrio e vou em direção ao quarto, ele me segue.

– Desculpa, minha linda, nem sei o que dizer, nunca pensei que ela pudesse aparecer por aqui, nunca dei liberdade para ela achar que poderia. – Está consternado.

– Tudo bem, deixa para lá. Você não tem culpa se ela provou, gostou e não consegue esquecer. Chego até a sentir pena da coitada. Entendo a insistência dela. – Repito o que ele me falou a respeito do Marco.

A gargalhada alta indica que o Thomas se lembrou dessa conversa.

– Ah, minha linda, você sabe jogar uma conversa na cara. Terei mais cuidado com o que digo daqui para frente. – Ele fala, eu o abraço e nos beijamos carinhosamente.

– A propósito, o livro dela fui eu quem pegou emprestado, achei que fosse seu. – Falo ironicamente.

– Meu? Depois que o ler me devolva, que mandarei entregar. – Enlaça-me pela cintura.

– Pode deixar, doutor. Na segunda-feira pedirei para a Patrícia telefonar para você para pegar o endereço da doutora Amanda. – Faço uma careta e ele ri.

– Se você prefere assim, também prefiro. Ciumenta! – Provoca e me faz cócegas.

Voltamos à arrumação e o Thomas está quase terminando de fazer as malas. Quando vou colocar uma delas na sala, olho para a parede atrás do sofá e vejo um violão, um Paul Fischer. Vou até lá e o seguro, passo os dedos pelas cordas, estão desafinadas.

– Encontrou o meu violão, doutora? – Thomas grita do quarto quando ouve o som.

– Encontrei. Você sabe tocar? – *Estou muitíssimo interessada na resposta.*

– Sim, mas não do jeito que gostaria. Creio que jamais chegarei a tocar como se deve. – Responde alto ainda no quarto.

Começo a afinação do jeito que mais gosto, pela corda LÁ, escuto o seu som enquanto vou girando a tarraxa da corda.

– Doutora, isso pode ser mais difícil do que parece. – Thomas grita outra vez do quarto e sorrio do que diz.

– Não custa tentar. – Grito de volta.

Continuo. Passo para a corda RÉ e sigo o mesmo processo, depois a SOL, a SI, a MI, a MI sexta corda, me empenho sucessivamente em cada uma delas até terminar e então dedilho todas, o som parece perfeito.

Segurando o violão, me encaminho até uma cadeira, sento-me, mantenho a coluna reta e os músculos relaxados, abro ligeiramente as pernas, ajeito o violão, posiciono os meus braços e estou pronta para tocar.

Adoro sentir a aspereza das cordas sob os meus dedos. Dedilho satisfeita, a melodia é infantil, toco para me familiarizar com o instrumento, um divino Paul Fischer, e me sinto mais segura para continuar.

Começo a tocar uma canção que aprecio muito, que me fazia pensar no Nicolas e que agora só me faz pensar que é gostosa de tocar no violão, *Far Away*, do Nickelback. Viajo no som, relaxo e me sinto bem, executo a música inteira.

Paro de tocar, saio do meu transe e percebo o Thomas me olhando. Acho que acaba de me fotografar, sorrio e me levanto segurando o violão.

– Belíssimo instrumento. – Rio do ar de surpresa dele.

– Você é linda, devassa, uma advogada talentosa, empresária bem-sucedida, sabe pilotar lanchas e ainda toca violão? Jura que você existe? – Tira outra fotografia minha com o celular.

– Sei fazer outras coisas que você não listou, lembra? – Pergunto maliciosamente, e coloco o violão sobre a cadeira.

– Claro que me lembro. Só me responde se você existe, ou se estou sonhando. – Vem até mim e me beija com muita vontade.

– Não sabia que tocar violão era uma espécie de afrodisíaco. – Faço a piadinha assim que terminamos de nos beijar.

– Olha só esta fotografia, observe como você está totalmente sexy tocando violão. – Mostra a foto no celular, surpreendo-me, ficou muito boa e estou sexy mesmo.

Ele me abraça, depois começa a desamarrar o laço do meu vestido, que abre deixando exposta a minha lingerie. Lentamente puxa o vestido por um braço e depois por outro, deixa que ele caia no chão, abre o sutiã, desliza-o pelos meus

braços e deixa que ele caia também. Os meus seios ficam à mostra, ele os segura com as mãos levemente espalmadas e com os polegares faz movimentos circulares sobre os mamilos, me arrepio, sei o quanto ele me deseja e fico úmida.

Thomas se inclina e coloca a boca sobre o meu mamilo enquanto continua passando o polegar sobre o outro. Dá um beijo molhado e estremeço, mordia suavemente, suga devagar, suga mais rápido, é delicioso, ele tira a boca do meu seio, lambe o mamilo, troca, coloca a boca no outro seio enquanto toca o mamilo molhado com o polegar, dá outro beijo molhado, estremeço novamente, mordia e suga com ligeira pressão. Estou em brasa, a boca quente e molhada dele me extasia, o meu corpo todo está sensível, a minha vagina lateja.

Seguro os cabelos do Thomas enquanto ele me suga, lambe, mordia e me deixa sem ar. Levanto a sua cabeça, o meu corpo reclama o seu, ele me beija segurando os meus seios, puxa a sua camiseta, ele me ajuda a tirá-la e abre o zíper da bermuda enquanto tiro a minha calcinha. Ele se senta no sofá, as pernas entreabertas, sento-me em cima das suas coxas, me alojo sobre o seu pênis grosso e muito duro, cada perna minha de um lado do seu corpo, os meus braços em seus ombros, as suas mãos na minha cintura e então cavalgo.

Deslizo para cima e para baixo, vou intensificando o movimento, amplio um pouquinho a distância e retorno com mais força, ele geme, aperta as mãos na minha cintura e ajuda a me afastar e a me aproximar. A nossa respiração fica mais difícil e gemo sem parar.

– Você é delicioso, doutor. Adoro senti-lo dentro de mim. – Sussurro.

– E você é quente, molhada e toda minha, doutora. Você é minha, só minha, toda minha e a desejo muito. – *Que voz deliciosamente rouca* .

O vai e vem sob o meu controle é incrível, sinto-me poderosa, no comando dos nossos corpos. Ele não tira os olhos dos meus, isso sim é sexy, é quente, o cheiro dele também é maravilhoso e adoro sentir o diâmetro do seu pênis. Perdemos o controle, os nossos corpos reclamam, me contorço, cavalgo mais rápido e mais forte, me alago e gozo, ele sente, geme, estremece e urra anunciando que gozou também.

Descanso a cabeça na curva do pescoço do meu cheiroso doutor, ainda estamos na mesma posição, só que abraçados. A única coisa em que consigo pensar é que a nossa sintonia é incrível, que estou totalmente entregue e que não

tenho mais medo.

– Minha linda, você me faz sentir um prazer indescritível. É como se você se fundisse em mim, e quando gozo a sensação que tenho é de que explodo, desintegro e flutuo. Estou irremediavelmente apaixonado por você. – Fala sussurrando, e me arpejo.

– Também estou irremediavelmente apaixonada por você, e adoro estar assim. A nossa harmonia é tanta que sinto praticamente as mesmas sensações quando atinjo o orgasmo. Você trouxe luz para minha vida, aquece a minha cama e o meu coração. Obrigada por ter insistido. – Beijo o seu pescoço quentinho e cheiroso.

– Estou feliz por ter insistido. – Ele ri, e gosto da sua risada melodiosa.

– Estou com fome. - Reclamo.

– Acho melhor pedirmos algo para comer antes de irmos. – Thomas fala e estica as pernas preguiçosamente, ergue-me um pouco, e acho graça.

– Comida chinesa! – Deslizo saindo de cima dele.

Thomas pede a comida e a entrega chega rápido, ainda bem. Sentados no chão, eu de calcinha e sutiã, e ele de roupão, comemos a nossa comida chinesa direto da embalagem. Está ótima, a fome é um dos melhores temperos. Enquanto como, reparo nas malas do Thomas, elas fazem parte de um conjunto, são bonitas, pretas, cinco grandes, duas médias e uma pequena, acredito que ele está levando toda a roupa dele e me pego sorrindo.

Descer com as malas de escada é uma tarefa cansativa, contudo o Thomas se sai bem. Suado e ofegante, entra no carro depois de colocar a última mala e o violão no banco de trás. O carro está lotado com as coisas dele, e, antes de dar a partida, me olha e parece satisfeito. As palavras não ditas ficam no ar, e acho que está tão feliz quanto eu de podermos compartilhar uma rotina, de podermos desvendar um ao outro em uma espécie de curso intensivo. A ideia da reforma veio bem a calhar.

Entramos pela garagem, e como tenho direito a duas vagas e só uso uma, o Thomas poderá usar a outra. Estaciona, e ajudo com as malas. Sei que não sou de grande serventia, mas gosto de colaborar, de observar os braços fortes do meu doutor, os seus músculos se movendo, e os seus lindos olhos verdes atentos à tarefa. Agora tenho plena consciência de que estou apaixonada de verdade, à mercê desse homem que nem sonha o que eu seria capaz de fazer por ele.

Finalmente chegamos, são quase dez horas da noite e estou muito feliz e bastante cansada.

– Podemos deixar para desarrumar as malas amanhã? – Pergunto assim que conseguimos colocar todas as coisas dentro de casa.

– Claro, minha linda. Eu desarrumo, é só você me dizer onde poderei guardar as minhas coisas. Você já ajudou muito. – Dá o seu sorriso mais que perfeito.

– Vou separar um lado do meu closet para você e algumas gavetas também. Quero as suas coisas junto com as minhas. Vou adorar esbarrar em você enquanto me visto. – Abro um amplo sorriso e demonstro o quanto estou gostando da experiência, e fico muito feliz em ter um closet tão grande e funcional.

– Muito obrigado, você me trata muito bem. Só que, se eu esbarrar em você enquanto se veste, a probabilidade de você ficar sem roupa é imensa. Pretendo vê-la mais se despindo que se vestindo. – A sua gargalhada gostosa me contagia e rimos alegremente.

Thomas vai tomar banho e verifico as ligações não atendidas do meu celular, que está no modo silencioso. Constato que o Marco me ligou duas vezes, ele é muito insistente. Acho que, se eu tiver oportunidade, vou apresentá-lo à Amanda, assim “mato dois coelhos de uma só vez”. Divirto-me com a ideia.

Esperava que a minha mãe ou o meu pai tivesse ligado, porque estou ansiosa por notícias, mas acho que eles não devem ter conseguido falar ainda com o William.

– Ei, cheiroso, agora é a minha vez de tomar banho. – Jogo-me em seus braços e a toalha na cintura dele quase cai.

– Pode ir, irei esperá-la na cama, só vou dormir abraçadinho a você. – Dá um beijinho em mim e me afasto rumo ao banheiro.

O meu banho é morno e bastante demorado.

Deito abraçadinha ao Thomas. A minha cama enorme agora parece menor, o meu acompanhante é alto, forte, um homem grande, e adoro essa masculinidade toda me envolvendo. Ouço a respiração dele na minha nuca, estou sonolenta, mas percebo que o Thomas não relaxa, parece um pouco tenso, me viro e olho em seus olhos, ele está bem acordado.

– Não acredito que já está sentindo saudade da sua cama. – Brinco com ele.

– De forma alguma. Estou apenas pensando naquela conversa de hoje, nas coincidências, na sua teoria, e isso está me deixando um pouco apreensivo e sem

sono.

– Vamos parar de pensar nisso por enquanto, não quero vê-lo preocupado e tenho medo de que tudo isso acabe gerando frustração se não descobirmos algo relevante. – Argumento.

– Eu me sinto frustrado com essa história de família desde que me entendo por gente. O fato de não conhecer a minha mãe, a sensação de inadequação e de sempre sentir a falta de alguma coisa me frustravam muito. Se não fosse a minha avó, nem sei o que teria sido de mim. – Mesmo na penumbra posso perceber o brilho nos olhos dele, e acho que são lágrimas.

– Thomas, agora você me pertence e cuido de você, nunca mais você vai se sentir inadequado, prometo. – Beijo o peito dele, fazendo-o sorrir.

– Adoro ouvir isso e, mesmo você tendo família e tudo mais, lembre-se de que você também é minha e de que cuido de você com muita dedicação. – Passa as mãos pelas minhas costas delicadamente.

– A minha avó também foi muito importante na minha vida. Ela cuidou de mim, ajudou a me criar e faleceu quando eu tinha dezoito anos. Foi uma grande perda. – Falo emocionada.

– Não sabia que a sua avó ajudou a criá-la. Você está se referindo a sua avó materna? – Demonstra interesse pelo assunto.

– Materna. A minha avó Morgana. – Rio do nome incomum. – Ela passou a morar com os meus pais quando nasci, e na época em que a minha mãe resolveu que iríamos mudar de vez aqui para São Paulo para ficarmos a semana toda com o papai, a minha avó se negou a vir. Ela passou a vida toda em Ribeirão, conhecia todo mundo da nossa rua, do comércio perto de casa; ela não veio e fiquei com ela. Eu tinha oito anos e passei a ver os meus pais somente nos finais de semana quando eles voltavam para a casa de Ribeirão Preto ou quando eu vinha para cá. – As minhas recordações fluem.

– Você não veio só por causa da sua avó? – A curiosidade dele é tão aguçada quanto a minha.

– Mais ou menos. Eu não queria ficar longe da minha avó, e também não conseguia viver muito no mundo dos meus pais. Eles passaram vários anos tentando outro filho, foram a diversos médicos aqui e no exterior e se aventuraram em muitos tratamentos que só serviram para frustrá-los e me distanciar um pouco. Não me entenda mal, eles sempre me amaram muito, só

que eu me sentia um pouco excluída. Também tinha os meus colegas, os meus cachorros, os meus papagaios e o Nicolas, que era o meu melhor amigo em todo o mundo. – *Aos oito anos ele era realmente nada mais que o meu melhor amigo em todo o mundo, não estou mentindo* .

– Você é uma típica moça do interior? – Pergunta rindo.

– Basicamente, só um pouco mais chique, me deixei influenciar pela cidade grande, viajei muito também, o mundo me seduziu e creio que agora sou um mix de tudo o que vivi. – Sorrio gostando do sorriso divertido nos lábios dele.

– Quando você aprendeu a tocar violão? – Muda de assunto inesperadamente.

– Na minha infância, pedi um de presente e insisti que sabia tocar, deixando a minha avó louca. Os meus pais providenciaram uma professora e acabei aprendendo a tocar direitinho. Na adolescência montei uma pasta com letras de músicas e cifras e treinei bastante, me aperfeiçoei e passei a tocar muito bem, para o orgulho dos meus pais e para a minha própria satisfação. Adoro tocar violão.

– E por que nunca ouvi você tocar antes, nem nunca vi um violão por aqui? – Indaga curioso.

– Hoje toco pouco, só para relaxar. E eu tenho um violão sim, um maravilhoso Hauser I, está na capa dele bem guardado. Amanhã lhe mostro e tocarei outra vez para você. – Sorrio e encosto-me a ele, sentindo-o muito quentinho.

– Nunca consegui aprender a tocar do jeito que eu gostaria, já tentei algumas vezes e acho que me falta paciência ou motivação, sei lá. – Desabafa.

– Você nunca aprendeu porque não fui sua professora. Posso tentar ensiná-lo, vou adorar. – E me animo com a possibilidade.

– Jura? – Pergunta entusiasmado. – Eu já estou apaixonado pela professora, acho que encontrei a minha motivação. – Diz, e rimos juntos.

– Você quer que eu leia para você? Onde está aquele livro que estamos lendo? – Sorrio achando graça da frase.

– O nosso livro está bem aqui na mesinha. – Estica-se, pega o livro e me entrega. – Você vai mesmo ler para mim? – Pergunta, e confirmo balançando a cabeça.

Acendo a luz e começo a leitura, ele me olha encantado, presta muita

atenção e reparo que está observando a minha boca muito compenetrado. Os olhos dele brilham, ele parece um menino grande, me sinto bem, feliz, ele começa a ficar sonolento, falo mais baixo, mais devagar, reparo que ele cochila e logo ressona bem baixinho. Fecho o livro, apago a luz e com cuidado o abraço, estou cansada e o sono não demora a vir. E sonho...

– *Eva, não adianta que eu não vou aprender a tocar, isso é meio chato.*

– *Nicolas, você não quer aprender, só isso, se você não tentar de verdade não irá conseguir.*

– *Você tem que ensinar quem quer aprender. Eu não quero.*

– *Quando você tiver na idade de impressionar as garotas, vai se arrepender.*

– *Eu já tenho a minha garota.*

Acordo, não foi só um sonho, foi a lembrança de uma conversa que tive com o Nicolas quando tínhamos uns treze anos. Lembrei exatamente de como ele era nessa idade ou será que as fotografias que vi do Thomas me influenciaram? Tão parecidos e tão diferentes.

O Nicolas nunca quis aprender a tocar violão, nunca se interessou. Parece que foi em outra vida que nos conhecemos, eu o amei tanto, sofri tanto. Como posso estar voltando a ser feliz sem ele? É verdade que toda dor passa. Pensei que ela ficasse adormecida, agora sei que pode passar sim.

Se o Thomas não fosse tão parecido com o Nicolas, mas continuasse sendo tão encantador, atencioso, másculo, protetor e cheio de vigor como é, tenho certeza de que mesmo assim o amaria. Amaria? Eu amo o Thomas? Fico agitada, o meu cérebro começa a tentar traçar uma lógica e só consigo pensar que o amor cura.

Só pode ser amor o que sinto pelo Thomas, a verdade se revela como que por mágica, não sei se a paixão se transformou em amor ou se o meu amor é cheio de paixão. Estou confusa. Só sei que o amor cura e me sinto curada, então eu amo, amo o Thomas. Óbvio! Eu amo o Thomas! E agora? Como voltar a dormir com um barulho desses?

Capítulo XIII

– Bom dia, doutora. Dormiu bem?

– Bom dia, doutor. Sempre durmo muito bem com você. – Abro os olhos e vejo um lindo homem me observando.

– Adoro dormir e acordar ao seu lado. Quando desperto e vejo você, o meu dia começa muito bem. – O sorriso perfeito dele é capaz de derreter a Antártida.

Thomas chega mais perto e encosta-se em mim, sinto a sua ereção, sorrio e acho que esse homem vigoroso está sempre disposto a me tentar. Como adoro dar a ele o que deseja, me viro e roço as nádegas em seu pênis.

– Minha deliciosa Eva, você está sempre pronta para me agradecer. – Sussurra no meu ouvido, e sorrio me arrepiando.

– Nunca ouviu falar que a Eva não resistiu à tentação? Essa sou eu. – Brinco, e ele ri da analogia que faço.

– Então não resista e se entregue à tentação, minha perigosa Eva! – Levanta a minha camisola.

Estamos nos acostumando tanto um com o outro, que já sabemos como nos agradar e como nos satisfazer. Com paixão e desejo nos entregamos, ele incendia o meu corpo, me faz sentir plena. Eu sei como deixá-lo enlouquecido e como fazer para que ele exploda de prazer. Enquanto os nossos corpos se entrelaçam, nos rendemos à volúpia. Extasiada e satisfeita, tremo e sinto o Thomas vibrar em resposta. O meu orgasmo é maravilhoso e o meu dia começa muito bem.

Thomas e eu ainda estamos preguiçosamente deitados, enlevados pela nossa prazerosa atividade matinal, quando o telefone toca, e penso que, se não fosse a possibilidade de ser o meu pai com alguma notícia, não atenderia. Estico o braço e alcanço o aparelho.

– Alô.

– Bom dia, filha. Acordei você?

– Não, papai. Estava aguardando a sua ligação. Notícias? – A ansiedade me invade.

– Tentei falar com o William ontem o dia todo e agora pela manhã, mas não

consegui. Ele está na nossa fazenda acompanhando a vacinação do gado. – O meu pai revela desanimado.

– Quando conseguir conversar com ele, me avise.

Thomas acompanha a conversa visivelmente ansioso .

– A sua mãe e eu tivemos uma conversa e chegamos à conclusão de que é melhor eu falar com o William pessoalmente, por respeito e também para que eu possa observar as reações dele. Estamos indo agora para a fazenda, o motorista já está pronto para nos levar. – O meu pai explica.

– Ótima ideia, papai. Assim que tiver notícias me telefone, por favor.

– Um beijo, filha, e mande um abraço para o Thomas. – Ouço a sua risada baixa.

– Um beijo para você e outro para a mamãe. Pode deixar que o Thomas receberá o seu abraço.

Desligamos.

– Pelo que pude entender, o seu pai ainda não conseguiu falar com o William. – Thomas conclui levemente chateado.

– Ainda não. O William está na nossa fazenda e os meus pais estão indo para lá. Talvez tenhamos notícias ainda hoje. – Tento que a minha voz soe animada.

– O seu pai irá dirigindo? – Ele parece preocupado.

– Não, papai tem motorista, dois que se revezam para que ele sempre tenha quem dirija para ele. Os reflexos do meu pai já não são como antes. – *Lembro que o meu pai tem setenta anos e que, apesar de estar saudável, ser ativo e ter uma mente sagaz, parece mais frágil.*

– Eu me esqueci de comentar com você o quanto achei a sua mãe bonita e elegante.

– Ei, rapaz, ela é casada! – Brinco, e o Thomas ri.

– Prefiro a filha, mas admiro a mãe. Isso se chama visão de futuro. Prevejo que você será tão ou mais bonita quando tiver a mesma idade que ela e fico animado. – Ele ri novamente.

Acho a frase bonitinha porque está pensando em um futuro comigo, dou um beijinho no nariz dele e descubro que o meu doutor fica mais bonito a cada dia.

– Quando você quer que eu lhe mostre o meu precioso violão? – Estou tentando descobrir se ele está realmente interessado no assunto.

– Agora! Quando poderei começar a ter aulas? – O entusiasmo dele me

enche de ânimo.

– Podemos começar depois do café da manhã. O que você acha? – Falo já me levantando para me arrumar.

– Acho ótimo. Você sabe que estou interessado na professora, tentarei impressioná-la.

Thomas levanta rapidamente e me ultrapassa entrando primeiro do que eu no banheiro. Por essa eu não esperava. Ouço a sua gargalhada gostosa e me sinto divertidamente ultrajada e feliz. Vou para o banheiro do outro quarto jurando que da próxima vez serei mais rápida.

– Viu como esse shortinho combina bem com o aconchego do lar? – Thomas faz menção ao short que estou usando e que ele não quis que eu usasse em Fortaleza.

– Você é um ciumento. – Sorrio da cara que ele faz.

– Ciumento não, precavido. Não posso me envolver mais em situações violentas e, se você sair usando esse short, sei que terei que distribuir uns socos em alguns abusados. Você não imagina o quanto está atraente vestida assim. – Ganho de brinde o seu olhar faminto, ele me examina e finge que está limpando a baba.

Caio na gargalhada e o abraço, ele me dá um tapinha na nádega e me beija.

– Thomas, como está a questão do seu processo? – Pergunto sabendo que ele não gosta muito de tocar no assunto, mas, já que ele falou em distribuir uns socos, aproveito a deixa.

– Está se resolvendo. A doutora Sara é ótima advogada. – Coça a nuca.

Tenho certeza de que isso é tudo que me falará sobre esse assunto. Se eu fosse bisbilhoteira, perguntaria para a Sara, mas prefiro confiar no que ele diz.

– Agora mostrarei para você o meu precioso violão. – *Espero que ele saiba apreciar a beleza do instrumento e a qualidade do som* .

Vou até o escritório e volto trazendo o meu maravilhoso instrumento.

– Eis “ *my precious* ”. – Mostro orgulhosamente.

– Nossa! Você tem realmente um Hauser, achei que fosse brincadeira sua. – As pupilas dele se dilatam .

Thomas se aproxima e toca gentilmente no braço do violão. Esse homem

parece conhecer um bom instrumento, claro que deve conhecer, ele tem um Paul Fischer .

– Você entende de violões. – Digo maravilhada com o entusiasmo dele.

– Tudo o que é belo, precioso e raro me interessa. – Confessa e fico impressionada.

– Uau! Doutor, gostei de ouvir isso.

– Posso pegá-lo? Fique tranquila que sei o que estou fazendo. – Sorri e me estende a mão, entrego o violão e observo enquanto ele o acaricia. – Você deve ter pagado uma pequena fortuna por ele. – *Ele deve saber quanto um violão desse custa.*

– Foi presente dos meus pais, ganhei de aniversário quando completei trinta anos. Acho que, tirando a gargantilha que você me deu, foi o presente mais especial que ganhei. – Falo, e o Thomas me olha agradecido.

– Você me deixa comovido, minha linda. Obrigado. – Passa os dedos levemente pelas cordas.

Thomas puxa uma cadeira, senta-se, afasta as pernas, coloca o violão apoiado sobre a perna esquerda e inclina o braço do instrumento para cima, um pouco abaixo da altura do seu ombro esquerdo. Envolve o violão, o seu braço direito está sobre a caixa e o esquerdo segura o braço do instrumento, os seus dedos estão posicionados sobre as cordas e a sua postura está perfeita.

– Está afinado? – Arqueia a sobrancelha.

– Perfeitamente. – *Estou achando graça da sua pose .*

Thomas começa a tocar e uma linda melodia invade o ambiente, seguro a emoção, ele não só sabe tocar, como toca com perfeição, não acredito que ele está tocando *Astúrias* , de Isaac Albeniz. Estou literalmente boquiaberta, me emociono e as lágrimas começam a rolar, neste momento admiro esse homem como nunca admirei qualquer outro.

Fecho os olhos e me deixo levar pela belíssima interpretação do Thomas, estou comovida e impressionada. Quando ele termina de tocar, abro os olhos e nos encaramos. Sei que ele percebe a minha surpresa e recomeça a tocar. Escolhe *Prelude from Cello Suiten° 1* , de Bach, a minha preferida de todos os tempos.

Se ele tivesse me contado que sabia tocar tão bem, eu não teria acreditado, o meu Hauser nunca foi tão bem tratado.

– Você mentiu para mim. – Reclamo assim que ele indica que terminou.

– De jeito nenhum, eu disse a você que tocava, mas não da maneira que gostaria. Sempre tive vontade de tocar perfeitamente, uma execução limpa e digna. – Diz e percebo que ele não tem ideia do quanto é bom.

– Thomas, você acabou de tocar lindamente *Astúrias* e *Prelude from Cello Suiten^o 1* que decididamente amo. Você deseja ser um *virtuose* ?

– Não, minha linda, ser um *virtuose* exige muito estudo e dedicação, isso me impediria de continuar sendo médico e gosto muito de ser médico. Estou muito impressionado por você conhecer pelo título as obras que toquei. – O rosto dele é pura incógnita, acho a curiosidade desse homem motivadora.

– Thomas, eu disse que estudei violão. A professora que tive ensinava violão clássico e era divina, talentosíssima. A minha base foi essa, estudei com ela por quatro anos. Quando ela faleceu, arrumei outro professor, mas ele não era tão bom, então resolvi fazer aquela pasta com as cifras de músicas de que lhe falei e passei a treinar sozinha. Alguns anos atrás voltei a estudar violão clássico, a rotina do escritório atrapalhava um pouco as minhas aulas, porém, mesmo assim, estudei três anos com afinco, depois parei e agora treino sozinha.

– Ter uma boa base é muito importante, que bom que teve uma boa professora. – Diz com ar sério.

– A minha professora era a mãe do Nicolas. Ela estudou música desde criança, tocava violino e violão clássico. A música era a paixão da vida dela e, para o seu enorme descontentamento, dos cinco filhos que teve, só um aprendeu a tocar violão, os outros nunca se interessaram.

– Aprendi a tocar meio que sozinha. O meu pai tinha um violão e nunca aprendeu a tocar nada direito, castigava o pobre instrumento. O violão ficava largado e resolvi me apropriar dele. Passava horas tentando entender o som das cordas, comecei a sentir as notas mesmo sem conhecê-las. Um dia vi um rapaz tocando na rua em troca de moedas, juntei todas as moedas que encontrei e passei muito tempo observando-o tocar e ele me ensinou o básico. O meu pai apareceu com umas partituras e sei lá como aprendi a tocar. Treinava até os meus dedos sangrarem. Tocar me acalmava.

– Você aprendeu a tocar assim sozinho? – Estou muito impressionada.

– A minha avó me arrumou um professor depois, só que ele não gostava muito de ensinar violão clássico e acabei tocando mais as músicas da moda nessa

época. As garotas amavam me ouvir tocar, a minha fama de conquistador deve ter começado por aí. – Ri gostosamente das suas lembranças .

– Você tocava violão para poder se dar bem com as garotas? – *Até parece que precisava disso, só os seus olhos verdes devem ter deixado muita menina apaixonada.*

– Não só por isso. – Responde. – Eu adoro tocar violão. Quando fiquei mais velho me dediquei a estudar o violão clássico sozinho usando partituras, cifras, apostilas, essas coisas. Também fiz aula durante algum tempo, mas não consegui me dedicar como gostaria. Ultimamente voltei a estudar e a treinar sozinho, mas só um pouco e quando posso. – Ele me lança o seu sorriso perfeito.

– Ontem você poderia ter me dito que sabia tocar assim, estou me sentindo uma boba, até parece que posso lhe ensinar alguma coisa. – Demonstro o meu orgulho ferido.

– Eva, é claro que você pode me ensinar, podemos treinar juntos. Fiquei maravilhado com a maneira que você segurou o violão, com a delicadeza dos seus dedos tocando as cordas, foi uma surpresa e tanto para mim.

– Você deveria ter tocado para mim ontem. – Resmungo chorosa.

– Não toquei para você ontem porque a achei tão sexy que fiquei mais interessado em tirar o seu vestido. Nunca tinha visto uma violonista nua antes e não podia perder a chance. – O seu olhar desavergonhado me acende.

– Podemos tocar juntos agora se você quiser. – A minha voz sai muito insinuante.

– Você é insaciável, minha Eva. – A voz rouca dele me arrepiava e tenho certeza de que posso me dar para esse homem o dia inteiro.

Thomas coloca o violão sobre a mesa. Aproxima-se, e segura os meus cabelos, puxa-os para trás, inclino a cabeça e ele beija o meu pescoço, as minhas pernas ficam bambas e o meu sangue ferve. A porcaria do interfone toca, eu não me mexo, ele também não, seguro os seus glúteos, apertado com força e ele geme beijando a minha orelha. O interfone não para de tocar e o som estridente perturba.

– Quem será? – Encara-me com ardor.

– Sei lá, o porteiro vai desistir.

E o infeliz não desiste de continuar interfonando, deve ser alguma emergência.

– Melhor atender. – Muito aborrecida, atendo o interfone. – Pronto. – Estou mesmo aborrecida.

– Dona Eva, desculpa perturbar, mas é que uma moradora aqui do prédio quer saber se o doutor Thomas pode ir ver o filho dela, que está passando muito mal. Ela disse que ele não atendeu ao celular. – O porteiro parece incomodado, acho que foi pressionado a insistir quando não atendi. – O doutor Thomas está aí, não está? – Pergunta consternado .

– Está. Falarei com ele e interfonareide volta. – *Estou confusa em como lidar com a situação.*

– O que foi? – A preocupação está estampada no rosto do Thomas.

– O porteiro disse que tem uma moradora do prédio pedindo para você ir ver o filho dela que está passando mal. Não entendi nada.

– Eu sei quem é. O filho dela é meu paciente, nos encontramos no elevador um dia desses, e ela me perguntou se eu morava no prédio, eu disse a ela que a minha namorada é quem mora aqui e ela acabou me fazendo dizer o seu nome. – Sorri e fica pensativo.

– Quando souberem que você está hospedado aqui, poderemos perder o nosso sossego? – Divirto-me perturbando o Thomas.

– Espero que não. Não quero ser expulso. – Ri tão bonitinho que me sinto premiada . – Eu vou vestir um jeans, pegar a minha maleta e ir até lá. Pode aguardar que continuaremos de onde paramos, voltarei com mais fome de você. – Diz e acredito, porque o olhar dele é totalmente sedutor.

– Vou avisar que você está indo. – Pego o interfone e informo ao porteiro.

No fundo eu sempre soube que relacionamento com médico tem ônus. Ainda bem que com o Thomas, os bônus são muito compensadores.

É engraçado lembrar como os meus finais de semana eram planejados, eu tinha sempre algo para comprar, algum filme para assistir, alguém para receber ou para visitar, agora não planejo mais nada, e adoro, porque, quando não trabalhamos, o Thomas e eu podemos ficar mais tempo juntos.

Acho que estamos tão ocupados nos conhecendo, que não temos tempo para outra coisa, e isso é muito interessante. Ultimamente tenho sabido e aprendido mais a respeito dele, e o que vejo me agrada muito. Também tenho me revelado, me exponho cada vez mais, e percebo que ele me aceita e me admira do jeito que me mostro, da maneira que eu sou.

O Thomas não está aqui, e quero que volte logo. Se eu soubesse que um dia conseguiria superar a dor, se tivesse imaginado que poderia voltar a sentir, talvez tivesse feito menos estragos.

Perambulo pela casa arrumando algumas coisas, improviso um almoço rápido e providencio o espaço no closet que prometi ao Thomas.

Ele está demorando a voltar, o celular dele está desligado, começo a ficar preocupada e acho melhor averiguar. O porteiro deve saber qual o apartamento da criança doente e decido ir até lá embaixo falar com ele.

Chego à portaria do prédio e dou de cara com o Marco carregando um buquê de rosas vermelhas, espero que ele conheça alguém além de mim aqui, porque não quero ter que lidar com essa situação.

– Quem disse que não sou um homem de sorte? *Timing* perfeito! – O sorriso dele chega a ofuscar a vista e tenho certeza de que veio me procurar.

O porteiro olha desconfiado e interessado.

– Que coincidência, Marco. – *O constrangimento se chama Eva e não sei como disfarçar.*

– Coincidência coisíssima nenhuma, vim procurá-la, já que não atende as minhas ligações. – O Marco me olha como se eu fosse um pedaço de torta de chocolate. *Maldito shortinho.*

– E como sabe o meu endereço? – Pergunto, ele se aproxima e acho que estou encrencada.

– Eu sempre soube, Eva. Descobri há algum tempo, e pensei que a informação poderia me ser útil. – Ele esbanja charme, e rezo para o Thomas não aparecer.

– Marco, eu não estou entendendo, desculpe-me, mas tenho que ir embora. Conversaremos em outra oportunidade. – Finjo que não estou vendo o buquê e começo a voltar de onde vim.

– Eva, espera. Estas rosas são para você.

O Marco me segue e acho a situação absurda, contudo é melhor parecer louca do que arrumar confusão. Se o Thomas aparecer, nem sei...

– Pode deixar que eu entrego para ela. – Ouço a voz do Thomas atrás de mim. Isso sim que é *timing* perfeito.

Eu me viro e a cena é quase hilária, o Marco está parado olhando para o Thomas, que está com a mão estendida esperando o buquê. Eles se fuzilam com

os olhos. Se alguém que não conheça a história aparecer, vai pensar que eles estão fazendo as pazes. Tento não rir. Melhor ficar calada, senão a situação pode ficar mais tensa do que está.

– Thomas, você sempre aparece nas horas mais inesperadas. – Marco diz em tom de reprovação.

– Engraçado como apareço sempre que você está tentando pegar a minha mulher. – O tom de posse na voz do Thomas dá quase para tocar no ar.

– Agora você se acha o dono da Eva? – O Marco começa a rir, e acho que ele deveria ter mais juízo.

– Marco, contente-se com a relação profissional, porque de outro tipo você não terá. E, quando quiser nos visitar, avise antes.

O Marco segura possessivamente o buquê de rosas, desiste de conversar com o Thomas e me olha.

– Eva, o que foi que você viu nesse sujeito? – Pergunta me encarando. *Que situação!*

– Marco, eu não sei o que você pretende fazer, mas esqueça, não estou disponível. Você está exagerando faz tempo e estou muito aborrecida com o seu comportamento. – *Preciso não gerar polêmica nem causar grandes danos, tenho que pensar nos negócios.*

Thomas se aproxima e possessivamente me abraça, o rosto dele está vermelho e sei que está tentando se controlar, não posso fazer mais nada a não ser subir para o meu apartamento levando-o e deixando um Marco arrasado para trás. Queria que nada disso estivesse acontecendo. Entramos no elevador em silêncio e sinto o cheiro de problema no ar. Só nos falamos quando estamos novamente dentro de casa.

– Eva, que porra você estava fazendo lá embaixo com esse Marco? – É a primeira vez desde que conheço o Thomas que o ouço dizer um palavrão.

– Não precisa baixar o nível. – Reclamo e o encaro.

– Você quer que eu diga o quê, vendo você vestida assim ao lado daquele cara, e prestes a receber um buquê de rosas? – A voz dele sobe uns dois tons.

– Não sei o que você imaginou, mas o que você viu fui eu deixando o Marco para trás sem sequer fazer menção de tocar naquele buquê. – Defendo-me irritada.

– O que vocês faziam lá embaixo? – Ele está muito zangado.

– Você acharia melhor se estivéssemos aqui em cima? – *Não consigo segurar a ironia, se ele pensa que estou assustada, acertou, só que não deixarei que saiba.*

– Você não tem a menor noção do perigo. – Diz em tom ameaçador.

– Por quê? Você vai me bater por acaso? – *Estou ficando muito brava com ele.*

– Se eu me controlei com o Marco, por que me descontrolaria com você? – Pergunta visivelmente aborrecido. – Além disso, nunca encostei a mão em uma mulher.

– Só que você está muito nervoso comigo e não lhe dei motivo. – Assim que termino a frase, ele dá uma risada.

– Qual é o homem que não acharia um bom motivo encontrar a mulher seminua com o cara que é tarado por ela babando olhando o traseiro dela e segurando um buquê de sugestivas rosas vermelhas? – Pergunta, e me contengo para que não perceba que estou com vontade de rir da sua nada sutil descrição da cena. – E não ria, Eva, isso não é engraçado. – *Ah, ele percebeu .*

– Eu não estava com o Marco. Fui até lá embaixo perguntar para o porteiro se ele sabia de você, e dei de cara com ele. Também não entendi nada, nem sei como ele sabe o meu endereço. E, para a sua informação, estava me livrando dele quando você chegou. – *Se eu tiver oportunidade, apresentarei mesmo o Marco para Amanda, os dois são ótimos em aparecer sem serem convidados. Posso chamar isso de afinidade.*

– O que eu faço com esse Marco? – Pergunta consternado. – Ele não desiste nunca! – *Isso é verdade.*

– Podemos apresentá-lo para a Amanda. – Sem querer, digo em voz alta.

Thomas explode em uma gargalhada e também começo a rir, relaxo e a sensação de esgotamento cede.

– Eva, você não existe! Você é muito espirituosa. – Aproxima-se e me encara ainda rindo.

– Quero parabenizá-lo por ter mantido o controle lá embaixo. Fico realmente feliz que você esteja tentando. – *A verdade tem que ser dita, ele está tentando não se meter mais em confusão.*

– Só consegui porque ele não tocou em você, Eva. – E a postura dele demonstra que fala sério .

– Agora é a sua vez de se justificar. Onde é que você estava? – *Convém mudar de assunto.* O meu olhar é carinhoso, sei o que ele estava fazendo.

– Você sabe que fui ver um paciente. Ele não estava nada bem. Fui com os pais dele levá-lo para o hospital, precisei pedir alguns exames, esperei o resultado, é uma virose forte. Eu o mediquei, e ele melhorou um pouco. Mesmo assim o pequeno teve que ficar por lá, está desidratado, amanhã passarei para vê-lo. – O seu olhar suaviza, sei que se sente bem com o que faz, e me orgulho dele.

– Poderia ter me avisado. Estranhei a sua demora. – Digo sem querer parecer egoísta e quase já sendo.

– Minha linda, a situação foi de emergência. Tive que agir rápido, pensei em avisá-la o tempo todo, mas sem celular ficou complicado. Esqueci o meu aparelho aqui. – O sorriso perfeito dele faz milagres com o meu humor.

– Thomas, eu admiro muito a sua dedicação. – Sorrio de volta.

– Você é perfeita para mim, na medida certa. É por isso que tenho tanto ciúme, justificado, de você.

– Também tenho ciúme, justificado, de você, doutor.

Ele parece cansado, mas só penso em pular em cima dele.

– Eva, se eu disser que estou cansado, suado, com fome e excitado, o que você aconselha que eu resolva primeiro? – Indaga maliciosamente, e me assanho porque a malícia é um dom que venero.

– Eu aconselho você seriamente a...

O telefone toca, mais essa agora.

– Se você atender, juro que tiro o aparelho da sua mão e jogo fora. – Diz com a voz sexy.

O telefone continua tocando.

Olho com firmeza para o Thomas, caminho decidida até o telefone e o arranco da tomada.

– Algum outro problema, doutor? – Provoco, e ele ri.

– Não mesmo. Agora me diga qual a necessidade que atendo primeiro. – Está bastante interessado na resposta.

– Que dúvida cruel! – Provoco-o. – Acho que podemos começar resolvendo a questão da excitação... – Principio a desabotoar os botões da minha blusa.

– Eva, você sabe realmente como dar um conselho. – Os olhos verdes dele

ficam mais escuros e a respiração fica mais forte .

– Não tire os olhos de mim, doutor. – Já estou no último botão e me desfaço rapidamente da blusa.

– Jamais faria isso, minha linda. – Garante, e vejo que está ficando ainda mais excitado.

– Você sabe que vou tirar este shortinho da discórdia, não sabe? – Abro o botão e o zíper do short e começo a tirá-lo.

– Esse shortinho quase me fez sair do sério. – Passa a língua pelos lábios sem tirar os olhos dos meus.

– É melhor me livrar de toda esta roupa. – Tiro o sutiã, e depois a calcinha.

– Jamais vou me cansar de admirá-la. – Diz, e sei, pela maneira que reage, que está gostando bastante do que vê.

– Você pode ficar aí me olhando, ou pode fazer alguma coisa a respeito. – Incito-o.

– Agora tenho certeza de que você não tem mesmo noção do perigo. – Chega até mim com muita determinação.

Nem sei o que acontece direito, mergulho no corpo do Thomas, é tão maravilhoso o seu toque, o seu gosto, o seu cheiro másculo que tanto me excita, que perco completamente o juízo. O meu doutor é hábil, sensual, acaricia e beija milímetro por milímetro do meu corpo, a minha pele arde, eu latejo, incho e me inflamo. Sei revidar e me certifico de que estou causando nele as mesmas sensações, ele arfa, estremece e geme sem parar. A nossa interação é incrível, perfeita, os nossos movimentos são coordenados. Vê-lo tão ardente me dá poder e me libero, ele descarrega a sua energia, sinto a sua vibração, ele pulsa e sei que esse homem é todo meu, e o orgasmo me atinge como uma bomba e explodo em milhões de sensações. Thomas arqueia, enterra os dedos na minha carne, urra e se esgota dentro de mim.

– Nunca pensei que este tapete pudesse ser tão confortável. – Falo quebrando o silêncio pós-êxtase. Estou tão relaxada que nem parece que estamos deitados no chão da sala.

– Qualquer lugar fica melhor quando você está assim tão pertinho de mim. – Thomas sussurra e se aconchega no meu corpo.

– Estou quase recuperando as forças para preparar um lanchinho, você fez por merecer. – Acaricio o braço dele suavemente.

– Você cuida muito bem de mim, me sinto especial ao seu lado. – Fala carinhosamente, e como acho que ele já me disse isso antes, só pode ser verdade.

– O seu prazer é o meu prazer e o seu sorriso melhora o meu humor, então coopero. – Dou uma risadinha baixa.

– Eva, você é minha. – Inclina-se e olha dentro dos meus olhos e me sinto mais nua.

– Completamente. – Respondo hipnotizada.

– Sabe o que quero dizer quando falo que você é minha? – Pergunta com a voz solene e o olhar denso .

– Posso ter algumas ideias a respeito. – *Posse é a resposta que faz eco no meu subconsciente e que não digo.*

– Quando digo que você é minha, estou resumindo algumas frases. Você é minha inspiração, você é minha perdição, você é minha responsabilidade, você é minha amada, depende do momento. – Declara com emoção.

O homem maravilhoso diz uma coisa linda dessa e o meu mundo para. E eu que estava pensando só em termos de posse, domínio, sexo...

– Que lindo, meu amor! Você me fez perder o ar. – *Não vou chorar.*

– Você me chamou de meu amor? – Pergunta com as pupilas se dilatando .

Minha nossa, olha só a frase que deixei escapar. Estou perdida, preciso pensar rápido em uma resposta.

– Você me chamou de minha amada. – Defendo-me .

– Então você só me chamou de meu amor porque a chamei de minha amada? – *Eis um homem insatisfeito.*

Por medida de segurança, permaneço calada.

– Eva, por que é mais difícil para você falar o que sente do que demonstrar o que sente? Você tem medo de quê? – *Vai lá, toca na ferida, doutor .*

– Porque não sou tão espontânea quanto você nesse assunto. Porque tenho medo de falar demais, e isso acabar comprometendo o andamento das coisas. – Explico, e a decepção cobre o rosto dele como uma máscara.

– Não adianta falar e não sentir, da mesma forma que não adianta sentir e não falar. – Ele diz ainda mais aborrecido.

Só o Thomas poderia encaixar na conversa uma bela frase de efeito.

– Eu chamei você de meu amor porque você é o meu amor. – Rendo-me.

– E o que isso realmente quer dizer? – Insiste, e acho que vou entrar em

colapso.

– Você não acha que o nosso final de semana já foi bem agitado? Podemos guardar os assuntos polêmicos para os outros dias da semana. – Desconverso tentando amenizar o clima.

Thomas sorri, e os seus olhos brilham levemente. Não sei o que ele está pensando, mas acredito que desistirá da conversa.

– Você tem razão. – Concorda, conciliador. – Creio que somos muito intensos e passionais.

Posso concordar com a afirmação dele sem a menor dúvida, porém ainda tenho pontos a defender.

– Somos sim, boa análise. Só que você não pode me acusar de não dizer o que sinto, ou de não sentir o que digo... Ontem mesmo declarei que estou apaixonada por você. – Falo com a voz melosa .

– Verdade, minha linda, uma coisa de cada vez, pode deixar que saberei esperar. – Diz e expira.

A afirmação do Thomas deixa umas interrogações na minha mente. O que será que ele quer que eu diga?

Levanto-me rapidamente, ele fica sem reação deitado nu sobre o tapete, parece um Adônis, e encaro os seus olhos espantados, a ficha cai e me encho de coragem.

– Thomas, você quer me ouvir dizer eu te amo!

Toda essa conversa começa a fazer sentido, tudo fica claro na minha mente. Ele continua me observando cada vez mais espantado.

– Você confessa que é apaixonado por mim, e eu me declaro apaixonada por você, mas você quer mais.

Agora sei o que ele está tentando fazer .

– Eu amo você, Thomas! Eu te amo. É isso o que deseja ouvir? É isso que está tentando me fazer falar?

Nem bem acabo de descobrir que o amo e já sou obrigada a revelar o que sinto.

Ele se senta no tapete e o seu rosto parece o de um menino que foi descoberto comendo um doce antes do jantar. Não sei qual é a estratégia dele, contudo acho que descobri o seu objetivo.

– Eva, verdade seja dita, eu disse que era apaixonado por você e... – O olhar

dele é capaz de iluminar um estádio de futebol.

Saio correndo aflita para o meu quarto porque tenho medo do que ele dirá, não consigo mais encará-lo.

Entro no closet e coloco um robe, já que desnudei a minha alma, deixe-me pelo menos cobrir o meu corpo.

Capítulo XIV

Saio e o Thomas está me esperando, vestindo apenas jeans. Parece muito sério e compenetrado. Se ele vier com a história de “não foi nada disso que eu quis dizer ou fazer”, juro que terei que procurar um psicólogo.

– O que eu queria dizer ontem e não tive coragem, é que estou apaixonado por você... – Ele respira fundo. – E também te amo. Eva, eu amo você e estou apaixonado por você. – Desabafa literalmente tremendo.

– Você está apaixonado por mim e me ama?

– Exatamente. Paixão é loucura, é tudo aquilo que causa excitação, que faz uma pessoa querer estar com outra desesperadamente, desejá-la o tempo todo, e achar tudo nela maravilhoso. Amor é um sentimento pleno, que faz você saber que não pode mais viver sem outro alguém, que faz você querer cuidar, proteger e agradar a esse alguém e, principalmente, que faz você querer ser o melhor possível para esse alguém. Para mim, amar e estar apaixonado é quando você sente tudo o que eu listei junto e misturado, é quando se tem a certeza de que a pessoa que você quer na sua vida para sempre é a mesma que faz o seu coração acelerar.

Thomas explica, e o meu coração acelerado se enche de certeza, até o meu cérebro se enche de certeza, na verdade, sou toda certeza.

– O que queria ouvir e ouvi, mesmo não gostando do modo como foi dito, é que você me ama. Desejo que você realmente sinta o que acho que sente, que o que me disse seja verdadeiro. Por favor, seja sincera. Prometo que serei compreensivo. – A voz dele está ligeiramente trêmula.

Sou mesmo uma tapada quando o assunto é relacionamento. Consigo agora compreender as atitudes dele e as minhas. É nítido o esforço que o Thomas faz para se controlar e dizer o que está dizendo. Finalmente sei o que ele espera que eu sinta por ele. É preciso coragem para pedir o ele que me pede. Está se arriscando a receber uma resposta que não lhe agrade totalmente, ou quem sabe as minhas ações já deixaram transparecer que lhe correspondo.

Estou segura para dizer o que ele quer ouvir e irei atendê-lo. É tudo tão

simples e não tinha me dado conta. É como se só agora eu descobrisse o que as leis de Newton significam.

– E?... – Thomas indaga visivelmente ansioso.

– Sempre achei que o amor fosse a evolução natural da afeição, que chegasse devagarzinho e levasse um certo tempo para acontecer. – Respiro fundo. – E esse preconceito quase me impediu de entender o que estamos vivenciando. Neste exato momento tenho certeza de que o amor não tem lógica, não tem hora certa para acontecer e é mais forte quando se tem paixão. Agora sei que é possível amar e ao mesmo tempo estar apaixonado. – O meu coração bate descompassadamente e estou suando frio.

– Entendi tudo o que você falou, mas poderia ser mais objetiva? – Pergunta mais ansioso ainda, e sei aonde ele quer chegar.

– Posso sim, Thomas. Pode ser que seja cedo demais, pode ser que essa revelação abale as minhas estruturas, mas preciso dizer que eu te amo, além de estar completamente apaixonada por você. – *Eis o desfecho de toda a minha argumentação.*

– Estou esperando que você se declare para mim há algum tempo, desde o dia em que me declarei para você. – Os seus olhos marejam e não acredito no que vejo e ouço. Ele ensaia se aproximar de mim e se detém.

– Desculpa se não entendi perfeitamente, mas quando foi que você se declarou para mim além de ontem e agora? – *Uma pergunta dessa pode assassinar um romance, só que a curiosidade é o meu inferno.*

– Eu me declarei para você no dia em que lhe entreguei esse coração que você carrega como um símbolo. Você não entendeu, Eva? – O seu tom de voz indica que ele acha que não entendi porque não quis. – Eu me apaixonei por você quase que instantaneamente, e descobri que a amo quando dormimos juntos pela primeira vez.

Thomas toma fôlego e me examina antes de prosseguir, e acho que ele é capaz de ouvir, de onde está, o meu coração que bate muito forte.

– Entrei em pânico. – Ele continua. – Nunca tinha me apaixonado antes, e ainda acabava de descobrir que eu a amo tanto, que o meu coração dói. Resolvi me jogar de cabeça porque amar você é a melhor coisa que já me aconteceu, faz com que me sinta vivo, que eu tenha ânimo, e que eu queira ser uma pessoa melhor.

Olho para ele encantada, ele é tão precioso, que acho que terei que guardá-lo em um cofre.

– Thomas, eu tinha lhe prometido que não partiria o seu coração e aproveite para confirmar a promessa olhando dentro dos seus olhos. Quero que saiba também que estou me propondo a amá-lo sem receios e sem reservas.
– *Falando desse jeito, me sinto quase uma poetisa* .

– Essa promessa também é minha, e assumo o compromisso de manter os seus sentimentos em segurança dentro do meu coração, cultivando-os com respeito e responsabilidade. Saiba que os meus sentimentos por você são verdadeiros, vivos e pulsantes, e a cada dia se agigantam mais. Eu amo você, Eva.

A beleza do Thomas é descomunal, mas a sua fluência é ainda maior. Um homem assim não pode existir nem em filme, nem em romance e nem na imaginação mais fértil.

– Thomas, como você pode ser lindo, culto, sexy e ainda ser tão proficiente com as palavras? Jura que você existe, que não é um embuste? – Sorrio e ele ri em resposta.

– Passe todos os adjetivos da sua pergunta para o feminino e terá a pergunta que me faço a seu respeito todos os dias. – Fala, e me faz me sentir o máximo.

Ele se aproxima, me abraça apertado e me beija com muito carinho, sinto-o relaxar e relaxo também. E tudo o que estou vivendo me faz acreditar que a vida está me dando uma segunda chance.

– Eu te amo, Eva. – Declara novamente assim que o nosso beijo termina.

– Eu te amo, Thomas. – Sorrio da cara de contente que ele faz. *Esse homem me encanta*.

– Não ouvi direito o que você disse. Pode repetir? – Brinca e percorre as mãos pelas minhas costas .

– Eu te amo, Thomas. – Cada vez que falo vai ficando mais fácil, mais natural. Ele me observa satisfeito e me sinto bem.

– Estou pensando em tomar um banho, atacar a geladeira e depois levar a mulher que eu amo para jantar. Podemos até pensar em um cineminha. O que você acha?

A resposta automática que vem a minha cabeça é “acho que você é tão maravilhoso que deve ser fruto da minha imaginação”.

– Acho ótimo, doutor, só queria recusar o cineminha. Não podemos dormir tarde, porque amanhã o nosso *personal* estará aqui bem cedo. – *Só de pensar em subir na esteira já me dá preguiça.*

– Perfeito. Então vamos nos arrumar.

Antes que ele termine de falar, saio em disparada e entro primeiro no banheiro, agora fui mais rápida.

– Eu venci! – Grito de dentro do banheiro.

– Assim não vale, fui eu quem inventou a brincadeira, então eu que resolvo a hora de brincar. – Thomas choraminga em tom zombeteiro.

Ainda bem que estou usando uma calça preta devidamente justa e uma blusa de seda generosamente decotada porque, por mais básico que o Thomas esteja vestido, por onde passamos as mulheres não dão trégua. Elas viram o pescoço para olhá-lo e, depois que o admiram, transferem a atenção para mim, examinando-me, criticamente, de cima a baixo.

Quase estou me acostumando a não ligar para a atenção que o Thomas desperta. O bom é que pelo menos ele não dá muito crédito para isso. Na verdade nem percebe, o diferencial dele é que fica tão concentrado em mim quando estamos juntos que me sinto mais que poderosa, me sinto quase vingada porque, mesmo que o paquerem abertamente, ele só tem olhos para mim.

O nosso passeio de final de domingo é ótimo. Jantamos no restaurante Così, que é pequeno, aconchegante e romântico. Acho a comida deliciosa, a nossa conversa agradável, e a atenção e o carinho, que dou e recebo, acolhedores.

O Thomas parece relaxado e confiante, além de estar ainda mais carinhoso, creio que a melhora no humor dele se deu pelo poder das nossas mútuas declarações. Confesso que estou me sentindo mais leve também.

A experiência de voltar do nosso passeio para casa sabendo que o Thomas não precisará ir embora é reconfortante. Não me canso de me autoelogiar pela ideia que tive de transformá-lo em meu hóspede.

– Vou ligar para o hospital para saber como o meu paciente está reagindo, e venho colocá-la para dormir.

O meu doutor transborda de carinho e me derreto.

– Se você demorar, não conseguirei esperá-lo, estou quase dormindo em pé.

O sono é uma dádiva na minha vida atual, não gosto nem de pensar em quanta insônia já tive.

– Juro que tentarei ser rápido, meu amor. Já volto. – Começa a assobiar, e sai para fazer a ligação.

Meu amor? Agora sei que sou realmente o seu amor.

O meu sono é tanto que entre vestir a camisola, escovar os dentes e deitar na cama cochilo algumas vezes. Sinto a presença do Thomas ao meu lado, o seu calor me alcança, me aninho no seu abraço, sinto o seu hálito de pasta de dente e me dou conta de que ele é o meu porto seguro.

– Dorme tranquila que estou aqui juntinho de você. Boa noite. – Ouço a voz do Thomas ao longe .

– Boa noite, eu amo você. – Deixo escapar sonolenta, e escuto a risada alegre do Thomas seguida da sua resposta, que acho que é eu te amo mais.

Como é gostoso o despertar depois de uma boa noite de sono, sinto-me revigorada e pronta para iniciar bem a semana. Acordar tendo ao lado um homem lindo e que me ama também contribui, e muito, para que eu esteja bem disposta.

O meu doutor dorme tranquilamente, o seu semblante é suave e contemplo o seu rosto de contornos bem-feitos. Esse homem foi criado para ser admirado. Acredito que é quase impossível para mim, olhá-lo e não o tocar. Resistir à tentação não é uma tarefa a que me dedico com afinco, costumo ceder se o assunto for Thomas, e até hoje nunca me arrependi.

– Bom dia, meu amor. – Beijo lentamente as suas pálpebras.

– Acordar assim é muito bom. – A voz dele sai mais rouca e baixinha.

– Senti muita saudade de você. – É inacreditável como posso ser dengosa às vezes.

– Senti mais saudade de você ainda. – Rapidamente me abraça e me puxa para cima do seu corpo.

– Está quase na hora do Ian chegar. Atividade física, lembra? – Roço o meu corpo no dele.

– Então precisamos fazer o nosso aquecimento. – A malícia na voz dele me enche de vontade.

– Não temos muito tempo, meu amor. – *Adoraria fazer outro tipo de exercício, tenho absoluta certeza.*

– Ainda bem que não precisamos de muito. – Passa as mãos pelas minhas costas e me arrepio.

– Eu pelo menos já estou pronta. – *O meu corpo está literalmente pulsando.*

– E eu nasci pronto para você, minha amada. – Rola sobre mim e de repente estou embaixo dele.

Thomas levanta a minha camisola e me arrepio completamente. Estamos pele com pele, ele dormiu nu e eu sem calcinha, o meu corpo clama pelo dele, e uma sensação de urgência se apodera de mim. Ele me beija avidamente e me penetra com uma habilidade impressionante, estamos famintos um do outro e todas as minhas terminações nervosas estão sensíveis.

Ele se movimenta com agilidade, sinto o seu desejo, a sua necessidade, temos pressa e todas as sensações maravilhosas que ele me faz experimentar chegam em um turbilhão. Não quero mais resistir, gemo, ele também já não pode suportar, urra, o nosso ritmo aumenta, o prazer me arrebatava e me entrego, explodo, ele grita o meu nome, me inunda, estremece e geme.

– Minha nossa! – Sussurra próximo ao meu ouvido.

– Isso é que eu chamo de aquecimento de respeito. – *Até gostaria de mais.*

– Eu amo comer você, é bom demais. – Coloca a boca no meu pescoço e me acendo outra vez.

– Se continuar, vou querer você de novo. – *Na verdade já estou querendo, só penso nisso.*

– Eu já quero você de novo. – A voz dele é sexy e estremeço.

– Sou fraca, doutor, não consigo resistir. – Escorrego as mãos pelas costas dele.

– E eu estou duro, muito duro. – Anuncia e, como sou curiosa, sinto-me na obrigação de verificar e, verdade seja dita, ele está no ponto.

– O que você acha de batermos um novo recorde? – Sugiro, e juro que não vou dispensá-lo nem que a campainha toque.

– Podemos nos esforçar. – Aceita e imediatamente recomeçamos o nosso aquecimento.

Se tivéssemos cronometrado o tempo, não teria dado tão certo, por alguma mágica divina o Ian, que é sempre pontual, atrasou-se. Apesar de achar que já fiz todo o exercício de que preciso, não consigo ser poupada. Tudo bem, porque dois homens musculosos são realmente capazes de me fazer subir na esteira e

ainda correr. Fazer o quê, se a motivação é nobre?

Depois da atividade física intensa que fiz logo cedo, estou cheia de energia e vou trabalhar muito bem-humorada, como se tivesse comido duas caixas de chocolate inteirinhas.

– Bom dia, Patrícia. Como foi o seu final de semana?

– Ótimo. E o seu? – A Patrícia pergunta educadamente.

– Muito bom. – *Agora adoro os finais de semana . E as manhãs e as noites também.*

– O senhor Marco Diniz telefonou. – A Patrícia diz incomodada.

– E? – Não sou nada condescendente.

– E me implorou que eu fizesse você telefonar para ele assim que chegasse.

– Olha-me ressabiada e acho que não está me contando tudo.

– Então vamos fingir que eu ainda não cheguei. – Resolvo a questão e vou para a minha sala.

– Acho que ele gosta muito de você. Não sei, ele parece um pouco desesperado. – Ela demonstra que está sofrendo por ele. *Essa garota é pura empatia.*

– E o que você espera que eu faça? – Estou me irritando, não com ela, com ele. *Adeus, endorfinas.*

– Que converse gentilmente com ele e explique que está com o Thomas. – O olhar dela é comovente .

– Ele sabe que o Thomas é meu namorado. O Marco está se tornando muito inconveniente. Não sei mais o que fazer. – Desabafo chateada.

– Ele pensa que está apaixonado por você, está sofrendo, Eva. – Diz e percebo que eles andaram conversando, só pode.

– E você agora é a confidente dele? – Estou ficando irritada com ela também.

– Desculpa, Eva. A sua agenda está em cima da mesa.

Adoro essa garota, ela sabe a hora certa de jogar a toalha.

– Maravilha! – Digo aliviada. – Patrícia, por favor, ligue para o Thomas e peça o endereço da doutora Amanda. Depois embale este livro e mande um *courrier* entregar para ela. Obrigada.

– Anais Nin? Leitura interessante. – Sorri.

– E eu que pensei que você fosse uma menina inocente. – Provoco-a e sorrio.

– Nem tanto. – Ruboriza.

O dia passa magnificamente, estou tão bem disposta que consigo cumprir a minha agenda com folga. Eu poderia adiantar algumas coisas, mas prefiro ir mais cedo para casa, já fiz muitas horas extras nos últimos anos e estou com crédito.

Chego em casa e capricho no meu banho, visto um vestido preto e longo de malha que me cai perfeitamente bem, penteio e seco levemente os cabelos e, por incrível que pareça, resolvo fazer o jantar.

– Que cheiro delicioso é esse? – Thomas entra na cozinha e me assusto, não ouvi quando ele chegou.

– Oi, doutor. Vejo que usou a sua chave. – Caminho até ele e ganho um beijo mais que excelente.

– Você está fazendo, ou esquentando o jantar? – Thomas parece intrigado.

– Estou cozinhando para você. Agora que já disse que me ama, não faz mal que conheça as minhas outras habilidades. – Sorrio e volto à minha atividade.

– Não me diga que você sabe cozinhar! – A cara de surpresa que ele faz é bem engraçada.

– Então não direi. – *Posso ser muito impicante de vez em quando* .

– Como é que você aprendeu a cozinhar? – *Que homem curioso.*

– A minha avó me ensinou.

– A sua avó?

– Você esqueceu que a minha avó ajudou a me criar? Cozinhar era a satisfação e o hobby dela. Conversávamos muito enquanto ela me ensinava alguma receita nova. Ela era uma excelente cozinheira, a minha mãe é quase tão boa quanto ela, e eu sou quase tão boa quanto a minha mãe, então sei me virar na cozinha. – Explico sabendo que estou sendo modesta.

– E você gosta de cozinhar? – O interesse é maior do que acho que deveria ser.

– Gosto muito, só que não sempre. – *Sou completamente sincera* .

– Nunca imaginei que você soubesse cozinhar. Quantas habilidades você ainda tem para revelar? Pode começar a listá-las. – Senta-se e me observa de

maneira divertida.

– Você irá conhecê-las aos poucos, mas não se anime, porque a lista está quase no fim. – Gargalho alegremente.

– Você é surpreendente. – Ele me olha com tanta admiração, que me arrependo de não estar fazendo um prato mais elaborado.

– Contenha-se, Thomas, você ainda não experimentou a minha comida, então vá com calma.

– Gostarei de qualquer coisa que você faça, apenas pelo fato de ter feito. Você está cozinhando para mim e estou impressionado e muito grato. – Está visivelmente satisfeito.

– Se soubesse que cozinhar para você o deixaria tão feliz, teria feito isso antes. – *Teria mesmo* .

– Eva, pouquíssimas pessoas na vida se interessaram em cuidar de mim. – Ele fala, e acho que a afirmação não é totalmente procedente.

– Nenhuma mulher, das muitas que você já teve, cuidou de você ou tentou lhe agradar? – *Agora eu quero a resposta.*

– De verdade? – Pergunta e balanço a cabeça afirmativamente.

Fico na dúvida se dou atenção à panela, ou se presto atenção no Thomas.

– Já me deram presentes, cozinharam para mim, me paparicaram de diversas formas, mas sempre porque queriam alguma coisa em troca, porque queriam mais... Mais envolvimento, mais compromisso, mais atenção. Você é diferente, eu lhe dou tudo, me dou inteiro, ofereço a minha total atenção a você, o meu compromisso e o meu amor e ainda assim, sabendo que me tem nas mãos, continua me cativando e cuidando muito bem de mim. – Explica e acho que, vendo por esse lado, ele tem razão.

– Eu me sinto feliz em satisfazê-lo de todas as formas, sempre. Quando lhe agrado, a retribuição que recebo é o bem-estar que sinto, porque me faz bem fazer bem a você, só isso.

– Eu amo você. Muito. – Thomas fala com tanta ternura, que fico comovida.

O jantar está quase pronto e o cheiro está realmente muito bom.

– Se quiser jantar, terá que ir lavar as mãos, está quase pronto. E, a propósito, eu também amo você, muito. – Falo carinhosamente e ele sai da cozinha visivelmente feliz.

Arrumo rapidamente a mesa enquanto o Thomas, creio eu, toma banho.

Gosto mesmo de cozinhar, a minha avó adorava me ensinar os seus segredos culinários. Ela tinha a firme convicção de que toda moça deveria saber pelo menos cozinhar o básico, não importando que talvez ela nunca precisasse entrar em uma cozinha.

Saber cozinhar foi muito útil quando o Nicolas e eu moramos juntos. Ele lavava a louça, colocava a mesa, mas ajudar a preparar alguma refeição, exceto sanduíches, nunca ajudou, não gostava. Na família dele cozinhar é coisa só de mulher. O meu pai também pensava assim até que eu nasci.

Thomas aparece de cabelo molhado e lindo como poucos seres humanos são capazes de ser, e deixo de divagar. Calado ele é parecido com o Nicolas, mas não consigo explicar a impressão que tenho de que o Nicolas não era tão bonito quanto o Thomas é. Não sei se é porque o Thomas tem uma maneira sexy de olhar, porque é mais elegante e mais sensual ou porque se expressa melhor, mas realmente não entendo.

É engraçado como pensar no Nicolas não me afeta mais. Agora quando me lembro dele sinto carinho, ternura e só. Algumas vezes faço comparações entre ele e o Thomas, porque o único relacionamento que tive antes em toda a minha vida foi com ele, e não tenho outra referência.

– O que você preparou? – Thomas já está sentado e pronto para se servir. Acho engraçado o quanto está dando importância ao fato de que eu tenha preparado o jantar .

– Como você pode perceber, temos salada verde, batatas noisette e risoto de filé mignon e funghi. – Fico com muita vontade de rir da cara de surpresa que ele faz.

– Você preparou tudo isso depois que chegou do trabalho? Sério? – Parece um tanto incrédulo.

– Thomas, fui eu quem cozinhou, sou habilidosa na cozinha. Quando quero cozinhar, faço isso com muito prazer. – *A situação está engraçada* .

– Estou agradavelmente surpreso. Você não parece o tipo de mulher que sabe cozinhar. – Ele me olha sério, e quase me ofendo com o que ele disse.

– Qual é o tipo de mulher que sabe cozinhar? – Questiono, servindo a salada.

– Não sei explicar. É que eu não fazia ideia. Você é uma profissional tão ocupada, tem tantas outras habilidades, que não pensei que tivesse tido tempo para aprender a cozinhar. – Ele percebeu que está se complicando, e estou me

divertindo com o jeito atrapalhado dele.

– Thomas, muitas mulheres modernas sabem cozinhar. Embora eu reconheça que não tenham muito tempo para fazê-lo, algumas até tem a arte culinária como hobby. No meu caso, eu já disse que aprendi com a minha avó, desde pequena me aventuro na cozinha. Agora coma. – Sorrio satisfeita.

Observo que ele está faminto e devora contente a refeição. Até achei que tinha feito muito risoto, mas agora nem sei se a quantidade será suficiente para satisfazê-lo. Gostei muito de cozinhar para ele.

A minha mãe adora cozinhar para o meu pai, apesar de só fazer isso em datas ou eventos importantes, é uma maneira que ela tem de agradá-lo. Fizemos até um curso de culinária italiana uma vez, comemos tanta massa que quase enjoiei.

– Você cozinha maravilhosamente bem. Parabéns, minha linda. Adorei conhecer mais um talento seu.

– Obrigada. – Sei que ele gostou, comeu muito bem.

– Tudo o que você faz é muito bem-feito. Eu me apaixonei por uma mulher incrível. – *Ah, o sorriso perfeito outra vez, adoro isso* . – Também gosto muito de cozinhar. – A frase que ele diz é totalmente inesperada para mim.

– Até parece. – Agora a incrédula sou eu.

– Também fui criado pela avó. Uma avó que sempre quis que eu soubesse me virar sozinho, além de ter necessitado da minha ajuda para realizar diversas tarefas, o que acabou contribuindo para que eu me tornasse um homem asseado e organizado. – A seriedade da voz dele não deixa dúvidas de que está falando a verdade.

– Jura? Você realmente sabe cozinhar?

– Eu disse que gosto muito de cozinhar, não que sei cozinhar. Sou esforçado, sei seguir uma receita, mas faço apenas o trivial, nada muito elaborado, algumas vezes dá certo, outras nem tanto, o importante é que sempre me divirto. – Diz de uma maneira tão bonitinha que tenho vontade de beijá-lo.

– Qualquer dia você cozinha para mim? – Peço com a voz dengosa.

– Com todo prazer, doutora. Posso fazer o jantar se você me prometer que será a sobremesa. – O sorriso malicioso e o olhar sexy dele me deixam muito entusiasmada.

– Posso ser a sobremesa hoje, se você quiser. – *Sei que pareço muito*

oferecida, mas quem pode resistir a esse homem?

– Se soubesse que teria direito a sobremesa, teria comido menos. – Ri de um jeito muito encantador.

– Não tem problema, você poderá ganhar a sua sobremesa um pouco mais tarde. – *Não tenho a menor intenção de desistir.*

– Combinado. Eu ia dizer assim que cheguei que você está ainda mais sexy nesse vestido. Sexy, muito sexy! Só que a conversa sobre o nosso jantar me atrapalhou.

Lá vem ele com esse assunto, acho que não conseguirei esperar até mais tarde para ser a sobremesa.

– Um vestido preto e comprido de malha é sexy? – *Tenho certeza de que sim, comprei-o por essa razão.*

– Você é sexy, o vestido só realçou as suas curvas. Além disso, toda a composição está perfeita. Cabelos soltos, descalça, sem maquiagem, sem sutiã, vestido justo e longo, a mais pura expressão da beleza natural.

O telefone toca. Não deveria tê-lo recolocado na tomada. Eu não acredito que o telefone ou o interfone estejam sempre nos interrompendo. A conversa estava tão interessante, mas nos calamos, e resolvo atender.

– Alô. – Espero que a minha voz não esteja denotando a minha irritação.

– Boa noite, menina linda. – A voz é inconfundível.

– Boa noite, meu herói. – A minha voz manhosa chama a atenção do Thomas, que se aproxima curioso.

– Conforme combinado, estou telefonando para dizer como foi a conversa com o William.

– Papai, eu gostaria de colocar a chamada na função viva voz. O Thomas está aqui e já foi informado da nossa suspeita, e aguarda tão ansioso quanto eu pelo resultado da sua conversa.

Espero que o meu pai compreenda que estou explicando exatamente o que o Thomas sabe .

– Você quer dizer que contou ao Thomas sobre a suspeita que temos de o William ser o pai biológico dele e sobre a notável semelhança entre o Nicolas e ele. Apenas isso, correto? – Demonstra o quanto captou do que acabo de dizer.

– Correto, papai. – Confirmo e coloco a conversa no modo viva voz. – Já pode falar, estamos ouvindo.

– Boa noite, Thomas.

– Boa noite, Guido.

– Bem. – Pigarreia. – Conversei com aquele burro xucro do William, vou logo adiantando que a conversa não foi nada boa.

– Por que, papai? – A minha curiosidade é tão grande que interrompo a narrativa.

– A conversa foi apenas entre mim e ele, conversa de homem para que ele se sentisse à vontade. Conteí que conheci o Thomas, falei da enorme semelhança que ele tem com Nicolas, conteí que você acredita que existe algum parentesco e falei mais um monte de firulas. Dei uma volta danada, e por fim perguntei se havia a possibilidade de que ele tenha tido um filho fora do casamento. – Suspira e faz uma pausa.

– Conta logo, papai. – Estou muito ansiosa e reparo que o Thomas está um pouco nervoso.

– O William quase virou bicho com essa conversa, nunca vi aquele sujeito tão nervoso. Só faltou me chamar de louco, jurou por tudo que jamais traiu a esposa, que foi o grande e único amor da vida dele. Tentei um monte de teoria e ele derrubou todos os meus argumentos. O pior é que acredito nele. O William é um homem sincero, e creio que não teria motivos para mentir. É viúvo, os filhos são adultos, e ter tido um filho com outra mulher não seria assim uma catástrofe. – O meu pai se cala de repente.

– Eu gostaria de pedir a vocês que deixem isso de lado. Sei de muitas pessoas que são parecidas e não têm parentesco algum. – Thomas pede constrangido .

– Só que constatei uma coisa que está me incomodando. – *Papai volta à carga.*

– E o que é? – Estou novamente curiosa, o meu pai é esperto, deve ter descoberto algo.

– Thomas, você é muito parecido com o William. Ambos têm o mesmo porte, os olhos são da mesma cor, a boca é igualzinha, não sei nem como explicar. Eu não sei como o Nicolas seria hoje, e comparar você com ele é difícil para mim. Sei que o Nicolas era o filho mais parecido com o William, então, se você se parece com o William, concluo que o Nicolas com trinta e três anos realmente deveria ser como você.

– Por favor, gostaria mesmo de não continuar com isso. – Thomas parece frustrado.

– Papai, o William não poderia estar mentindo por alguma razão que não possamos imaginar? – Insisto na conversa.

– Acredito que não. – É enfático.

– Podemos pedir que ele faça um exame de DNA. – Arrependo-me do que sugiro assim que falo.

– Eva! – Thomas me repreende. – Você não pode estar sugerindo isso. – A indignação dele é óbvia.

– E por que não? – O meu pai pergunta. Para ele as provas são elementos muito importantes. Advogado é sempre advogado.

– Porque seria uma enorme invasão de privacidade. – Thomas argumenta e acho que tem razão.

– Sendo assim, vou pedir a vocês que venham para a fazenda no fim de semana. – Diz, e não entendo a lógica do meu pai.

– Até poderemos ir, quero que o Thomas conheça a fazenda, mas qual é o seu propósito? – Indago ligeiramente temerosa.

– Quero que o Thomas e o William se conheçam e tirem as suas próprias conclusões. Também desejo que o Thomas veja algumas fotografias do Nicolas que estão na fazenda para que ele pare de pensar que na nossa família só tem gente louca. – Papai ri animadamente .

O meu pai nos faz rir, ele é mesmo muito astuto. Concordo que está na hora de o Thomas ver alguma fotografia do Nicolas e, contanto que eu não tenha que abrir aquela velha caixa de papelão, está ótimo.

– Por mim tudo bem, papai, podemos ir.

Estou me animando, pode ser que um encontro entre o William e o Thomas seja produtivo.

– Adorarei conhecer a fazenda de vocês, mas não quero colocar o pai do Nicolas em uma situação desagradável. – Thomas enfatiza.

– Thomas, o William é um sujeito muito bom. Ele não vai ficar constrangido nem nada disso, você é o namorado da Eva e, se o bom Deus permitir e se as minhas orações forem atendidas, você há de ser o pai dos meus netos, então ele terá que se acostumar a vê-lo por aqui. – *Eis um ótimo argumentador, só um pouco apelativo .*

– Lá vem você tentando me rifar. Não é, papai? – Desta vez acho a conversa dele mais divertida que inapropriada.

– Eva, não comece a reclamar. – O meu pai protesta.

– Bem, vendo por esse prisma, tudo bem. Estou convencido de que ele me verá muito mesmo. E, Guido, pode deixar que, se depender de mim, você terá um monte de netos. – Thomas fala e ri animadamente.

– Thomas, se você estiver falando sério, reafirmo que faço qualquer coisa que me peça, você tem o meu apoio para o que quer que seja. É uma promessa. – A voz solene do meu pai indica que isso é realmente uma promessa.

– Cuidado com o que promete, papai. – Falo em tom de brincadeira.

– Isso é assunto de homem, Eva, não se intrometa. – Thomas ralha comigo.

– Um homem de pulso. Tudo o que a minha filha precisa. As minhas preces estão sendo ouvidas! – O meu dramático pai clama de modo brincalhão.

Conversamos mais um pouco, confirmamos a nossa ida para a fazenda na próxima sexta-feira e nos despedimos alegremente.

– Você está bem? – Pergunto para o Thomas assim que desligo o telefone.

– E por que não estaria? O seu pai autorizou que façamos filhos e me prometeu apoio total. Acho até que já deve estar pensando no meu dote. – Brinca.

– Filhos? Podemos só ficar no treinamento por enquanto. O que você acha? – Pergunto de maneira jocosa.

Não importa o que ele responda, não vamos correr tanto, filhos não estão nos meus planos de curto prazo.

– Por mim podemos tanto treinar quanto partir para a ação, já tenho a mulher ideal. – Sorri e se aproxima .

– Ei, rapaz, para que os filhos existam, uma certa coisinha precisa ser feita antes. – Olho sugestivamente para o Thomas.

– Sei exatamente como fazer, posso mostrar agora mesmo. – Diz, e percebo que está muito animado com a possível demonstração.

– Podemos voltar àquela história de que serei a sobremesa? – *Também estou animada* .

– Doutora, só de pensar na possibilidade de tirar esse vestido de você, fico completamente excitado.

Acredito ao observar a intensidade do olhar que me dá.

– Por que você não me leva lá para o quarto? – *Já estou absolutamente*

perdida em expectativas.

– Agora mesmo. – Prontifica-se, me pega no colo e me beija da maneira mais imoral que alguém possa beijar outro alguém.

Capítulo XV

Nem sei explicar como a semana passou tão rápido. Hoje já é quinta-feira e dentro de menos de uma hora estarei em casa.

Desde que o Thomas se tornou meu hóspede, há cinco dias, a minha rotina diária está ótima. Praticamos os nossos exercícios com o Ian, seguimos para os nossos trabalhos onde dedicamos muitas horas e passamos as noites em casa, onde conversamos sobre o que fizemos durante o dia, jantamos, lemos ou tocamos um pouco de violão.

Ontem tive oportunidade de constatar que o Thomas realmente leva jeito na cozinha, confesso que é melhor ajudante do que cozinheiro, mas demonstrou que é esforçado e que sente prazer em colaborar e aprender. Preparamos o jantar juntos e notei que ele adorou fazer isso.

Para a minha total alegria, namoramos muito e é tão intenso sempre que nos tocamos que não podemos resistir. O sexo é divino e quanto mais nos conhecemos melhor fica. Posso afirmar que a nossa convivência nos tornará ainda mais íntimos e a intimidade nos deixará cada vez mais relaxados e seguros para agradecer ao outro.

Estamos dispostos a nos entregar totalmente a essa experiência de dividir o mesmo espaço e de compartilhar uma rotina, e isso, acredito eu, permitirá que o nosso nível de comprometimento se torne bem mais tangível.

Olho para a minha mesa de trabalho e nem acredito que está quase vazia. Despachei os documentos mais importantes, finalizei alguns relatórios, e programei a minha agenda para a próxima semana. Fui menos rígida, reservei algum tempo para cuidar da beleza, e agendei os meus compromissos para que aconteçam antes das dez horas, tenho gostado de chegar mais cedo em casa.

– Patrícia, por gentileza, venha aqui.

– Bem na hora certa, estou indo. – Ela fala de maneira séria, desliga o telefone rapidamente e fico sem entender.

– Como você sabe, não estarei aqui amanhã. – Digo assim que ela entra. – Estou deixando tudo muito bem organizado, não tem nada que não possa esperar até segunda-feira.

– Ótimo. – A voz dela parece tensa.

– Algum problema?

– O senhor Marco Diniz está aguardando-a, veio sem ter hora marcada. Alega que tem um assunto sério que precisa resolver com você. – Fala e suspira.

– Sei. – Digo sarcasticamente.

– Eva, o senhor Marco é um homem muito agradável, elegante, educado...

– Interessante e muito bonito também. – Completo a frase.

Acho que o Marco é mesmo um homem bonito, mas não chega a ser nada demais, não é tão completamente lindo quanto o Thomas, pelo menos não para mim, que olho para o meu doutor através das lentes do amor. Adorei a rima.

– Irei recebê-lo. Contudo, quero que você nos interrompa em quinze minutos. Não conversarei com ele nem um segundo a mais. Entendeu?

– Claramente. – A Patrícia sai um pouco desanimada e acho que ela se encantou com ele.

O Marco entra sorrindo e educadamente nos cumprimentamos. Ele está muito elegante, e demonstra calma e urbanidade. Eu me animo porque acho que falaremos mesmo de trabalho, porém o seu olhar é de cobiça. Sinto até um certo incômodo em estar tão próxima dele, mesmo com uma mesa nos separando.

– Então me diga qual é o assunto urgente. – Tento abreviar a conversa.

– O assunto é que estou apaixonado por você ainda e não sei mais o que fazer.

E eu que pensava que a minha mãe fosse a pessoa mais direta que conheço.

– Será que não é apenas orgulho ferido? – Pergunto, porque sei que ele é uma pessoa muito competitiva.

– Você acha que estou me recusando a aceitar que perdi porque não gosto de perder. Simples assim? – Um sorriso irônico surge em seu rosto.

– É uma hipótese. – *Juro que preferia que estivéssemos conversando sobre trabalho.*

– Estou apaixonado por você há muito tempo. Você fez de mim o que bem quis e continuei aguardando uma nova oportunidade. Achei que ainda não estava pronta para um compromisso, que se eu esperasse um pouco mais, poderia estar por perto quando se cansasse de ficar sozinha. Agora, de repente, você se envolve com esse Thomas, está sempre com ele e o cara é um possessivo. Não estou entendendo mais nada. – Parece estar confuso de verdade.

– É questão de química, de encontrar a pessoa com quem se quer estar o tempo todo, não sei nem explicar o quanto me sinto bem e feliz ao lado do Thomas. Perdoe-me se estou magoando você dizendo isso, mas nunca lhe dei esperanças. – Declaro e vejo o semblante dele ficar triste.

– Pelo menos agora posso ter a certeza de que o Thomas não é só o brinquedo da vez. Você está mesmo assumindo um compromisso com ele. É isso que você está me dizendo? – O homem está visivelmente chateado.

– Sim. E eu quero muito que dê certo. – Permaneço no firme propósito de ser absolutamente franca.

– Prometo que não irei incomodá-la mais com esse assunto. Quero apenas que saiba que se por algum motivo não der certo, e eu ainda não tiver me curado do que sinto por você, gostarei de ter uma chance. – Fala e se levanta, percebo que já está de saída.

– Espero que você descubra que está enganado a respeito do que sente por mim e encontre uma mulher que mereça um homem tão encantador quanto você. – Desejo sinceramente, porque acho que ele é um ótimo partido.

– Então tchau, Eva. – Ele vira e caminha até a porta.

– Tchau, Marco. – Digo, e ele sai da minha sala.

A conversa com o Marco foi desagradável, porém necessária. Acho que agora ele poderá se concentrar em encontrar alguém que possa corresponder ao seu sentimento. Quando me envolvi com ele, tinha quase certeza de que nenhum de nós sairia abalado, que ele não queria compromisso tanto quanto eu, mas não foi bem isso o que aconteceu. Foi muito difícil fazê-lo entender que para mim foi apenas diversão, que não estava interessada por ele.

Acho que a autoestima do Marco ficou arranhada e, desde então, sempre que tinha uma oportunidade, tentava se aproximar. Agora acredito que ele vai parar de tentar. Melhor assim.

Depois dessa conversa difícil, o melhor a fazer é ir para casa e vou mesmo. Tenho uma mala para arrumar e um homem para agarrar. Ih, outra rima! O amor é um poeta.

Entro em casa e percebo que o Thomas já chegou. Vejo a sua maleta em cima da mesa da sala, posso até sentir no ar o seu perfume. Ouço o cantarolar dele e sigo o som. Encontro-o na cozinha e o espetáculo visual me deslumbra. Ele está apenas de bermuda, os cabelos estão úmidos, está escorrendo fettuccine, e

eu o observo sem que ele me veja.

Como é possível que uma cena cotidiana pareça uma pintura? Como um homem preparando o jantar pode ser tão sensual? Estou definitivamente perdida, nunca me senti como estou me sentindo, amo tudo nele, todo ele. Vê-lo assim tão à vontade, tão em casa faz o meu coração apertar.

Quero esse homem, quero que ele me peça para ficar e estou até com medo da hora em que me disser que o apartamento dele está pronto.

– Que cena linda! – Falo e ele se assusta ligeiramente.

– Que bom que chegou, estou preparando o nosso jantar, sozinho. – O sorriso dele é cativante.

– Adorei o seu figurino. – Assim que falo, ele ri.

– Estou fazendo fettuccine à carbonara. Cheguei um pouco mais cedo e resolvi ganhar tempo. Achei a receita na internet, temos todos os ingredientes, é um prato rápido, e talvez eu consiga impressioná-la. – Dá uma piscadinha.

– Já me impressionou, doutor. Posso beijá-lo agora?

Thomas me abraça, ele está cheiroso e quentinho, e nos beijamos. O peito nu dele encostado em mim me desconcentra. A boca agora tão familiar se afasta e não estou satisfeita, quero beijá-lo mais, quero ele todo.

– Melhor terminar o que estou fazendo, tenho que alimentá-la antes que me alimente. – O trocadilho que faz me enche de expectativa.

– Então é melhor eu sair de perto, não posso responder pelos meus atos se continuar olhando para você, acho que não faz ideia do quanto está sexy. – Dou a minha cantada, nós rimos e saio da cozinha.

Tomou banho pensando no homem seminu que deixei na cozinha e em como a minha vida mudou depois que o conheci. Estamos juntos há tão pouco tempo e parece que nos conhecemos há anos, a intimidade que temos é tão natural, que não sei nem explicar. Só sei que amanhã iremos para a fazenda dos meus pais, o Thomas poderá conhecer o William e ver algumas fotos do Nicolas e talvez não exista ligação entre eles, se assim for, enterrarei o meu passado e me concentrarei apenas no meu presente.

Cada dia que passa fica mais difícil contar para o Thomas o papel que o Nicolas desempenhou na minha vida e só fica mais difícil porque temo que ele pense que estou com ele por causa da semelhança física. Sei que o Thomas é um homem inteligente, pode ser que ele entenda que o nosso

relacionamento não sobreviveria se eu esperasse que ele ocupasse o lugar de outro. Desejo que ele compreenda que o amor que sinto é dele e de ninguém mais.

– Minha linda, você ainda vai demorar? – Thomas pergunta do lado de fora da porta do banheiro, interrompendo a minha reflexão.

– Já estou indo, doutor. Só mais um minutinho.

– Um minutinho só, senão o jantar vai esfriar.

Apresento-me para jantar de roupão mesmo. A massa que o Thomas preparou está muito boa, ele seguiu a receita direitinho, eu o elogio e vejo a satisfação refletida em seu rosto. Gosto que ele queira me agradar e fico feliz por se dar ao trabalho de fazer isso.

Ele mesmo se ocupa em levar a louça para a cozinha, e aproveito para arrumar a nossa mala, afinal três dias fora de casa exigirão certa quantidade de roupa. Assim que termino de guardar as roupas, o Thomas verifica se não me esqueci de nada e me ajuda a fechar a mala.

– Doutora, você poderia tirar esse roupão?

– Poderia sim. – Respondo animada.

– Se você não se importa, quero assistir. – Ele me olha com tanto descaramento, que começo a pegar fogo.

– Só que eu gosto de tirar o meu roupão bem devagar, doutor. – Provoco .

– Ainda bem que não estou com pressa. – Sorri, e fico fascinada com a cara de sem-vergonha dele.

Lentamente desamarro o cinto do meu roupão e ele se abre. Fico extasiada olhando o Thomas arder, e bem devagar me livro do roupão. Estou completamente nua e gosto do efeito que causo.

Thomas me observa, e caminho até ele. Paro bem na sua frente, ficamos nos olhando, e espero para ver a sua reação. O meu desejo é gigantesco e não posso mais me conter, coloco as mãos no botão da bermuda dele, desço o zíper e ouço a sua respiração ficar mais rápida.

– Você é lindo, doutor, perfeito! – Digo assim que a bermuda dele cai no chão.

– Passei o dia todo pensando em você, querendo você. Você me deixa completamente louco. – Cola o seu corpo ao meu, procura a minha boca e morde delicadamente o meu lábio.

– Ainda bem que você pode me ter quando quiser. – Seguro o seu pênis teso e quente, e ele arfa enquanto movimento a minha mão para cima e para baixo.

– Não me provoque, quero entrar em você, se abra para mim. – Segura a minha mão e para o que estou fazendo, beija a minha boca com tanta agilidade que me sinto tonta.

– Diga como me quer, doutor.

– Quero que você se vire e se apoie naquela poltrona. – Ordena, e obedeço sabendo o que ele quer fazer. Estou completamente molhada.

Thomas segura os meus quadris, beija cada centímetro das minhas costas e me arrepio, a ansiedade me consome, quero que ele me possua logo, quero senti-lo dentro de mim, estou pulsando tanto que dói.

– Vai, doutor, vai!

– Acalme-se, doutora, estou tentando continuar com as preliminares. – Ele ri e volta a me beijar .

– Acontece que gosto mais de concomitantes. – Falo com sinceridade, e ele me compreende.

O meu amado doutor me penetra com força, contendo o ar, ele geme, e o meu corpo se movimenta por vontade própria.

– Você está muito quentinha, molhada e deliciosa. – A voz rouca dele sempre me enlouquece.

– Estou sempre preparada para recebê-lo, doutor. – A minha afirmação faz o Thomas rir baixinho.

– Você é o sonho de todo homem, Eva, só que você é só minha. Única e exclusivamente minha. – Aumenta a velocidade das suas investidas e fico mais molhada ainda, ele literalmente escorrega em mim.

– Sinta o que você faz comigo, estou alagada. – O líquido quente escorre pelas minhas pernas.

– Essa é a maior homenagem que um homem pode receber da mulher que ele deseja. – A maneira sensual com que ele fala me atiça ainda mais.

– Mais rápido, Thomas, mais forte, vai! – Ele obedece ao meu comando e eu grito. Uma espécie de furor me domina.

Thomas entra e sai de mim diversas vezes, estoca com vigor, rebolo, remexo e aprecio a energia dos seus movimentos. A posição em que me encontro permite uma penetração profunda e isso me agrada tanto que não

consigo parar de gemer.

– Eva, eu vou gozar agora. – Geme alto.

– Eu também. – E grito. Tremo e a minha boca seca, perco as forças, me desprendo de mim. Que frenesi maravilhoso!

Ficamos abraçados até pararmos de tremer, e quase não tenho forças para me aprontar para dormir. O Thomas também está preguiçoso, mas me ajuda a ir para a cama.

Dormimos grudados e saciados. Acredito que o orgasmo é um poderoso barbitúrico, e sei que estou viciada na fórmula desse remédio que o Thomas manipula tão bem.

O despertador do celular toca e acordo, só eu escuto.

– Acorda, meu amor, acorda. Está na hora de pegar a estrada. – Sussurro baixinho no ouvido dele.

– Não consigo acordar ainda, ontem você sugou todas as minhas energias. – Puxa a coberta por sobre a cabeça.

– Então vou levantar, me arrumar e, quando estiver pronta, vou sair. Você vai passar o final de semana sozinho. – Ameaço brincando.

– De jeito nenhum! – Rapidamente sai debaixo da coberta e me prende embaixo dele.

– Os meus pais estão nos aguardando, tenho certeza de que eles esperam que almocemos juntos. – *Estou cantarolando as palavras.*

– Você terá coragem de ir sem mim? – *Acordou manhoso hoje.*

– Não. Sem você nada tem graça. – A minha resposta faz com que ele sorria e me dê um beijo carinhoso.

– Eu também amo você, minha linda. – Declara, e percebo que entendeu a minha maneira sutil de dizer eu te amo.

Embora o Thomas tenha acordado com muita preguiça, acabo conseguindo animá-lo.

A perspectiva de passarmos um tempo com os meus pais me deixa um pouco nervosa. Tenho certeza de que eles avaliarão minuciosamente o Thomas. Acho que o encontro que tivemos na casa deles, além de servir para eu apresentar oficialmente o meu namorado, ajudou a aguçar a curiosidade da minha mãe e a deixar o meu pai cheio de expectativas. Eles se preocupam com a minha vida amorosa, já demonstraram diversas vezes que não aprovam o meu

estilo de vida solitário e sonham que eu construa uma família.

Resolvo dirigir até a fazenda, e a viagem é bem agradável. O Thomas é um homem tão incomum, que não faz comentários sobre a maneira como conduz. Parece relaxado, canta as músicas que tocam no MP3 e puxa conversa sobre assuntos amenos, e eu, observadora por natureza, percebo que ele tenta disfarçar uma leve ansiedade.

Fico em dúvida se ele está ansioso porque estaremos com os meus pais e, sendo um homem inteligente, deve estar intuindo que uma avaliação mais demorada está prestes a ocorrer, ou se é porque conhecerá o William e terá ciência da semelhança que tem com outra pessoa.

Pensando bem, acho que as duas situações devem estar preocupando-o. O mais impressionante na atitude dele é o fato de sequer comentar que está aflito, acho que se sente resignado a passar por isso e está agindo corajosamente. Gosto dessa postura de homem adulto e valente, nada de lamentação ou atitude evasiva, ele vai lá para encarar a situação e pronto.

Quando chegamos à primeira porteira da fazenda, somos recebidos por um funcionário, que só conheço de vista. Ele avisa da nossa chegada pelo rádio e abre a porteira. Passamos por mais duas porteiras e por mais dois funcionários até que finalmente avistamos ao longe a casa. O meu adorado Thomas parece maravilhado.

A fazenda é muito grande, e para conhecê-la é preciso dispor de tempo. O caminho que fazemos até a casa é muito bonito, cercado por árvores, e o gramado está bem aparado e verdinho.

A fazenda foi dada à minha avó paterna como presente de casamento e o meu avô tinha paixão por ela, o meu pai adquiriu o mesmo sentimento apenas após tê-la herdado, talvez a vontade de honrar a memória do pai tenha contribuído.

O seu Guido mantém a fazenda como o meu avô fazia. Valoriza os funcionários, respeita a natureza e, mesmo tendo sido o responsável pela modernização de vários processos de trabalho, é fácil perceber que certo toque do passado ainda permanece, ele é um homem que preza a tradição. A minha mãe adora a fazenda também e, apesar de preferir a vida na cidade, sabe relaxar e se entregar à rotina do campo tanto quanto sabe aproveitar as facilidades e atrativos dos grandes centros urbanos.

– Meu amor, faz tempo desde que trouxe alguém até aqui, então não sei se os meus pais prepararam quartos separados para nós.

Na verdade o único outro homem que trouxe foi o Nicolas e, por respeito aos meus pais, ele sempre dormia em outro quarto. Ele fazia questão disso, mesmo depois que morávamos juntos, era muito reservado e o meu pai, de certa forma, intimidava-o.

– Nem pensar! Você já está bem crescidinha, tenho certeza de que os seus pais conseguirão suportar saber que dormimos juntos. Como é que eles acham que são feitos os netos? Eu não vou passar três noites dormindo sem você, sem chance. – Dá um sorriso divertido e me encara pronto para fazer valer a sua opinião.

– Estou apenas dizendo que eles poderão sugerir isso, e você poderá sentir-se constrangido, só estou preparando-o. – Tento esclarecer.

– Minha amada, se eles insistirem muito para que fiquemos em quartos separados, no fim do dia inventarei uma desculpa e a levarei embora para casa, e dormiremos juntos na nossa cama, assunto acabado. – Faz uma cara séria tão linda que só posso mesmo rir, esse sujeito é cheio de opinião.

A casa, bonita, imponente e vistosa, está diante de nós, e os meus pais nos esperam do lado de fora. Estaciono, e somos recebidos calorosamente, o Thomas é abraçado e beijado como se fosse um velho conhecido de ambos. O meu pai explica a extensão da fazenda e se dispõe a mostrar tudo. A minha mãe observa o Thomas com muita atenção, acho que ela o está avaliando à luz do dia e creio que está bastante satisfeita com a sua análise.

Entramos em casa, Thomas elogia a decoração, e a minha mãe explica detalhadamente, mais do que eu gostaria, o estilo da casa, a reforma que foi feita recentemente e o cuidado com a restauração de alguns móveis antigos.

– Gostaria de saber onde posso colocar a nossa mala. – Thomas fala enfatizando a palavra “nossa”, e me contengo para não rir.

– A Evinha pediu que fosse arrumado o quarto da Eva e o quarto de hóspedes. – O meu pai diz tranquilamente .

– Em qual deles você prefere que fiquemos, minha linda? – Thomas pergunta se dirigindo a mim e se fazendo de desentendido .

– Podemos ficar no meu. – Também me faço de desentendida e ouço a risada baixa da minha mãe.

– Então, filha, leve-o até lá e preparem-se, porque o almoço será servido dentro de vinte minutos. – A minha mãe fala e sorri, enquanto o meu pai nos dá um olhar divertido.

Thomas me segue carregando a mala, e nem olho para trás senão tenho certeza de que começarei a rir e, até que eu saiba que os meus pais não nos ouvirão, não arrisco.

O meu quarto é uma suíte ampla, a mobília é toda de madeira escura, uma cama *king size*, dois criados, uma cômoda e uma poltrona de leitura de couro compõem o ambiente. O meu closet não é muito grande, mas o banheiro é bem espaçoso.

Thomas leva a mala para o closet e deixamos para desfazê-la mais tarde, porque assim não nos atrasaremos para o almoço. Percebo que ele examina o quarto com detida curiosidade.

– Não fique muito animado, o quarto da minha época de adolescente era bem diferente. A reforma que a minha mãe fez o alterou por completo, esta decoração é nova. – Falo do banheiro, lavando as mãos, mas não ouço nem um comentário do Thomas e acho isso estranho.

Saio para verificar se ele está ainda por ali, e me deparo com um Thomas absorto segurando um porta-retratos nas mãos. Imediatamente sei que aquela fotografia é minha e do Nicolas ladeados por nossas bicicletas. Uma foto em que estamos sorrindo, íamos apostar uma corrida de bicicletas, e a minha mãe fez questão de registrar o momento antes da disputa. É uma fotografia tão lúdica, que não tive coragem de me desfazer dela. Sei que pela casa existem outras que retratam a nossa infância, essas os meus pais preservaram, porque praticamente não existem fotografias minhas de quando era pequena sem que o Nicolas esteja comigo.

– Poderia dizer que esse garoto ao seu lado sou eu, estou me vendo aqui. Se a minha avó ou o meu pai estivessem vivos jurariam que esta fotografia é minha. – Thomas fala impressionado e com os olhos grudados na imagem a sua frente.

– Como você já deve imaginar, esse é o Nicolas. Nessa fotografia ele tinha treze anos e a menina sou eu, com doze anos. – Falo tentando manter o controle.

– Você sempre foi linda e parece que já era bem travessa com essa idade. O olhar cheio de malícia é exatamente o mesmo. – Fala, me olha e sorri.

– Você é sempre tão gentil comigo. Como é que você pode chamar essa

menina magricela de linda? – Pergunto zombeteiramente.

– Porque eu amo a mulher que essa menina se tornou.

É tão encantador o que diz que o vejo resplandecer.

– Vamos almoçar? – Tento mudar o foco da conversa evitando chorar emocionada.

– Agora entendo por que você ficou tão confusa quando me viu pela primeira vez. Posso compreender o olhar cheio de intimidade que sempre me deu. Você olhava para mim e via o seu amigo. Ou será que você ainda olha para mim e vê o seu amigo? – A voz dele está calma, mas mesmo assim fico tensa.

– Juro que isso aconteceu apenas antes que tivéssemos a nossa primeira conversa porque, assim que o conheci um pouco mais, constatei que você e o Nicolas são homens completamente diferentes, o oposto um do outro. Olho para você e vejo você, o homem que eu amo. – Justifico.

– Eu vou acreditar na sua explicação, porque até hoje você nunca trocou o meu nome. – O olhar cheio de confiança dele me deixa acanhada.

A observação do Thomas é muito pertinente, nunca troquei o nome dele, jamais o chamei de Nicolas. Se o considerasse como substituto, com certeza isso já teria acontecido. Fico feliz com essa constatação.

– Que bom que você é um homem inteligente. Você é o Thomas, um homem especial e único, o primeiro homem na vida que eu amo com tanta intensidade. – Falo com franqueza.

Thomas coloca o porta-retratos novamente sobre a cômoda e caminha até mim olhando fixamente nos meus olhos. Segura o meu queixo, levanta-o, e beija a minha boca com ardor, sinto as minhas pernas fraquejarem, adoro o seu gosto. E então a minha mãe bate na porta e informa que o almoço está na mesa. Desistimos de namorar, por enquanto, e resolvemos ir almoçar.

O almoço está delicioso, a minha mãe cozinhou para nós e a comida que ela faz é realmente muito boa. Como ela só cozinha em ocasiões especiais, acho que os meus pais estão considerando esta ocasião como especial.

A sensação que tenho de que o Thomas está sendo avaliado aumenta, e torço intimamente para que ele seja aprovado. Sempre tive a impressão de que o Nicolas era mais tolerado do que aceito, acho que ele nunca foi uma unanimidade entre os meus pais.

A conversa é muito agradável, o Thomas se envolve nos assuntos e isso

agrada aos meus pais, além disso, está sempre pegando na minha mão, sorrindo para mim, pedindo a minha opinião ou se referindo a mim de alguma forma. A nossa intimidade é visível, e sei que está impressionando os nossos espectadores.

O meu pai, que é um avaliador nato de personalidade, se comporta como se o Thomas já integrasse a família. A conversa entre eles transcorre fácil, animada, observo mais do que falo, e noto que a minha mãe se comporta da mesma forma.

O meu pai convence o Thomas a dar um passeio rápido pela fazenda, ele quer mostrar só os arredores. Como conheço muito bem a região, resolvo ficar e fazer companhia para a minha mãe, acho conveniente que o meu pai e o Thomas tenham um tempo a sós, os dois estão muito inclinados a fazer amizade.

Vou até a varanda e me deito na rede, gosto de me balançar. A minha mãe não vem comigo, acho que ela deve ter ido instruir os empregados a respeito do lanche e do jantar, ela é uma mulher que sabe receber muito bem. Os jantares e festas organizados por ela sempre são muito elogiados, o engraçado é que tanto faz que sejam realizados na cidade com luxo e pompa quanto aqui na fazenda com simplicidade e fartura. Ela sempre me disse que é muito importante saber ser maleável, um conselho que ela mesma sempre seguiu, e eu nem tanto.

Depois de cochilar um pouco na rede, resolvo procurar a minha mãe. Eu a encontro na biblioteca, colocando um jarro de flores frescas sobre a escrivaninha do meu pai.

Adoro esta biblioteca, passei horas prazerosas aqui lendo livros memoráveis. O ambiente é acolhedor, além das enormes estantes repletas de livros, da escrivaninha do meu pai e de um jogo de sofás de couro marrom extremamente confortável, existem largas portas de correr que se abrem para uma varanda muito convidativa. Nessa varanda se pode ler sentado na cadeira de balanço antiga, deitado na *chaise* ou em alguma das duas maravilhosas cadeiras ergonômicas de leitura.

Enquanto a minha mãe ajeita as almofadas sobre o sofá, abro as portas de correr amplamente e saio. A minha intenção é apenas observar a lateral do jardim desde a varanda. A minha mãe me segue e fecha novamente as portas para que o vento não revolva os papéis que estão em cima da mesa do meu pai.

– Você gostaria de conversar um pouco, filha? – Senta-se na cadeira de

balanço.

– Claro. E sobre o que conversaremos?

Sempre deixo que ela defina o tema, assim poupo tempo. Sento-me na cadeira de leitura e fico de frente para ela.

– Sobre você e o Thomas. – Ela vai direto ao ponto.

– O Thomas e eu estamos nos conhecendo, acho até que estamos nos relacionando muito bem, mas só o tempo poderá determinar o que está reservado para nós. – Assim que digo isso, a minha mãe ri alto .

– Ora, Eva, não me faça rir. Qualquer idiota pode perceber que vocês se amam. O jeito que vocês se olham, a cumplicidade contida nas atitudes dos dois, o carinho com que se tratam, tudo isso é muito revelador. Vocês estão sempre se tocando, parece que você é de metal e ele é um ímã e vice-versa. – Diz, e percebo que ela observou muita coisa em poucas horas, pouquíssimas na verdade.

– Você é bem observadora, mamãe.

– Não me venha com ironia, filha. Vocês dois são muito óbvios, tanto que reparei que do jantar que oferecemos até hoje o grau de intimidade de vocês aumentou. E olha que não sou Freud. – Ela ri e me desarmo.

– Ah, mamãe! Estou perdida de amor e com tanto medo! O Thomas é tão lindo, tão maravilhoso, tão cativante, nem parece que é real. E ainda é um médico competente, toca violão, gosta de cozinhar, é organizado e faz tudo para me agradar. É intenso, passional e desperta todos os meus sentidos. – Desabafo pela primeira vez o meu desassossego.

– E com certeza deve ter defeitos como qualquer ser humano, não é? – A sábia mulher cutuca.

– Claro, como também tenho os meus. Só que ele se encaixa tão perfeitamente na minha vida e possui todos os requisitos que considero relevantes em um homem, que temo não ser suficiente para ele.

– Eva, você é uma mulher bonita, elegante, inteligente e bem-humorada, além disso, é uma pessoa amorosa, de natureza simples, educada e instruída. Você também toca violão e adora cozinhar, é sensual e cheia de energia. Vocês dois combinam, qual é o problema? – Falou a mãe coruja que sempre me anima e que nunca me acha menos do que o máximo.

– Você é minha mãe, a sua opinião não vale. – Protesto sorrindo.

– E a opinião dos inúmeros homens que você já deixou caídos aos seus pés,

vale? – A voz da minha mãe se torna dura.

– Nenhum deles teve importância. – Fico na defensiva. – Nunca me preocupei em saber as razões pelas quais se interessaram por mim. – Dou de ombros.

– Duvido que desconheça os seus atributos, ou que ignore o quanto chama atenção. Não finja que é uma garotinha inocente, você sabe o poder de sedução que tem. – Ralha e continua. – É o Nicolas, que também era “o cobiçado”, por que se rendeu a você? E o Thomas, tão perfeito, por que está tão enfeitiçado por você? Deixe de charme, assumo que você é uma mulher maravilhosa e vá em frente, em condição de igualdade. – Ela me põe nas alturas com o seu discurso de “você é demais”.

– Obrigada, mamãe, adorei os elogios. – Sorrio comovida.

– Eu gosto do Thomas, acho que ele é um homem amoroso, franco, forte, e que não se deixa intimidar. Adorei a frase: *em qual deles você prefere que fiquemos, minha linda* ? É a primeira vez que ele vem aqui, ainda está se fazendo conhecer e já se impõe. Quer dormir no mesmo quarto que a filha do dono da casa, e consegue. Acho que foi aí que ele conquistou o seu pai de vez. – Ela fala, ri, e percebo que está se divertindo.

– Por quê? – *A curiosidade domina o meu ser.*

– Porque o seu pai sempre acreditou que uma pessoa de personalidade forte como você tem que ter como companheiro um homem de opinião, que faça valer os próprios direitos e vontades. Ele acha que um homem assim continuará mantendo o seu interesse e a sua admiração, porque você gosta do desafio de convencer e de disputar posições.

A sabedoria do meu pai é impressionante, ele descobriu antes de mim as qualidades do meu homem ideal.

Ouvimos quando o meu pai e o Thomas entram na biblioteca, eles conversam de maneira amistosa. Começo a me levantar para ir até eles, e a minha mãe me detém.

– Melhor ficarmos aqui, em silêncio, às vezes os homens dizem coisas que só conseguimos saber em segredo. – Diz bem baixinho.

Começo a discordar, contudo, ouço o início da conversa deles e me detenho. A experiência da minha mãe não deve ser ignorada e resolvo ficar.

Capítulo XVI

– Quer dizer, Thomas, que você está hospedado no apartamento da Eva até que a reforma do seu apartamento termine? – O meu pai pergunta e sinto um frio na espinha, apesar de ser a dona do meu nariz, por respeito deveria ter contado antes.

– Sim. Aceitei o convite dela e confesso que está sendo uma experiência muito agradável, a sua filha é uma mulher maravilhosa. – Thomas fala de maneira carinhosa, e fico feliz em ouvir isso, mesmo que seja escondida atrás da porta.

– Vocês estão namorando há muito pouco tempo. Então, me diga, quando foi que você descobriu que a ama? – O meu pai questiona e pega o Thomas desprevenido, percebo pela demora dele em responder.

– O senhor é um homem muito esperto, até a própria Eva demorou a descobrir, tive que fazer uma declaração explícita dos meus sentimentos. – Ri, e ouço a risada gostosa dele.

– A minha filha não tem muita experiência com relacionamentos. Além disso, já sofreu muito e, por isso, lidar com os sentimentos é difícil para ela. – O seu Guido me defende.

– Gostaria de saber o que a fez sofrer tanto, de certa forma isso ainda é um mistério para mim. – Thomas investiga.

– Ainda muito jovem ela pensou que tivesse encontrado o homem ideal, a sua alma gêmea. Ficou noiva, morou durante cinco anos com o noivo, os dois brincaram lindamente de casinha, e quando ela perdeu o que tinha, aquele tipo de amor que pensava que queria, quase morreu. – O meu pai resolve dar informações sobre o meu passado, e torço silenciosamente para que ele mude de assunto.

– Mas o que aconteceu? – A curiosidade corrói o Thomas.

– O noivo dela teve que seguir o caminho dele, foi uma ruptura um tanto brutal, ela não esperava, ele simplesmente partiu.

– E por que ele a deixou? – A curiosidade já deve estar chegando aos ossos do Thomas.

– Thomas, esse é um assunto muito particular, faz parte da história da Eva e

só a ela compete lhe dizer a razão, não me sinto confortável para fazê-lo. – O meu pai encerra o assunto. *Obrigada, papai.*

– Gostaria de aproveitar para perguntar como o Nicolas faleceu, nunca tive coragem de tocar nesse assunto com a Eva. – Thomas fala, e eu gelo, temendo que faça alguma correlação.

– Por atropelamento. Um carro o atingiu em cima da calçada e ele faleceu instantaneamente, foi uma fatalidade dantesca. Todos nós sofremos muito com a perda. Ele era um bom rapaz, e eu o via como um filho. – O meu pai revela.

– E como a Eva reagiu a essa perda? – Thomas continua com os questionamentos e o seu súbito interesse me deixa aflita.

– Posso lhe dizer que ela sofreu mais por ter perdido o amigo, o irmão, o companheiro de caminhada do que por ter perdido o noivo. – O meu pai dá uma resposta truncada e não se compromete.

– Ela perdeu o noivo na mesma época do falecimento do Nicolas? – A confusão do Thomas é nitida.

– Posso até dizer que foi simultaneamente. A Eva que você conhece foi forjada no fogo, as experiências do passado moldaram a mulher que ela é hoje.

– E que mulher! A verdade é que estou mais interessado no futuro do que no passado da sua filha. – O Thomas ri, e o meu pai ri logo em seguida.

– Então somos dois e, como vocês estão vivendo sob o mesmo teto, preciso confiar em você. E, apesar de termos simpatizado logo de cara, é da vida da minha única filha que estamos falando, o meu bem mais precioso. Seja absolutamente honesto comigo, não me esconda nada, faça-me acreditar em você e no seu amor, por favor. – *O meu pai e o seu poder de persuasão.*

– Guido, preciso mesmo conversar a respeito do que estou sentindo. Sei que não falei abertamente com alguém ainda, porque necessito fazer isso com uma pessoa que conheça a Eva. É preciso conhecer a mulher incrível que ela é para entender tudo o que ela me faz sentir. – A voz do Thomas está entrecortada, acho que está um pouco emocionado.

– Você está diante da pessoa certa. Admiro a Eva, amo-a muito e torço pela felicidade dela com toda a minha energia. Desabafe, meu filho. Faça com que eu me sinta seguro. Como disse antes, preciso confiar em você. – O meu pai insiste no pedido.

– Eu me encantei com a sua filha no instante em que a vi. Achei-a linda. Ela

me olhou como se me conhecesse, peguei a deixa, tinha certeza de que não a conhecia, mas insisti em conversar com ela. Tentei contato e ela me ignorou, fui insistente. Consegui levá-la para tomar um café, e nesse dia a Eva me esquadrinhou com os seus magníficos olhos. Achei que ela estava bastante interessada, mas então ela saiu me deixando plantado no tal café.

– E você, que não parece ser o tipo de homem que costuma ser ignorado, ficou muito intrigado com o comportamento dela. – O meu pai interrompe com a sua análise da situação, e o Thomas ri.

– Guido, você é um homem sábio. Fiquei realmente muito intrigado e profundamente irritado com o comportamento da Eva. Fui para casa e não consegui dormir, passei os dias seguintes pensando loucamente nela. Forcei outro encontro, ela me tratou como um velho conhecido e depois sumiu novamente. – A voz do Thomas denuncia a sua emoção.

– Acredito que quase sem querer a Eva conseguiu fazê-lo ficar muito interessado. – O meu pai ri satisfeito.

– O que ela conseguiu foi me fazer passar uma semana de cão, sem comer e sem dormir direito. Tentei esquecê-la, me esforcei para não procurá-la, mas acredito que já estava apaixonado, sofri muito, então fui novamente atrás dela, persisti e ela acabou me dando a chance na qual me agarrei.

– E quando a paixão se tornou amor? – O meu pai indaga, devassando o coração do Thomas.

– Na primeira vez, desculpe-me por ser tão franco, que dormi com a sua filha descobri que o que eu sinto por ela é mais do que apenas paixão, é amor. Um amor repleto de paixão.

– E como pode ter certeza de que o que você sente é realmente amor? – O meu pai está verdadeiramente disposto a penetrar no íntimo do Thomas.

– Porque eu sei que o amor cura, e me sinto curado. Não guardo mais tanto ressentimento do meu passado e não bebo mais para descarregar a minha raiva. Estar com a Eva me faz querer ser uma pessoa melhor, a felicidade que sinto em tê-la na minha vida é indescritível, nunca fui feliz assim antes. Penso na Eva o dia inteiro, quero estar com ela o tempo todo e, quando não estou, sinto saudade, muita saudade. – A voz do Thomas fica embargada.

– Estou muito contente que tenha resolvido me contar tudo isso, Thomas. Acredito no seu amor e estou convicto de que a minha filha também o ama,

torço pela felicidade de vocês. – O meu pai também parece que está emocionado.

– Guido, agradeço a oportunidade que está me dando de ganhar a sua confiança e, já que estou abrindo o meu coração, gostaria que soubesse o que realmente me levou a ir viver com a Eva.

– Thomas, por favor, faça com que eu me sinta confortável com essa situação.

– Eu simplesmente amo estar com a sua filha, a companhia dela é capaz de me fazer achar qualquer dia perfeito, tudo com ela é muito melhor. A Eva também me faz sentir ciúme, muito ciúme, me deixa louco de ciúme, na verdade ela me faz sentir tudo o que nunca senti por outra mulher antes. Estes sentimentos desenvolveram em mim uma enorme necessidade de estar mais próximo, não conseguia nem mais dormir sem ela ao meu lado, contudo, temia impor a minha presença e sufocá-la. – A voz do Thomas fica novamente embargada.

– E diante de todo esse dilema como consegui, sem ser mal interpretado, ser convidado pela Eva para morar com ela? – *O meu pai e a sua sagacidade.*

– Comecei uma reforma no meu apartamento a fim de arrumar um pretexto e mudar-me para mais perto dela, só não imaginava que seria convidado a ser seu hóspede. Estou tão admirado com tudo o que está me acontecendo que não sei nem explicar. – Confessa a sua tática.

– Você é um homem muito inteligente, Thomas. Criou um subterfúgio para estar mais próximo da minha filha, para fazê-la conhecê-lo melhor e envolver-se cada vez mais, e vejo que acabou conseguindo atingir o seu objetivo. Boa estratégia. – O meu pai o elogia com sinceridade.

– Só que não foi tão calculado assim. A verdade é que tive tanto medo de que ela fugisse de novo, que dei uma ajudinha ao destino, pois não sabia o que ela sentia por mim. Fiquei muito preocupado até que ela revelou que também me ama. – A voz dele fica mais fraca.

– E o quê? – O meu pai pergunta, a sagacidade dele é realmente incrível.

– É que quanto mais convivo com a Eva mais tenho medo de perdê-la. Eu a amo mais a cada dia que passa. O problema é que às vezes olho para ela e tenho a sensação de que está me escondendo algo, como se alguma coisa ameaçasse o nosso relacionamento, não sei dizer o que é e tenho receio de perguntar. – *Oh,*

meu Deus! Ele percebeu, só não sabe que o que não revelo é também por medo de perdê-lo.

– Creio que a grandeza do sentimento de vocês está maravilhando e atemorizando tanto você quanto a minha filha. – O meu pai diz e acho que a análise dele é muito pertinente.

– Quanto a mim, tenho certeza disso, mas não sei muita coisa ainda a respeito de como a Eva sente ou age. Tenho tido muito trabalho para fazê-la se mostrar, tem sido uma tarefa árdua, porém não posso negar que tenho obtido êxito. – Thomas dá uma risadinha.

– Conheço a minha filha, Thomas. A Eva não faz nada que não queira fazer, a não ser que tenha assumido algum tipo de responsabilidade, o que não é o caso, e também não diz nada que não queira dizer. Então, se ela demonstra que quer estar com você é porque quer estar com você, e se diz que o ama é porque ama. Esta é a primeira vez que a vejo se relacionar com alguém como se deve. Acredite em mim.

– Obrigado, Guido, a nossa conversa me deixou muito feliz. Estou me sentindo mais confiante, gostei de desabafar com você. – Thomas ri novamente, e adoro ouvir a sua risada.

– Sendo assim, aproveitarei para lhe dar um conselho, sou um homem velho e posso dizer com vasta experiência que o tempo passa muito rápido. Não se prenda à convenção temporal, não pense que um amor é mais forte ou mais fraco porque demorou anos ou apenas horas para acontecer. Então, apesar do pouco tempo de convivência, se depois que a reforma do seu apartamento acabar você estiver convencido de que a Eva é a mulher certa para estar no seu futuro, deixe que ela saiba.

– Eu sempre estou me declarando para a Eva, estava pensando em deixá-la me fazer uma proposta.

– Bem, acho que estará se arriscando porque, conhecendo a Eva como conheço, sei que ela gosta mais de ouvir do que dar declarações, e pode ser que ela o faça esperar bastante. – O meu pai gargalha.

– Você é um homem bom e perspicaz, espero um dia me tornar o pai dos seus netos. – A seriedade com que ele diz isso faz o meu sangue gelar.

– Antes eu gostaria que se tornasse o meu genro. – O meu pai é direto.

– Claro, Guido, tudo como manda o figurino.

– Se você fizer a minha filha feliz, terá o meu apoio incondicional, já disse e repito quantas vezes for preciso. E antes que pense nisso, antecipadamente, abençoe a união de vocês. – A voz firme e solene do meu pai enche o ambiente.

– Deixe-me dar um abraço em você, Guido.

– Deixe que eu retribua o abraço, meu bom rapaz.

A minha mãe se aproxima silenciosamente e segura a minha mão, me levanta e a acompanho até o jardim.

Não acredito que conseguimos ouvir a conversa toda da varanda, nada se perdeu, estou impressionada.

A minha mãe e eu nos olhamos, e ela ri.

– Filha, a biblioteca tem um sistema de comunicação que instalamos na reforma. Fizemos isso para que o seu pai possa conversar comigo enquanto estou lendo na varanda e ele trabalhando na escrivania. Quando os aparelhos estão ligados, e sempre os deixamos assim, quem está na biblioteca ouve o que quem está na varanda fala e vice-versa.

– Agora está explicado. – Suspiro. – O que fizemos não foi nada bonito, você sempre me ensinou que não se deve escutar a conversa dos outros. – Ralho com a minha mãe.

– Querida, você nunca ouviu dizer que “no amor e na guerra vale tudo”? – Gargalha, e penso na mulher sensacional que ela é, e me pego rindo também.

O meu pai e o Thomas aparecem no jardim, reclamam da nossa ausência prolongada, e nos convidam para entrar e aproveitar o apetitoso lanche que está sendo servido. Reparo que o Thomas aparenta estar mais tranquilo e acho que a conversa com o meu pai teve um efeito positivo sobre ele.

– Será que o William virá amanhã? – A minha mãe pergunta de repente para o meu pai.

– Virá. – Papai responde.

Thomas enlaça a minha cintura, e nos encaminhamos para a casa, os meus pais estão logo atrás de nós. A cumplicidade deles é tão grande que quase posso jurar que a minha mãe contará ao meu pai que escutamos a conversa.

– Senti saudade de você. – Sorrio carinhosamente, ainda abalada pelas coisas incríveis que ele falou sobre mim. – Gostou da fazenda?

– Também senti saudade de você, minha linda, e, a propósito, a fazenda é muito bonita, vi só uma parte. Amanhã se você quiser poderá me mostrar um

pouquinho mais. Sabe cavalgar?

– Você sabe muito bem que eu sei. – Respondo maliciosamente.

– Engraçadinha. Estou perguntando se você sabe montar a cavalo. – Começa a rir.

– É óbvio que sei. Quero saber é se você sabe montar a cavalo. – Provoco.

– Claro que sei, montei muito quando era adolescente, a minha avó tinha uma amiga que era dona de uma pequena fazenda e sempre nos convidava. Os pangs são a minha especialidade. – Fala e ri.

– Ah é?

– Amor da minha vida, eu nasci em São Paulo, mas cresci em Piracicaba, só retornei para a capital quando entrei para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. – Ele me conta isso pela primeira vez.

– Não acredito! Você nunca me disse que era um garoto do interior. – Acho a informação relevante, mas evito comentar. – De qualquer forma, terei muita satisfação em mostrar a fazenda para você, e poderemos cavalgar juntos. Quero constatar se você é mesmo um bom cavaleiro. – Falo, e o Thomas me dá um tapinha na nádega .

Lanchamos e conversamos com os meus pais. A minha mãe está mais solícita do que nunca com o Thomas, ela realmente apreciou a conversa que ouvimos.

Eu jamais poderia imaginar se não tivesse ouvido da boca do Thomas que a reforma do apartamento foi a maneira que ele encontrou de se aproximar mais de mim. Concordo com o meu pai que foi uma boa ideia, acho apenas que convidá-lo para ser meu hóspede foi uma ideia ainda melhor.

De tudo o que o Thomas disse, o que achei mais interessante foi quando mencionou que o amor cura, porque ele chegou exatamente à mesma conclusão que eu. Também me emocionei quando revelou o medo que tem de me perder, porque tenho muito medo de perdê-lo, e é por isso que ainda não tive coragem de contar toda a verdade sobre o meu relacionamento com o Nicolas. Estou dando tempo ao tempo, quero que tenha a convicção plena de que o amo, antes que eu revele o meu passado.

Acho que é o receio que tenho do que o William possa falar que está me deixando ansiosa com o encontro que ele terá com o Thomas. Se de fato existir alguma relação entre o Nicolas e o Thomas, não poderei adiar por muito mais

tempo a decisão de contar sobre o significado do Nicolas na minha vida. Mas, se ficar comprovado que não existe relação entre os dois, talvez eu possa deixar o passado em paz, e é por isso que estou rezando para que essa história tenha logo um desfecho.

– Posso mandar servir o jantar? – A minha mãe pergunta.

– Nossa, como se come nesta casa! – Protesto.

– Você está cansada de saber que a vida na fazenda é assim, ar puro, comida, natureza, comida, sossego, comida, descanso, comida... – O meu pai brinca.

– Ótimo, porque não tenho problema algum em ser constantemente alimentado. – O Thomas fala, e todos nós rimos.

Após o jantar, resolvemos nos recolher. Os meus pais porque geralmente dormem cedo, e o Thomas e eu para colocarmos em dia as horas de sono perdidas durante a semana.

– Ei, você acha mesmo que vai dormir agora? – Thomas pergunta, deitando ao meu lado na cama.

– Acho. Por quê? Está muito cedo ainda? – *Adoro me fazer de desentendida.*

– Uma mulher vestida com uma camisola transparente como a sua não pode estar com a intenção de só dormir. – Conclui brilhantemente.

– Não acho boa ideia fazer nada além de dormir sob o mesmo teto que os meus pais. – Falo dissimuladamente.

– Eva, vire de ladinho que irei abraçá-la agora, bem abraçadinha, não reclame. – Retira a toalha da cintura, joga em cima da poltrona de leitura e me abraça.

– Adoro dormir de conchinha. – Tento provocá-lo.

– Você colocou essa camisola de propósito e o seu propósito foi atingido, estou muito excitado, então, nada de dormir. – Passa um braço por baixo e outro por cima de mim.

– Estou mesmo muito abraçada, quase imóvel. Tudo isso é medo de que eu fuja? – Inclino o quadril para trás e roço na virilha dele.

– Nem que você tente com muita energia conseguirá fugir de mim, nunca, você é minha. Minhaaaa. Entendeu, *amore* ? – Fala no meu ouvido, e me

arrepio.

– Saiba que não tenho a menor intenção de fugir de você, meu lindo doutor. Agora quero saber como é que faremos para que não nos ouçam, o quarto dos meus pais é bem em frente. Você sabe que somos um pouco barulhentos quando estamos animados.

– Estou no controle da situação, minha linda, relaxe e aproveite, ninguém nos ouvirá. – Fala outra vez no meu ouvido, e a voz sensual que adoro me deixa ainda mais úmida.

Thomas beija o meu pescoço pacientemente, morde a minha orelha, fala diversas obscenidades no meu ouvido e arrepio, estremeço e inundo. Sinto o calor do corpo dele atravessar o fino tecido da minha curtíssima camisola. Ele me aperta em seus braços musculosos e firmes, estou completamente indefesa, e totalmente entregue. O cheiro dele é inebriante e me aguça. Ele me penetra suavemente, a invasão é lenta e gostosa, e não sei como consigo ficar ainda mais molhada, ele escorrega em um delicioso vaivém, o meu líquido escorre, estou em brasa, latejando e cheia de desejo.

– Sem calcinha, minha gostosa? E sempre tão molhada e tão macia, é por isso que sou tarado por você. Eva, Eva, você é deliciosa! – O hálito quente no meu ouvido me causa um espasmo, e ele ri.

– Tudo isso é para você, por você. Thomas, Thomas, também sou tarada por você! – Declaro, e ele entra mais fundo, não me contenho e gemo alto.

– Psiu. Não queremos acordar ninguém. – Coloca mais força no movimento, e gemo outra vez.

– Meu amor, tenha certeza de que irei gemer ou gritar se você continuar me excitando assim. – *A essa altura não estou nem ligando se acordarmos a fazenda inteira.*

Thomas beija e lambe a minha orelha, quase não me controlo mais, estou eletrizada, ele entra e sai de mim vigorosamente, e me sinto pulsar.

– Eva, não grite. – Ele me adverte.

Começamos a ofegar, estou tentando gemer mais baixo, e principalmente não gritar na hora em que atingir o orgasmo, mas tenho quase certeza de que vou fracassar. Thomas geme baixo, arqueia e entra mais forte e ainda mais fundo, dou um gritinho.

– Minha linda, já estou pronto para você, pode gozar para mim agora. – A

voz rouca e ofegante dele me acaricia.

Thomas tapa a minha boca, surpreendo-me e me excito muito mais com esse gesto de dominação, serpenteio e gozo violentamente. Ainda bem que estou com a boca tapada, porque perco totalmente o controle e grito, a mão dele abafa o som, só que é ele quem se descontrola e geme alto, bem alto. Ele me aperta muito forte em seus braços, e sinto os espasmos do seu corpo em êxtase.

Ficamos abraçados em silêncio, acho que ninguém ouviu nada. A casa parece silenciosa, ouço apenas o canto dos grilos ao longe e a respiração tranquila do Thomas próxima ao meu ouvido.

– Gostaria de não precisar sair de dentro de você, doutora. – Fala baixinho de repente.

– Também gostaria muito de que você não precisasse, doutor.

– Repare que já estou querendo você de novo. – Diz, e me faz sentir o seu pênis muito duro contra as minhas nádegas.

– Ainda bem que nunca me satisfaço de você. – *Eu não poderia dizer uma verdade mais absoluta.*

– Tenho um plano. – Ri, e percebo que ele pega algo debaixo do travesseiro. Viro o pescoço e o observo abrir uma embalagem de preservativo.

– Nossa! Agora, além de médico, também é mágico. – Brinco com ele e o seu sorriso perfeito me abala, quero muito esse homem de novo.

– O meu plano envolve o uso disto aqui. – Levanta a mão e mostra o preservativo.

– Meu gostoso, queria informá-lo de que agora é tarde, indica-se o uso antes e não depois de. – Digo, e ele dá uma gargalhada baixa.

– Pretendo usar antes de. – Fala com muita sensualidade.

– Ilumine-me, doutor. Qual é o seu plano? – Muito curiosa, viro de frente para ele.

– Pensei que você não perguntaria nunca. – Ri novamente. – Espero que se lembre de certo presente que me deu embaixo do chuveiro, no banheiro da suíte de um hotel em Fortaleza. Envolveu óleo aromático, uma mulher ousada e um homem surpreso.

– Acabo de lembrar perfeitamente. E? – Provoco.

– Virou ideia fixa, não paro de pensar nisso. Queria esperar até que estívéssemos em casa, mas não estou conseguindo. O que você pode fazer para

me ajudar, minha amada? – A malícia está impregnada na voz dele.

– Posso fazer muita coisa para ajudá-lo, só me responda uma coisinha antes. A sua fixação começou quando? – *Estou honestamente curiosa.*

– Hoje pela manhã, logo que a vi vestida naquele jeans superjusto fiquei muito excitado e a ideia fixa começou.

– Doutor, você sabe que faço sexo com você a qualquer hora, em qualquer lugar e em qualquer posição, depende apenas do estímulo que recebo. – Declaro, e ele respira alto.

– Eva, você é completamente despudorada, sou o homem mais bem servido do mundo. – Ele coloca cuidadosamente o preservativo.

– E muito bem dotado também. Não preciso pedir para que seja muito gentil. Certo? – Pergunto, entre excitada e preocupada, porque neste momento não vejo qualquer óleo aromático por perto para facilitar a minha vida.

– Relaxe, minha linda, serei muito carinhoso. Você comanda, e eu obedeço. – Quando ele fala isso, me sinto poderosa e fico muito molhada.

Viro de costas novamente para ele, e me preparo.

– Então, vamos bem devagarzinho. – Digo excitada.

– Ao seu comando, doutora. Estou às suas ordens. – A voz dele fica ainda mais sexy, e o meu coração bate tão rápido que temo que saia do peito.

– O estímulo, doutor. Comece por ele. – Falo, e imediatamente ele se anima.

Thomas é tão habilidoso com as mãos, que me excito mais e mais. O meu corpo está sensível, fico tão embevecida com o seu toque que nem penso na dor. Ele me penetra cuidadosamente, entra um pouco e para, sem nunca deixar de me estimular, a dor é ao mesmo tempo lancinante e gostosa, a minha libido está nas alturas, e os gemidos baixos dele me incitam. Ele esfrega os dedos na minha vulva, e uma espécie de fogo incendeia as minhas entranhas. O despudorado doutor introduz suavemente dois dedos na minha vagina, o movimento é estimulante, o entra e sai dos seus dedos me desestabiliza. Projeto as nádegas para trás, e ele me penetra mais fundo com o pênis e com os dedos, estou tremendo, e o meu corpo reclama com urgência o orgasmo que se aproxima.

– Meu amor, não tenha dó, quero você todo. – Comando.

Ele movimenta os dedos com mais rapidez e mais rente a minha carne. A fricção faz com que eu sinta pequenos choques, estou muito molhada, os meus quadris acompanham o movimento dos dedos do meu doutor e, quanto mais me

agito, mais fundo ele penetra. A dor é tão intensa quanto a sensação de prazer. Thomas geme, arfa e exala.

– Você é deliciosa, a sua bunda é linda, quero gozar. – Diz baixinho, e me entrego ao prazer .

– Então vamos, amor. – Digo, e o Thomas obedece .

Ele treme com vigor e o seu pênis pulsa dentro de mim, estou em brasa, palpito, sou pura devassidão, e um poderoso orgasmo me arrebatava. A sensação de plenitude me invade.

– Eva. Eva... – Thomas chama baixinho em pleno gozo.

Estou leve, serena, enlevada e como em um passe de mágica “Morfeu” surge e me carrega em seus braços.

Acordo um pouco dolorida, porém me sentindo ótima. Thomas dorme profundamente, e fico com pena de acordá-lo.

Levanto-me e tomo um banho quente, coloco um vestido vermelho de malha solto e comprido, faço um rabo de cavalo e dispenso qualquer maquiagem, me examino no espelho e, mesmo sem qualquer adereço, me acho linda.

Saio do quarto sem fazer barulho, deixo o Thomas dormir um pouco mais, sem dúvida alguma ele merece descansar e recarregar as energias.

Os meus pais já estão tomando o café da manhã e sorriem complacientemente quando me aproximo. Dou um beijo no rosto de cada um, informo que o Thomas ainda está dormindo e começo a comer, estou faminta, o meu apetite está muito bom ultimamente.

– Filha, você está cada dia mais bonita. – A minha mãe elogia, e desconfio que saiba o motivo pelo qual pareço tão radiante e faminta.

– É o amor, o melhor tratamento de beleza que existe. – Papai graceja.

– Vocês dois poderiam parar de me constranger? – Pergunto brincando, e eles riem.

– Bom dia para todos! Espero não ter chegado cedo demais.

Reconheço a voz do William, viro e ele está atrás da minha cadeira, sorrindo agradavelmente.

– Bom dia, chegou bem na hora. – O meu pai responde, fazendo eco com o

cumprimento da minha mãe.

– William! Que bom revê-lo. – Levanto e dou um abraço nele.

Esse homem alto, esbelto, com as bochechas coradas e os olhos muito verdes é uma réplica envelhecida do Thomas, é só no que consigo pensar.

– Eu a vi ainda outro dia e você parece mais bonita agora do que antes. – Observa-me detidamente.

– São os seus olhos amorosos. – Digo carinhosamente.

– Estávamos dizendo a mesma coisa ainda há pouco. A Eva está mais bonita, está amando. – *Nada como a sutileza do meu pai.*

– Você não sabe o quanto essa notícia me deixa contente. Você merece ser feliz – A declaração carinhosa do William me comove.

– Obrigada. – Sorrio.

O William senta-se conosco para tomar o café da manhã, o segundo do dia, informa. Enquanto comemos ele conta sobre a vacinação dos cavalos e do gado, rimos das estripulias que os animais aprontam e das peripécias do Xangô, o cavalo fujão que o meu pai adora.

– Bom dia! – Thomas aparece sorrindo, e percebo quando o sorriso morre em seus lábios assim que encara o William.

– Bom dia! – Todos nós respondemos.

– Thomas, conheça o William, o nosso querido amigo e o veterinário oficial da fazenda.

– Muito prazer, William. Eu sou o Thomas, namorado da Eva. – Vai até o lugar em que o William está, e os dois se cumprimentam apertando as mãos.

– Meu bom Deus! Estou impressionado com você, rapaz. Nunca vi uma pessoa tão parecida com outra desse jeito. – O William diz boquiaberto.

– Tenho ouvido muito isso ultimamente. – Thomas fala e sorri, senta-se e começa a servir-se, noto que também está faminto.

– Guido, agora compreendo por que me fez aquelas perguntas idiotas. – O William fala, reportando-se ao meu pai.

– Então, está pronto para mudar a sua versão? – O meu pai pergunta sem o menor tato.

– O que disse a você posso jurar sobre o túmulo da única mulher que ameia na vida, a mãe dos meus filhos, e sobre o túmulo do meu filho caçula. Falei a verdade. – O William se sobressalta.

– Calma, William, o Guido é sutil como uma mula. Acreditamos em você. – A minha mãe contemporiza.

– Todos os presentes sabem do que fui acusado? – O William pergunta, e balanço a cabeça afirmativamente, percebo que todos fazem o mesmo.

– Convenhamos, William, o rapaz é a sua cara. – O meu pai se justifica.

– Thomas, se o meu filho Nicolas ainda estivesse vivo, e se o tempo não o tivesse mudado demais, ele teria a sua aparência. E, digo mais, eu era exatamente como você quando tinha a sua idade. Estou assombrado. – O William conclui.

– Não sei se alguém poderia estar mais assombrado do que eu. Observo o seu rosto e acho que sei como estarei quando estiver mais velho. Somos realmente muito parecidos. Incrível. – Thomas parece abalado.

– Assim que terminarmos o nosso café poderemos conversar um pouco lá na biblioteca. Que tal? – Dona Evinha pergunta, e todos nós concordamos.

Seguro a mão do Thomas por baixo da mesa, ele aperta a minha mão e me olha confuso, percebo que está imerso em dúvidas, o William e ele são realmente parecidos, e sei que isso o deixou muito perturbado.

Acho que não é possível que seja apenas mais uma coincidência e fico consternada pela dor que acredito que o Thomas está sentindo. A resposta que pensamos que ouviríamos pelo jeito não virá, o William foi muito contundente em afirmar que disse a verdade, que não existe a possibilidade de ter tido um filho fora do casamento.

Terminamos o café e nos dirigimos à biblioteca, o meu pai olha a todo instante para os dois, acho que ainda não acredita que não sejam pai e filho. A minha mãe olha feio para o meu pai, e desconfio que ela queira que ele pare de examiná-los tão abertamente.

Capítulo XVII

Instalamo-nos na biblioteca, e penso em iniciar uma explicação, listar as coincidências, contudo, inesperadamente o William começa a falar.

– Desde que o ignorante do Guido me fez aquelas perguntas não paro de pensar nessa história. Se eu tivesse conhecido você antes, Thomas, teria queimado menos neurônios. Agora acho que a explicação que darei se encaixa como uma luva. – O William diz, e acredito que todos nós ficamos intrigados.

– Agora você tem uma explicação para dar? – O meu pai pergunta em tom de deboche.

– Se você deixar que eu desenvolva o meu raciocínio, acho que poderei arrumar uma explicação plausível. – O William diz, e o Thomas coça a nuca, sei que está ficando nervoso.

– Será que eu deveria contar um pouco do meu passado para ver se o que digo se ajusta na sua explicação? – Thomas pergunta visivelmente ansioso.

– Não será necessário, não preciso escutar nada sobre o que aconteceu com você para saber quem você realmente é. – A convicção do William nos pega de surpresa.

– Então quem sou eu? – Thomas pergunta curioso.

– Você é o Thomas Henrique, filho da minha cunhada Lucia e, tenho quase certeza, do meu irmão gêmeo George. Você é o meu sobrinho. – Afirma, e fico pasmada .

– Como assim? – Pergunto muito interessada, e o Thomas segura firme a minha mão.

– Que história maluca é essa? – O meu pai se irrita.

– É melhor vocês deixarem que ele explique. – A minha mãe intervém.

– O George era seu irmão gêmeo, mas não se parecia muito com você e nem com o Thomas, ele era mais louro e mais branco. – O meu pai insiste.

– George e eu éramos gêmeos bivitelinos, e é por isso que não nos parecíamos muito. O impressionante é que nem os meus próprios filhos, fora o Nicolas, parecem tanto comigo quanto o Thomas. Só que você sabe, Guido, que

genética é genética. Acho que uma irmã da mãe do Nicolas e um irmão gêmeo do pai dele poderiam ter um filho, no caso o Thomas, parecido com o primo, no caso o Nicolas, e com o tio, no caso eu. – O William explica. *Ufa, não sei como ele não se confundiu todo.*

– Por favor, Guido, deixa o homem explicar a teoria dele, o Thomas já deve estar nervoso. – A minha mãe intervém novamente.

– Se vocês me deixarem contar a história toda, sem me interromperem, podem chegar à mesma conclusão que eu. Antes, gostaria apenas que o Thomas visse essa fotografia. – Levanta e tira do bolso da calça uma pequena fotografia e a estende ao Thomas.

Thomas segura a fotografia, e a olhamos juntos. Fico trêmula, já vi a fotografia desse bebê antes, quer dizer, uma cópia dela na caixa que o Thomas me mostrou. Ele fica pálido, vira a fotografia, e está escrito à caneta: “Thomas Henrique com um mês de vida”. A anotação e a letra, pelo que me lembro, também parecem ser a mesma.

– Onde o senhor encontrou esta fotografia? – Thomas pergunta com a voz embargada.

– Na caixa de documentos que era da minha esposa, Lourdes. Ela a guardava com muito carinho, era a única fotografia que tinha do sobrinho, filho da irmã dela, a Lucia. – O William diz, suspira e continua. – Depois que conversei com o Guido, lembrei que Thomas é o nome do filho da Lucia. Procurei nas coisas da Lourdes e, por mais estranho que possa parecer, não encontrei qualquer referência interessante da Lucia, só essa foto do filho dela. O engraçado é que, até a morte da Lourdes, todo mês ela recebia uma carta da Lucia, mas não encontrei nada.

– Tenho uma fotografia igual a esta, ela tem a mesma anotação no verso, está guardada comigo. Este sou eu quando era bebê. – Os olhos do Thomas ficam marejados .

– Então a minha tese tem fundamento. – O William diz mais calmo.

– Gostaria de conhecer a sua tese. – Intervenho.

– É uma longa história, melhor prestarem atenção e deixarem as perguntas ou as considerações para o final, senão posso me perder na sequência de fatos. – O William argumenta.

– Ficaremos todos de bico calado. – O meu pai cruza os braços e nos olha

sério.

– Antes de conhecer a Lourdes, namorei a Lucia. Não era nada muito sério, porque a Lucia era meio sem juízo, mas mesmo assim resolvi tentar. Até que um belo dia, a irmã dela, mais nova cinco anos, veio do internato passar as férias em casa, e quando a conheci fiquei enlouquecido. Foi paixão quase à primeira vista. Depois de muita confusão, a Lourdes e eu fugimos para nos casar, só que fomos encontrados pelo pai dela e, se não fosse à intervenção da Lucia, as coisas teriam se complicado. Após esse episódio, a Lucia ficou mais destrambelhada ainda e se envolveu com o também sem juízo do meu irmão, George. O George tinha acabado de chegar de Londres onde viveu na casa do nosso tio paterno. Lá ele deixou uma filha, Elizabeth, aqui se envolveu com diversas mulheres, acredito que inclusive a Lucia, porém o relacionamento deles não era muito compreensível. Os anos passavam, e a Lucia não firmava compromisso com ninguém, a idade estava chegando e ela nada de se casar. Quando o pai dela morreu, ela caiu mais ainda no mundo, e a minha sogra adoentada veio morar com a Lourdes e comigo. A Lourdes sabia tudo o que a Lucia aprontava, eu não, elas eram muito íntimas, muito unidas, mas nunca me aproximei muito, sentia um pouco de desconforto pelo modo como agi com a Lucia. Troquei-a pela irmã, então sempre fui cauteloso ao me relacionar com ela. Nesse meio tempo, o George se casou e teve duas meninas, a Angela e a Cristina, só que de vez em quando eu ficava sabendo que ele e a Lucia estavam andando juntos. A Lourdes me dizia que eles eram apenas amigos, mas nunca acreditei muito nisso. Um dia, quando a Lourdes já estava grávida, esperando o Nicolas, soube que a Lucia também estava grávida. Ela chegou por aqui de barriga e toda contente, dizia que estava noiva, se não me falha a memória, de um tal de Antonio, e que se casariam assim que o bebê nascesse. A Lourdes estava tendo uma gravidez difícil, cuidava de quatro filhos agitados e da mãe doente. Eu trabalhava sem parar, então não prestamos muita atenção em mais essa história da Lucia. Só sei que a Lucia comprou uma casa em São Paulo, mudou-se para lá, e teve o bebê pouco tempo depois que o Nicolas nasceu. Mandou essa fotografia para conhecermos o seu filho, Thomas, e só apareceu de novo para o enterro da minha sogra dois anos depois. Disse que o Thomas tinha ficado com o pai, que, segundo ela, ainda era o seu noivo. O casamento nunca aconteceu e ela se mudou com o filho para a Flórida, lá se casou e, creio eu, vive até hoje. Quando

a Lourdes estava viva, elas se correspondiam e se falavam por telefone frequentemente. Depois que a Lourdes faleceu, a Lucia não fez mais contato, embora tenha comparecido ao enterro da irmã e ao enterro do Nicolas. E nem fui eu quem a avisou sobre essas tragédias, foi um procurador que ela tinha ou tem por aqui. O sujeito cuidava ou cuida do dinheiro que ela recebeu de herança dos pais e que depois dividiu com a Lourdes que, por minha causa, tinha sido deserdada. Eu acredito que você é filho da Lucia com o meu irmão, por causa da sua semelhança com o Nicolas e comigo. Se o seu pai fosse o Antonio, isso não seria possível. Além disso, acredito que o noivo não se casou com ela porque descobriu que o filho não era dele. A Lucia não podia contar com o George, ele nunca largaria a esposa e as filhas, aquelas meninas eram a vida dele. Isso é tudo o que sei, terminei a minha narração. – Ele diz, e todos os olhares se concentram no Thomas.

– O que aconteceu com o seu irmão? – Thomas está nitidamente abalado pela explanação do William.

– O George faleceu ano passado de câncer no pulmão. Ele fumava uns três maços de cigarro por dia desde a puberdade. Apesar de ter sido rebelde quando adolescente e mulhengo quando jovem, acabou se transformando em um bom pai para a Angela e a Cristina, e em um bom marido para a coitada da Ana, que passou anos sofrendo com a infidelidade dele.

– E como era a Lucia fisicamente? – Thomas pergunta e coça a nuca.

– Ela e a Lourdes eram parecidas. A Lucia era um pouco mais alta do que a Eva, tinha os cabelos e os olhos castanhos, a pele clara e era magra. Na verdade a Lucia era muito magra. – O William responde com razoável esforço da sua memória.

– Creio que sei o outro lado da história. O homem que me criou como filho chamava Antonio, ele era bem moreno, toda a família dele é morena, daí eu sempre ter pensado que era parecido com a minha mãe, que por sinal nunca conheci. – O olhar de tristeza dele me corta o coração.

– Então a Lucia o deixou com o Antonio? – O William pergunta surpreso.

– Sim. Acho que Lucia deve ter vivido com o Antonio e, pouco tempo depois do meu nascimento, ele deve ter percebido que não era o meu pai. A única coisa que não entendo é como uma mãe deixa um filho ser criado por um homem que não é o pai dele e some, nunca mais dá notícias. – Thomas se exalta.

– Nesse caso estamos falando da Lucia e nada que venha dela me espanta. Aquela mulher fumava muito, bebia muito, namorava muito e sabia ser encantadora como ninguém. Conseguia convencer quase todo mundo a fazer o que ela queria. A Lourdes mesmo adorava a irmã e sempre acabava fazendo as vontades dela, era muito condescendente com ela, protegia e escondia as besteiras que ela fazia. Contudo, também era a única pessoa em quem a Lucia confiava. – O William suspira.

– Muito provavelmente essa mulher é a minha mãe, e o meu pai deve ser mesmo o seu irmão. – Thomas fala chateado, encosto-me nele e o abraço.

– Thomas, a foto é uma prova de que você é o filho da Lucia. Tendo ela o criado ou não, a mulher é a sua mãe. Como a minha esposa era irmã dela, você acaba de ganhar um tio e cinco primos, sendo quatro deles vivos. Se ainda por cima você for filho do meu irmão, você terá três meias-irmãs e eu como tio novamente. Resumindo, sou seu parente de qualquer forma e gostaria de abraçá-lo se me permitir. – Olha emocionado para o Thomas.

Thomas se levanta, e os dois se abraçam, são tão parecidos que a cena emociona todo mundo. Eles choram, os meus pais se abraçam a mim e também choramos.

Estou embaçada com toda essa história. Como é que com tanta gente no mundo consegui encontrar e me apaixonar por um primo do meu falecido noivo que nem ele conhecia? E, ainda, como é que o destino me colocou na vida do Thomas, tendo como elo o Nicolas, para que eu o ajudasse a conhecer a verdade sobre o seu passado? Parece uma trama de novela ou de livro, nunca pensei que esse tipo de coisa acontecesse na vida real.

– Então, se a Lucia ainda estiver viva, provavelmente ela mora na Flórida, nos Estados Unidos? – A minha mãe rompe o silêncio.

– Creio que sim. – O William responde.

– Guido, entre em contato com aquele seu amigo detetive, e vamos tentar encontrar o paradeiro dessa mulher. O Thomas merece descobrir toda a verdade, precisa saber por que a Lucia o abandonou e qual o nome do seu pai biológico. Por ser um Henrique, tem direito à herança da Lucia e a um monte de primos e se for um Chapman terá direito a três meias-irmãs. – A praticidade da minha mãe me admira e me assusta de vez em quando.

– Sempre pensei que Thomas Henrique fosse um nome composto. Nunca

imaginei que Henrique fosse sobrenome. – Thomas diz estarecido.

– Sim. Henrique é o sobrenome paterno da Lourdes e da Lucia. O nome completo da Lucia é, ou era, Lucia Mendes Henrique. – O William esclarece.

– Então, apesar de não ter sido registrado pela minha mãe biológica, o meu pai de criação conservou o nome que ela me deu e o sobrenome de família dela.

– Thomas diz pensativo.

– E o tal procurador? Alguém sabe quem era? – *Estou querendo juntar mais dados para a investigação.*

– É melhor deixar que o detetive que conheço descubra tudo. O Thomas só precisará conversar com ele. – O meu pai diz agitado.

– Preciso pensar ainda a respeito. – Thomas afirma confuso.

– Rapaz, você acaba de descobrir muita coisa, tem motivos para estar confuso, mas a Evinha tem razão, e agora é preciso desvendar toda a verdade. – O meu pai argumenta.

– Se você for irmão da Angela e da Cristina, verá como elas são pessoas ótimas, as duas são médicas. A Angela é ginecologista e obstetra, e a Cristina é mastologista. – O William tenta motivar o Thomas .

– Doutora Angela Chapman? Minha nossa! Eu não a conheço pessoalmente, mas ela tem fama de ser uma excelente médica e é casada com o renomado médico e professor, doutor André Rocha. – Thomas anda agitado pela sala e coça a nuca energicamente.

– A Medicina está no sangue da família. O próprio George, que nunca gostou de estudar e que nunca se formou, era um excelente parteiro. Apesar de ser incomum um homem parteiro ele ajudou muitas mulheres daqui da região. A profissão oficial dele era capataz desta fazenda e os partos eram o hobby, tinha muito jeito e acho que é por isso que a Angela é obstetra, por influência paterna.

– Interrompe-se de maneira reflexiva e depois continua a sua ligação de pontos.

– Sou veterinário, um médico também, só que de animais, e todos os meus filhos têm profissões na área da saúde. O Lucas é cardiologista, o Jonas e o Douglas são veterinários e o Silas é dentista. O meu filho caçula queria muito ser neurocirurgião e o destino não autorizou. – O William expõe a vocação da família.

– Acho que devemos investigar sim, quero desvendar o meu passado se isso for possível e, se a Lucia não estiver viva, tentarei o teste de DNA. Procurarei as

minhas prováveis irmãs e pedirei que façam o teste. Sempre ouvi dizer que a doutora Angela é muito simpática e cordial e, dada a semelhança entre nós, William, creio que compreenderá o meu pedido se isso se fizer necessário. – Thomas parece mais animado.

– Conhecendo o pai que tiveram, não se recusarão. De qualquer forma, a Angela e eu nos damos muito bem, nos adoramos. Ela é a garotinha que não tive, e sou o padrinho dela. Se precisar falarei com ela e com certeza não me negará esse favor, também estou disposto a colaborar, posso fazer o exame, se desejar. – O William diz orgulhoso.

– Gostaria de dizer que estou muito feliz com essa descoberta, mas que também fiquei bastante atordoado com tudo isso. A minha vida virou de cabeça para baixo em questão de minutos e, por mais que eu quisesse saber quem é a minha mãe, todas as minhas referências agora estão sem parâmetro. – Thomas desabafa.

– Calma, meu amor. – Apelo.

– Preciso dar uma volta lá fora para arejar a cabeça. Quero tentar aquietar o turbilhão de sentimentos que está desorientando os meus pensamentos. – Olha para mim como que se desculpendo, e faço sinal para que vá.

O Thomas abraça mais uma vez o William e agradece aos meus pais, me beija levemente nos lábios e sai.

Fico realmente muito espantada com o que acabamos de saber. Tudo muda na vida do Thomas a partir de agora, e espero que ele seja capaz de se adaptar às mudanças. Desejo também que consiga ser bem recebido no seio da sua verdadeira família e que um dia possa sentir-se parte integrante dela.

– Eva, você pelo jeito não contou a ele sobre o seu relacionamento com o Nicolas, verdade? – O William indaga desconfiado.

– Ainda não tive coragem. – Confesso envergonhada.

– E por que você não teve coragem ainda? – Ele insiste no assunto.

– Porque foi mais fácil fazê-lo pensar que é muito parecido com o meu melhor amigo. – Lamento.

– Só que agora ele sabe que era primo do Nicolas e que se parece conosco. Então fica mais difícil ainda para você contar que, além do seu melhor amigo, o primo dele foi o seu noivo. – O William argumenta acertadamente.

– Tenho ciência disso. – Coloco a minha cabeça entre as mãos e suspiro.

– O fato é que se tivéssemos descartado a hipótese de o Thomas ter algum parentesco com vocês, a Eva teria mais tempo para contar sobre o relacionamento dela com o Nicolas para ele. – O meu pai vem em meu socorro.

– Se você não contar, alguém acabará fazendo algum comentário, e ele descobrirá da pior maneira possível. – A minha mãe se manifesta.

– Só que preciso esperar que ele assimile tudo o que descobrimos hoje, que esteja mais calmo e mais centrado, então contarei. – *Sinto-me exausta.*

– De qualquer forma, falarei sobre o encontro com o Thomas para a minha família só depois de averiguarmos melhor tudo o que aconteceu. Ainda existem algumas lacunas que o detetive deverá nos ajudar a preencher, acredito que o Thomas também precisará de algum tempo antes de conhecer tanta gente. – O William informa, e concordamos.

Gostaria de ter ânimo para continuar participando da conversa. Contudo, toda a ansiedade que senti cobra o seu preço, e estou exausta. Deixo os meus pais debatendo com o William e resolvo dar uma volta também.

O dia está quente, e esmoreço rápido. Sento-me embaixo de uma árvore de copa larga para escapar do sol e refletir um pouco. Os meus pensamentos voam para longe, ainda não consigo acreditar em tudo o que está acontecendo.

– Um beijo por seus pensamentos. – Ouço a voz do Thomas e sorrio.

– Muitos pensamentos exigem muitos beijos. – Digo sem me virar.

Thomas aparece bem na minha frente, o cabelo reluzindo ao sol e os olhos muito verdes focados em mim. O meu peito comprime diante de tanta beleza e de todo o amor que sinto. Admiro tudo nele, não consigo desviar os olhos, e ele sorri e se abaixa.

– Então ganhará muitos beijos. – E o beijo que recebo é íntimo, molhado e repleto de carinho. Os outros que se seguem são igualmente bons.

– Como você está se sentindo, meu amor? – *Estou preocupada com ele.*

– Bem. Acho que posso me acostumar a ter uma família grande. – Sorri .

– Só não sei se conseguirei me conformar com o fato de isso me ter sido negado.

– Pode ser que exista alguma explicação plausível. – Tento temporizar.

– Duvido, mas necessito de respostas e espero consegui-las. Apesar de achar que não gostarei de conhecer a minha mãe, desejo que esteja viva porque só ela poderá esclarecer a verdade.

– Estou impressionada com a quantidade de coincidências. Se não

tivéssemos nos envolvidos, qual a possibilidade de você conseguir obter todas as informações a que teve acesso hoje? Você sabe qual a probabilidade de duas pessoas se encontrarem em uma grande metrópole? Como é que posso ter convivido com a família do homem que eu viria a amar sem ter a mínima ideia disso? E como é que você se apaixonou exatamente pela mulher que conhece a família que você nem sabia que tem? – *Estou mesmo muito transtornada.*

– Calma, minha linda. Melhor acreditar que tem alguma força superior nos guiando em meio a tudo isso. A única certeza que tenho é de que encontrá-la foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Você é a responsável pela minha paz interior, pela felicidade que tenho sentido, pelo encontro das minhas raízes e, principalmente, pela descoberta de que sou capaz de amar.

– Você sempre me diz coisas lindas, fico muito emocionada com as suas palavras. Você é capaz de amar e maravilhosamente bem. – Beijo levemente os lábios do meu doutor.

– Sempre pensei que eu fosse um homem frio, achava que a minha insensibilidade era consequência de não ter tido mãe, ou da falta de carinho por parte do meu pai, ou de ter presenciado a maneira desrespeitosa com que ele tratava as mulheres ou, ainda, de tudo isso junto. – Revela, e fico penalizada com o que ele passou, cada vez entendendo mais a carência dele .

Examino o rosto de traços perfeitos do Thomas e quase me afogo nos seus olhos marejados.

– Envolvi-me com inúmeras mulheres na esperança de que alguma delas conseguisse me fazer sentir. Não estou falando de prazer, estou falando de paixão, de amor, e nenhuma delas me despertou. Eu já estava me resignando com a minha inabilidade para o sentimento quando conheci você. – Fixa os olhos nos meus, e consigo enxergar amor em seu olhar. – Eva, você despertou em mim emoções e sentimentos que eu nem sabia que existiam. Que nunca imaginei que pudesse ser capaz de sentir e com tanta intensidade.

– E você, doutor, conseguiu desentorpecer os meus sentimentos e sentidos, e me fez compreender que eu estava pronta para amar de novo, só que com mais maturidade, mais paixão e mais desejo. Você é tudo que achei que não seria possível encontrar em uma pessoa só. – Assim que eu falo, ele sorri e o seu rosto se ilumina .

– Estou adorando ouvir isso, acho que estou conseguindo fazê-la se abrir

mais. – Abre o poderoso sorriso perfeito.

– Agora me explica essa história de se envolver com inúmeras mulheres...

De não estar falando de prazer... Blá, blá, blá. – *O ciúme se manifesta.*

– Você não pode reclamar de mim, doutora. Sei que aprontou um bocado também. – Ri e me beija, mordisca o meu lábio, e acho que está tentando me distrair.

– Eu sei, estávamos nos procurando e que bom que nos encontramos. Nada mais de inúmeras mulheres, nem de homens bonitos, musculosos e interessantes... Agora tudo isso é passado. – Provoco e sorrio.

– Homens bonitos, musculosos e interessantes? Que conversa é essa? – Thomas pergunta e o seu olhar severo se detém em mim. Agora o ciumento é ele.

– Passado, apenas passado. O único homem bonito que me interessa é você. Agora só faço sexo com amor. – Gargalho.

– Você sabe mesmo revidar! Só que você acabou de falar uma verdade, sexo para mim agora só com amor. E sexo com amor é mil vezes mais gostoso, mais prazeroso e mais compensador. Eva, você é o meu amor, então só desejo você, sempre e toda hora, você . – As palavras e o olhar carregado de malícia dele fazem o meu corpo formigar, e nos beijamos ardentemente.

– Você faz sexo com amor muito bem, doutor.

– Eu poderia deitar você na grama e mostrar o quanto estou ficando bom em fazer sexo com amor, só acho um pouco arriscado, porque alguém pode vir nos procurar. – Ele passa a mão pela curva das minhas costas.

– Eu poderia deixar você me deitar na grama e mostrar o quanto sou boa em fazer sexo com amor, só que, infelizmente, você tem razão, alguém pode aparecer, e detesto ser interrompida. – Falo, e ele ri.

– Vamos voltar?

– Vamos, doutor.

Caminhamos de mãos dadas para casa, de longe avistamos os meus pais na varanda, eles nos aguardam. Thomas acena, e eles acenam de volta, rimos. A minha mãe abraça o meu pai, e vê-los sempre juntinhos confirma a minha teoria de que o amor, quando verdadeiro, é um sentimento atemporal.

– Acabei de conversar com o Iuri, o detetive de quem falei mais cedo, e ele está vindo para cá. – Papai informa assim que alcançamos a varanda.

– Mas já? – Indago curiosa.

– Já. Acreditamos que o quanto antes tudo for esclarecido, melhor. A vida precisa seguir o seu curso, e as pendências têm o terrível poder de atrapalhar. – A minha mãe fala deixando implícito que precisamos esclarecer a situação para que isso não atrapalhe o bom andamento do meu namoro com o Thomas.

– Agora que resolvi que preciso mesmo encontrar a Lucia, quanto mais rápido isso acontecer, mais aliviado me sentirei, mesmo que ela seja a pessoa insensível e egoísta que penso que é. – Thomas aperta a minha mão, e sei que estaremos juntos quando essa hora chegar .

– O William estará por aqui também, então o Iuri poderá conversar com vocês dois hoje, e creio que terá elementos para começar a seguir o rastro da Lucia já na segunda-feira. – Papai pondera.

– Enquanto o detetive não chega, gostaria de explorar a biblioteca comigo, doutor? O meu pai tem um acervo incrível.

– Você está me fazendo um convite irrecusável. – Thomas ri e me abraça.

– Faço questão de ciceroneá-lo, Thomas. – O meu pai diz e sai na nossa frente para que o acompanhemos.

Thomas fica maravilhado com os livros do meu pai, e nós três conversamos animadamente sobre os nossos autores preferidos até a hora em que a minha mãe nos chama para almoçar.

Depois do almoço, Thomas e eu cavalgamos. Sou uma boa amazona e ele é um bom cavaleiro, gosto de desafiá-lo e o nosso passeio é estimulante.

No início da noite, finalmente o detetive chega, ele é um homem que aparenta frieza e seriedade. O seu biótipo comum deve ajudá-lo a não ser notado, reparo também no seu comportamento reservado e no seu modo de falar baixo e pausado.

O detetive faz questão de conversar com o William e com o Thomas separadamente, depois conversa com os dois ao mesmo tempo. Os meus pais e eu não somos convidados a participar da conversa e, apesar de respeitar o modo de atuação utilizado, a minha curiosidade está nas alturas.

Tanto o William como o Iuri são convidados a pernoitar na fazenda.

Como trouxemos os nossos violões, Thomas e eu fazemos uma apresentação para o nosso pequeno público. Os meus pais ficam admirados com o fato de termos mais essa afinidade, e o William se emociona, porque o Thomas toca com a mesma paixão e com tanto primor quanto a Lourdes, a sua falecida

esposa.

No domingo, o William e o Iuri partem logo após o café da manhã, e o Thomas e eu cavalgamos na companhia da minha mãe até quase a hora do almoço.

O dia passa muito rápido, e considero muito divertida e carregada de emoções a nossa visita à fazenda.

Enquanto arrumo a mala, penso no meu relacionamento com o Thomas e não posso deixar de considerar que a vida é mesmo uma caixinha de surpresa.

– Quero me deitar cedo hoje.

Os meus pensamentos são interrompidos pela voz do Thomas.

– Então podemos dar boa noite aos meus pais e vir dormir. – Concordo e sorrio para o meu homem bonito.

– Façamos isso, só que eu disse que quero me deitar cedo, não dormir cedo. Tenho planos que envolvem você. – A sua voz fica um pouco mais rouca, e os seus olhos verdes se tornam mais densos.

– Sendo assim, vamos imediatamente dizer boa noite. – Rimos, damos as mãos e saímos em busca dos meus pais.

Desejamos boa noite para os meus pais, que também estão indo se deitar e voltamos para o quarto.

– Pronto, missão cumprida. Agora me diga qual é o meu papel no seu plano.

– O papel principal. – Diz, e começa a tirar a minha roupa gentilmente, e sinto que estou totalmente preparada para ele.

O tempo passa depressa, e nem acredito que o Thomas é meu hóspede há um mês. Pelo que sei, a reforma do apartamento dele deverá demorar mais uns quinze dias para terminar e, quando terminar, ele poderá pegar as malas e retornar para lá ou poderá ficar e me fazer uma proposta.

Durante esse período de convivência, seguimos a nossa rotina de exercício, trabalho e muito namoro. O sexo tem sido o ponto alto das nossas noites, e a nossa cumplicidade é tanta que temos nos permitido realizar as fantasias um do outro, sem limites para nos agradar e satisfazer.

Esta noite estou eufórica, o detetive pediu que o recebêssemos para que nos informe sobre as suas descobertas e, para falar a verdade, eu já estava achando

que ele perguntava muito e dava poucas respostas.

O Iuri é tão discreto que nem o meu pai, que paga a pequena fortuna que ele cobra semanalmente, faz ideia se ele conseguiu alguma pista. O seu Guido deve confiar mesmo nele, acredito que esse detetive o ajudava quando ele ainda advogava. A descoberta de provas e testemunhas colabora muito para a construção de uma defesa sólida, e o meu pai é famoso pelas causas que ganhou. As suas defesas eram brilhantes e muito bem embasadas.

– Minha linda, o Iuri está subindo. – Thomas me informa assim que entro na sala.

– Estou um pouco ansiosa. – Digo olhando os maravilhosos olhos verdes do meu doutor.

– Também estou, mas vamos nos acalmar, talvez ele só esteja aqui para justificar o dinheiro que recebe e não tenha muito ainda a dizer. – Argumenta, e concordo.

Recebemos o detetive Iuri, os modos reservados e educados dele não deixam transparecer nada, e me sinto profundamente afetada. Tenho vontade de sacudi-lo até que fale tudo o que sabe, porém me contenho imitando a calma estudada do Thomas.

– Estou muito feliz com as informações que trago a vocês hoje. – O detetive rompe o silêncio. – Quase posso apostar que não imaginam tudo o que fui capaz de descobrir. – O olhar misterioso que nos lança me irrita.

– Estamos ansiosos para saber o que descobriu. – Thomas resume.

– Reparem que fui até rápido em descobrir tudo o que passarei a revelar. Depois das conversas que tivemos e das informações que o senhor William e você me deram, localizei o procurador da Lucia aqui no Brasil. O homem é extremamente fiel ao trabalho que executa, também é o testamenteiro dela e o sigilo para ele é questão de honra. Foi muito difícil tirar qualquer informação dele, contudo tenho os meus métodos.

– Que bom que os seus métodos foram eficientes, agora, por favor, conte o que sabe. – Thomas o incentiva a ir direto ao ponto.

– Serei sucinto e direto. – O detetive sorri, e sinto novamente vontade de sacudi-lo. – Descobri o paradeiro da senhora Lucia. Estou com o endereço dela, e tive o prazer de confirmar que se trata realmente da cunhada do senhor William. O nome dela agora é Lucia Henrique Molina, o sobrenome Molina

pertencia ao falecido marido.

– Ela teve filhos com esse marido? – Inquiri curiosa.

– A senhora Lucia ainda tem algumas propriedades aqui no Brasil e, desde a morte do marido, vive sozinha em um excelente condomínio na cidade de Fort Lauderdale, na Flórida. Respondendo a sua pergunta, Eva, ela não tem filhos.

– Quer dizer, ela não tem outros filhos além de mim. – Thomas arremata.

– Exatamente. Se for comprovado que você é filho da senhora Lucia, será o único herdeiro dela. – O detetive nos observa com seriedade.

– O fato, Iuri, é que não estou preocupado com herança. O meu objetivo é saber a verdade. Saber o motivo pelo qual fui abandonado, saber o nome do meu pai biológico e tentar entender o porquê de toda essa trama que foi a minha vida. – Thomas desabafa.

– Eu poderia continuar com a investigação, mas o seu sogro me contratou para descobrir o paradeiro da senhora Lucia. Se for preciso que eu dê as respostas das perguntas que acaba de enumerar, terei que me acertar com ele. – O detetive nos olha compenetrado. – Contudo, a minha experiência diz que é melhor você procurar a senhora Lucia, ficar cara a cara com ela e tentar fazê-la confessar toda a verdade. Se depois disso restarem dúvidas, ou se ela se recusar a falar, os meus serviços poderão ser novamente solicitados. – Argumenta.

– Concordo. Acho que o Thomas deve procurá-la, ele merece saber a verdade, e ela tem obrigação moral de contá-la. – *J á estou preocupada com esse provável encontro.*

– Quero apenas que você saiba antes, Thomas, que a senhora Lucia não foi tão ausente assim na sua vida. – O detetive solta a bomba calmamente.

– Como assim? O que você está dizendo? – Thomas se exalta.

– Pelo que pude arrancar do procurador, ele mantinha contato com a sua avó, ou melhor, com a mulher que você julga que era a sua avó. Era ele quem repassava as quantias mensais que foram determinadas pela senhora Lucia para a conta dessa senhora para que ela pudesse mantê-lo e criá-lo. Descobri também que a casa em que viveu em Piracicaba, o apartamento que tem aqui em São Paulo e o fundo fiduciário que foram deixados para você são todos advindos do patrimônio da senhora Lucia. – Relata enquanto o Thomas anda pela sala e coça a nuca .

– A boa situação financeira que tínhamos e que melhorou após a chegada da

minha avó só começou a me confundir e a me surpreender quando fiquei mais velho. Era muito incongruente o fato de que o Antonio, uma pessoa que nunca vi trabalhar, tivesse recursos. E ainda mais incongruente o fato de que uma pessoa que nem sequer sabia ler, como a minha avó, conseguisse administrar tão bem os recursos que dizia serem do meu pai. – Continua andando pela sala, e percebo o seu nervosismo aumentar.

– Pelo que sei, o dinheiro inicialmente era destinado ao seu pai, ou melhor, ao homem que o senhor pensa que era o seu pai, mas ele utilizava-o quase totalmente em proveito próprio, gastava-o com mulheres e com bebida. Só depois que o senhor Antonio adoeceu, e a sua suposta avó, dona Diva, veio morar com vocês é que o procurador passou a tratar com ela. Ele a instruía e a orientava no uso do dinheiro. Os bens, pelo que verifiquei no cartório, estão em seu nome desde que você tinha dois anos de idade. O senhor Antonio tinha apenas o usufruto que se extinguiu com o falecimento dele.

– E quem colocou esses bens em meu nome? Eu tenho as escrituras e lá não encontrei informação relevante. – A voz do Thomas está mais fraca, ele se senta ao meu lado e segura a minha mão.

– Esses bens foram comprados de terceiros e transferidos para o seu nome. Uma transação simples que deve ter sido intermediada pelo procurador que trabalha para a Lucia ou pela própria Lucia. – O detetive se cala, acho que já nos disse tudo o que considera importante.

– Irei para a Flórida o quanto antes, quero que o senhor me dê o endereço e as informações necessárias para que eu encontre a Lucia. E você, minha linda, irá comigo. – Aperta novamente a minha mão encarando-me com cumplicidade.

– É claro que irei com você. Estou muito comprometida em ajudá-lo a desvendar os segredos do seu passado. – Digo, e ele sorri lindamente.

Epílogo

Durante três dias nos organizamos para a viagem a Flórida. O fato de termos passaporte e visto ajuda que não percamos tempo. Os meus pais, bem como o William, se oferecem para nos acompanhar, porém o Thomas foi muito contudente em afirmar que apenas eu irei com ele.

Mesmo eu tendo oferecido os serviços da Patrícia, o próprio Thomas fez questão de se encarregar da compra das passagens, do aluguel do carro e da reserva do hotel.

– Minha linda, daqui a dois dias embarcaremos para a Flórida. Iremos para Miami, cidade que conheço, e lá receberemos o carro que aluguei. Utilizando o GPS, conduzirei até Fort Lauderdale e ao chegar lá iremos imediatamente para o nosso hotel. Estou programando procurar a Lucia já no outro dia. O que você acha?

– Acho que você organizou tudo muito bem. Também conheço Miami e um pouco Fort Lauderdale, acredito que não teremos problemas em nos locomovermos por lá. É mesmo uma boa ideia procurarmos a Lucia no dia seguinte, ela é o alvo da nossa viagem. – Exponho a minha opinião sincera.

– A Lucia é o principal alvo da nossa viagem, verdade, mas poderemos aproveitar e nos divertir em meio a tudo isso. Adoro o fato de você estar me acompanhando, e tenho umas ideias ótimas sobre o que fazer para desfrutarmos do passeio. – O olhar malicioso do Thomas me atíça.

– Se as suas ideias estiverem relacionadas a sexo, romance e compras, tudo o que mais estimula uma mulher, concordo. Já estou me sentindo eufórica! – A minha risada alta o contagia e ele ri também.

– É por isso que você é o amor da minha vida, inteligente, linda, totalmente disposta e sexy. Tudo o que eu sempre pedi aos céus. – Ele me abraça e me dá um beijo indecente.

– Você também é um presente e tanto! – Coloco a mão dentro do cós da calça do meu doutor e o acaricio.

O motorista do meu pai nos leva ao aeroporto, e eu nem acredito que este dia finalmente chegou.

Em princípio ficaremos apenas cinco dias nos Estados Unidos, mas caso seja necessário remarcaremos o nosso retorno.

No escritório deixei tudo organizado e poderei ficar ausente sem problemas. O Thomas também está tranquilo, porque deixou um colega substituindo-o no consultório.

O nosso voo leva pouco mais de oito horas para chegar até Miami, e a viagem é muito boa. Thomas e eu nos divertimos com tudo, um dos pontos fortes da nossa relação é a capacidade que temos de nos fazer rir, é nítido o quanto apreciamos estar juntos.

Devo confessar que adoro Miami. O clima alegre e agradável da cidade mexe comigo, além de a minha veia consumista se manifestar intensamente quando estou por aqui. Gosto também de poder observar a mistura de gente vinda de diversos lugares.

Estou nas nuvens por estar acompanhando o homem lindo e gentil, que é todo meu. Aqui também é difícil andar com o Thomas sem que as mulheres se virem para olhá-lo. Reparei que a atendente do balcão da companhia aérea, as comissárias de bordo e a recepcionista da locadora de carros se esmeraram para impressioná-lo, nem notaram a minha presença ou fingiram que não notaram. Já nem me aborreço mais, elas podem olhar, mas quem dorme com ele sou eu.

Conforme o planejado, partimos imediatamente de Miami para Fort Lauderdale. O Thomas dirige, e como as cidades são próximas não demoramos a chegar ao nosso hotel.

Thomas fez reserva no Excellence Fort Lauderdale Beach Resort, um luxuoso hotel cinco estrelas, muito bem localizado. A nossa suíte é espaçosa, possui uma sala moderna, cozinha americana equipada, lavabo, um banheiro com banheira, um quarto com closet e cama *superking*, e a vista para o mar é divina.

– Adorei a suíte, doutor. – Digo perambulando pelo quarto e sendo seguida pelo Thomas.

– Que bom que você gostou. Este hotel foi indicação de um amigo. – Ele passa os braços em volta da minha cintura.

– Estou um pouco cansada. Quero tomar um banho, fazer sexo com você e dormir um pouco. Que tal? – Colo o meu corpo ao dele.

– Podemos apenas mudar a ordem das ações que propôs? Que tal eu começar a tirar a sua roupa agora? – Nem espera a minha resposta e principia a desabotoar a minha blusa.

– Thomas, por que será que amo tanto quando você me toca? – *Estou completamente entregue a ele* .

– Deve ser porque você percebe o quanto amo tocá-la e me perder nas curvas do seu corpo perfeito. Estar dentro de você é a sensação mais maravilhosa que existe, você é aveludada, molhada e tão apertada que chega a me machucar. – O lindo doutor me devora com os olhos, e eu pego fogo .

– Também pode ser porque você é um homem ardente, que sabe o que fazer, onde pegar e o que dizer. Sempre sinto a sua energia percorrer o meu corpo quando você me penetra, e o seu amor me aquecer e me fazer flutuar quando gozo. Sou sua e adoro isso, você é a motivação que eu precisava para voltar a sonhar. – Olho diretamente dentro dos olhos dele quando falo e os vejo brilhar.

– Eva, quero você para todo o sempre. Prometa que nunca irá me deixar, sou o homem mais feliz do mundo ao seu lado. – Segura o meu queixo e me encara com tanto amor que o meu coração dispara descompassado.

– Prometo. – Digo, e ele me beija com tanto desejo que fico completamente molhada.

Thomas me levanta enquanto me beija e lentamente nos encaminha para o quarto. Coloca-me sobre a cama e me ajuda a tirar os jeans, se desfaz das suas roupas, e aproveito para me livrar do sutiã e da calcinha.

– Você é linda, minha amada. Sinto uma fome devastadora de você quando a vejo nua. – A voz rouca dele é muito sexy, nunca me canso de ouvi-la.

– Você não imagina o que o seu olhar é capaz de fazer comigo, e o quanto amo vê-lo assim tão duro, fico muito excitada. – Falo, ele se aproxima e engatinha sobre o meu corpo sem encostar em mim.

– Irei beijá-la até você suplicar para que eu a toque.

E me beija, a sua língua faz cócegas no céu da minha boca, serpenteia, me fazendo arrepiar. Correspondo ao seu beijo, e a minha vagina lateja. Empurro o seu peito, e a sua boca relutantemente se afasta da minha, interrompendo o nosso

beijo obsceno.

– Já estou implorando. Por favor, quero você todo e quero agora. – Assim que falo, ele gargalha baixo.

– Esta é a minha mulher, a mais deliciosa e a mais sem-vergonha! – Sai de cima de mim novamente sem encostar, me vira de costas, e eu ofego.

Fico de quatro e o recebo, ele me penetra profundamente, gemo, as suas mãos seguram os meus quadris com força, ele me aproxima e afasta com violência, a cada estocada a minha excitação aumenta, incho e sinto pequenos choques em minhas entranhas.

– Quero ouvir você gritar, minha linda. – Ele entra mais forte e mais fundo, e estremeço.

– Então continua, não para! – Dou um gemido alto, e ele também geme.

As obscenidades que ele começa a dizer me enlevam e me sinto poderosa, não me contenho e gozo vigorosamente. O meu corpo sacode, e eu grito. Ouço a risada do Thomas. Ele me puxa, me vira novamente e me faz deitar sobre a cama. Estamos suados, o seu rosto afogueado está mais bonito ainda e os seus olhos, profundamente verdes, brilham.

– Estou me controlando, doutora, farei você gozar muitas vezes antes que eu goze. – Novamente engatinha sobre mim, o seu pênis encostado à minha pele durante o seu percurso.

– Então vamos lá, meu amor, não me deixe esperar. – Provoco e me abro para recebê-lo.

– Não, ainda não. Quero me concentrar nestes seios lindos e firmes. – Abocanha o meu seio e suga com força.

– Por favor, dentro de mim, doutor, por favor, por favor, por favor. – Imploro com o corpo em brasa.

Ele continua a intercalar as lambidas, sucções e mordidelas em meu seio e, sem deixar de fazer o que está fazendo, me penetra atendendo ao meu pedido.

Thomas retira a boca de um seio e a coloca sobre o mamilo do outro e suga, ele se move devagar dentro de mim, o vaivém é gentil e suave. O seu membro fricciona a minha vulva, e não suporto tanta estimulação, reclamo, quero que entre mais fundo e que se movimente mais rápido. Ele ignora o meu pedido desta vez e continua a me castigar, e sinto cada terminação nervosa do meu corpo vibrar. Cravo as unhas nas costas do meu doutor

atrevido e aperto com mais força as pernas em torno do seu quadril, projeto a pelve para frente e o faço entrar mais fundo. Remexo vigorosamente, grito o nome dele, e o meu orgasmo é tão intenso, voraz e sôfrego, que ele não resiste.

– Você acaba comigo, Eva!

Thomas geme, grita e goza, esvai-se dentro de mim. Estou satisfeita e exausta, nos enroscamos totalmente suados, e pego no sono quase imediatamente, mas logo desperto.

– Acorda, meu amor. – Falo baixinho no ouvido do Thomas, mas ele não se mexe.

Examino o seu rosto de traços perfeitos, invejo mais uma vez os seus cílios longos e admiro a sua boca, os seus lábios carnudos são muito sensuais. Observo as suas pálpebras se abrirem lentamente, as suas íris estão límpidas, como se irradiassem luz e contemplo-as embevecida.

– Está gostando do que vê, minha amada? – Pergunta, sabendo que me encanta.

– Você foi criado em um dia de profunda inspiração, meu amor. – Sorrio. – Acredito que você não é um simples mortal. – Termino de falar, ele gargalha e me prende em seus braços.

– Olha só quem fala! Não consigo resistir a você, minha deusa. O meu plano era fazê-la gozar muitas vezes até você me implorar para parar, mas quem acabou comandando a situação foi você, e quase me perdi. Cedi à sua necessidade e ao seu ardor. Você é uma mulher incrível. Eu te amo muito, muito. – O sorriso dele me aniquila e sei que estou perdida de amor.

– Eu te amo muito também, meu lindo doutor. – A minha voz embarga e me calo para não chorar, é tanto amor que até me emociono.

– Quando conseguir descobrir tudo o que preciso, quando a história da minha vida se resolver, quando realmente souber quem eu sou, farei uma proposta para você e não aceitarei uma resposta que não seja sim. – Ele sorri, mas noto um traço de medo em seu olhar.

– A resposta é sim, Thomas. Não importa a proposta que me faça, a minha resposta para você será sempre sim. – Coloco a mão no coração de diamante que está preso na gargantilha pendurada em meu pescoço.

– Você já me deu a sua resposta, nunca se esqueça disso. Ainda farei a

proposta, mas sei antecipadamente que a sua resposta será sim. Estou mais confiante e mais tranquilo agora, só que eu quero fazer tudo como se deve, deixe-me impressioná-la, minha amada. – Retira a minha mão da gargantilha e a beija.

Acredito que sei o que vai me propor e uma alegria descomunal se apodera de mim.

– Você me fez conseguir chegar à superfície daquele abismo do qual lhe falei. – O meu coração está acelerado de felicidade.

– Segure a minha mão, e vamos nos afastar da borda. – Thomas diz carinhosamente, estende a mão que imediatamente seguro, e sorri.

– Vamos nos arrumar e dar uma volta por aí? - Proponho.

– Convite aceito.

Depois de todo o sexo e romance que tivemos, nós nos arrumamos com muita preguiça e saímos para jantar. O clima descontraído faz com que eu sugira o restaurante Bubba Gump Shrimp, e o Thomas concorda em conhecê-lo.

Thomas e eu falamos inglês fluentemente, mas quando temos oportunidade treinamos o nosso espanhol. Jantamos alegremente, a cidade é muito agradável e nos incita ao divertimento.

Depois do jantar, damos algumas voltas por Las Olas Boulevard, uma popular e charmosa Avenida de Fort Lauderdale, e podemos ver as pessoas fazendo fila para entrar nos bares e restaurantes. Estou louca por uma boa sobremesa, porém não nos animamos a descer do carro e resolvemos retornar ao hotel. A atividade programada para o dia seguinte começa a incomodar o Thomas, e me sinto penalizada por ele.

Percebo, enquanto nos preparamos para deitar, que o meu doutor está um pouco agitado. Quando deita não para de se mexer, e só quando leio um pouco para ele é que consegue pegar no sono, contrariando o meu prognóstico.

Acordamos cedo e decidimos tomar o café no restaurante da piscina que fica na cobertura do hotel. Apesar de estar um pouco frio e ventando bastante, o dia está bonito, e me convenço a dar um mergulho antes do café. Thomas me observa deitado na espreguiçadeira enquanto aguarda que o nosso pedido fique pronto.

A piscina é aquecida, e a água está com uma temperatura agradável. Nadar é muito prazeroso para mim porque posso me alongar e deixar a tensão se esvair.

Noto quando a atendente do restaurante avisa, com um sorriso de orelha a orelha, ao Thomas que os nossos pratos estão prontos. Começo a subir a escadinha para sair da piscina e vejo um Thomas muito sério vir ao meu encontro. Ele chega rápido como um raio e envolve a toalha ao redor do meu corpo.

Eu me seco, e o Thomas me observa, o seu olhar de posse me intimida e só reparo o que desencadeou a sua quase fúria quando vejo o grupo de rapazes do outro lado da piscina. Eles me olham sem pudor e parecem comentar a meu respeito, desvio o olhar, ouço as risadinhas deles e os elogios em inglês que me fazem.

– Melhor irmos tomar o nosso café logo. – Thomas se posta bem na minha frente enquanto visto a minha saída de praia.

– Claro, meu amor. O que está irritando você? – Faça-me de desentendida.

– Que alguns moleques sejam tão idiotas que não se contenham diante de uma mulher bonita e acompanhada. – Segura a minha mão, e nos encaminhamos para o restaurante .

– Faça como eu, ignore. Se eu fosse me aborrecer com cada mulher que se oferece para você, já teria infartado.

– Minha linda, as mulheres, por mais indiscretas que sejam, não a enfrentam. – O sorriso que tenta disfarçar o entrega, e constato que ele percebe sim quando está sendo admirado. – Os homens não, eles desafiam o outro, gostam de intimidar, querem mostrar para a mulher que estão cobiçando que o acompanhante dela é um nada. É como se eles me considerassem um idiota cada vez que admiram você abertamente na minha frente. Trata-se, basicamente, de disputa de poder. Eu só não tomei uma atitude, porque jurei que nunca mais vou me meter em confusão, por você, pelo homem que quero ser para merecê-la, só que é melhor ninguém testar muito a minha paciência. – Explica, e acho que do ponto de vista dele o que diz é até coerente .

Mudo de assunto e vejo que o meu amado namorado relaxa. Os nossos sanduíches estão bons, contudo os que o Thomas prepara todas as manhãs são infinitamente melhores.

Retornamos a nossa suíte, Thomas troca de roupa, e eu tomo banho. Eu me visto observando a ansiedade dele, o seu rosto está mais sério e o seu corpo, que

geralmente se movimenta com elegância, está mais rijo.

– Provavelmente me arrependerei de conhecê-la. – Thomas fala de repente.

– Sei que está sendo muito difícil para você. Quero que saiba que estou aqui para o que der e vier. – Tento acalmá-lo, mas no fundo também estou nervosa.

– Sem você, minha linda, eu nunca teria chegado até aqui, e o seu apoio é o que preciso para conseguir passar por tudo isso. – Thomas se aproxima e me encara.

– Você tem todo o meu apoio e todo o meu amor. Estou torcendo para que consiga descobrir a verdade e que essa verdade mais conforte do que revolte. – Chego ainda mais perto dele.

– Qualquer tipo de verdade é melhor do que a mais nobre das mentiras. – Argumenta e, antes que eu me impressione com o que disse, sou envolvida por um beijo amoroso.

– Pronto para ir? – Pergunto quando o nosso beijo termina.

– Acho que sim. – Responde, cruza os dedos e me mostra.

Pegamos o carro com o manobrista, e o Thomas programa o GPS com o endereço que recebemos do detetive. Permaneço em silêncio para não atrapalhar o fluxo dos pensamentos dele.

Em pouco tempo nos encontramos na entrada principal de um condomínio de luxo. Todos os visitantes precisam se identificar e isso não é bom, queremos que a Lucia não tenha a oportunidade de se recusar a nos receber.

Depois de titubear um pouco, Thomas se identifica como William Chapman. O entediado segurança telefona provavelmente para a Lucia e logo nos deixa entrar, indicando como encontrar a casa que procuramos.

– Quero que fique comigo, aconteça o que acontecer, não me deixe sozinho com ela. Pode ser? – Thomas pergunta em tom de súplica.

– Fique tranquilo, não me afastarei de você de maneira alguma. – Coloco a mão sobre a perna dele.

Chegamos em frente à casa, conferimos o endereço e não há dúvida de que a elegante residência cercada de flores é o local correto.

Sáimos do carro, Thomas faz a volta e segura a minha mão, caminhamos até a porta e aperto a campainha.

Uma senhora alta, imponente e bem vestida abre a porta. O seu rosto

automaticamente se transfigura quando olha para o Thomas. Ela se segura na parede, tenta esboçar alguma palavra e não consegue. Durante uns trinta segundos ela nos olha boquiaberta sem se mover.

Sinto que algo está errado, um pressentimento inesperado começa a me cutucar. Não sei a razão, mas acredito que a verdade será outra e que muitos segredos ainda esperam para ser revelados.

Fim